

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

Renata Rezende Menezes

**A escrita das mulheres chicanas como ato transformativo: uma análise comparativa das
ficções autobiográficas e autobiografias contemporâneas**

Juiz de Fora

2023

Renata Rezende Menezes

A escrita das mulheres chicanas como ato transformativo: uma análise comparativa das ficções autobiográficas e autobiografias contemporâneas

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Literatura, Identidade e Outras Manifestações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves

Juiz de Fora

2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rezende Menezes, Renata.

A escrita das mulheres chicanas como ato transformativo : uma análise comparativa das ficções autobiográficas e autobiografias contemporâneas / Renata Rezende Menezes. -- 2023.

262 f. 3 p.

Orientadora: Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023.

1. Cultura chicana. 2. Literatura das mulheres chicanas. 3. Representação feminina. 4. Escritas autobiográficas. 5. Estratégias de escrita. I. Rodrigues Gonçalves, Ana Beatriz, orient. II. Título.

Renata Rezende Menezes

A escrita das mulheres chicanas como ato transformativo:

uma análise comparativa das ficções autobiográficas e autobiografias contemporâneas

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras. Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais.

Aprovada em 22 de setembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Nícea Helena de Almeida Nogueira - Membro Titular Interno

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Prisca Rita Agustoni de Almeida Pereira - Membro Titular Interno

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Juliana Borges Oliveira de Moraes - Membro Titular Externo

Universidade Federal de São João Del-Rei

Prof. Dr. Luiz Manoel da Silva Oliveira - Membro Titular Externo

Universidade Federal de São João Del-Rei

Juiz de Fora, 01/09/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Beatriz Rodrigues Goncalves, Professor(a)**, em 22/09/2023, às 16:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Prisca Rita Agustoni de Almeida Pereira, Professor(a)**, em 22/09/2023, às 16:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nícea Helena de Almeida Nogueira, Professor(a)**, em 22/09/2023, às 16:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Manoel da Silva Oliveira, Usuário Externo**, em 26/09/2023, às 04:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Borges Oliveira de Moraes, Usuário Externo**, em 20/10/2023, às 16:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1448108** e o código CRC **4F75902A**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, minha força maior, que me permitiu chegar ao fim deste percurso.

Eu deixo registrado o meu agradecimento ao Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora, aos professores do programa que compartilharam seu conhecimento e contribuíram para o enriquecimento do meu processo de aprendizagem, e especialmente à minha orientadora, Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves, pela generosidade desde o início e ao longo de todo esse processo.

Aos professores da Universidade Federal de São João del-Rei, que por meio da graduação e do mestrado, propiciaram a inspiração e a base que me permitiram ingressar e cursar o doutorado. Ao meu grande professor Luiz Manoel da Silva Oliveira, pelo incentivo e nobreza de alma, que me fizeram acreditar que seria possível continuar trilhando os caminhos da literatura. À professora Carolina Vianini, que faz parte desse caminho, pelo apoio e conversas que me levam a acreditar que há sempre algo de bom pela frente.

Aos meu pais, Maurício e Maria do Carmo, e ao meu marido, Arthur, ainda e sempre me faltarão palavras para descrever a rede de apoio que formaram e que me proporcionou o conforto de escrever ao longo das incansáveis manhãs e tardes, em que a solidão da escrita se fazia urgente e a disciplina passou a ser a minha companheira constante. Ao meu filho Pedro, maior motivo de eu prosseguir a minha vida, por ter nascido no início dessa jornada desafiadora e ter convivido com as minhas ausências com a inocência e leveza tão inerentes à infância.

À minha jovem amiga, irmã de estudos, Gabriela, a quem eu muito admiro e em quem eu tento me espelhar, pela cumplicidade acadêmica, pelos longos áudios que permaneceram e permanecem afirmando a grandeza dessa amizade e por tudo que construímos até aqui.

Por fim, a todos que somaram de alguma forma e que mesmo não tendo sido mencionados na brevidade deste texto, a minha gratidão por terem participado dessa jornada que representa muito para mim. Sigo não sendo capaz de expressar o que se passa em meu coração neste momento.

I will no longer be made to feel ashamed of existing. I will have my voice; Indian, Spanish, white. I will have my serpent's tongue - my woman's voice, my sexual voice, my poet's voice. I will overcome the tradition of silence (ANZALDÚA, 1999, p. 59)^{1,2}

¹ No original: “*Eu não mais serei feita para me sentir culpada por existir. Eu terei minha voz; Indígena, Espanhola, branca. Eu terei minha língua de serpente- minha voz de mulher, minha voz sexual, minha voz de poeta. Eu superarei a tradição do silêncio*”.

² Todas as traduções dos originais em inglês aqui presentes são de nossa autoria

RESUMO

As transformações na história da literatura e o desenvolvimento dos Estudos Culturais, com um novo olhar sobre as histórias silenciadas, têm levado a orientações diferentes daquelas que tradicionalmente eram atribuídas a essa área, propiciando a inclusão da mulher nos estudos históricos, literários e nas várias áreas do saber na contemporaneidade. A cultura chicana, fenômeno recente no cenário mundial, floresceu com “*El Movimiento*”, na década de 1960, representando a luta dos chicanos pela sua autoafirmação na sociedade estadunidense dominante. A literatura chicana, por sua vez, pode ser considerada um reflexo dessa luta iniciada nos anos de 1960, uma vez que se fundamenta no direito de uma expressão cultural própria. A partir da década de 1980, ocorreu uma eclosão da literatura das mulheres chicanas, expressando os problemas das chicanas em seus contextos específicos, independentemente dos cânones chicanos masculinos ou do feminismo anglo-estadunidense. O presente trabalho objetivou investigar e ratificar a construção da representação feminina de forma expressiva, a partir da perspectiva de o ato da escrita agir como possibilitador da fala das personagens chicanas, por meio das quatro obras, “*The House on Mango Street*” (1984), de Sandra Cisneros, “*The Last of the Menu Girls*” (1986), de Denise Chávez, “*Confessions of a Book Burner*” (2014), de Lucha Corpi, e “*A Dream Called Home*” (2018), de Reyna Grande, além de estabelecer uma análise comparativa das duas primeiras obras marcadas como ficções autobiográficas escritas no século XX, “*The House on Mango Street*” (1984) e “*The Last of the Menu Girls*” (1986) com as outras duas obras autobiográficas, “*Confessions of a Book Burner*” (2014) e “*A Dream Called Home*” (2018), produções do século XXI. Após a análise proposta, verificou-se a existência de similaridades nas propostas das escritas dessas autoras mais contemporâneas em relação às escritas das autoras do século XX no que concerne à busca identitária, à autoafirmação e às características da escrita dessas mulheres chicanas. Pode-se afirmar, então, que essas escritas autobiográficas do século XXI ratificam as propostas das ficções autobiográficas do século passado no que toca à concepção de identidade, gênero, classe, raça/etnia e que essas estratégias de escrita têm apresentado a possibilidade de servir como ato transformativo, ou seja, a escrita dessas autoras chicanas têm contribuído para o (re)conhecimento, (re)valorização e conseqüente (re)afirmação das mulheres mexicanas-estadunidenses/chicanas e do seu grupo no cenário global.

Palavras-chave: Cultura chicana. Literatura das mulheres chicanas. Representação feminina. Escritas autobiográficas. Estratégias de escrita.

ABSTRACT

The transformations in the history of literature and the development of the Cultural Studies, with a new view on the silenced histories have led to different orientations from those traditionally attributed to this field, providing the inclusion of woman in the literary, historical studies and in the several areas of knowledge in the contemporaneity. The Chicana Culture, a recent phenomenon in world scenery, flourished with “*El Movimiento*”, in the decade of 1960, representing the Chicanos’ fighting for their self-affirmation in the dominant American society. Chicano literature, in its turn, can be considered a reflection of this fight initiated in the 1960s, once it is based on the right of a self-cultural expression. From the 1980 decade on, there was an eclosion of Chicana women literature, expressing the Chicanas problems in their specific contexts, independently of the masculine Chicano canons or of the American feminism. The present work aimed to investigate and confirm the construction of the female representation in an expressive way, from the perspective of the act of writing behaving as a facilitator of the chicana characters’ voices through four works, “*The House on Mango Street*” (1984), by Sandra Cisneros, “*The Last of the Menu Girls*” (1986), by Denise Chávez, “*Confessions of a Book Burner*” (2014), by Lucha Corpi, and “*A Dream Called Home*” (2018), by Reyna Grande, besides establishing a comparative analysis of the two first works marked as autobiographical fictions written in the XX century, “*The House on Mango Street*” (1984) and “*The Last of the Menu Girls*” (1986), with the two other autobiographical works, “*Confessions of a Book Burner*” (2014) and “*A Dream Called Home*” (2018), productions of the XXI century. After the proposed analysis, it was verified the existence of similarities in the proposals of the writings of these more contemporary authors in relation to the authors of the XX century, in regard to the identity search, the self-affirmation and the characteristics of the writing of these Chicana writers. It can be then affirmed that these autobiographical writings of the XXI ratify the proposals of the autobiographical fictions of the past century related to the conception of identity, gender, class, race/ethnicity and that these writing strategies have presented the possibility of serving as a transformative act, that is, the writing of the chicana writers have contributed to the recognition, revalorization and consequent reaffirmation of the Mexican-American/chicanas and their group in the global scenery.

Keywords: Chicana culture. Chicana women literature. Female representation. Autobiographical writings. Writing strategies.

SUMÁRIO

I	INTRODUÇÃO.....	9
1	UM PASSEIO PELA HISTÓRIA DOS CHICANOS: DESDE SUAS ORIGENS, MOVIMENTO CHICANO ATÉ A CONTEMPORANEIDADE.....	25
1.1	ORIGEM DO POVO CHICANO.....	25
1.1.1	A Conquista Espanhola do território e a Fundação da República do México.....	25
1.1.2	A Batalha do Álamo: Texanos vs. Mexicanos.....	28
1.1.3	A Guerra Mexicana-Americana e o Tratado de Guadalupe-Hidalgo.....	29
1.1.4	A situação dos Mexicanos pós-Tratado Guadalupe-Hidalgo e o sentimento do “Tesouro nacional perdido”.....	33
1.2	CARACTERIZAÇÃO DOS CHICANOS.....	41
1.2.1	As implicações em torno dos termos “mexicano-americano” e “chicano”.....	41
1.3	A JORNADA DOS CHICANOS PELO TERRITÓRIO ESTADUNIDENSE.....	44
1.3.1	As condições e os acontecimentos na trajetória dos chicanos na primeira metade do século XX: Segunda Grande Guerra e Geração mexicana-americana dos anos 1950.....	45
1.3.2	O Movimento Chicano: a luta desse grupo pelo seu reconhecimento sociopolítico e cultural.....	50
1.3.3	A militância chicana durante o Movimento pelos seus direitos civis.....	53
1.3.4	Os estudos chicanos e suas reverberações nas décadas subsequentes.....	60
1.3.5	A Década dos Hispânicos e os novos imigrantes do século XXI.....	64
2	LITERATURA DAS MULHERES CHICANAS E FEMINISMO CHICANO.....	74
2.1	VISÃO GERAL DA LITERATURA CHICANA.....	74
2.1.1	As narrativas chicanas: a geração migrante e a mexicana-americana.....	78
2.1.2	A Literatura das mulheres chicanas.....	83
2.1.3	As mediadoras das vozes chicanas contemporâneas: Cisneros/Chávez, Corpi/Grande.....	93
2.2	UMA BREVE CONVERSA SOBRE O FEMINISMO CHICANO.....	100
2.2.1	A luta das feministas chicanas: Movimento Chicano e Feminismo Anglo.....	105
2.2.2	Feminismo Chicano e seus entrelaçamentos de gênero, raça e classe.....	108
2.2.3	(Re)conhecimento das chicanas: quem são essas mulheres?.....	117
3	A ESCRITA DAS CHICANAS: SUAS AUTOBIOGRAFIAS E FICÇÕES AUTOBIOGRÁFICAS.....	120
3.1	O CONCEITO DE AUTOBIOGRAFIA.....	120
3.1.1	Autobiografias e ficções autobiográficas: uma definição?.....	120
3.1.2	Autobiografias escritas por mulheres (não brancas): um breve histórico.....	137
3.1.3	Autobiografias e ficções autobiográficas das chicanas (autoetnografias).....	144
4	A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DAS AUTORAS CHICANAS DOS SÉCULOS XX COMO INSTRUMENTO MEDIADOR DAS VOZES DAS MULHERES CHICANAS.....	155
4.1	“THE HOUSE ON MANGO STREET” E A PROPOSTA DE “ESPERANZA”.....	155

4.2	A JORNADA DE ROCÍO EM “THE LAST OF THE MENU GIRLS”.....	172
4.3	A CONVERGÊNCIA DAS OBRAS DE CISNEROS E CHÁVEZ: A ESCRITA POSSIBILITADORA DE AUDIBILIDADE DAS CHICANAS.....	194
5	AS AUTOBIOGRAFIAS DAS MULHERES CHICANAS DO SÉCULO XXI: “Confessions of a Book Burner” e “A Dream Called Home”.....	200
5.1	LUCHA CORPI: A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA NAS CONFISSÕES DE UMA QUEIMADORA DE LIVROS.....	201
5.2	REYNA GRANDE: A BUSCA PELA ESCRITA COMO INSTRUMENTO DE AUTO(RE)CONHECIMENTO DE SI MESMA E MEDIADORA DAQUELES QUE NÃO POSSUEM VOZ.....	219
5.3	CORPI E GRANDE: A ESCRITA DO SÉCULO XXI COMO REAFIRMAÇÃO DA PROPOSTA DAS CHICANAS ESCRITORAS DO SÉCULO XX?.....	239
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	246
	REFERÊNCIAS.....	255

I INTRODUÇÃO

As transformações na história da literatura, na contemporaneidade, têm levado a orientações diferentes daquelas que tradicionalmente eram atribuídas a essa área. O desenvolvimento dos Estudos Culturais e o novo olhar sobre histórias por muito tempo silenciadas propiciaram a inclusão da mulher e da abordagem de gênero nos estudos históricos, literários e de várias áreas do saber. Pesquisadoras e estudiosas das mais diversas disciplinas vêm repensando o lugar das mulheres no imaginário social, no qual elas vêm ganhando cada vez mais novos espaços.

Por sua vez, a cultura chicana, fenômeno recente no cenário mundial, floresceu com *El Movimiento*, na década de 1960, representando a luta dos chicanos por sua autoafirmação na sociedade estadunidense dominante. Inicialmente, o termo “chicano” apresentava uma conotação pejorativa, usada para se referir aos mexicanos pobres. A designação de chicano foi reformulada, então, a partir dessa década, para representar a especificidade e as várias formas de resistência desse povo à assimilação pela cultura anglo-estadunidense. Chicano passou a compreender a história de discriminação enfrentada pelos mexicanos nos EUA, funcionando como reafirmação específica de todos aqueles que reivindicam o direito a uma identidade híbrida, a qual se recusa a pertencer a um único sistema cultural.

A literatura chicana pode ser considerada um reflexo da luta iniciada nos anos de 1960, uma vez que se fundamenta no direito de uma expressão cultural própria por meio da forma e do conteúdo de suas obras. É importante ressaltar que, de início, as vozes que se exprimiam eram predominantemente masculinas e que somente a partir da década de 1980 ocorreu uma eclosão da literatura das mulheres chicanas tal como atualmente é concebida, expressando os problemas das chicanas em seus contextos específicos, independentemente dos cânones chicanos masculinos ou do feminismo anglo-estadunidense.

Alguns dos temas recorrentes nas obras das escritoras chicanas contemporâneas são a história desse grupo nos Estados Unidos; a relação do povo chicano com o espaço geográfico; a identidade fragmentada decorrente do hibridismo resultante da interseção das culturas indígena, mexicana e anglo-estadunidense; a subversão ao sistema patriarcal; a revisitação às figuras míticas para a promoção de modelos femininos emancipatórios e o eco de uma nova memória coletiva que celebra a cultura das mulheres chicanas; a relação de opressão de gênero com a de classe e raça/etnia³ na sociedade dominante; o uso de várias línguas como

³ Nesta tese, optamos pela expressão raça/etnia, pelo fato de sabermos que esses dois conceitos fazem sentido ao nos referirmos aos chicanos (as). Compreendemos que o termo "raça", esse constructo

representação identitária; além de um objetivo comum de cooperação das mulheres e engajamento social que se fazem possíveis pelo ato da escrita.

Atraída pelo interesse em pesquisar os trabalhos das autoras chicanas, escolhi quatro obras, *“The House on Mango Street”* (1984)⁴, de Sandra Cisneros, *“The Last of the Menu Girls”* (1986)⁵, de Denise Chávez, *“Confessions of a Book Burner”* (2016), de Lucha Corpi, e *“A Dream Called Home”* (2018), de Reyna Grande. Por meio dessas obras, o presente trabalho objetiva investigar e ratificar a construção da representação das mulheres de forma expressiva a partir da possibilidade de o ato da escrita agir como possibilitador da fala das personagens chicanas, além de estabelecer uma análise comparativa das duas primeiras obras marcadas como ficções autobiográficas⁶ escritas no século XX, *“The House on Mango Street”* (1984) e *“The Last of the Menu Girls”* (1986), com as outras duas obras autobiográficas, *“Confessions of a Book Burner”* (2014) e *“A Dream Called Home”* (2018), produções do século XXI, a fim de verificar a existência ou não de similaridades e/ou mudanças nas propostas das escritas dessas autoras mais contemporâneas em relação às escritas das autoras do século XX no que concerne à busca identitária, à autoafirmação, e às características da escrita dessas mulheres chicanas. Essas escritas autobiográficas do século XXI ratificam, expressam as propostas das ficções autobiográficas do século passado no que toca à concepção de identidade, gênero, classe, raça/etnia?

Além disso, as quatro obras mencionadas também foram escolhidas pelo fato de todas essas autoras referidas fazerem parte do quadro de escritoras chicanas contemporâneas que

social relacionado às características biológicas, foi muito utilizado por eles para remeterem à sua luta pela autoafirmação e reconhecimento identitário. É importante esclarecermos que em relação aos chicanos (as), a concepção de "etnia" também é muito cabível, uma vez que se refere aos grupos que compartilham as mesmas características socioculturais, religiosas e políticas (Scott e Marshall, 2009).

⁴ A primeira edição do livro foi lançada em 1984, enquanto a edição consultada para este trabalho foi lançada em 1991, por isso, nota-se a diferença entre as datas ao longo desta tese.

⁵ A primeira edição do livro foi lançada em 1986, enquanto a edição consultada para este trabalho foi lançada em 2004, por isso, nota-se a diferença entre as datas ao longo desta tese.

⁶ No capítulo três, discutiremos sobre o aporte teórico acerca do termo autobiografia e sobre os conceitos de ficção autobiográfica e romance autobiográfico. Por ora, adiantamos apenas que, ao mencionarmos as duas primeiras obras do século XX, *“The House on Mango Street”* e *“The Last of the Menu Girls”*, optamos pela concepção trazida por Norma Klahn (2003), “ficções autobiográficas chicanas”, sobre as quais ela afirma que se tratam de um gênero misto que tem como inspiração acontecimentos e pessoas, mas que enfatizam o efeito ficcional das suas narrativas; e que, da mesma forma, demonstram na construção do eu um engajamento com a reativação de memórias sociais e geográficas e sua consequente relação com a história, língua e comunidade. Em nossa visão, esse é o termo que mais se adequa às referidas obras, podendo assim também utilizarmos os termos ficções com tom ou inspiração autobiográfica e romances com tom autobiográfico para nos referirmos a elas ao longo deste texto.

desconstroem as crenças assentadas em dicotomias fixas e apontam para o hibridismo⁷ e a identidade multifacetada como forma de viver numa sociedade cada vez mais pluralista e multicultural na contemporaneidade, contribuindo ativamente para a redescoberta identitária da mulher chicana.

A narrativa *“The House on Mango Street”* (1984), composta por quarenta e quatro capítulos curtos, denominados vinhetas, é construída a partir dos relatos das experiências da narradora-protagonista, Esperanza, em uma rua de um gueto latino de Chicago, em que ela narra suas vivências e as de sua família. Tanto Esperanza como seus vizinhos representam as identidades mexicano-estadunidenses que vivem entre dois países, duas culturas e duas línguas, enfrentando a constante travessia de um universo ao outro e buscando uma identificação pelas diferenças do que é ser hispânico/latino(a) e o que é ser estadunidense.

A propósito, procedemos aqui a uma breve problematização dos termos “hispânico” e “latino”, uma vez que em certos momentos eles serão utilizados ao longo desta tese. Primeiramente, devemos nos atentar que esses termos não são definidores de raça e sim de etnicidade, ou seja, em termos gerais, do pertencimento de um dado grupo social a tradições socioculturais em comum. O termo “hispânico” refere-se às pessoas que têm origem em países americanos que falam a língua espanhola, ao passo que “latino(a)” relaciona-se às pessoas que têm origem nos países da América Latina, incluindo, por exemplo, brasileiros e haitianos; ou seja, países que também são latinos, porém não necessariamente são falantes da língua espanhola. É importante apontar que tanto os denominados hispânicos(as) como os latinos(as) nos Estados Unidos podem não ser obrigatoriamente imigrantes. A complicação em torno do termo “hispânico” se dá pelo fato de ele ser considerado excludente por muitos, visto que enfatiza a língua espanhola, a origem europeia e o lado do colonizador na construção identitária dos mestiços, deixando de lado sua constituição indígena. Já o termo

⁷ Stuart Hall (2003) marca o caráter híbrido como característica fundamental de todas as identidades. Para Hall, “a identidade é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada” (p. 15-16), daí sua concepção das identidades como “situações” (p. 20). Essa noção vai de encontro ao conceito de identidade tida como fixa e estável desde o nascimento, pautada exclusivamente nas ideias de tradição de uma nação, que não pode ser aplicada à realidade do mundo atual, na qual as sociedades são compostas por uma variedade de povos provenientes de origens distintas. Homi Bhabha (1998), por sua vez, aponta que a busca pela autoridade dos hibridismos culturais, provenientes das transformações dos movimentos históricos ao longo do tempo, faz parte de um processo que deve promover a reinscrição da tradição no sentido de reconhecer e legitimar as minorias. Na visão de Bhabha (1998), o sujeito híbrido pode ser considerado uma ameaça, devido ao fato de desconstruir as simetrias como o eu/o outro, o dentro/o fora, o branco/o negro e assim por diante. Assim é que se torna possível haver o movimento para o além, que vai “além de si” (p. 22) para retornar ao presente com olhos de revisão e reconstrução das suas condições políticas. Hall (2000) expõe categoricamente que as nações modernas são todas híbridos culturais, visto que nenhuma delas é composta por um povo proveniente de apenas uma única cultura ou etnia.

“latino(a)” é mais inclusivo, na visão de muitos estudiosos, por se referir mais à origem geográfica desse povo (América Latina e Caribe) e sua mistura de raças, e conseqüentemente englobar os falantes ou não de espanhol, inclusive os falantes de línguas indígenas. O que pode ser percebido, da mesma forma, é que muitas pessoas de diversas origens hispânicas nos Estados Unidos, como os portorriquenhos e os mexicanos, passaram a não aceitar o termo “hispânico”, devido ao fato de serem tratados como um grupo homogêneo e subalterno no território estadunidense. Ao mesmo tempo, os países não falantes da língua espanhola não costumam adotar o termo “latino(a)”, mais utilizado em relação aos descendentes de espanhóis. Uma última palavra a pontuar é sobre a existência de duas linhas ativistas no pós-movimento chicano; quando o termo “chicano” passou a ser rejeitado; uma que encorajava a utilização do termo “hispânico” pelos mexicanos-estadunidenses e a outra que militava a favor da inclusão do termo “latino(a)” por esse grupo. No presente trabalho, quando mencionarmos o termo “hispânico”, será em relação ao que foi explicado aqui e nomeado pela literatura, como, por exemplo, a "Década dos Hispânicos", sobre a qual iremos discorrer posteriormente, com as devidas explicações. O termo “latino(a)” será usado algumas vezes para nos referirmos à concepção geográfica de origem desses povos, abrangendo mais que somente os chicanos(as)/mexicanos(as)-estadunidenses. O termo “latino(a)” e outros que foram cogitados em torno dessa palavra não deixaram de sofrer críticas daqueles que lutavam pela exclusão dos binarismos de gênero, desencadeando, assim, o termo *latinxs*, que vem se consolidando desde 2014 no panorama contemporâneo. Conforme será discorrido, também, optamos neste trabalho preferencialmente pelos termos *chicanos/mexicanos(as)-estadunidenses* ao nos referirmos aos povos de origem mexicana nos Estados Unidos⁸.

Essas identidades, por meio de suas experiências, exteriorizam o que é viver em um *entre-lugar*⁹, ou seja, um lugar de fronteira, onde são produzidas as articulações das diferenças culturais¹⁰. Partindo de um ponto de vista que vai desde a sua infância e se estende ao seu desenvolvimento, Esperanza registra o testemunho do que está ao seu redor e sua

⁸ (<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01944363.2020.1758191>). Acesso em: 17 jan. 2021.

⁹ Segundo as regras do Novo Acordo Ortográfico, a palavra “entre-lugar” perde o hífen, porém, optamos por manter o hífen nessa palavra a fim de enfatizarmos o processo de fragmentação/espoliação vivenciado pelos (as) *chicanos (as)* que permanecem divididos entre duas culturas, apresentando assim um sentimento de não pertencimento.

¹⁰ Aqui temos, novamente, a concepção de Bhabha (1998), segundo o qual, na contemporaneidade, podemos observar a produção de subjetividades que se afastam da marcação de categorias singulares, de identidade ou gênero, definindo novas configurações identitárias, atravessadas por diversos fatores como raça, gênero, classe, orientação sexual, e, dessa forma, produzindo novas estratégias de subjetivação.

transformação psicológica ao longo da narrativa. A história não apresenta uma cronologia explícita, sendo que cada uma das vinhetas relata passagens da vida da própria narradora e dos moradores de sua rua, indicando um período entre o final de sua infância e o início de sua adolescência.

O tema-chave do romance constitui a experiência da jovem chicana de experimentar a formação de uma identidade em deslocamento contínuo, buscando sua autoafirmação face a um contexto social marcado por relações de subordinação e dominação patriarcal. Na narrativa, o desejo da narradora de possuir uma casa de verdade significa a possibilidade de construção de uma identidade fora de um lugar que representa a opressão da condição das mulheres. Em uma das vinhetas, a protagonista explicita o desejo de ter, nessa casa que imagina, livros que ela própria irá escrever, como uma forma de se libertar da opressão e da passividade que cercam as mulheres chicanas desde sua infância.

A escritora Sandra Cisneros nasceu em Chicago, no ano de 1954. Única filha em uma família muito pobre de sete irmãos e descendente de pai mexicano e mãe chicana, desde cedo Cisneros se interessou pela área acadêmica, tendo feito bacharelado na Universidade Loyola de Chicago (1976) e realizado seu mestrado em escrita criativa na Universidade de Iowa (1978). Considerada uma escritora de talentos múltiplos, que se estendem desde a ficção até a poesia, ela apresenta um currículo extenso, caracterizado predominantemente por intermediar a fala da classe trabalhadora de origem mexicana em suas histórias:

Quando eu tinha 11 anos de idade em Chicago, os professores achavam que se você era pobre e mexicano, você não tinha nada a dizer. Agora eu acredito que eu fui colocada aqui neste planeta para contar essas histórias. Porque se eu não as escrever, elas não serão contadas de forma correta. Use o que você sabe para ajudar a curar a dor em sua comunidade^{11, 12}.

Entre os seus trabalhos incluem-se o *chapbook* “*Bad Boys*” (1980); os livros de poesia “*My Wicked Wicked Ways*” (1987) e “*Loose Woman*” (1994); uma coleção de histórias, “*Woman Hollering Creek and Other Stories*” (1991); o livro infantil “*Hairs/Pelitos*” (1994) e os romances “*The House on Mango Street*” (1984), “*Caramelo*” (2002), e “*Have You Seen Marie?*” (2012). Mais recentemente, a autora produziu uma coleção de ensaios intitulada “*A House of My Own: Stories from My Life*” (2015), na qual ela parece retornar à sua “casa”,

¹¹ No original: “*When I was 11 years old in Chicago, teachers thought if you were poor and Mexican you didn’t have anything to say. Now I think that what I was put on the planet for was to tell these stories. Because if I don’t write them, they’re not going to get the stories right. Use what you know to help heal the pain in your community*” (CISNEROS, 1991, s.p.).

¹² <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1991-05-07-ca-1559-story.html>. Acesso em: 15 set. 2019.

discorrendo sobre sua vivência entre Chicago e México, com histórias verdadeiras sobre suas memórias, provenientes de um período de sua vida, de 1984 a 2014.

Suas obras foram traduzidas para mais de 20 línguas pelo mundo afora, dentre as quais se destacam o espanhol, o francês, o alemão, o holandês, o italiano, o japonês, o iraniano e o grego. Seus livros em espanhol encontram-se disponíveis também em áudio, lidos pela própria autora. Dona de uma vasta gama de prêmios, só para mencionar alguns, Cisneros foi merecedora do *MacArthur Foundation Fellowship*, do *Texas Institute of Letters Dobie-Paisano Fellowship* (1984); do *Chicano Short Story Award* da Universidade do Arizona (1986); recebeu os diplomas de doutora *honoris causa* em Letras pela Universidade Estadual de Nova York (1993) e pela Universidade de Loyola, em Chicago (2002); a medalha de artes do Texas (2003); os prêmios *Fifth Star Award*, apresentado pelo Departamento de assuntos culturais e eventos especiais de Chicago (2015); *Tia Chucha's Lifetime Achievement* e o *Fairfax* (2016); a bolsa *Ford Foundation's Art of Change* (2018); e, mais recentemente, o reconhecimento na lista da organização educacional *Frederick Douglass 200*. A escritora também foi responsável pelas fundações Macondo (1995) e Alfredo Cisneros Del Moral (1998), associadas, respectivamente, com escritores socialmente engajados e com escritores texanos. Além disso, ela é filiada e organizadora de uma comunidade de amigos ativistas denominada Los MacArturos, que apresenta o propósito de compartilhar suas experiências literárias com a comunidade.

Cisneros faz parte de um grupo de escritoras chicanas extremamente conscientes da situação de seu povo, de assuntos relacionados à identidade cultural, sexualidade, gênero, bilinguismo, luta de classes e especialmente da condição da mulher chicana na sociedade e da existência cada vez mais premente dessa identidade fragmentada na contemporaneidade: “Nós fazemos isso porque o mundo em que nós vivemos é uma casa que está pegando fogo e as pessoas que nós amamos estão sendo queimadas”^{13, 14}.

“*The House on Mango Street*” (1984), um dos objetos do presente estudo, foi um de seus trabalhos pioneiros. Sandra Cisneros começou a escrever essa obra quando tinha 22 anos, tendo terminado a mesma aos 28. Responsável pela venda de mais de seis milhões de cópias e lida em escolas e universidades de todo o mundo, essa obra foi vencedora do prêmio *Before Columbus Foundation's American Book Award*, em 1985. A história nasceu do desejo da autora de possibilitar, de forma engajada, que sua escrita tocasse as vidas das pessoas e

¹³ No original: “*We do this because the world we live in is a house on fire and the people we love are burning*”.

¹⁴ <https://www.sandracisneros.com/>. Acesso em: 17 set. 2019

trouxesse esperança, principalmente para as mulheres que passavam por grandes problemas devido à sua condição de classe, raça/etnia e gênero na sociedade. Por meio de uma reunião de pequenas histórias que refletem o mundo conhecido e vivenciado por ela, Cisneros age como mediadora da fala desses indivíduos mexicanos-estadunidenses marginalizados pela sociedade dominante, no caso, a estadunidense. Considerado um romance “*coming of age*”, ou seja, romance de formação, essa obra reflete o desejo da protagonista Esperanza de idealizar uma casa e sua busca pela identidade de seu povo pela escrita de suas histórias.

Por sua vez, o romance “*The Last of the Menu Girls*” (1986), de Denise Chávez, também narra, por meio de sete histórias interrelacionadas, a trajetória da jovem mexicana-estadunidense Rocío Esquivel no Novo México e sua busca pela compreensão de si própria, de sua família e de sua comunidade, desde sua infância ao seu desenvolvimento na fase adulta. O emprego em um hospital como “*menu girl*” e seu consequente investimento emocional ajudam-na a melhor compreender os outros e a ela mesma. Por meio dessas narrativas, Rocío volta-se para sua própria história e para a da cultura mexicana-estadunidense. É pelo processo de contar essas histórias que ela descobre a possibilidade de falar por si mesma e agir como mediadora daqueles que não possuem voz e fazem parte de sua cultura.

Nascida em agosto de 1948 na cidade de Las Cruces, no Novo México, e proveniente de uma família que apresentava bases fortes em relação à educação e às letras, a escritora Denise Chávez iniciou, desde muito cedo, sua jornada no mundo da leitura e escrita. Filha do advogado Ernesto E. e da professora Delfina Rede Faver Chávez, após o divórcio do casal, quando tinha apenas dez anos de idade, Denise passou a residir na casa da avó materna com sua mãe e irmãs. Esse foi um dos motivos pelo qual há em sua escrita uma forte influência feminina. A avó de Denise era uma apaixonada por literatura: “Minha avó amava ler [...], ela encontrava alegria na língua. Eram pessoas que tinham um amor pela língua e literatura.”^{15, 16}

Chávez interessava-se especialmente pelas histórias não contadas e costumava ter um diário para registrá-las. Apesar de todo seu envolvimento sentimental com o mundo literário, a princípio, a jovem não desejava ser escritora. Ela trabalhou em um hospital e almejava seguir a carreira de atriz. Foi a partir de sua experiência com performances na escola católica Madonna High School que Chávez passou a se interessar pelo teatro e o drama.

¹⁵ No original: “*My grandmother loved to read,[...] "She found a joy in the language. These were people who had a love of literature and language”*”.

¹⁶ <https://biography.jrank.org/pages/3317/Ch-vez-Denise-1948-Writer-Cultural-Literary-Roots.html>. Acesso em: 11 out. 2019.

Após frequentar a Universidade Pública do Novo México e se especializar em Drama, ela escreveu sua primeira peça de teatro, “*The Wait*”, vencedora do prêmio *Melhor Peça de Teatro da Universidade Pública do Novo México*. Dessa forma, Chávez passou a escrever várias peças nos anos 70 e 80, obtendo o título de Mestre pelas Universidades de Trinity e do Novo México. A escritora produziu peças em festivais internacionais famosos, como o de Edimburgo, na Escócia, e o latino de Joseph Papp, em Nova Iorque. No entanto, grande parte de suas peças foram produzidas nacionalmente no Novo México. Uma de suas peças mais famosas, “*Plaza*” (1989), foi produzida na Escócia, e uma de suas mais conhecidas, do seu show “*Women in the State of Grace*”, na qual ela participa, teve sua produção no Novo México, em 1993.

Entre suas atribuições profissionais, Denise Chávez trabalhou como membro da faculdade espanhola no norte do Novo México (1975-80), escreveu várias peças (1977), foi artista em escolas, no período de 1977 a 1983, bolsista visitante pela Universidade de Houston (1988), instrutora na Escola Americana de Paris (1975-77), professora visitante na Universidade Pública do Novo México (1992-93), diretora artística no Festival Border Book (1994), além de artista em performances teatrais. Ela é membro fundadora do “Instituto Nacional das Escritoras Chicanas”, sendo também filiada, entre outros, aos “Escritores do Oeste da América”, às “Mulheres que Escrevem no Oeste” e à “Cooperativa de Escritores de Santa Fé”¹⁷.

Em seu currículo também constam muitas premiações, dentre as quais: *Dona Ana County Human Services Consortium* (1981); *Creative Writing Fellowship*, Universidade do Novo México (1982); *Puerto del Sol Fiction* (1986); *Creative Artist Fellowship* no Conselho de Artes Culturais de Houston (1990); *Favorite Teacher Award*, Universidade de Houston, (1991); *Aztlán Award*, *American Book Award* (1995); *Mesilla Valley Writer of the Year Award* (1995); *Governor's Award* em Literatura no Novo México (1995), além de outros. O trabalho de Denise Chávez foi muito influenciado por alguns autores, especialmente pelo novo-mexicano Rudolfo Anaya, seu mentor e amigo, que a orientou a seguir a carreira acadêmica e que, de acordo com a escritora, “abriu a porta para o valor da minha própria cultura, língua e raízes”^{18, 19}.

¹⁷ No original: *National Institute of Chicana Writers, founding mem.; Western Writers of America; Women Writing in the West; Santa Fe Writers Cooperative.*

¹⁸ No original: “*opened the door to the value of my own culture, language, background*”.

¹⁹ <https://biography.jrank.org/pages/3317/Ch-vez-Denise-1948-Writer-Cultural-Literary-Roots.html>. Acesso em: 14 out. 2019.

“*The Last of the Menu Girls*” (1986), segundo a autora, pode ser considerada uma série de histórias interconectadas ou um romance, tendo se tornado um livro pelo incentivo desafiador de seu mentor, Anaya. A escritora relata que, num primeiro momento, a maior parte das histórias foram escritas para uma oficina de escrita criativa do seu mestrado. Para Chávez, é como se ainda não houvesse uma definição para o gênero de sua obra, uma vez que ela tende a pensá-la até mesmo em termos mais teatrais: “... eu gostaria que alguém inventasse algum tipo de terminologia, a fim de endereçar essa estrutura de história dramática que tem suas raízes no teatro” (Chávez, 2004, p. 13)²⁰. A partir do prefácio da edição revisada, porém, o que podemos perceber é que, ao longo do tempo, Chávez afirma ter realinhado essas histórias em uma narrativa que conta a trajetória da protagonista Rocío, desde a infância até a juventude, o que nos leva a considerar essa obra como uma ficção em prosa que apresenta o que pode ser considerada uma história com seu enredo e personagens próprios (Forster, 1974).

Assim como em “*The House on Mango Street*” (1984), essas histórias, apesar de tangenciarem experiências de vida da autora e trazerem a bagagem de memórias do mundo bicultural e bilingual vivido por Denise Chávez entre o Novo México e o Texas, de acordo com ela, não devem ser consideradas autobiográficas no sentido literal da palavra.

Norma Klahn (2003) refere-se à forma literária da ficção autobiográfica como um gênero misto, que aflorou juntamente com as questões de subjetividade na escritura chicana. Ao mesmo tempo que apresenta eventos e personagens “verificáveis por sua inspiração”, esse gênero não deixa de insistir no seu resultado ficcional:

Eu gostaria de enfatizar a importância da contribuição delas (as escritoras chicanas) para a forma literária da ficção autobiográfica. [...] Elas convidam, eu argumento, a um certo tipo de atenção e modo de leitura que se rende a um tipo particular de significado textual e compreensão do mundo representado. [...] Mesmo se o(a) escritor(a) estabelece um retorno imaginativo dos eventos, ele ou ela está comprometido com um projeto de construir um eu reconhecível que participa de uma história de credibilidade para os leitores e o qual é pego em uma narrativa que parece apontar para

²⁰ No original: “...wish someone would come up with some sort of terminology to address this dramatic story structure that has its roots in theater”.

fora do texto (o referente) enquanto insiste em manter você dentro do texto (o enredamento) (Klahn, 2003, pos. 2212)^{21,22}.

Essas ficções autobiográficas chicanas diferem-se do romance autobiográfico tradicional²³, e poderiam ser chamadas, mais apropriadamente, de “ficções autobiográficas testemunhais”, nas palavras de Klahn (2003), uma vez que não tencionam somente o crescimento e a consciência pessoal dos protagonistas em suas narrativas, mas agem como mediadoras das vozes marginalizadas. Sendo assim, seu “eu” não pode ser desvinculado da posição cultural e política do grupo que o marca: “É a partir dessa posição enraizada política e culturalmente que a narradora se torna a própria voz de um eu que recorda suas memórias e daqueles outros membros da sua comunidade” (Klahn, 2003, pos. 2226)²⁴.

A escritora também afirma que a crítica ao patriarcado foi uma prática comum na escrita das autoras chicanas nas duas últimas décadas do século XX. Na perspectiva de Klahn (2000), as escritoras chicanas promovem um deslocamento das identidades nacionais calcadas em conceitos homogeneizantes, uma vez que elas se contrapõem aos discursos oficiais baseados em narrativas nacionalistas, os quais servem para legitimar o sistema vigente nos Estados Unidos, que tem como base a assimilação dos imigrantes (minorias étnicas) no território estadunidense.

A convergência das duas obras aqui em questão se dá pelo fato de essas ficções autobiográficas do século XX abordarem a construção identitária das personagens mulheres chicanas de forma multifacetada e em constante transformação, ao longo do seu desenvolvimento, da infância à adolescência, e por essas protagonistas acreditarem que a escrita é uma forma de libertação contra a opressão e a subjugação de sua condição de mulher na sociedade em que vivem.

²¹ No original: “*I would like to emphasize the importance of their contribution (the chicana writers) to the literary form of autobiographical fiction. [...] They invite, I argue, a certain kind of attention and way of reading that renders a particular kind of textual meaning and understanding of the world represented. [...] Even if the writer establishes an imaginative rendering of events, he or she is committed to a project of constructing a recognizable self who participates in a story credible to the readers and who is caught in a narrative that appears to point to an outside of the text (the referent) while it insists on keeping you inside the text (the emplotment)*”.

²² Esta é uma citação retirada de um livro em formato digital *Kindle*. Dessa forma, ao invés de mostrar a paginação, o arquivo mostra a posição da passagem. Essa e todas as demais citações retiradas de livros em formato *Kindle* serão referenciadas com “pos.” ao invés de “p.”, portanto.

²³ No capítulo 3, aprofundaremos a definição clássica de romance autobiográfico de Lejeune (2008), que consiste em uma narrativa da vida de um indivíduo (na qual não podemos afirmar que existe identidade entre autor, narrador e personagem, mesmo que nós leitores suspeitemos de tal), que tem como foco a agência e o crescimento pessoal individual.

²⁴ No original: “*It is from this culturally or politically rooted position that the narrator becomes the voice, her own, of a self who recollects her memories and those of other members of her community*”.

As próximas obras sobre as quais discorreremos, mais contemporâneas, produzidas no século XXI, são consideradas autobiografias. “*Confessions of a Book Burner*” (2014) é uma obra autobiográfica na qual Lucha Corpi escreve sobre suas memórias, vínculos e experiências, como a de ter que permanecer na escola para acompanhar seu irmão mais velho e a partir dali aprender com grande facilidade a ler e a escrever. Seus ensaios confessionais englobam suas histórias íntimas, de familiares e de sua cultura, suas autorreflexões sobre o processo de rememoração propiciado pela escrita, a sua vivência como mulher imigrante divorciada e com um filho para criar nos Estados Unidos e sua luta como ativista pelos direitos civis dos(as) chicanos(as) na Califórnia. A partir das suas confissões memoriais, Lucha vai delineando o papel primordial que o ato de escrever representou e representa em sua vida e na vida da sua comunidade.

Lucha Corpi nasceu na cidade mexicana de Jáltipan, tendo se mudado aos nove anos, com a família, para San Luis de Potosí. A escritora foi desde cedo incentivada por seu pai, Miguel Ángel Corpi, a estudar e a ser independente. Lucha foi inserida no mundo literário pelo seu marido Guillermo Hernández, com o qual mudou para os Estados Unidos, a fim de desenvolver seus estudos acadêmicos. Após o divórcio, com receio de retornar ao México e sofrer os preconceitos do machismo de sua cultura, ela continuou a viver e precisou se refazer com seu único filho no território estadunidense. Corpi terminou seus estudos em Literatura Comparada na Universidade da Califórnia e participou ativamente do movimento pelos direitos civis dos chicanos nos anos setenta, durante o qual a escritora auxiliou na fundação de um serviço de arte e cultura, “*Aztlán Cultural*”, além de trabalhar no “*Comité Popular Educativo de la Raza*”, relacionado às questões bilíngues dos chicanos.

Sua escrita incorpora vários gêneros, que incluem romance, poesia, memórias, literatura infanto-juvenil e ficção detetivesca, estando ela dentre as poucas chicanas escritoras desse último gênero. Para citar alguns de seus trabalhos: “*Fireflight: Three Latin American Poets*” (1976), “*Variations on a Storm*” (1990) e “*Noon words*” (2001), “*Where Fireflies Dance*” (2002) e “*The Triple Banana Split Boy*” (2009), “*Delia’s Song*” (1989) e “*Eulogy for a Brown Angel*” (1992). Dentre os feitos de sua carreira, Lucha Corpi é membro da *National Endowment for the Arts* (1979-80); foi vencedora do concurso literário *Palabra Nueva* “*The Martyrs of the Soul*” (1983); primeiro lugar no *Chicano Literary Contest* na Universidade da Califórnia em Irvine pela escrita de sua história “*Shadows of Ebbing Water*” (1984); premiada em ficção no *Creative Arts Fellowship* pela cidade de Oakland (1990), além de ter sido laureada poeta na Universidade Indiana (1990).

Nesta mesma linha, “*A Dream Called Home*” (2018), escrito pela chicana Reyna Grande, é uma autobiografia (*memoir*) que conta a trajetória de sua vida, relembrando a infância. Ainda muito pequena, ela foi deixada no México, na cidade de Iguala, pelos pais, que foram tentar uma vida melhor nos Estados Unidos. Aos nove anos de idade, Reyna cruzou a fronteira México-Estados Unidos em busca da reconexão com a família, porém não encontrou apoio de seus pais. Apesar de estarem no mesmo território, e mesmo com o passar do tempo, a proximidade entre eles não ocorreu e a jovem, não se sentindo pertencente a nenhum dos dois mundos (México e Estados Unidos), teve que lutar para sobreviver e se encontrar sozinha. Determinada a realizar o sonho de se afirmar como “alguém” na vida, Reyna encontrou na escrita a razão para seguir em frente, sendo a primeira integrante de sua família a entrar em uma universidade e dar voz às suas experiências. O que parecia impossível foi, por meio de muito esforço e resistência, conquistado, ao se ver transformar de imigrante não documentada a uma escritora reconhecida no território estadunidense.

Reyna Grande escreveu os romances “*Across a Hundred Mountains*” (2006), considerado um *best seller*, e que tem como sequência “*A Dream Called Home*” (2018), obra que será analisada nesta tese, e “*Dancing with Butterflies*” (2009). Atualmente ela está trabalhando na produção de um novo romance, que terá como pano de fundo a guerra mexicana-americana, e de uma antologia sobre os americanos não documentados, intitulada “*Somewhere We Are Human: An Anthology on Migration, Survival and New Beginnings*”. É interessante destacar que os livros da autora são muito utilizados por diversas instâncias educacionais do território estadunidense. Seus temas vão desde a imigração, língua, família, até a escrita e o sonho americano dos mexicanos ao atravessarem a fronteira. Muito renomada, dentre os prêmios que constam em seu currículo estão *El Premio Aztlán Literary Award*, o *International Latino Book Award*, o *Honor Book Award* pela *America’s Award for Children’s and Young Adult Literature* (2017), o *Eureka! Honor Awards* da Associação de Leitura da Califórnia de 2016 e um prêmio da *International Literacy Association Children’s Book Award* em 2017. Durante seu percurso acadêmico, Reyna tem lecionado em algumas conferências e também é membro integrante do *workshop* de escritores Macondo, fundado por Sandra Cisneros. Com atuação crescente na atualidade, da mesma forma, essa chicana faz parte do quadro das escritoras dispostas a cultivarem seus valores e validar a importância das mulheres chicanas nos Estados Unidos.

As autobiografias chicanas, diferentemente da tradicional concepção ocidental de autobiografia (a qual enfatiza a vida individual do autor)²⁵, ao refletirem as identidades plurais da contemporaneidade, passaram a servir como testemunhos compromissados com a causa étnica, sendo denominadas “autobiografias étnicas” ou “autoetnografias”. Nelas, as subjetividades narradas são configuradas pelas circunstâncias contextuais e as(os) autoras(es) se utilizam de estratégias narrativas que possibilitam servirem de mediadoras(es) da fala de certa comunidade. Assim sendo, as escritoras chicanas portam-se como agentes de representação e mudança cultural. Goldman (1995) afirma que, desse modo, pela escrita do eu e representação de sua cultura, as mulheres não brancas possibilitam a representação de si próprias, ao mesmo tempo que “falam” pelo testemunho da sua comunidade. As obras analisadas aqui apresentam essas características, as quais serão verificadas e discutidas posteriormente. Fischer (1986) ratifica que houve uma explosão e florescimento desses trabalhos entre os anos 1970 e 1980, que passaram a trazer essa perspectiva da etnicidade, traduzindo novas formas de leitura e escrita:

Primeiramente, a estratégia é ouvir as vozes de vários grupos étnicos por meio das autobiografias. A autobiografia foi escolhida porque, como a etnografia, ela tem um compromisso com o real. A ficção autobiográfica também foi incluída porque as modalidades de veracidade em nossa era não podem mais (se já puderam alguma vez) serem limitadas às convenções do realismo (Fischer, 1986, p. 198)²⁶.

A presente tese será dividida em cinco capítulos. No primeiro capítulo, será realizado um breve histórico acerca da origem, história e movimento chicanos até a contemporaneidade, no qual dissertaremos sobre os mexicanos-estadunidenses/chicanos(as), termos utilizados para os(as) mexicanos(as) nascidos(as) ou que migraram para os Estados Unidos a partir dos meados do século XIX, os quais foram relegados à margem da cultura estadunidense dominante e considerados minoria nesse território. Com o Tratado de Guadalupe-Hidalgo (1848), Sonia Torres (2001) ressalta que as terras correspondentes ao Texas, de um dia para o outro, se tornaram geográfica e culturalmente estadunidenses, observando-se, assim, o apagamento e o silenciamento da participação dos latinos ao longo do processo de construção

²⁵ Partimos da definição de autobiografia proposta por Philippe Lejeune: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (2008, p. 14), a fim de discutir e investigar esses conceitos no terceiro capítulo e a relação deles com as autobiografias chicanas, objeto de nosso interesse.

²⁶ No original: “*First of all, the strategy is to listen to the voices of several ethnic groups through autobiographies. Autobiography was chosen because, like ethnography, it has a commitment to the actual. Autobiographical fiction was also included because the modalities of veracity in our age can no longer (if they ever could) be limited to the conventions of realism*”.

da nação estadunidense. Dessa forma, apesar de considerados “cidadãos americanos”, os mexicanos passaram a ser colonizados internamente, dentro do que antes era considerado seu próprio país. Dentre os autores que consideramos mais relevantes para traçar e compreender esse histórico do povo chicano, encontram-se, além de Acuña (2014), Anaya e Lomeli (1989), Anzaldúa (1999), Argüelles (2010), Muñoz Jr. (2013), Naddi e Beluci (2014), Rendón (2013), Rincones (2004), Salas e Valle (2002), Schoultz (2000), Torres (2001), Tota (2013), Trejo (1979), Turner (1921), Valdez e Steiner (1972), entre outros.

A seguir, no segundo capítulo, escreveremos sobre a história da literatura chicana, desde sua formação até o seu florescimento, com a emergência da literatura/escrita pelas mulheres chicanas no cenário contemporâneo. De fato, a literatura produzida pelos mexicanos-estadunidenses já existia desde o século XIX; Torres (2001) argumenta que a mesma só passou ao status de literatura emergente no século XX, a partir da conscientização dos escritores espanhóis sobre o desaparecimento de sua cultura no cenário americano. A escrita em espanhol representava para eles uma forma de resistência ao “*new way of life*” (“novo modo de vida”, em tradução livre) dos americanos. A inserção de uma literatura emergente encontra resistência dentro do ideal de nação, justamente porque vai de encontro à homogeneidade pregada pela cultura nacional dominante, no caso, a estadunidense.

O processo de construção de identidade criado pelos escritores e escritoras chicanas baseia-se, como colocado por Argüelles (2010), não só na oposição, mas também na justaposição dos discursos entre as duas culturas, a mexicana e a estadunidense, entre o espanhol e o inglês e entre outras relações entre o primeiro e o terceiro mundo. A relativa autonomia conquistada pela produção literária chicana a partir dos anos 1980 foi enraizada nos discursos que predominaram desde os anos 1960, os quais auxiliaram na consolidação da cultura e literatura chicana. Em um primeiro momento, houve uma visão mais homogeneizadora por meio de símbolos e objetos da cultura chicana, que acabaram contribuindo para firmar um imaginário cultural desse povo; como exemplos, a metáfora *Aztlán*, como “o berço pré-histórico dos indígenas do continente americano” (Argüelles, 2010, p. 23) e a palavra de ordem “*Viva la Raza*”, como exaltações desse povo nesse momento de forte efervescência política, caracterizando o *Movimiento*, ou seja, a luta dos chicanos pela sua autoafirmação na sociedade estadunidense dominante.

Argüelles (2010) ressalta, porém, que essa homogeneização da cultura chicana acabou deixando de fora a perspectiva das mulheres: “O conceito de ‘La raza’ [...] generaliza as

mulheres e masculiniza os coletivos culturais” (p. 25)²⁷. E é nesse sentido que a literatura produzida pelas chicanas, surgida nos anos 1970, passou a trabalhar com o objetivo de abrirem possibilidades de audibilidade para as mulheres chicanas silenciadas, duplamente oprimidas, pela sua cultura e pela cultura dominante. Essas escritoras partem desse lugar de representação e diferenciação da mulher chicana, na tentativa de sua afirmação na sociedade estadunidense dominante. O desejo, então, de romper com essa visão homogênea é uma forma de resistência encontrada por essas escritoras e um meio de denunciar sua exclusão no discurso cultural dominante da sociedade. Como anteriormente mencionado, Argüelles (2010) sustenta que a literatura mexicano-estadunidense apresenta um forte cunho de testemunho, caracterizada por livros de memórias e autobiografias. A ênfase recai na subjetividade das mulheres e nas diversas relações da mulher na sociedade: “Algumas escritoras contemporâneas adotam em suas ficções um tom autobiográfico com imagens que são testemunhos de sua perspectiva, transitando com frequência na contracorrente” (Argüelles, 2010, p. 26)²⁸.

Ainda como parte do segundo capítulo, iremos discorrer sobre o feminismo chicano, uma vez que o mesmo apresenta laços estreitos com a escrita das chicanas, na maioria feministas que lutaram durante o Movimento para reafirmarem sua voz e espaço, utilizando-se para isso da escrita como meio preponderante. Iremos tratar da luta das feministas chicanas frente tanto à resistência de sua cultura machista como aos preconceitos da cultura estadunidense. Dissertaremos sobre a relação e as diferenças entre o feminismo chicano e o feminismo de viés etnocêntrico (das estadunidenses)²⁹, com o objetivo de demonstrar e discutir suas diferenças e implicações na vida das mulheres não brancas nos Estados Unidos. De acordo com Bonnici (2007), não podemos desvincular a identidade de gênero das identidades de raça e de classe, uma vez que “o que há em comum entre as mulheres depende do significado daquilo que não é idêntico entre elas, ou seja, as identidades de classe e de raça. Portanto, a análise de classe e de raça leva à percepção do gênero” (p. 131-2). Como as chicanas são perpassadas por essas variáveis, diferentemente das mulheres brancas, trataremos dessas diferenças entre as mulheres não brancas (chicanas) e as estadunidenses. Para isso, lançaremos mão de autores importantes para a análise da história da literatura e

²⁷ No original: “*El concepto ‘La Raza’ [...] generaliza a las mujeres y masculiniza los colectivos culturales*”.

²⁸ No original: “*Algunas escritoras contemporâneas adoptan en sus ficciones un tono autobiográfico con imágenes que testimonian su perspectiva y transitan a contracorriente con frecuencia*”.

²⁹ É importante pontuarmos que o feminismo de viés etnocêntrico é muito voltado para as demandas/necessidades das mulheres brancas, de classe média alta.

feminismo chicano, como Aldama e Quiñonez (2002), Anzaldúa (1990), Argüelles (2010), Blea (1997), Bonnici (2007), Cotera (1977), Cutler (2015), Mendoza (2001), Moraga e Anzaldúa (1981), Rubío e Conesa (2015), Trejo (2017), e outros.

No terceiro capítulo, traçamos uma discussão teórica acerca dos termos autobiografia/ficções autobiográficas, das autobiografias/ficções autobiográficas escritas por mulheres e por mulheres chicanas mais especificamente, percorrendo um breve histórico das conjecturas teóricas relacionadas à escrita autobiográfica na era contemporânea. Para isso, citamos autores de renome nessa área, como Georges Gusdorf (1990, 1991), Leonor Arfuch (2010), Manuel Alberca (2007), Phillipe Lejeune (2008), Smith e Watson (1998), Sidone Smith (1987), entre outros.

No quarto e quinto capítulos, procederemos propriamente à discussão sobre a escrita autobiográfica das quatro autoras aqui propostas, analisando no quarto capítulo as duas obras do século XX, “*The House on Mango Street*” (1984) e “*The Last of the Menu Girls*” (1986), e suas características que reafirmam seu cunho de ficções autobiográficas, comparando as similaridades/diferenças sobre os assuntos abordados entre elas. Já no quinto capítulo, analisaremos as outras duas obras mais recentes, “*Confessions of a Book Burner*” (2014) e “*A Dream Called Home*” (2018), da mesma forma, comparando-as para investigarmos se a proposta dessas autobiografias do século XXI converge e reitera os temas abordados pelas duas ficções autobiográficas, e também se lança mão da escrita como instrumento mediador de vozes das mulheres chicanas e de sua comunidade. Autores como Clifford e Marcus (1986), Lionnet (1995), Smith e Watson (1998), Klahn (2000, 2003), e outros mais serão pesquisados com o intuito de relacionarmos suas teorizações com a escrita autobiográfica das mulheres mexicanas-estadunidenses/chicanas.

As considerações finais, que não se querem definitivas, retomam e realçam os pressupostos sugeridos, na tentativa de discutir e trazer caminhos possíveis aos questionamentos levantados, tencionando contribuir infimamente para uma abertura cada vez mais consubstancial de horizontes à escrita literária das mulheres chicanas, assim como para o aprofundamento das indagações e conhecimento dessa escrita, no que se refere ao agenciamento das mulheres chicanas no atual cenário mundial.

1 UM PASSEIO PELA HISTÓRIA DOS CHICANOS: DESDE SUAS ORIGENS, MOVIMENTO CHICANO ATÉ A CONTEMPORANEIDADE

1.1 ORIGEM DO POVO CHICANO

Em um primeiro momento, neste capítulo, propomo-nos a delinear um histórico dos mexicanos-estadunidenses/chicanos, a fim de compreendermos suas origens, o desenrolar das lutas pelas quais seus ascendentes passaram e as conseqüentes implicações provenientes da sua relação conflituosa com os Estados Unidos, desde o início de sua história até os dias atuais.

1.1.1 A Conquista Espanhola do território e a Fundação da República do México

O cenário sociopolítico e cultural que iremos analisar teve sua origem no atual sudoeste dos Estados Unidos da América. Estudos apontam que, há mais de trinta mil anos, a região onde atualmente se encontra o estado do Texas era habitada por indígenas ancestrais dos mexicanos, os astecas, que, com o passar do tempo, construíram uma das maiores e mais antigas civilizações de ouro do continente (Valdez; Steiner, 1972). Dito isso, é relevante pontuar que quando os europeus, no século XVI, na figura predominante dos espanhóis, chegaram e se assentaram nessa região, com o objetivo de colonizar esses povos, os homens nativos que ali se encontravam já possuíam uma sociedade com uma cultura peculiar, constituindo a maioria dos habitantes da região e com uma história consolidada na localidade denominada pelos astecas de Tenochtitlán, que só depois passou a se chamar México.

No ano de 1521, o espanhol Hernando Cortés proclamou oficialmente, sob as premissas da monarquia e do catolicismo, o pertencimento dessa terra à Espanha, nomeada por eles de Nueva España (Nova Espanha). Apesar do extermínio de milhares de indígenas e da imposição pelos espanhóis de sua realidade, cultura e ideologia, foi a partir desse encontro com os espanhóis e outros europeus que a raça *mestiza* (mestiça) surgiu, como resultado da mistura dos espanhóis (europeus) e dos indígenas, procedente desse processo de colonização e responsável posteriormente pela formação dos mexicanos/chicanos. Faz-se necessário frisar que a formação *mestiza* ocorreu às custas de muitos conflitos decorrentes do processo de encontro dos espanhóis com os nativos. A dominação dos brancos sobre os indígenas se deu de forma sangrenta, por meio tanto de lutas violentas, disseminação de doenças, saques e massacres da população indígena, como da crescente destruição das convicções culturais e

religiosas dos nativos. Os espanhóis utilizaram-se de várias artimanhas discursivas e doutrinadoras para estabelecerem que os princípios de sua cultura e principalmente religião eram superiores e mais civilizados que as práticas indígenas. Por outro lado, ainda houve muitos grupos indígenas que se aliaram aos europeus contra o que consideravam um governo indígena tirano. Assim, o progressivo contato, a expansão e exploração das terras nessa região do continente americano, ao longo do século XVI, fez com que houvesse uma mestiçagem cada vez maior, fruto dos diversos cruzamentos entre indígenas e europeus (espanhóis). Os *mestizos*, porém, desde o início, foram rejeitados pelos homens brancos, por possuírem um componente indígena muito forte, experimentando um sentimento crescente não só da perda de sua identidade, mas de um território que antes era considerado seu. A denominação “*La Raza*” (“A Raça”) e o forte sentimento de orgulho que afloraram nos descendentes desses povos nos próximos séculos tiveram suas origens enraizadas nesses acontecimentos, levando-os a lutarem pela sua afirmação identitária, no sentido de tentarem reafirmar suas diversas miscigenações, enfatizando suas raízes indígenas³⁰.

Em relação a essa luta por sua afirmação identitária, torna-se pertinente observarmos aqui que, em um primeiro momento e durante o Movimento Chicano desse grupo, como iremos constatar, tal qual um efeito rebote devido à sua desvalorização, muitos chicanos apresentavam fortes ideias nacionalistas e o desejo de reafirmação de sua identidade, tendendo a resgatá-la por meio da ênfase em suas raízes indígenas, levando-nos a pensar em uma concepção de identidade pautada mais na fixidez. Porém, com o desenrolar dos acontecimentos e os contextos de suas lutas, o caminho que os chicanos vêm tentando buscar,

³⁰ Em relação a essa luta por sua afirmação identitária, torna-se pertinente observarmos aqui que, em um primeiro momento e durante o Movimento Chicano desse grupo, como iremos constatar, tal qual um efeito rebote devido à sua desvalorização, muitos chicanos apresentavam fortes ideias nacionalistas e o desejo de reafirmação de sua identidade, tendendo a resgatá-la por meio da ênfase em suas raízes indígenas, levando-nos a pensar em uma concepção de identidade pautada mais na fixidez. Porém, com o desenrolar dos acontecimentos e os contextos de suas lutas, o caminho que os chicanos vêm tentando buscar, de aceitação e reafirmação identitária, condiz muito mais com a perspectiva identitária postulada por Édouard Glissant (2005), de fluidez das identidades. E é nessa realidade pulsante que a identidade como raiz única, “uma concepção sublime e mortal veiculada pelas culturas ocidentais; ou seja, uma identidade que exclui o outro, não pode mais vigorar, devendo ser substituída pela noção da identidade como rizoma, como raiz indo ao encontro de outras raízes.” (Glissant, 2005, p. 27). O escritor, aplicando a imagem ao princípio da identidade, faz uma analogia do pensamento da raiz única; que busca profundidade e que mata à sua volta; com o pensamento do rizoma, como raiz que vai ao encontro de outras. Uma questão importante que se apresenta é, segundo o teórico, a da diluição da identidade; de como se abrir ao outro sem se deixar a si mesmo. Na sua visão, a ideia da identidade rizoma não é contraditória à concepção de identidade e singularidade. Para se viver o que ele denomina esse caos mundo (o qual não mais permite o universal generalizante) composto por repulsões, atrações e choques entre as culturas dos povos nessa totalidade-mundo, é preciso comungar com a ideia de relação e não de exclusão. Do contrário, não há possibilidade de mudança se houver a permanência de uma identidade fixa e única.

de aceitação e reafirmação identitária, condiz muito mais com a perspectiva identitária postulada por Édouard Glissant (2005), de fluidez das identidades. E é nessa realidade pulsante que a identidade como raiz única, “uma concepção sublime e mortal veiculada pelas culturas ocidentais; ou seja, uma identidade que exclui o outro, não pode mais vigorar, devendo ser substituída pela noção da identidade como rizoma, como raiz indo ao encontro de outras raízes” (Glissant, 2005, p. 27). O escritor, aplicando a imagem ao princípio da identidade, faz uma analogia do pensamento da raiz única; que busca profundidade e que mata à sua volta; com o pensamento do rizoma, como raiz que vai ao encontro de outras. Uma questão importante que se apresenta é, segundo o teórico, a da diluição da identidade; de como se abrir ao outro sem se deixar a si mesmo. Na sua visão, a ideia da identidade rizoma não é contraditória à concepção de identidade e singularidade. Para se viver o que ele denomina esse caos mundo (o qual não mais permite o universal generalizante) composto por repulsões, atrações e choques entre as culturas dos povos nessa totalidade-mundo, é preciso comungar com a ideia de relação e não de exclusão. Do contrário, não há possibilidade de mudança se houver a permanência de uma identidade fixa e única.

Como resultado das várias lutas que os *mestizos* e os próprios indígenas, explorados pelos colonizadores europeus, travaram para se tornarem independentes da Espanha, no século XIX (1824), houve a fundação da República do México, apoiados prontamente pelos Estados Unidos, que se aproveitaram das fragilidades dos mexicanos em relação ao seu próprio governo, caracterizadas pelas divergências político-ideológicas, pela instabilidade financeira interna e pela economia empobrecida, para os munirem com seu apoio inicial, visando a tomada desse território no futuro como parte do seu projeto imperialista de expansão territorial. O interesse dos estadunidenses em dar suporte à independência dessas colônias espanholas decorria diretamente de seu objetivo de retirar o domínio político e econômico dos europeus sobre o continente americano, garantindo, assim, a hegemonia de suas exportações para essas colônias em relação aos seus rivais ingleses e, ao mesmo tempo, seu avanço sobre essas terras. As relações diplomáticas estabelecidas com o México, então, evidenciavam a preocupação dos Estados Unidos em evitar uma recolonização espanhola.

O avanço da fronteira em todas as direções, preconizado pelos Estados Unidos, contava com os fatores de influência e poder propícios que possuíam, dentre os quais sua independência precoce no continente (século XVIII) e seu progressivo desenvolvimento socioeconômico. Além disso, como colocado por Frederick Turner (1921), os estadunidenses possuíam uma forma muito peculiar de adaptação às mudanças decorrentes de sua expansão, sendo bem-sucedidos em tudo a que se propunham e contribuindo para o desenvolvimento

econômico das regiões e dos povos que encontravam pela frente. Porém, podemos afirmar que o preço era alto, às custas do domínio sociopolítico e econômico dos povos e dos territórios que os Estados Unidos ocupavam.

Muito antes da independência do México em relação à Espanha (1824), suas terras na região do Texas já haviam sido abertas pelo governo espanhol aos anglos e conseqüentemente, ao seu projeto de expansão territorial, visando o aumento da população nessa área pouco povoada. Ainda em 1821, conforme esclarecido por Lars Schoultz (2000), a concessão da colonização anglo-saxônica do Texas ao explorador Moses Austin foi aprovada pelo comandante espanhol das províncias do vice-reinado da Nova Espanha. Com o passar do tempo, no entanto, o então governo mexicano, observando o maior número de colonos estadunidenses que hispano-americanos e a progressiva perda de controle desse território para esses colonos, começou a implantar medidas autoritárias que visavam a colonização e a “mexicanização” dos brancos e tejanos (mestiços de origem hispânica provenientes da região do Texas), traduzidas, entre outras, na tentativa de imposição do catolicismo e do espanhol como língua oficial, além da gratificação em forma do concedimento de terras legais para aqueles que casassem com mexicanos, o que não foi acatado completamente pelos texanos, que já se encontravam muito mais ligados ao sul dos Estados Unidos que ao governo mexicano. Em meados do século XIX, o que podia ser evidenciado, assim, era a formação de muitas repúblicas latino-americanas, como o México, ainda muito fragmentadas e inexperientes, em processo de conflitos que as tornavam ainda mais enfraquecidas, sem controle do seu poder e suscetíveis à dominação dos mais poderosos.

1.1.2 A Batalha do Álamo: Texanos vs. Mexicanos

A famosa Batalha do Álamo (março de 1836), envolvendo texanos e mexicanos, foi consequência da insatisfação entre esses dois grupos, e teve sua origem no descontentamento dos texanos em relação às restrições e às altas taxas de imigração que passaram a ser cobradas a eles nessa região pelo governo mexicano, representado pelo ditador Antônio Lopes de Santa Anna. Firmes na crença de que o Texas deveria ser americanizado, os texanos elaboraram uma petição requerendo a separação do Texas como um estado independente do México, o que deflagrou várias pequenas lutas que culminaram na tomada e queda do forte do Álamo (ex-missão fundada pelos espanhóis no início do século XVIII) pelas tropas mexicanas na cidade de Santo Antônio, no Texas. Esse fato, apesar de ter representado a vitória do governo mexicano, fomentou ainda mais a resistência dos texanos e sua aspiração em se tornarem

independentes do México. Mais tarde, após outras batalhas preliminares e muita resistência, os texanos venceram os mexicanos de forma surpreendente na Batalha de San Jacinto (abril de 1836), vingando-se da queda do Álamo e declarando independência, a qual teve que ser reconhecida por Santa Anna em troca de sua liberdade. Além da cultura anglo-saxônica predominante, os texanos trouxeram com eles a escravidão para o Texas. Como efeito dos conflitos, os tejanos passaram a se sentir estrangeiros nas próprias terras em que habitavam.

Ainda sobre a batalha do Álamo (1836), Sylvia Ann Grider (1997) pontua que, por mais que os texanos tenham sido derrotados e que ela seja apenas uma das várias que fizeram parte da Revolução do Texas, o forte do Álamo e os principais líderes estadunidenses, entre eles, David Crockett, Jim Bowie e William Travis, que lutaram até a morte pela causa dos texanos, transformaram-se em um símbolo lendário tão vívido que ecoa fortemente até os dias atuais na representação dos valores de liberdade, autossacrifício e construção da identidade da nação estadunidense.

1.1.3 A Guerra Mexicana-Americana e o Tratado de Guadalupe-Hidalgo

Mesmo após a independência do Texas, que permaneceu como República por quase uma década (Tota, 2013), os conflitos entre os Estados Unidos e México não cessaram, devido à disputa por questões de fronteira. A anexação do Texas pelos Estados Unidos, que veio a acontecer em 1845, tornou-se vital para os estadunidenses sulistas, uma vez que, se o Texas continuasse como República independente, os Estados Unidos vislumbravam a ameaça do domínio da liberal Grã-Bretanha sobre o Texas e a possibilidade do fim do regime escravagista na região sul, a qual, a propósito, já vinha também dividindo a opinião dos estadunidenses que se encontravam no poder. Schoultz (2000) elucida que os Estados Unidos acreditavam que possuíam a missão, traduzida no que eles denominavam “Destino Manifesto” (Schoultz, 2000, p. 42), de civilizar os outros territórios habitados pelos povos considerados inferiores a eles, “bárbaros e desprovidos de cultura”, sendo essa manifestação nacionalista utilizada, então, em prol da política expansionista, para justificar não só a anexação do território mexicano, mas também de outros. Tota (2013) reitera que essa concepção trazida pelos estadunidenses de civilizar de forma cristã os povos inferiores configurou-se como um forte componente aliado religioso no qual eles se apoiaram, levando a eles próprios, e tentando convencer os países mais fracos a acreditarem que, pelos Estados Unidos serem mais fortes, deveriam civilizar e mostrar o caminho “verdadeiro” aos inferiores:

Na primeira metade do século XIX, fortalecia-se a ideia de que os povos americanos eram um povo eleito com uma missão a cumprir. E tão forte quanto a ideia de construir a história a partir do zero, era a do “Destino Manifesto”, concepção nacionalista que se apoiava na ideia do Direito Natural, concedido pela divina providência àquele país, de tomar para si a parte continental da América do Norte (Junqueira, 2001 *apud* Tota, 2013, p. 106).

Essa ideologia estratégica dos Estados Unidos, de semeador da felicidade dos outros povos, surgida no século XIX, foi florescendo e se alastrando, corroborada também pelo argumento forte e constante de que era preciso proteger as nações latino-americanas do domínio da Inglaterra. O Destino Manifesto, então, teve como grande aliada a Doutrina Monroe, que emergiu durante a vigência do mandato do presidente estadunidense James Monroe, em 1823, trazendo o slogan “América para os americanos” e que teve como objetivo proibir a interferência da Europa nos países da América, temendo uma recolonização europeia no continente. Esses fatos, porém, acabaram contribuindo para estruturar e firmar o poderio estadunidense e, por meio de seu expansionismo, moldar o que mais tarde resultou no imperialismo dos Estados Unidos sobre os países da América Latina. Desse modo, na tentativa de “proteger” os países americanos de uma nova colonização europeia, os estadunidenses acabaram reproduzindo um domínio similar sobre esses países. Ainda sobre a Doutrina Monroe, Schilling (2002, p. 20) aponta que: “[...] ela passou a ser utilizada, especialmente a partir da administração de Theodore Roosevelt, como afirmação da hegemonia norte-americana sobre o resto do hemisfério”.

A grande questão na época, porém, residia em o México aceitar a anexação do Texas pelos Estados Unidos, além de esses últimos também pretenderem convencer os mexicanos a lhes cederem mais território. A fixação da fronteira pregada pelos estadunidenses ia progressivamente muito além do Texas, abrangendo mais da metade do atual Novo México e o Colorado, com intenções de dominar outras áreas que pertenciam ao norte mexicano.

Tendo vistas as recusas constantes dos mexicanos, os Estados Unidos acabaram constatando a iminência de uma guerra certa entre eles, que estourou em abril de 1846, após a ocupação das terras em litígio pelos estadunidenses e o contra-ataque das tropas mexicanas a um dos seus destacamentos ao norte do rio Bravo³¹. Isso serviu para que a exacerbação do projeto expansionista estadunidense se tornasse ainda mais contundente, com a desculpa da luta pela busca da defesa e dos direitos desse país, que possuía a “missão” de conquista e

³¹ O rio Grande, também chamado de rio Grande del Norte, é um dos maiores rios da América do Norte. A porção sul do rio faz parte da fronteira entre o México e os Estados Unidos. No México, o rio é chamado de rio Bravo, ou Bravo del Norte. <https://escola.britannica.com.br/artigo/rio-Grande/482373>. Acesso em: 12 out. 2020.

civilização das terras. Podemos afirmar que a guerra Mexicana-Americana teve como pano de fundo a questão escravagista, tendo os estadunidenses escravocratas sido motivados pelo interesse no domínio de mais terras ao sul do seu país. Após várias vitórias militares, os estadunidenses passaram a oferecer mais verbas com mínimo valor ao México, a fim de quitar o pagamento de um território mais extenso do qual os mexicanos teriam forçosamente que abrir mão. Sob a permissão do congresso e do presidente James Polk (1845-49), no poder nessa época, a Cidade do México foi tomada pelo General Winfield Scott, representando os estadunidenses. A guerra travada entre México e Estados Unidos trouxe consequências muito negativas não só a curto prazo, principalmente para os mexicanos, que tiveram seu exército derrotado e seu povo muito humilhado, mas também a longo prazo, nas relações futuras entre esses dois países.

É relevante sublinhar, contudo, que os Estados Unidos estavam divididos quanto à anexação de parte do território mexicano. Em linhas gerais, por um lado, havia alguns governantes com seus ideais expansionistas; por outro, os abolicionistas do congresso, que não aderiam positivamente à anexação do norte do México, alegando que esse fato iria colaborar com a situação escravagista do sul do país; além do mais, havia os que argumentavam que a posse dessas terras traria com elas um povo diferente dos brancos, de caráter, hábitos e cultura inferiores a eles, os mexicanos. Apesar da existência de pontos diversos dentro desses grupos, o que pode ser observado quase como unanimidade entre os estadunidenses era o desejo de adquirir as terras sem a presença dos mexicanos nelas; uma situação ideal na qual a raça branca não se misturaria com esses povos; o que, porém, não correspondia à realidade. Schoultz (2000) pontua que, desde o século XVIII, existe um estigma internalizado no imaginário dos estadunidenses, que faz parte de uma poderosa estrutura mental desenvolvida por eles em relação aos povos da América Latina e sua cultura:

[...] há uma crença arraigada de que os latino-americanos constituem um ramo inferior da espécie humana. [...] A crença na inferioridade latino-americana é o núcleo essencial da política dos Estados Unidos em relação à América Latina, porque ela determina os passos precisos que os Estados Unidos assumem para proteger seus interesses na região (Schoultz, 2000, p. 13).

É preciso complementar que essa visão superior desenvolvida pelos estadunidenses, de não se misturarem a outras raças, não foi apenas em relação aos latino-americanos. Tota (2013) sustenta que a forma encontrada por eles para escancarar sua identidade foi por meio

de compararem-se a outras culturas e “constatarem” que eram superiores a elas: “Foi assim que se forjou a identidade americana” (Tota, 2013, p. 57).

Em abril de 1847, os Estados Unidos, vislumbrando as vantagens de adquirirem as áreas específicas do México que os interessariam política e economicamente, iniciaram as negociações para um tratado de paz definitivo com os mexicanos. Os estadunidenses, assim, fizeram a proposta da anexação das terras pretendidas por um mínimo custo, com o cuidado de não anexar todo o México e, conseqüentemente, não “contaminar” sua nação com os povos que habitavam esse território. Pelo Tratado de Guadalupe-Hidalgo, então, assinado em dois de fevereiro de 1848, quase 1,4 milhões de metros quadrados, que incluíam os atuais estados Arizona, Nevada, Califórnia, Utah, Novo México, Colorado e parte do Wyoming, foram cedidos pelo México aos Estados Unidos, na quantia de 15 milhões de dólares, passando o rio Grande a ser a fronteira reconhecida pelo México, estendendo-se do Texas à Califórnia (Tota, 2013). As condições internas fracassadas e as turbulências políticas pelas quais o governo mexicano passava forçaram-no a aceitar o acordo. Esse acontecimento marcou, como asseverado por Gloria Anzaldúa (1999), o nascimento da fronteira não somente física, mas ideológica, que passou a dividir o povo mexicano.

Assim, esse Tratado significou não só a perda do território nacional dos mexicanos para os Estados Unidos, mas também uma nova definição da identidade desses cidadãos (entre a mexicana e a estadunidense) que permaneceram nas regiões correspondentes ao Novo México, Arizona, Califórnia, Nevada, Utah, metade do Colorado e parte do Texas, as quais, de um dia para o outro, se tornaram geográfica e culturalmente estadunidenses. De acordo com as postulações do Tratado, os mexicanos poderiam permanecer nessas terras ou disporem delas, se quisessem sair das áreas que haviam se tornado estadunidenses. Aqueles que optassem por permanecer tinham a opção de manter sua cidadania mexicana ou adquirir a estadunidense, contanto que informassem às autoridades estadunidenses sobre o fato. Muitos mexicanos que residiam na fronteira e se encontravam esgotados pelos constantes conflitos provenientes da corrupção e tirania do governo mexicano acreditaram esperançosamente que teriam melhores oportunidades sob o domínio dos estadunidenses. Porém, o que evidenciaram foi que, apesar de considerados “cidadãos americanos”, passaram a ser colonizados internamente, dentro do que antes era considerado seu próprio país.

O que ocorreu de fato foi que a garantia de cidadania e proteção das terras, teorizada como promessa no Tratado de 1848 pelos Estados Unidos, não foi cumprida. Conforme relatado por Valdez e Steiner:

Cedendo totalmente metade do território nacional do México para os Estados Unidos, eles (os mexicanos) estavam preocupados com os 75.000 cidadãos mexicanos que estavam para serem absorvidos em um país estrangeiro. [...] Eles pediam garantias de que as famílias mexicanas não perderiam suas terras ancestrais, de que os direitos culturais e civis seriam respeitados. Mas os Estados Unidos, ainda excitados com sua grande primeira aventura imperialista, não estavam prontos para garantirem nada (Valdez; Steiner, 1972, p. 25).³²

Outro ponto a ser destacado é que outros muitos preceitos pontuados pelo Tratado também não foram cumpridos e vários foram modificados, como as delimitações limítrofes que acabaram apresentando diversas falhas na prática, além de outros interesses relacionados ao ganho de terras que trariam possíveis vantagens para os Estados Unidos. Um novo tratado também foi acordado em 1853 e retificado em maio de 1854 (Tratado de La Mesilla), acerca da delimitação das fronteiras finais de posseção de terras pelos estadunidenses. Como fechamento, uma fronteira de mais de três mil quilômetros ficou estabelecida, por terras, do Pacífico até El Paso-Ciudad Juárez, e, fluvialmente, desde essas cidades até o Golfo do México; configurando uma zona periférica onde uma variedade de acontecimentos, dos mais violentos aos românticos, passaram a ter lugar (Miramontes, 1981).

1.1.4 A situação dos Mexicanos pós-Tratado Guadalupe-Hidalgo e o sentimento do “Tesouro nacional perdido”

Após o Tratado, os *mestizos*, que já eram humilhados pelos brancos desde a colonização espanhola, apesar de constituírem a maioria nessas terras, passaram a ser ainda mais estereotipados como perdedores e covardes, principalmente depois da Revolução Mexicana, ocorrida a partir de 1910, que também teve um desfecho de derrota para aqueles que lutavam a favor da causa. Apenas a título de uma breve menção, essa revolução teve suas raízes na luta dos camponeses, indígenas e operários contra a hegemonia da oligarquia, o sistema latifundiário e a desigualdade gerada pelo sistema capitalista no México. Considerada a primeira revolução social da América Latina no século XX, ela foi responsável por muitas mudanças econômicas, sociopolíticas e culturais, que transformaram, a longo prazo, as

³² No original: “*Ceding fully half of the national territory of Mexico to the United States, they were concerned about the 75,000 Mexican citizens about to be absorbed into an alien country. [...] They asked for guarantees that Mexican families would not lose their ancestral lands, that civil and cultural rights would be respected. But the United States, still hot from its first major imperialistic venture, was not ready to guarantee anything*”.

condições de vida dos mexicanos para melhor, reconfigurando as classes sociais, promovendo a educação laica e a industrialização do país, além de outras mudanças significativas, mesmo tendo seus representantes, no final, sucumbido ao poder da burguesia e a causa camponesa caído por terra. Esses conflitos internos no México, como já mencionado, endossaram ainda mais a visão negativa dos estadunidenses em relação aos mexicanos.

Na verdade, desde 1880, segundo Ernesto Galarza (*apud* Valdez; Steiner, 1972), milhares de mexicanos começaram a migrar para os Estados Unidos, na tentativa de fugir do feudalismo mexicano e da exploração latifundiária a que eram submetidos. Atraídos pelos trabalhos que requeriam mão de obra barata no centro-oeste e sudoeste estadunidense, eles passaram a enfrentar, desde então, muita hostilidade e preconceito por parte das organizações nacionais patrióticas, que temiam revoluções dos mestiços em seu território.

Retomando as implicações do Tratado de Guadalupe-Hidalgo (1848), vários conflitos também decorreram da delimitação das fronteiras impostas, os quais levaram muitas famílias mexicanas, que habitavam as regiões conquistadas pelos estadunidenses, a se questionarem se continuavam sob o governo mexicano ou se deveriam obedecer aos postulados dos Estados Unidos. Muitos mexicanos, desse modo, além de terem sido relegados a uma posição desvantajosa, começaram a experimentar uma vida humilhante, sofrendo a opressão de classe, raça/etnia e gênero, e mendigando um território que havia pertencido originalmente a eles:

O que realmente se sucedeu após a conclusão do tratado é notavelmente o mesmo que aconteceu com os índios americanos. Terras e propriedades foram roubadas, direitos negados, língua e cultura suprimidas, oportunidades de emprego, educação e representação política foram cerceadas (Rendón, 2013, pos. 1254).³³

Essas condições acabaram afetando e minando diretamente essas subjetividades, que, a partir daí, tornaram-se divididas entre duas nacionalidades, a mexicana e a estadunidense. De acordo com Anzaldúa (1999), cerca de cem mil cidadãos mexicanos e suas famílias desestruturadas permaneceram do lado anexado, tomado pelo poder e a superioridade branca, que, por sua vez, impuseram suas leis e seu ódio racial. Esse “novo” povo, órfão de sua própria voz e país, começou também, então, a adquirir um sentimento crescente de forte oposição às instituições estadunidenses.

³³ No original: “*What actually ensued after the conclusion of the treaty is remarkably the same as what happened to the American Indians. Lands and property were stolen, rights were denied, language and culture suppressed, opportunities for employment, education, and political representation were thwarted*”.

O que era temido pelos estadunidenses, ou seja, a existência de um povo com a cultura e os costumes diferentes e “inferiores” à sua raça dentro do território oficialmente pertencente aos Estados Unidos, acabou ocorrendo com a presença dos mexicanos nessas terras, e teve consequências que ressoaram e ressoam até a atualidade na constituição da cultura e dos povos desses dois países. Tanto os milhares de mexicanos migrantes, que visualizavam os Estados Unidos como uma terra de oportunidades devido às condições precárias de seu país de origem, quanto seus descendentes nascidos no território estadunidense, passaram a se sentir como “convidados” nesse território; convidados que aceitam o que os donos da casa têm para lhe oferecerem; mesmo que isso representasse o mínimo suficiente para sobreviverem.

Dessa maneira, marcados pelos constantes deslocamentos decorrentes das suas imigrações e da situação econômica e política que lhes foi imposta, esse povo “diferente” dos estadunidenses, os chicanos(as)/mexicano-estadunidenses, desde o início, caracterizaram-se pela sua condição deslocada e subalterna, tentando a todo custo recuperar sua voz e espaço dentro da sociedade dominante estadunidense, assinalada pela diversidade cultural. Eles foram relegados à margem da cultura dominante e considerados minoria nesse território, ocorrendo, assim, o apagamento e silenciamento da participação deles ao longo do processo de construção oficial da nação estadunidense. Como sustentado por Sonia Torres (2001), os estadunidenses utilizaram-se de estratégias baseadas em uma ideologia de homogeneidade cultural americana, com o objetivo de apagar a memória nacional dos chicanos dentro desse espaço nacional. A partir de então, as manifestações culturais chicanas passaram a ser consideradas subculturas. O discurso colonial os reduziu a um papel de minoria homogênea, alavancando um desprezo pela tradição mexicana que se tornou uma constante ameaça de “retorno desses reprimidos na paisagem americana” (Torres, 2001, p. 21). Em “*A Dream Called Home*” (2018), Reyna Grande relata o processo doloroso de ter que (re)aprender a falar, a ler e a escrever em uma língua que não era a dela. Em seu encontro com um latino, Alfredo, na Universidade na Califórnia, Reyna descreve como se identificou com o sentimento que sentia de apagamento de sua cultura mexicana:

Além disso, o que eu falaria para Alfredo? Ele não acreditaria em mim mesmo se eu dissesse a ele. Minha vida até agora havia sido uma telenovela mexicana. Eu não tinha sido chutada na cabeça com botas de biqueira de aço, mas como ele, eu teria também que aprender como ler e escrever e falar tudo

novamente - em uma língua que não era a minha própria (Grande, 2018, p. 17)³⁴.

Lucha Corpi também expõe o preconceito dos estadunidenses em relação aos imigrantes latino-americanos, em geral, estereotipados como preguiçosos e forçados a apagarem suas tradições culturais e a entrarem no ritmo imposto pela cultura dos brancos: "Alguns dos imigrantes recém-chegados vieram com nomes nunca antes ouvidos nos Estados Unidos e se sentiram pressionados a mudarem seus nomes dados para nomes anglo-americanos" (Corpi, 2014, pos. 2564)³⁵.

O sentimento do “tesouro territorial perdido” ficou presente em cada mexicano e, em contrapartida, a denominação dada a essa tentativa de retorno ao espaço territorial que antes lhes pertencia é até hoje nomeada “invasão silenciosa” pelos estadunidenses. São diversas as condições a que os mexicanos se dispuseram e se dispõem no intuito de atravessar a fronteira México-Estados Unidos; muitos, ilegalmente via rio Grande, *os mojados* (os molhados), que fazem a tentativa da travessia rezando para a Virgem de Guadalupe e, quando pegos, são algemados, presos em carros e jogados de volta através da fronteira, sendo esse ritual praticado de forma frequente mais que duas vezes no mesmo dia. Outros, quando conseguem atravessar de modo ilegal, permanecem à mercê de ladrões e contrabandistas no lado estadunidense. E há ainda aqueles que, quando conseguem entrar legalmente, não deixam de enfrentar as condições de um racismo enraizado nos *barrios* (bairros) chicanos das cidades estadunidenses, como Chicago. Esperanza, a protagonista de Cisneros, relata em uma das vinhetas de “*Mango*”, intitulada “*Those who don't!*”, como o gueto em Chicago, onde ela e outros chicanos e descendentes de latinos residem, é visto pelos brancos, que, em suas palavras “não conhecem os homens de cor³⁶ de verdade”:

Eles acham que nós somos perigosos. Eles acreditam que nós os atacaremos com facas brilhantes. Eles são pessoas estúpidas que estão perdidas e chegaram aqui por acaso. [...] Todos de cor por todo lado, nós estamos seguros. Mas olhem-nos dirigindo pela vizinhança de outros de uma outra cor e nossos joelhos se agitam e as janelas de nossos carros são firmemente

³⁴ No original: “*Besides, what would I say to Alfredo? He wouldn't believe me even if I did tell him. My life until now had been a Mexican telenovela. I didn't get kicked in the head with steel-toed boots, but like him, I'd also had to learn how to read and write and speak all over again- in a language that wasn't my own*”.

³⁵ No original: “*Some of the newly arrived immigrants came with names unheard of before in the United States and felt pressured to change their given names to Anglo-American names*”.

³⁶ Nesta tese optamos por utilizar a tradução literal “homens de cor”, “mulheres de cor”, mesmo sabendo que esse termo não é usual em português, a fim de respeitarmos a concepção pontuada pelos autores citados.

suspensas e nossos olhos se estreitam. Sim. É assim que funciona (Cisneros, 1991, p. 28)³⁷.

A visão preconceituosa em relação a alguns bairros das grandes cidades estadunidenses, da mesma forma, é descrita pela protagonista Rocío Esquibel, em *“The Last of the Menu Girls”*, ao mencionar a localização da casa do compadre de sua família, Regino Suárez, na seguinte passagem:

Regino Suárez e sua família moravam perto do Velho Viaduto, no topo de um pequeno monte que negligenciava parte da Rua Principal, um lado que nos anos posteriores tornaria-se o Complexo do Departamento de Polícia. No outono daquele ano em particular, a casa de Regino ficava diagonalmente oposta de frente à Rua Algodones, a qual mais distante no sentido sul levava a uma parte da cidade chamada Pequena Oklahoma por alguns residentes locais particulares e vociferadores que consideravam a área do viaduto um pouco mais do que uma faixa de andares de segunda mão em condições precárias, mercados de pulgas, e pequenos moteis de reputação duvidosa. [...] Nas mentes dos cidadãos, esse novo sul manchado significava mulheres esqueléticas, atormentadas com crianças catarrentas chorando e homens corpulentos, monossilábicos, que haviam trabalhado em plataformas de petróleo no passado e agora dirigiam caminhões (Chávez, 2004, p. 66)³⁸.

Em relação aos chicanos nascidos no território estadunidense, podemos ponderar que constituem um grupo heterogêneo; dos mais pobres aos remediados. Vários deles, por meio de muitas lutas, já conseguiram ganhos como o acesso às universidades e aos seus departamentos, a não segregação de escolas para si, a conquista de direitos civis e sociopolíticos, dentre outros. O que podemos afirmar, também, é que houve, por volta da metade do século XX, a emergência de uma classe média chicana, que geralmente não aceita a denominação de “chicanos(as)”. Esse grupo representa um segmento que aderiu às políticas de assimilação estadunidenses, as quais promoviam a imagem do “mexicano-americano” como um grupo étnico branco. Esses cidadãos pertencentes à classe média recusam, assim, a

³⁷ No original: *“They think we're dangerous. They think we will attack them with shiny knives. They are stupid people who are lost and got here by mistake. [...] All brown all around, we are safe. But watch us drive into a neighborhood of another color and our knees go shakity-shake and our car windows get rolled up tight and our eyes look straight. Yeah. That is how it goes and goes”*.

³⁸ No original: *“Regino Suárez and his family lived near the Old Viaduct, atop a small hill that overlooked part of Main Street, a site that in later years became the Police Department Complex. In the fall of that particular year, Regino's house faced out catty-corner to Algodones Street, which farther South led into the part of town called Little Oklahoma by certain particular and vociferous local residents who deemed the viaduct area little more than a strip of run-down secondhand stores, flea markets, and small motels of dubious reputation. [...] In the minds of the citizenry, this new tarnished south meant gaunt, harried women with crying, mucus-crusted children and burly, monosyllabic men who had formerly worked on oil rigs and now drove trucks”*.

serem categorizados como chicanos (as) e acreditam que, com isso, podem minimizar o racismo e alcançar direitos iguais aos brancos.

No que diz respeito ao termo fronteira, ele é utilizado para expressar o entre-lugar ocupado pelos povos mexicano-estadunidenses, tanto física como metaforicamente. É importante enfatizar que esse sentido de lugar fronteiro é compartilhado não somente por aqueles que residem na fronteira física, mas por todos esses povos considerados descendentes de mexicanos. Essa fronteira física entre México e Estados Unidos, de aproximadamente 3141 km, a décima maior contínua do mundo, reflete a dualidade e a discrepância entre esses dois países, que apresentam origem e desenvolvimento socioeconômico muito diferentes um do outro. De um lado temos uma potência socioeconômica com uma história bem-sucedida desde suas raízes; por outro, um país que teve uma colonização de exploração e ainda em desenvolvimento econômico e social (Naddi; Beluci, 2014).

De acordo com a Organização Panamericana de Saúde (2012), a zona fronteira é formada pelos territórios que se estendem 100 km para o norte (Estados Unidos) e 100 km para o sul (México), comportando 48 condados em quatro estados estadunidenses e 94 municípios em seis estados mexicanos, com 15 cidades gêmeas e uma população de cerca de 14,94 milhões de pessoas nesses 100 km de cada lado. Aproximadamente 7,5 milhões de pessoas vivem no México e 7,44 milhões nos Estados Unidos.

A concepção de fronteira, postulada por Sandra Pesavento (2001 *apud* Hanciau, 2005), afirma que se trata de um lugar do encerramento de um território, com múltiplos sentidos de pertencimento, onde é construído simbolicamente um conceito de identidade e pertencimento marcados pelas diferenças dos povos e suas relações de alteridade. Na atualidade, no entanto, como já previamente falado, coloca-se a questão do afloramento de uma nova temporalidade representada pelo mundo globalizado, no qual ocorrem o apagamento das fronteiras e as “questões identitárias” se mostram cada vez mais em evidência, ratificadas crescentemente pelas identidades híbridas que transitam como uma terceira instância em um ir e vir contínuo. Hanciau (2005) também sustenta que a porosidade e a flexibilidade das fronteiras é o que as faz ao mesmo tempo reais e imaginárias, difíceis de serem apreendidas, levando ao pensamento de que são um lugar inacabado, em constante reconstrução, de onde decorre “a complexidade deste estado/espço e desta temporalidade” (Hanciau, 2005, p. 133).

É preciso enfatizar, pois, como já exposto, que a fronteira física trouxe também uma barreira ideológica entre esses dois países, resultante da anexação de parte do território mexicano pelos Estados Unidos e das dissonâncias históricas, culturais e socioeconômicas

entre os povos brancos e os *mestizos*. Podemos reafirmar que muitos mexicanos são inferiorizados e estereotipados pelo racismo estadunidense, vivendo como estrangeiros em várias partes dos Estados Unidos; em grande número imigrantes homens de classe baixa, que deixam os membros de sua família no outro lado da fronteira. Essas famílias passam a ser chamadas de transnacionais. Em “*The House on Mango Street*”, Cisneros ilustra, por meio das palavras irônicas de um relato de sua protagonista Esperanza, como era a realidade da situação de alguns homens chicanos e como eram vistos pela sociedade dominante:

Ela o encontrou em uma dança. Geraldo em sua camisa brilhante e calças verdes. Geraldo indo para uma dança. O que isso importava? Eles nunca viram as kitchenettes. Eles nunca souberam dos apartamentos de dois quartos e dos dormitórios que ele alugou, as ordens do dinheiro semanal enviado para sua casa, a troca de moeda. Como eles poderiam saber? Seu nome era Geraldo. E sua casa está em um outro país. Aqueles que ele deixou para trás estão muito distantes, imaginarão, darão de ombros, lembrarão. Geraldo - ele foi para o norte... nós nunca mais ouvimos falar sobre ele novamente (Cisneros, 1991, p. 66)³⁹.

Grande também deixa bem explicitado esse sentimento de “*outcast*” (“exilado”), de a fronteira constituir algo muito presente em seu caminho e no de sua família, desde o dia em que o pai tomou a decisão de emigrar por razões econômicas, tendo havido uma mudança drástica na vida deles, nunca mais voltando a ser os mesmos depois de atravessarem a fronteira:

Um terceiro país. Não México, não Estados Unidos, mas o hífen entre mexicanos e americanos. Não meu pai, não minha mãe, mas a soma dos seus genes que era maior que suas partes. [...] O terceiro país estava dentro de mim. Eu era um produto da fusão daqueles dois mundos, duas pessoas, duas línguas. Meu coração era uma ferida aberta, a ferida aberta (Grande, 2018, p. 98)⁴⁰.

Também podem ser observadas famílias mexicanas migrantes em busca de trabalhos de baixa remuneração com a participação cada vez mais expressiva das mulheres mexicanas complementando a economia estadunidense. Podemos afirmar que essas mulheres, por

³⁹ No original: “*She met him at a dance. Geraldo in his shiny shirt and green pants. Geraldo going to a dance. What does it matter? They never saw the kitchenettes. They never knew about the two-room flats and sleeping rooms he rented, the weekly money orders sent home, the currency exchange. How could they? His name was Geraldo. And his home is in another country. The ones he left behind are far away, will wonder, shrug, remember. Geraldo-he went north ... we never heard from him again*”.

⁴⁰ No original: “*A third country. Not Mexico, not the US., but the hyphen between Mexican and American. Not my father, not my mother, but the sum of their genes that was greater than their parts. [...] The third country was inside me. I was a product of the merging of those two worlds, two people, two languages. My heart was the open wound, la herida abierta*”.

exemplo, fazem parte do que Spivak esclarece como “a nova diáspora”, a qual tem se desenvolvido a partir do contexto da transnacionalidade: as mulheres latinas migrantes, no caso, são colocadas em desvantagem pela agenda transnacional celebrada pelo Estado, na qual as barreiras entre o sistema neoliberal e as economias fragilizadas (de onde essas mulheres se originam) são derrubadas, ocorrendo a perda de direitos civis e a impossibilidade de uma distribuição social mais igualitária. O constante deslocamento dessas mulheres e de outros migrantes, assim, é resultante da necessidade de sua sobrevivência financeira, sendo na maioria das vezes improvável o retorno redentor dos migrantes à terra natal: “A Patrulha da Fronteira dos Estados Unidos mantém os migrantes ilegais na fronteira mexicana. O estado pode fazer uso do seu trabalho, mas deve mantê-los fora da sociedade civil”⁴¹ (Spivak, 1996, p. 250).

O preconceito em relação à cultura mexicana é muito evidenciado principalmente em épocas de crise econômica dos estadunidenses, quando adotam de forma mais veemente suas políticas de intolerância e anti-imigração, alegando que os mexicanos estão tomando o lugar dos brancos no mercado de trabalho.

No entanto, nas zonas fronteiriças, Naddi e Beluci (2014) elucidam que, em pleno século XXI, essa fronteira ideológica não se apresenta tão acentuada, uma vez que nessas zonas tem se firmado cada vez mais um crescimento das constantes negociações e uma maior incorporação e troca dos elementos culturais tanto do lado mexicano quanto do estadunidense. Nas cidades fronteiriças do sul dos Estados Unidos, desde o Tratado, tem havido um crescimento constante expressivo da população mexicana-estadunidense, resultante das migrações, com indicadores socioeconômicos mais elevados do lado estadunidense do que do lado mexicano da fronteira.

De uma forma geral, na contemporaneidade, apesar de as conexões sociais estabelecidas pela fronteira ainda se apresentarem travadas em muitas regiões, com o distanciamento e preocupação dos Estados Unidos em relação à sua economia e segurança nacional, em tempos de globalização, o que se tem testemunhado é uma integração econômica representada por uma maior abertura aos bens e mercadorias, evidenciando algumas mudanças nas concepções geográfico-políticas na atualidade. A fronteira, dessa forma, constituiu e tem constituído uma região onde ocorrem constantes relações de convergências e de divergências, caracterizada por uma heterogeneidade de aspectos culturais e socioeconômicos, que refletem as relações de poder em andamento (Rincones, 2004).

⁴¹ No original: “*the US Border Patrol keeps the illegal migrants on the Mexican border. The state can use their labour but must keep them out of civil society*”.

1.2 CARACTERIZAÇÃO DOS CHICANOS

Uma gama de termos diferentes é utilizada para identificar a ancestralidade mexicana na população mexicana-estadunidense, marcada de forma predominante pela heterogeneidade. O termo “chicano” apresenta um significado político que se refere à realidade que circunda esses povos, já que foi originalmente considerado pejorativo, referindo-se a todos os mexicanos ou pessoas com ascendência mexicana vivendo nos Estados Unidos da América. Com o desenrolar dos fatos, porém, ele foi adquirindo concepções diferentes, a fim de atender a luta desse povo.

1.2.1 As implicações em torno dos termos “mexicano-americano” e “chicano”

Em relação à denominação, como colocado por Rudolfo Acuña (2014), os chicanos/mexicano-americanos são uma categoria difícil de definir, a começar que os mesmos não concordam com as denominações acerca de si próprios. Foram considerados desde o início como os pobres, não letrados, os muitos que viviam na fronteira entre os dois países, em barracos, e que, por isso, se tornaram “algo diferente e menor” (Acuña, 2014, p. 10); os “chicos”, depois “chicanos”. Valdez e Steiner (1972) traduzem a visão estigmatizada por muito tempo sobre os chicanos; “os pelados”, os despedidos e pobres, que representavam a figura cômico-trágica do infortúnio do mexicano preguiçoso dormindo sobre um cacto. Os “pelados” foram representados de várias formas na literatura, relacionados às drogas, assassinatos e às lutas contra a fome, desde figuras que demonstravam resistência aos gringos até como aculturados e vendidos para a cultura dominante. Os gringos (estadunidenses) impuseram a eles o “complexo do migrante”, de tal forma que até mesmo os chicanos nascidos nos Estados Unidos se sentissem como os recém-chegados no território que passou ao domínio dos brancos.

Posteriormente, muitos desses cidadãos começaram a fazer uso do nome “chicano”, como subversão, a fim de se autoafirmarem como grupo e reivindicarem seus direitos. Negando a visão de que o chicano é um pelado, essa subversão veio para contar a própria versão da história desse grupo, na tentativa de delinear a concepção de um novo homem e uma nova realidade para eles. Na verdade, o termo provém do movimento de base agrícola e expressão cultural denominado chicanismo, ligado ao teatro campesino (dramatização das lutas diárias dos chicanos) e ao movimento muralista (pinturas nos *barrios*, com a finalidade

de reafirmar suas experiências cotidianas em cidades mexicanas, como Los Angeles e San Diego). A adoção do termo chicano, de acordo com Carlos Muñoz Jr. (2013), foi, assim, uma maneira de refutar a ideia de assimilação/acomodação ao *melting pot*⁴² pregada pelos ideais nacionalistas dos brancos.

Outro termo adotado por vários estudiosos é o de “mexicano-americano”, mais aceito na contemporaneidade, considerado autoexplicativo em relação à condição em que esses indivíduos se encontram; divididos entre duas nacionalidades, duas línguas e culturas: “O termo mexicano-americano remete à formação bicultural e bilíngue dessa comunidade e talvez seja a mais ampla e aceita, antes e depois do Movimento Chicano” (Argüelles, 2010, p. 22)⁴³. Porém, essa denominação pode incorrer no erro de generalizar os Estados Unidos como “América” (Valdez, 1972), e, assim, aceitar a concepção branca ocidental como verdade universal. Uma nomeação já utilizada e que se encontra cada vez mais em desuso é a de “mexicano”, por carregar uma conotação negativa; como se esses povos fossem realmente estrangeiros. “*Pocho*” também foi usado pelos próprios mexicanos como uma forma de rivalidade, para se referirem aos mexicanos-americanos como inferiores. Já “*La Raza/Raza*”, segundo Arnulfo D. Trejo (1979), foi um termo popularizado pela classe trabalhadora mexicana nos Estados Unidos, anteriormente à Segunda Guerra Mundial, que se refere ao surgimento de uma nova raça cósmica na América Latina, principalmente após o trabalho literário de José Vasconcelos (1925), voltando a ser utilizada pelos grupos sociais em meados do século XX. O “americano-espanhol” ou “espanhol” para se referirem a eles têm sido utilizados de forma bem menos frequente também, desde a Segunda Guerra, devido ao fato de não expressarem o sentimento de orgulho em relação à origem indígena desse grupo. Em áreas metropolitanas estadunidenses, a saber, as denominações “hispanica” e “latino-americana” são muito usadas na contemporaneidade para se referirem às pessoas que representam os países de língua espanhola, apesar de muitos deles, como já observado em nota explicativa neste trabalho, não aceitarem essas denominações por sentirem, no caso de “hispanicos(as)”, a identidade do colonizador muito enfatizada, em detrimento da indígena, na construção das suas identidades; e, em relação a “latino-americanos(as)”, passarem a aceitar fazerem parte de um grupo homogeneizado e subalternizado pela cultura dominante.

⁴² O termo “*melting pot*” provém da ideia de um caldeirão onde os metais são derretidos em novas substâncias e daí ocorre a analogia com a concepção de assimilação das várias culturas que devem ser absorvidas na sociedade estadunidense dominante, a fim de constituírem uma nova “massa” cultural homogênea, assimilada por todos, segundo os ditames dos estadunidenses.

⁴³ No original: “*El gentilicio mexicanoamericano remite a la formación bicultural y bilingüe de esta comunidad y quizá sea la más extendida y aceptada, antes y después del Movimiento Chicano*”.

No que concerne à denominação “chicana”, apesar de refutar o modelo assimilacionista euroamericano, ela não é aceita por muitos, por considerarem que apresenta uma forte conotação nacionalista e machista (referindo-se ao comportamento geral dos homens chicanos de relegarem as mulheres chicanas à esfera doméstica e à subalternização durante o movimento pelos direitos civis dos chicanos), que se remete aos vieses do movimento chicano que ocorreu nos anos 1960, não refletindo, segundo eles, a realidade de uma sociedade pluralista. O que se torna relevante pontuarmos aqui, a valer, é que a “identidade chicana” não constitui um fenômeno estático, uma vez que esses povos se encontram em constante processo de (re)afirmação no atual mundo globalizado, permeado por contextos contraditórios. A complexidade da questão identitária para esse grupo (e outros) é algo desafiador na contemporaneidade, dadas a fluidez, as condições situacionais dessas subjetividades e a multiplicidade dos fatores relacionados a elas. O que tem sido observado na atualidade, dessa forma, é uma luta dos(as) intelectuais chicanos(as) pela busca de um termo anti-hegemônico, que reflita essa realidade configurada por grandes diferenças étnicas, raciais e sociais em que se encontram envolvidos (Salas; Valle, 2002).

Apesar das múltiplas variáveis e controvérsias que se direcionam à denominação dessas subjetividades, nesta tese optamos pelo termo chicano para nos nortearmos e referirmos a esses indivíduos nascidos nos Estados Unidos, mas que apresentam ascendência mexicana, e aos mexicanos migrantes, que vivem nos Estados Unidos (não nascidos nesse território), considerados ou não cidadãos desse país. Ao nosso ver, a denominação “chicana”, ainda que não mais aceita por vários cidadãos e pesquisadores, os quais preferem optar por “mexicanos-americanos” ou “mexicanos-estadunidenses”, para fins de nosso objetivo nesta pesquisa, é pertinente, visto que remete à história da luta pelo ganho de voz e de afirmação desses indivíduos na sociedade dominante (como iremos detalhar posteriormente), refletindo os acontecimentos vivenciados por esses povos, desde o início do movimento nos anos 1960 e o desenrolar de suas implicações até a era contemporânea. Conforme Arnulfo D. Trejo (1979) explicita,

Chicano é o único termo que foi especialmente selecionado por nós, para nós. Ele captura simbolicamente o passado histórico e sinaliza um futuro mais brilhante para o povo de Aztlán. Aztlán foi o berço dos astecas. Sua localização exata ainda não foi verificada; apesar disso, as tradições antigas têm colocado Aztlán na área englobada pelo noroeste do México e sudoeste dos Estados Unidos (Trejo, 1979, p. 17)⁴⁴.

⁴⁴ No original: “*Chicano is the only term that was especially selected by us, for us. It symbolically captures the historical past and signals a brighter future for the people of Aztlan. Aztlan was the*”

Assim, focaremos nesta concepção positiva da denominação chicana, que evidencia o orgulho desses povos em relação à sua origem asteca e ao seu berço Aztlán, como a terra prometida, que representa para eles sua origem e seu destino. Além do mais, consoante ao que Rendón (2013) também pontua sobre a concepção não racista da definição chicana, que representa a mistura do sangue e da herança de três culturas, a indígena, a espanhola e a estadunidense; esse lado positivo da denominação encontra-se afinado com as propostas de uma sociedade pluralista e inclusiva, na qual eles possam ter sua história e cultura reconhecidas, não assimilados pelo *melting pot* que insiste em homogeneizar os povos e suas diferentes culturas. O uso do termo chicano também ratifica a esperança de uma retomada promissora da luta pelos seus direitos, uma vez que incorpora a valorização da sua etnia e a importância de sua participação ativa na construção da sociedade estadunidense. Não negamos, contudo (muitas vezes quando nos remetemos à teoria estudada), a menção do termo “mexicano(a)-americano(a)” nesta tese e a propriedade da denominação “mexicano-estadunidense” na atualidade, que também, ao nosso ver, reflete de forma sensata a realidade, a ancestralidade e o pertencimento desse grupo a mais de uma nacionalidade e ao contexto multirracial atual. E por isso, muitas das vezes, lançaremos mão desses termos também no decorrer da nossa escrita.

A seguir, propomo-nos a descrever e a delinear alguns acontecimentos importantes na trajetória dos chicanos ao longo do século XX, a fim de revisitarmos sua história e compreendermos o desencadeamento de suas lutas e a relevância de algumas vitórias no cenário contemporâneo.

1.3 A JORNADA DOS CHICANOS PELO TERRITÓRIO ESTADUNIDENSE

A partir do século XIX, o número dos chicanos foi crescendo significativamente nos Estados Unidos, representado principalmente pelas figuras de trabalhadores rurais, agricultores e exploradores de minas, muitos dos quais ajudaram na abertura pioneira das minas, como no estado do Arizona. Desse modo, observamos que a peregrinação contínua desses povos espalhados pelo território, em busca de reconhecimento e qualidade de vida, se

homeland of the Aztecs. Its exact location has not yet been verified; nonetheless, ancient traditions have placed it somewhere in the area encompassed by northwestern Mexico and the southwestern United States”.

iniciou logo depois do Tratado de Guadalupe- Hidalgo (1848) e seguiu avançando pelas décadas seguintes, como veremos a seguir.

1.3.1 As condições e os acontecimentos na trajetória dos chicanos na primeira metade do século XX: Segunda Grande Guerra e Geração mexicana-americana dos anos 1950

Na virada do século XX, houve um aumento das imigrações para o território estadunidense, sendo a Revolução Mexicana (1910), como já tratada, um dos muitos fatores que influenciaram essas ondas de mexicanos migrando para os Estados Unidos (que fizeram parte do que foi chamada de “*migration generation*”, até aproximadamente antes da década de 1950), atraídos pela demanda de mão de obra barata, principalmente no meio oeste e sudoeste estadunidense. Os chicanos, em geral, aceitaram e se submeteram a diversos tipos de trabalho, foram vítimas de preconceito, discriminação por parte dos estadunidenses e precisaram ser apoiados pelo consulado para garantir sua integridade e proteção. O crescente número desses cidadãos migrando para as cidades em busca de estudos e melhores condições para seus filhos culminou com a presença de muitos deles em grandes centros, como Chicago, no século XX. Houve, então, uma mudança de atitude deles frente ao tratamento xenofóbico que vinham enfrentando e, ao invés de retornarem ao México, eles passaram a formar organizações, a fim de lutarem pelos seus direitos civis.

Foi só no ano de 1930, por exemplo, que os mexicanos foram pela primeira vez reconhecidos como uma raça pelo censo nos Estados Unidos, quando o governo implementou o *New Deal*⁴⁵ americano. Na tentativa de o governo recuperar a economia, mais e mais chicanos moveram-se do campo para as cidades; até mesmo as mulheres de origem mexicana passaram a trabalhar fora de casa, havendo um aumento de sua prole nas escolas e instituições. As latinas tiveram acesso ao conhecimento nas fábricas em que trabalhavam e, assim, passaram também a ser capazes de se organizar em sindicatos. Acuña (2014) cita mexicanas influentes, como Emma Tenayuca, Luisa Moreno e Lupe Marshall. O pensamento

⁴⁵ “O *New Deal* (do inglês, “Novo Acordo”, “Novo Trato” ou “Novo Pacto”) foi um conjunto de medidas econômicas e sociais para resolver a Crise de 1929. O plano articulou investimentos estatais e privados, reformas para adequar diversos setores da economia e estimular o consumo, reaquecendo assim a economia daquele país. O *New Deal* foi levado a cabo entre 1933 e 1937 nos Estados Unidos, com vistas a recuperar a economia estadunidense da crise de superprodução e especulação financeira ocorrida em 1929. As medidas tomadas nesse período buscaram, acima de tudo, a geração de empregos. Com isso, o governo pretendia aumentar o consumo dos trabalhadores assalariados, criando um ciclo virtuoso de desenvolvimento”. <https://www.todamateria.com.br/new-deal/>. Acesso em: 22 jan. 2020.

geral dos ativistas, dessa forma, era de que não iriam retornar ao México, mas sim lutar pelos seus direitos humanos e civis no território no qual se encontravam.

Um panorama desse período, que abrangeu as décadas de 1930 e 1940, demonstra que as escolas destinadas aos filhos dos imigrantes e dos chicanos nascidos nos Estados Unidos, que já atingiam um grande número no território, constituíam elementos de doutrinação do “*American way of life*” (“modo de vida americano”), a fim de reforçar a ideologia dominante e convencê-los da importância da assimilação à cultura estadunidense. Essas instituições educacionais, ao mesmo tempo, segregavam os chicanos e os relegavam a um ensino inferior, prezando mais pelo ensino técnico que pelo acadêmico, a fim de os levar rapidamente ao mercado de trabalho. A exploração dessa classe e sua necessidade de aumentar o salário da família fizeram com que a maioria não conseguisse atingir nem mesmo a educação elementar, com exceção de alguns mexicanos da elite e de classe média do Novo México e Texas (Muñoz Jr., 2013). Como resultado, tornava-se mais confortável para os brancos estereotipar esses trabalhadores chicanos de classe baixa como desempregados e preguiçosos, e utilizar essa fonte de mão de obra barata quando bem quisessem.

Se, por um lado, as imigrações eram defendidas pelos Estados Unidos interessados na mão de obra barata dos chicanos, visando a expansão do capitalismo, por outro, havia aquelas organizações patriotas que se contrapunham categoricamente à entrada dos mexicanos, por alegarem que eles estariam “contaminando” a raça branca e tomando as oportunidades de empregos dos estadunidenses, além de representarem uma ameaça, “*red menace*” (“ameaça comunista”), ao desenvolvimento e bem-estar da nação. Porém, a realidade que não foi conclamada pela história oficial, dos dominadores, era a de que o papel dos mexicanos, desde a posse das suas terras pelos Estados Unidos, foi fundamental na construção e expansão desse poderoso império:

É divertido ler os louvores daqueles que se opõem à restrição da imigração. [...] É dito que um império foi criado grandemente pela força bruta dos mexicanos humildes que instalaram os trilhos e cultivaram as beterrabas e derramaram as milhas cúbicas de cimento. Mas esse reconhecimento é equivocado e tardio. Por alguma razão obscura esses construtores de fortunas colossais realizaram seus trabalhos e foram embora vestidos em seus trapos... Se é verdade que o mexicano trouxe para vocês sua força braçal e firmou uma civilização no declive do Pacífico, então deem a ele a sua parte devida. Se vocês derem a ele seus salários e ele provar ser imprevidente, ensinem a ele outra forma; se ele é tuberculoso, curem-no; se ele cair como indigente,

levantem-no. Ele construiu para vocês um império! (Galarza, 1929 *apud* Muñoz Jr., p. 36, 2013)⁴⁶.

Não obstante os descendentes dos mexicanos sentirem a necessidade de travarem batalhas contra a segregação racial e a favor da educação, nesse período, ficou evidenciado que a americanização das escolas, proclamando as virtudes da democracia estadunidense, e a inculcação neles de que a cultura mexicana era inferior provocaram uma tal crise identitária na juventude chicana que os filhos dos chicanos das primeiras gerações, anteriormente orgulhosos de suas raízes mexicanas, foram desencorajados em relação à sua cultura e passaram a adotar mais o que era americano, rejeitando suas tradições e cultura mexicanas. A classe baixa manteve-se em um patamar ainda mais inferior de desenvolvimento, marcadamente separada dos brancos em muitas instituições públicas.

Essa política assimilacionista, com o objetivo de moldar a consciência política dos descendentes dos mexicanos, foi tão forte nessa época que houve movimentos de algumas organizações, no sentido de trabalharem combatendo a violência e os problemas sociais gerados pela segregação racial nas comunidades mexicanas-americanas, principalmente as mais pobres, promovendo ao mesmo tempo a ideologia do capitalismo liberal e do *melting pot*. Apesar de os jovens serem encorajados a conhecerem o valor da sua raça e identidade mexicanas, eles eram doutrinados a se reconhecerem primeiramente “americanos” e só depois mexicanos.

A organização de cunho cristão YMCA (*Youth Mexican Christian American*) (Juventude Mexicana Cristã Americana), por exemplo, promovia um movimento de doutrinação que imprimia uma consciência de raça nos jovens mexicanos-americanos, mas, ao mesmo tempo, gerava o sentimento de que deveriam se sentir mais americanos que mexicanos pela imersão na cultura estadunidense, acreditando que, assim, os faria ocupar o “lugar certo” nessa sociedade. Muitos jovens que participaram dessa organização tornaram-se profissionais na área social e da educação, com uma consciência política mais ampla de que os problemas das comunidades mexicanas iam além, devendo ser combatidos por meio de melhor acesso e oportunidades dos mexicanos-americanos à educação. Houve, então, a formação do

⁴⁶ No original: “*It is amusing to read the praises of those opposed to the restriction of immigration. ... [I]t is said..an empire has been created largely by the brawn of the humble Mexican, who laid the rails and topped the beets and poured the cubic miles of cement. But this acknowledgement is misleading-and tardy. For some obscure reason these builders of colossal fortunes have done their jobs and gone their ways still clothed in rags...If it is true that the Mexican has brought to your arms that have fastened a civilization on the Pacific slope, then give him his due. If you give him his earned wages and he proves improvident, teach him otherwise; if he is tuberculous, cure him; if he falls into indigence, raise him. He has built you an empire!*”

Movimento Mexicano-Americano (MAM-1942), que agia na defesa dos mexicanos sem o viés cristão da YMCA e com um foco mais crítico acerca da realidade desses povos nos Estados Unidos. Os membros do MAM também estavam mais cientes de que, por seu lado, muitos mexicanos também pecavam quando resistiam a abandonar suas raízes tradicionais e a assimilarem a cultura branca.

Durante a Segunda Guerra, as imigrações aceleraram com o “*Bracero program*” (“Programa para peões”), que atraiu grande número de mexicanos para trabalharem nas áreas rurais dos Estados Unidos (Rendón, 2013). É importante destacar aqui que, como foi visto, desde a Revolução Mexicana, por razões políticas, econômicas e sociais, os mexicanos emigraram do México e, apesar de todos os problemas do seu país de origem, eles não deixaram de sentir profundamente os efeitos das mudanças provocadas pelo choque com a cultura estadunidense em várias instâncias de suas vidas. Rendón (2013) sustenta que isso muito explica a resistência de muitos mexicanos em assimilarem a cultura dos brancos e a prática de retornarem à sua terra natal pelo menos uma vez por ano, como se para reafirmarem suas raízes. Cisneros (1991) relata o sentimento de várias mulheres mexicanas que foram levadas para a Rua Mango e que sentem uma nostalgia profunda refletida muitas vezes pelo comportamento resistente em aceitar e se integrar aos valores da cultura dominante. Como na vinheta em que Esperanza conta sobre *Mamacita*, que não aparece para ninguém, canta seus *homesick songs* (músicas que expressam a saudade de casa) e se recusa a falar inglês:

Ela senta o dia todo na janela e liga seu programa de rádio espanhol [...]. Lar. Lar. Lar é uma casa em uma foto, uma casa rosa [...]. O homem pinta as paredes do apartamento de rosa, mas não é a mesma coisa, você sabe. Ela ainda suspira pela sua casa rosa, e então eu acho que ela chora. Eu choraria (Cisneros, 1991, p. 77).⁴⁷

Para Rendón (2013), esse perfil é característico do mexicano nativo, que apresenta maior dificuldade em equilibrar as forças psicológicas e geográficas que atuam sobre ele. Há uma diferença, pois, entre o mexicano nativo resistente e o “chicano verdadeiro”, o qual vivencia uma realidade interna diferente, que não está presa ao espaço físico, negociando simultaneamente as tradições e cultura mexicanas e os traços da cultura estadunidense. Esses dois grupos ainda se diferenciam também do mexicano que permanece no México e do estadunidense (branco), apesar de incorporarem características dessas duas culturas.

⁴⁷ No original: “*She sits all day by the window and plays the Spanish radio show [...]. Home. Home. Home is a house in a photograph, a pink house [...]. The man paints the walls of the apartment pink, but it's not the same, you know. She still sighs for her pink house, and then I think she cries. I would*”.

Nessa época da Segunda Guerra, muitos descendentes de mexicanos foram recrutados e milhares deles foram mortos lutando pela nação estadunidense, ao passo que percebiam que o racismo e a violência contra eles no território estadunidense continuavam cada vez mais aflorados. A esperança de que os veteranos americanos de origem mexicana que retornassem da guerra seriam mais valorizados pela nação e integrados pela cultura dominante não se concretizou, como também não ocorreu o ativismo social esperado por parte deles, devido a diversos motivos de cunho pessoal que incluíam a necessidade de se voltarem à família e a reconstruírem a própria carreira profissional no pós-guerra. O que ocorreu, assim, foi o declínio das organizações mexicanas-americanas sem fins lucrativos envolvidas em ações sociopolíticas pelo território.

De qualquer forma, podemos observar que, mesmo não tendo atingido seus objetivos, a existência dessas organizações possibilitou uma maior consciência e chamada para a luta contra o racismo e a violência sofridos pelos mexicanos e seus descendentes nos Estados Unidos. O governo também acabou abrindo oportunidades de mobilidade social pelo acesso à educação superior a alguns veteranos mexicanos que retornaram da Segunda Grande Guerra. A classe média trabalhadora teve, portanto, uma possibilidade de pequena mobilidade social; no entanto, o grande proletariado mexicano-americano, mais carente, ainda permanecia muito oprimido e desprovido dos seus direitos sociais.

Um aumento muito expressivo da população de descendentes mexicanos continuou ocorrendo na década de 1950, e uma geração denominada “mexicana-americana”, que foi o produto político dos anos 1930 e 1940, emergiu nesses anos, nos quais não houve tendências radicais nem de lutas sociais, mas sim uma ênfase no chamado patriotismo americano (no lado estadunidense de suas identidades) e na busca pela integração na educação como forma de os chicanos minimizarem o racismo e serem aceitos como cidadãos de primeira classe na sociedade dominante. Não deixou de haver, no entanto, alguns intelectuais com uma visão mais crítica em relação aos ditames da democracia estadunidense e com aspirações de lutarem pelos seus direitos civis, contra as injustiças e a segregação racial. Além disso, não se pode deixar de mencionar que a Segunda Grande Guerra fez nascer e ecoar um sentimento nacionalista, o que acabou por influenciar posteriormente muitos dos movimentos a favor dos direitos civis dos negros e chicanos, principalmente nos Estados Unidos, movimentos esses que ganharam força na década de 1960.

1.3.2 O Movimento Chicano: a luta desse grupo pelo seu reconhecimento sociopolítico e cultural

Enfim chegamos aos anos 1960, era singular na história dos chicanos, que produziu a denominada “geração chicana”, em “uma busca por uma nova identidade e poder político” (Muñoz Jr., 2013, p. 11)⁴⁸. Foi um período em que foi possível a quebra de algumas barreiras em termos de opressão racial e a formação do Movimento Chicano, o qual, na realidade, englobou várias lutas e movimentos desse grupo (concentrados em maior número no sudoeste dos Estados Unidos) a favor dos seus direitos civis e da busca de reformas na política e na educação. Foi a partir dessa época, também, que a denominação “chicana” passou a ser mais concretizada por eles próprios, sofrendo uma subversão em nome da luta travada por esse povo em busca de reconhecimento.

Aconteceu, a partir de então, o período de nacionalismo cultural chicano (1965-75), época que se caracterizou pela recuperação das raízes culturais dos chicanos e pela redefinição dessa população estereotipada muitas das vezes como preguiçosa, ignorante, criminosa, entre outros termos desqualificativos. O chicanismo possibilitou uma perspectiva de visão renovada da realidade para esses povos, que sublimaram sua herança histórica e cultural por meio da liberação de suas memórias reprimidas e das frustrações vivenciadas.

Foi observada a presença de muitos jovens chicanos estudantes e ativistas nos *campi* universitários. De forma representativa, muitos deles eram provenientes dos movimentos sociais das décadas de 1930 e 1940, inspirados por líderes expressivos como o afro-estadunidense Martin Luther King Jr., que lutavam pelos seus direitos civis nessa década revolucionária que foi os anos 1960. Houve, a princípio, até mesmo uma certa solidariedade entre negros e chicanos nas batalhas afins, porém, posteriormente, as causas foram divergindo e tomando outros caminhos, de acordo com as demandas dos movimentos civis de cada grupo. Em termos gerais, as causas mais proeminentes reivindicadas pelos chicanos incorporavam a luta contra a violência e a discriminação sofridas por eles, a busca por melhores condições de vida dos trabalhadores rurais e a recuperação das terras que consideravam pertencentes a eles, seu posicionamento contra a participação do grande número de latinos que os Estados Unidos enviavam durante sua participação na guerra do Vietnã⁴⁹, além, especialmente, das exigências por reformas nas áreas educacionais, a criação

⁴⁸ No original: “*a quest for a new identity and political power*”.

⁴⁹ Ocorrida entre 1959 a 1975, a Guerra do Vietnã foi um conflito entre o Vietnã do Norte e o Vietnã do Sul, motivado por questões ideológicas. Essa guerra contou com a intensa participação do exército americano de 1965 a 1973. Estima-se que, nessa guerra, entre 1,5 milhão e 3 milhões de

no chamado “retorno para Aztlán”. Já no século XX sobre o qual estamos discorrendo, frente à sua desvalorização e não reconhecimento, o povo chicano retomou com toda força, como parte de sua luta durante o movimento aqui em questão, o conceito do termo como mito fortalecedor, a fim de reivindicar o pertencimento da terra natal que lhes foi tomada oficialmente desde o Tratado de Guadalupe-Hidalgo (1846-1848), para assim também tornarem possíveis sua reafirmação étnica e identitária. É como se, por meio dessa reivindicação, eles pudessem recuperar aquela terra perdida e, conseqüentemente, redescobrir seu lugar e sua voz como um grupo social na sociedade dominante. Expressões como “*nuestro barrio*” (“nosso bairro”) e “*la solidaridad con La Raza*” (“a solidariedade com A Raça”) também surgiram, enfatizando a resistência desse povo frente à colonização interna imposta pelos estadunidenses.

A palavra de ordem “*Viva la Raza*” (“Viva a Raça”) emergiu como exaltação nesse momento de forte efervescência política, caracterizando o *Movimiento* (Movimento), ou seja, a luta dos chicanos pela sua afirmação na sociedade estadunidense dominante. É relevante ratificar que o orgulho de possuir uma ascendência mexicana e adotar a definição de “chicanos”, que havia sido adotada de forma pejorativa até mesmo pelos “mexicanos-americanos” em relação aos imigrantes mexicanos rurais, constituiu uma característica determinante desses lutadores, conforme apontado por Argüelles (2010).

Aztlán, berço mítico, posteriormente na contemporaneidade, passou a carregar um significado controverso, uma vez que foi verificado que sua concepção unificadora como um mito folclórico e indígena acabou endossando de forma simplista o imaginário coletivo dos chicanos, homogeneizando tanto sua identidade quanto suas origens e levando a um nacionalismo cultural que tendeu a deixar de lado as diferenças de classe social, econômica e de orientação sexual entre eles próprios, ou seja, as questões sociopolíticas pelas quais eles deveriam realmente se engajar:

Uma das principais críticas a Aztlán reside no fato de que os nacionalistas culturais apresentaram uma versão reducionista das origens, promovendo aparentemente uma visão normativa, diluída e singular da cultura chicana que privilegiou e atendeu aos homens e ignorou a ampla heterogeneidade das manifestações culturais, incluindo família, gênero e sexualidade (Anaya; Lomeli, 1989, p. 8).

Assim como ocorre com a história coletiva de vários povos, é inegável que esse mito fundacional desempenhou e tem desempenhado um papel preponderante na afirmação e na reavaliação dos chicanos como um grupo social na linha entre Estados Unidos e México, não

podendo ser apagado. No entanto, após os desencadeamentos do Movimento Chicano que serão vistos neste texto, o que a era contemporânea tem proposto e enfatizado, acima de tudo, é a revisitação e reapropriação de Aztlán como estratégia política inovadora e regenerativa, que possa contribuir não só para o agenciamento, mas também para o combate à ideia de assimilação desse povo no território estadunidense.

1.3.3 A militância chicana durante o Movimento pelos seus direitos civis

No que concerne aos interesses do Movimento Chicano, podemos afirmar que, diante de uma diversidade de regiões envolvidas em vários movimentos sociais, como resultado, também houve a emergência de uma diversidade de reivindicações e agendas políticas. No período de 1965 a 1975, ao longo do sudoeste estadunidense, vários movimentos e campanhas ocorreram em diferentes áreas urbanas e rurais. Na Califórnia (1960), tivemos a luta dos fazendeiros e trabalhadores rurais liderados por César Chávez e Dolores Huerta, os quais se uniram por meio de associações nacionais, condenando a exploração dos latinos pelos grandes empresários e reivindicando uma série de questões, dentre elas, o aumento de salário e a segurança no trabalho. Esse movimento destacou-se pelo seu cunho pacifista e pela devoção dos trabalhadores rurais a Nossa Senhora de Guadalupe. No entanto, uma vez que a educação não era uma prioridade para esses militantes, que se concentravam mais nos problemas rurais e associações sindicais, o movimento liderado por Chávez não foi considerado uma luta ampla pelos direitos civis (Muñoz Jr., 2013).

Em 1965, em Denver, no Colorado, o líder chicano Rodolfo González, proveniente da classe média, foi responsável pela fundação da organização “Cruzada por Justiça”. Movidos pelo nacionalismo chicano, esse grupo visava combater as políticas tradicionais, o desemprego e a violência em relação a *La Raza*, assim como lutar pela educação. González acreditava que o nacionalismo era a única via que propiciaria o engajamento das massas. Essa campanha incorporou de modo mais amplo a busca pelos direitos civis, retratando mais a realidade e os obstáculos experienciados pela maioria dos mexicanos-americanos nos ambientes urbanos e nos *barrios*, com uma maior consciência sobre a classe média chicana e uma percepção mais abrangente das necessidades dos jovens. Apesar de muitos considerarem César Chávez como o líder do Movimento Chicano, o poema escrito por González, “*I am Joaquín*” (1967)⁵¹, publicado em vários jornais, em nível nacional, o elevou como líder do

⁵¹ Poema “*I am Joaquín*”: <http://www.latinamericanstudies.org/latinos/joaquin.htm>. Acesso em: 17 dez. 2020.

Movimento, ao expressar a autodeterminação e o nacionalismo chicanos, expondo a força e a valorização da história e cultura desse povo. Nesse poema, que pode ser considerado um ensaio literário que narra a busca pela identidade chicana de forma mais crítica, também há a evocação de Aztlán e a retratação da experiência do racismo vivenciado por eles.

Cabe aqui nos referirmos à pertinência dos jornais nesse período como meios de divulgação dos acontecimentos e dos movimentos que ocorriam pelo território estadunidense, promovendo a comunicação dos grupos afins. “*El Grito*” (“O Grito”), primeiro periódico mexicano-americano nos Estados Unidos, foi um veículo muito importante, com viés mais acadêmico que político, na tentativa de consolidação da autodefinição identitária chicana.

Outra figura de destaque do movimento foi o líder Reies López Tijerina. Em *Tierra Amarilla* (Novo México), ele participou das lutas pela retomada das terras que ele e seus militantes consideravam pertencentes aos hispanos. As intervenções desse grupo diferenciavam-se por apresentarem um caráter militante armado, o que levou a muitos conflitos com as autoridades e posteriormente a uma consequente deterioração de suas alianças internas.

Diversas organizações mexicanas-americanas também foram se formando em meados dos anos 1960, espalhadas pelo sudoeste estadunidense, ideologicamente semelhantes aos movimentos dos anos 1930 e 1940, com a crença no progresso pela educação, a fim de levantar fundos para os mexicanos se manterem nas universidades. Não podemos deixar de apontar 1968 como um ano de destaque, marcado pelos movimentos internacionais antiguerra e estudantis, pelos enfrentamentos entre os estudantes ativistas e as autoridades ao redor do mundo, além da deflagração de várias greves nos Estados Unidos. Essas greves levaram milhares de estudantes chicanos às ruas, com gritos como “*Viva La Raza*” (“Viva a Raça”), “*Chicano Power*” (“Poder Chicano”), “*Viva la Revolución*” (“Viva a Revolução”), que urgiam a favor da adoção da história e cultura chicanas nas escolas, da liberdade de expressão e da contratação de profissionais chicanos nesses meios. As contestações demonstraram cada vez mais uma ação política por parte dos estudantes, concebendo um movimento de perfil estudantil, mas que ainda não se apresentava como um movimento estudantil político oficial. À medida que a repressão das autoridades governamentais estadunidenses e a prisão de muitos membros ocorriam, um radicalismo ainda maior do movimento aflorava como efeito rebote desses acontecimentos.

Emergindo como uma das mais importantes organizações militantes do movimento de liberação chicana, nos anos finais de 1960 e início dos 1970, surgiram os *Brown Berets* (Boinas Marrons), formados por revolucionários jovens chicanos liderados por David

Sanchez, no leste de Los Angeles, que se caracterizavam pelo seu ativismo urbano. Essa organização teve origem a partir de uma ação comunitária denominada “*Young Citizens for Community Service*” (“Jovens Cidadãos para Serviço Comunitário”), que evoluiu para um movimento com viés nacionalista revolucionário, de caráter paramilitar, nos *barrios*, em busca da autodeterminação chicana. Dentre suas principais demandas, estavam a luta contra a exploração dos latinos pelas autoridades anglo-americanas e a falta de oportunidade na educação (condições precárias das escolas, políticas e práticas racistas nas instituições, falta de liberdade de expressão, o não reconhecimento de um currículo espanhol e da educação bilíngue, entre outras). Foi um grupo, portanto, diretamente envolvido com os ambientes escolares e com as passeatas que recrutavam jovens para defenderem seus direitos. Na afamada marcha de 1968 (“*blow outs*” em março de 1968), por exemplo, que durou cerca de duas semanas, uma grande massa da juventude chicana proveniente de quatro escolas do leste de Los Angeles foi convocada.⁵²

Esse grupo objetivava um recrutamento dos jovens chicanos, a fim de discipliná-los e os tornar revolucionários, dentro de um estilo de treinamento militar. Seus membros uniformizados simbolizavam a guerrilha e a masculinidade, sob os preceitos do respeito e proteção de suas comunidades. De forma diferente das outras campanhas, eles também pregavam a participação das mulheres e seu acolhimento, vindo a possuir até mesmo algumas líderes chicanas. Contudo, na prática, o que acabaram demonstrando foi também um machismo exacerbado. Esse movimento, apesar de proeminente na participação nas marchas de protestos das passeatas das escolas e no Comitê Nacional da Moratória Chicano (coalizão dos grupos mexicanos-americanos em oposição à Guerra do Vietnã), pelo perfil agressivo na busca dos seus direitos civis e nos conflitos com as autoridades policiais, pela falta de organização e disciplina, além das atitudes incoerentes de vandalismo de alguns membros, acabou declinando por volta de 1972 (Rodriguez, 2013).

Outro acontecimento de destaque foi a Primeira Conferência Nacional de liberação da juventude chicana (março de 1969), na qual os temas discutidos pelos participantes foram transformados em um documento nomeado “*El Plán Espiritual de Aztlán*” (“O Plano Espiritual de Aztlán”), que continha oficialmente várias ações políticas, culturais e econômicas, encorajando os chicanos nas práticas políticas por seus direitos civis; na liberação da opressão, exploração e racismo vivenciados por eles. Logo após a primeira Conferência Nacional, ocorreu no *campus* da Universidade da Califórnia em Santa Bárbara a

⁵² http://inside.sfuhs.org/dept/history/US_History_reader/Chapter14/brownberets.htm. Acesso em: 22 dez. 2020.

convenção fundadora do movimento chicano estudantil, com o objetivo de colocar em prática “*El Plán Espiritual de Aztlán*”, assim como de requerer programas que auxiliassem as oportunidades e o acesso dos mexicanos-americanos nas universidades do país.

Houve, então, durante a Conferência de Santa Bárbara (abril de 1969), nessa mesma universidade, a fundação do Movimento Estudantil Chicano de Aztlán (MEChA), que visava formar uma base estrutural e endossar a consciência ativista dos estudantes com um caráter mais oficial, comprometidos com a luta do seu povo contra as instituições do governo estadunidense. Esse movimento pretendia promover a articulação direta da universidade com as comunidades chicanas (as universidades como extensão das comunidades; locais estratégicos de atuação política dos chicanos). As chicanas escritoras que estamos analisando viveram e testemunharam muitas dessas lutas. Lucha Corpi, por exemplo, participou como estudante representativa no comitê executivo desse Movimento estudantil, sobre o qual ela comenta em uma das passagens de sua obra: “Composto por faculdade, estudantes e organizadores da comunidade, era o corpo político para o programa” (Corpi, 2014, pos. 2594)⁵³. O MEChA desempenhou um papel muito importante na implementação dos estudos chicanos, na institucionalização de programas chicanos nos *campi* universitários, na educação bilíngue, e na arrecadação de fundos para o próprio movimento estabelecer conexões entre os estudantes e suas comunidades.

Com duração não muito extensa, o declínio do MEChA (anos 1970) aconteceu por diversos motivos, dentre eles, as diferentes demandas dos membros envolvidos com outras organizações estudantis independentes, muitos deles mais focados em organizações comunitárias e políticas institucionais; outros abandonaram a causa e passaram a priorizar a carreira pessoal e profissional; e ainda havia também as questões das mulheres, em geral, não reconhecidas pelo movimento. Torna-se pertinente afirmar que o que ocorria, na realidade, era que muitas mulheres chicanas desempenhavam papéis importantes nas campanhas; na educação das famílias e das suas comunidades, no planejamento das manifestações e no apoio ao movimento; porém, aquelas que ousavam batalhar por suas causas, eram consideradas militantes do feminismo de viés etnocêntrico. O Movimento Chicano, em geral, considerava o feminismo como uma agenda das mulheres brancas e, assim, as feministas chicanas eram rotuladas como traidoras pelos próprios chicanos e chicanas. Desse modo, devido à incompreensão do movimento chicano em relação às mulheres, muitas delas formaram organizações feministas independentes nos *campi* e em suas comunidades.

⁵³ No original: “*Composed of faculty, students and community organizers, it was the policy-making body for the program*”.

Os chicanos, homens e mulheres, apesar de unidos na rejeição às políticas de assimilação estadunidenses e contra a opressão colonial, não conseguiram vencer o patriarcalismo e a homofobia da sua própria cultura, ancorada na divisão tradicional dos papéis entre homens e mulheres. O movimento na realidade concentrava-se nos problemas referentes à esfera masculina e, em geral, o perfil geral das chicanas era de abdição de seus direitos em prol do bem maior do grupo, para não dividirem ou se separarem do seu povo. Elas acreditavam que, dessa forma, com o alcance do ganho de igualdade dos chicanos como um todo, posteriormente seria possível elas lutarem para conseguirem conquistar seus direitos. Na prática, essas mulheres sofriam uma dupla opressão tanto dos estadunidenses quanto dos seus irmãos chicanos (Mirandé; Enriquez, 1981 *apud* Muñoz Jr., 2013). Dito isso, Muñoz Jr. (2013) enfatiza que a ideologia nacionalista do chicanismo, na busca ferrenha por uma identidade chicana, apesar da luta contra o racismo, não foi capaz também de abranger a complexidade das diversidades políticas e consciência de classe e gênero dos diferentes grupos sociais chicanos.

Remetendo-nos, ainda, ao MEChA, podemos sustentar que havia uma variedade controversa de visões, que iam desde aquelas que defendiam o desenvolvimento de um capitalismo chicano nas instituições, como única forma de serem reconhecidos pela economia estadunidense, até reações revolucionárias contra o capitalismo explorador das classes baixas, com tendências às organizações marxistas e de solidariedade de classes. Durante a década de 1970, não obstante seu declínio e extinção em vários locais, o MEChA continuou a existir em alguns *campi*. Além da sua contribuição nos programas que propiciaram o acesso dos mexicanos-americanos ao ensino superior e mobilização da consciência política contra as ideologias dominantes, esse movimento estudantil também contribuiu para o desenvolvimento do partido *La Raza Unida* (1970).

Desse modo, em Crystal City, no Texas, ativistas estudantes juntamente com José Ángel Gutiérrez e Mario Compeán, descontentes com os democratas e republicanos em relação às demandas dos mexicanos-americanos, fundaram *El Partido de La Raza Unida* (O Partido da Raça Unida), em 1970. Suas propostas separatistas visavam a consolidação de um partido independente dos brancos, com aspirações nacionalistas, reafirmando a representação igualitária da comunidade chicana, a luta contra as práticas racistas, o foco no sistema educacional, entre outros. Na prática, de modo semelhante às outras organizações, a ideologia do partido não foi desenvolvida conforme pensada. Houve muitos confrontos internos entre as abordagens ideológicas e as pragmáticas, não resultando em uma organização de base consolidada nacionalmente. A classe baixa dos trabalhadores chicanos permaneceu sem voz

política expressiva, uma vez que o foco era predominantemente educacional, na concentração de práticas comunitárias, e não na promoção de campanhas que abrangessem de forma mais difusa a dura realidade dos chicanos mais desprovidos.

No tocante às questões de gênero, apesar de *La Raza Unida* também possuir seu perfil machista, esse partido se mostrou um pouco mais solidário com o movimento das mulheres como grupo oprimido; apesar disso, a participação delas foi mais tardia, quando o movimento já se encontrava em declínio. Apesar da forte oposição às políticas de assimilação, novamente, homens e mulheres chicanos não conseguiram superar a homofobia e o patriarcalismo enraizados de sua cultura, que prezava pela figura dos homens no poder: um dos símbolos fortes do movimento, por exemplo, demonstrava o homem como chefe da família *La Raza* (Muñoz Jr., 2013). O personagem de origem mexicana Regino Suárez, o compadre da família da protagonista Rocío em “*The Last of the Menu Girls*” (2004), apresenta um perfil arraigado de cuidador e provedor da família mexicana, mesmo tendo arranjado uma amante e abandonado fisicamente a mulher e suas filhas. Aliás, no enredo, tem-se em várias passagens a exposição da vida das mulheres ao sistema patriarcal e a conformação de muitas das personagens aos papéis de gênero impostos pela cultura chicana, reiterando sua condição de vítimas e a imagem ideal de mãe e esposa submissa atrelada aos afazeres domésticos, comportamentos esperados pela sua cultura. Rocío, por sua vez, não desejava seguir os estereótipos confirmados por sua mãe, avó e irmã, aspirando à construção de uma identidade que pudesse romper com as normas e valores da tradição chicana.

O machismo chicano transformou-se em uma luta de dominação hierárquica masculina. Cisneros utiliza-se de algumas figuras chicanas em sua ficção autobiográfica “*Mango Street*”, demonstrando a repressão de alguns chicanos sobre as mulheres de sua comunidade. A personagem Sally, em mais uma de suas vinhetas, era submetida a maus-tratos tanto psicológicos como físicos pelo pai, que considerava sua beleza algo perigoso para a família. Devido à religião e ao machismo enraizados, o pai, então, a proibia de se divertir e sair com os amigos. Além do mais, essa repressão chegou ao ponto de ele estuprar Sally, reproduzindo o comportamento que possuía com as irmãs dele no passado, a fim de impor seu poder de forma extrema sobre as mulheres da família.

O machismo passou a ser mais aflorado devido à humilhação e opressão dos brancos em relação aos homens chicanos, os quais, numa tentativa de apagar suas fraquezas e impotências, transferiam-nas para as mulheres de sua comunidade e para os próprios homens chicanos. Muitos desses últimos acabavam desenvolvendo baixa autoestima e incerteza de serem capazes de sustentar e educar suas famílias. Essas questões acabaram por desencadear,

então, um “falso machismo” dos homens chicanos sobre as mulheres de sua raça (Anzaldúa, 1999), com o intuito de depositar nelas todas as suas insuficiências masculinas, por meio de opressão, violência e humilhação pelo sexo oposto.

Outra personagem vítima do machismo é Rafaela, também parte das vinhetas de “*Mango*”; descrita por Esperanza como submissa e forçada a permanecer trancafiada em casa pelo fato de o marido acreditar que sua beleza é uma ameaça ao bom andamento do casamento, não permitindo que ela saísse de casa e tivesse uma vida social. A chicana, assim, passa grande parte do dia debruçada sobre a janela, devaneando sobre a vida e imaginando como seria se sentir livre:

Às terças-feiras o marido de Rafaela chega em casa tarde porque essa é a noite que ele joga dominó. E então Rafaela, que ainda é jovem, mas está ficando velha de tanto se debruçar sobre a janela, fica trancada dentro de casa porque seu marido tem medo de que Rafaela fuja, pelo fato de ser muito bela. Rafaela se debruça sobre a janela e se debruça sobre seu cotovelo e sonha que seu cabelo é como o de Rapunzel. Na esquina há música vinda do bar, e Rafaela deseja que ela pudesse ir lá e dançar antes de ficar velha (Cisneros, 1991, p. 79)⁵⁴.

Em relação aos outros migrantes descendentes dos espanhóis, os chicanos que já se encontravam no território estadunidense (tanto os nascidos quanto os mexicanos mudados para esse país, também considerados chicanos) se sentiam desconfortáveis por causa de sua língua que não era considerada “pura” como as dos que falavam espanhol. No que concerne aos mexicanos migrantes que iam chegando nos Estados Unidos, os chicanos nascidos no país muitas vezes se comportavam de forma excessivamente orgulhosa em relação a eles, como para compensar a culpa carregada por transitarem entre duas culturas. Ao mesmo tempo, mesmo em relação aos também nascidos no território, com medo de perderem seu espaço, muitos mexicanos-estadunidenses olhavam com ar de reprovação as condutas dos outros de sua comunidade. Na passagem de “*The Last of the Menu Girls*” (2004), por exemplo, a mexicana-estadunidense Esperanza González, que trabalhava com Rocío no hospital, ao saber que Rocío sairia do trabalho para estudar em uma universidade, desaprovou o desejo de Rocío, depreciando a garota: “É uma desgraça que todos aqueles molhados e estudantes saudáveis da faculdade estejam pegando o dinheiro tão difícil de ser ganho dos nossos

⁵⁴ No original: “*On Tuesdays Rafaela's husband comes home late because that's the night he plays dominoes. And then Rafaela, who is still young but getting old from leaning out the window so much, gets locked indoors because her husband is afraid Rafaela will run away since she is too beautiful to look at. Rafaela leans out the window and leans on her elbow and dreams her hair is like Rapunzel's. On the corner there is music from the bar, and Rafaela wishes she could go there and dance before she gets old*”.

impostos. Me faz ficar doente. Cristo! Esperanza balançou sua cabeça com desgosto” (p. 95)⁵⁵.

Quanto a *La Raza*, pelo fato de não conseguirem atingir uma ideologia em comum e os objetivos não terem sido bem definidos, o partido também se tornou muito fragmentado e isolado na Califórnia. A autodeterminação defendida por eles não chegou a se concretizar, devido ao fato de ficarem no meio do caminho sobre terem que controlar as instituições já existentes ou criarem outras novas para tal. Outro motivo foi que, como o partido era ligado ao movimento dos estudantes, o declínio deles como ativistas, tomando outros caminhos (alguns retornaram ao partido democrata, muitos se vincularam a outras organizações sociais e comunistas, e outros ainda abandonaram definitivamente o meio político) também provocou a decadência de *La Raza*. Além dos conflitos internos, a constante vigilância da inteligência policial estadunidense sobre o partido, sob a crença de que propagariam a ideologia comunista, foi mais um fator que contribuiu para minar o movimento. Seja dito de passagem, a violência das autoridades policiais em relação aos chicanos foi algo que chamou a atenção ao longo do movimento, tendo destaque a morte trágica do escritor Ruben Salazar em uma das manifestações de resistência do Moratório chicano no leste de Los Angeles em agosto de 1970.

Como balanço geral, apesar de seu declínio, *La Raza* teve um papel de grande relevância em firmar ainda mais a consciência sociopolítica nos chicanos, permitir aos militantes a vivência de experiências políticas e de relações internacionais e, acima de tudo, por levar esse grupo a constatar a necessidade da implantação de estratégias efetivas para defenderem suas causas; além de um crescente impacto significativo da voz dos chicanos na política estadunidense.

1.3.4 Os estudos chicanos e suas reverberações nas décadas subsequentes

Não poderíamos deixar de levantar aqui também, diante da sua relevância na trajetória dos chicanos, uma discussão breve sobre os estudos chicanos, que se desenvolveram paralelamente ao MEChA (na Conferência de Santa Bárbara na Universidade da Califórnia em 1969), mais ou menos coincidentes com o período de ebulição das marchas de protestos dos estudantes mexicanos-americanos. Com as propostas de criação e institucionalização dos estudos chicanos como disciplina nas universidades estadunidenses, houve a possibilidade de

⁵⁵ No original: “*It’s a disgrace all those wetbacks and healthy college students are getting our hard-earned tax money. Makes me sick. Christ! Esperanza shook her head with disgust*”.

um conhecimento intelectual e reconhecimento da história e cultura chicanas nunca vistos anteriormente, quando a única via possível de conhecimento sobre os mexicanos imigrantes/chicanos ocorria por meio dos brancos nos departamentos latino-americanos, com suas teses que postulavam a assimilação desses grupos. A progressiva confiança proveniente dessas conquistas pode ser ilustrada na autobiografia de Grande, quando a escritora escreve sobre a amiga chicana feminista Erica e seu perfil autoconfiante, que tinha origem na possibilidade de se expressar por meio da revivência de suas raízes culturais:

Mas eu viria a aprender a origem do orgulho de Erica por suas raízes mexicanas [...]. Ela era codiretora do Grupo Folclórico Los Mejicas, [...]. Nunca em um milhão de anos eu teria imaginado que havia uma dança mexicana folclórica acontecendo na Universidade da Califórnia em Santa Cruz (Grande, 2018, p. 114)⁵⁶.

Os estudos chicanos, portanto, vislumbraram um novo horizonte; a possibilidade de conhecimento desse grupo a partir do seu próprio local de fala, das suas experiências provenientes das comunidades às quais pertenciam, conectados com suas raízes indígenas e conscientes da situação de opressão colonial vivenciada. Além da implantação de departamentos e centros de pesquisa, os estudos chicanos também idealizaram propostas ousadas que incluíam a solução da crise identitária chicana e uma base para o conhecimento das organizações comunitárias (articulação comunidade-universidade). Centros de pesquisa e departamentos chicanos passaram a existir ao longo do sudoeste dos Estados Unidos, especialmente na Califórnia. Na região da fronteira, porém, não se evidenciou uma ocorrência ampla desses estudos. A vasta literatura e conhecimento intelectual produzidos a partir desses estudos demonstraram, desde o início, a tamanha importância do significado deles como disciplina para a mediação de voz dessa população nos Estados Unidos.

Na prática, contudo, como parte do MEChA, os estudos chicanos também apresentaram seus vieses e não conseguiram, assim, definir muito bem os valores pelos quais lutavam e estabelecer uma articulação efetiva entre a universidade e a comunidade. Muitos estudiosos não acreditavam que o conhecimento produzido na academia poderia influenciar diretamente a prática das comunidades, alguns líderes não estavam em busca de uma identidade cultural e o que ocorria muitas vezes, de acordo com Muñoz Jr. (2013), era que vários estudiosos letrados que se encontravam na área dos estudos chicanos (muitos deles de

⁵⁶ No original: “*But I would come to learn the source of Erica's pride in her Mexican roots [...]. She was co-director of Grupo Folklórico Los Mejicas, [...]. Never in a million years would I have guessed there was Mexican folk dancing happening at UCSC*”.

origem não mexicana) estavam pouco preparados para trabalhar pela consciência chicana, conforme as postulações da ideologia nacionalista.

Ao longo dos anos setenta, foi-se descobrindo a necessidade de um novo modelo para a abordagem dos estudos chicanos, no qual houvesse não só uma ressignificação, mas uma reconstrução da história e cultura chicanas. Um ponto a ser destacado foi a inclusão de gênero; a abertura do movimento às mulheres, que começaram a escrever artigos sobre o enraizamento do machismo e do patriarcalismo em sua cultura.

Mais uma vez, em relação à proposta de um novo paradigma, ocorreram divergências entre grupos que defendiam a formação de novos departamentos nas universidades, que tivessem autonomia sem terem que sofrer a influência dos programas tradicionais (os quais eram considerados por esses grupos uma forma de colonização interna), e, do outro lado, grupos que prezavam por conseguir o reconhecimento dos estudos chicanos nos departamentos regulares, com acesso aos recursos já existentes. Faz-se necessário apontar que, mais que o enfrentamento dessas duas visões opostas, o grande desafio residiu na aplicação dessas teorias para a liberação concreta dos chicanos. Várias convenções se juntaram em um encontro nacional que ditava algumas premissas diferentes que visavam melhorar a situação da ciência social chicana, as quais incluíam projetos interdisciplinares, a realização de pesquisas menos abstratas que propusessem verdadeiras mudanças na vida dos chicanos, a proposta de um perfil mais crítico dos estudos chicanos em relação às instituições estadunidenses e análises mais profundas sobre as comunidades chicanas, que incluíssem a observação de múltiplas variáveis (classe, gênero, cultura). Essa associação passou a se chamar “*National Association for Chicano Studies*” (NACS - “Associação Nacional para Estudos dos Chicanos”) em 1976, com a presença cada vez mais expressiva das chicanas, coincidindo com um progressivo crescimento e fortalecimento da associação.

Dois eventos tiveram destaque nos encontros dessa associação; um painel proveniente das “*Mujeres en Marcha*” (“Mulheres em Marcha”), que discutia o sexismo entre homens e mulheres de *La Raza*, no intuito de conscientizar as mulheres de forma coletiva; e um encontro informal do NACS e das mulheres chicanas em Michigan, a partir do qual ficaram determinadas algumas resoluções sobre a participação efetiva das mulheres nas próximas conferências. No mais tardar, então, nos anos 1990, a associação passou a se chamar “*National Association for Chicana and Chicano Studies*” (NACCS - “Associação Nacional para estudos dos Chicanos e Chicanas”), com a emergência dos estudos feministas das chicanas, desconstruindo o discurso tradicional pregado anteriormente pelo Movimento Chicano. Nessa época, a autobiografia icônica de Gloria Anzaldúa “*Borderlands/La*

Frontera” (1999) contribuiu muito para o reconhecimento dos estudos de gênero nos estudos chicanos, havendo também a inclusão das convenções dos homossexuais chicanos nessa associação nacional.

Por ter ocorrido em um período já de declínio dos movimentos, o NACCS também acabou perdendo forças e, mesmo havendo uma evolução literária significativa dessa organização, não houve a concretização dos objetivos planejados que levasse a mudanças efetivas na realidade dos chicanos. O modelo contra a colonização interna em que se apoiavam, muito idealista, deixou de lado vários fatores importantes, como raça/etnia e classe. Devido ao fato de essa associação ser constituída por estudantes, assim como o movimento em geral, muitos deles acabaram se rendendo às formas tradicionais de pesquisa e outros abandonaram a luta, desfazendo seus vínculos comunitários. O NACCS continuou existindo mais com um cunho acadêmico que político, apesar de não deixar de haver a permanência de ativistas engajados em assuntos como a homossexualidade, o feminismo, as artes e a literatura. Podemos afirmar que os programas de estudos chicanos que tiveram uma adesão de grande número de estudantes e um corpo docente consolidado conseguiram evoluir de forma melhor. Porém, a única universidade a desenvolver um programa de doutorado em estudos chicanos foi a Universidade da Califórnia, em 2005, cerca de quarenta anos após as contestações estudantis (Muñoz Jr., 2013).

Ainda em relação à década de 1970, diante das reverberações do Movimento Chicano, houve uma investida do governo conservador estadunidense no intuito de “reformular” os ganhos e frear a evolução da população mexicana-americana, com a alegação de que os homens brancos tinham se tornado as vítimas em seu território e de que aqueles que haviam protestado nos anos 1960 eram os verdadeiros responsáveis por levarem os Estados Unidos à ruína. Várias medidas foram tomadas, entre elas, a de criminalizar os imigrantes não documentados na Califórnia.

Mesmo com a decadência do Movimento e dos estudos chicanos, não podemos deixar de citar os vários ganhos trazidos em consequência da luta travada por eles, entre os quais um maior número de chicanos nas escolas e universidades, que tiveram a oportunidade de ir para o mercado de trabalho, a contratação de chicanos nos departamentos e setores administrativos das universidades estadunidenses, a emergência de intelectuais e pesquisas relevantes na área literária (principalmente representadas pelos estudos de gênero), a permanência de ativistas ainda engajados na busca pelos seus direitos civis, entre outros. Além disso, o Movimento Chicano promoveu um renascimento cultural dessa população, reacendendo seus dons artísticos e culturais. Diversos artistas radicais emergiram, produzindo cartazes que

demonstravam e provocavam a reflexão sobre a busca identitária chicana; ocorreu também o florescimento das mulheres muralistas na década de 1970, os estudantes ativistas formaram um movimento de teatro nacional, a partir dos teatros campesinos nos *campi*; somente para citar alguns dos projetos.

Em razão da luta travada desde o Tratado de 1848, os chicanos foram traçando, ao longo do tempo, um senso de comunidade e identidade como nenhum outro grupo latino o fez, tornando-se conhecidos tradicionalmente pelas batalhas a favor dos seus direitos civis. Desse modo, eles e os outros descendentes de espanhóis colheram os frutos desses ideais das gerações chicanas prévias, ao conquistarem direitos de igualdade de acesso a muitas instituições nos Estados Unidos. Todo o duro esforço dos anos 1960 resultou em uma evolução progressiva dos estudos chicanos e em um ativismo que possibilitou a audibilidade dessa comunidade silenciada, inclusive, posteriormente, às mulheres. Além dessa luta para serem reconhecidos, a importância dos estudos chicanos reside no fato de eles terem também incluído em sua agenda a batalha contra o racismo, a discriminação de gênero, o sexismo, a homofobia (não só proveniente dos estadunidenses, mas entre os próprios chicanos), dentre outros. É pertinente acrescentarmos que a palavra “chicano” acabou se tornando neutra em termos de gênero para eles (Acuña, 2014).

1.3.5 A Década dos Hispânicos e os novos imigrantes do século XXI

Caminhando um pouco mais, já na virada para os anos 1980, houve uma mudança significativa no perfil das lutas políticas dos chicanos decorrente dos conflitos ideológicos internos e externos que provocaram o declínio do Movimento e dos estudos chicanos nos *campi*. As lutas políticas dos anos 1980 assemelhavam-se mais às dos anos 1930, 1940 e 1950 que a dos anos 1960, com uma tendência mais conservadora e assimilacionista, como se a história do Movimento Chicano tivesse sido anulada. Muñoz Jr. (2013) enfatiza que os novos líderes que emergiram pregavam uma identidade hispânica e se ancoravam nas tradições da ideologia da classe média chicana, que visava a assimilação à cultura estadunidense, a fim de obter suas vantagens e ser aceita pela cultura dominante.

Mais alinhados com o capitalismo, muitos integrantes da classe média chicana aderiram ao partido democrata, no intuito de conseguirem suas vantagens políticas, passando até mesmo a condenar a conduta “hostil” do Movimento Chicano. A representação mexicana-americana no congresso então aumentou, diminuindo a invisibilidade deles no país. No entanto, essa tendência à assimilação, apesar de ter melhorado a vida da classe média

chicana, incentivada pelo governo em seus pequenos negócios, não contribuiu de forma positiva para sanar o problema da pobreza e do desemprego da classe baixa dos trabalhadores chicanos. Com a desindustrialização da economia estadunidense nessa década de 1980, empregos com salários muito baixos passaram a ser oferecidos e justamente os imigrantes mexicanos legais eram os que aceitavam esses trabalhos miseráveis, uma vez que também não possuíam outra alternativa em seu país de origem. Eles foram responsáveis, então, por manter a economia aquecida em diversos locais, como Los Angeles.

No começo dos anos 1980, por exemplo, somente nos estados da Califórnia e do Texas, de acordo com Acuña (2014), foram reportados mais de oito milhões e meio de mexicanos-americanos. Foi uma década nomeada de “Década dos Hispânicos” e houve muitos motivos pelos quais o termo “chicano” começou a não ser mais usado e aceito:

[...] primeiramente os chicanos/as nunca foram bem sucedidos em convencer os novos imigrantes sobre seus legados que incluíam um maior acesso às instituições estadunidenses, os imigrantes não conhecendo a história da luta pelos direitos civis agarraram-se às velhas definições de Chicano que os igualavam à trapaça; e finalmente, as companhias de cerveja e as organizações latinas de classe média vislumbraram os benefícios de competir com os africanos americanos pelo título de maior minoria nos Estados Unidos (Acuña, 2014, p. 126).⁵⁷

Além do mais, quando usado, o termo chicano(a) acabou perdendo seu tom separatista e o impulso nacionalista do movimento. O termo hispânico parece ter trazido uma nova consciência política que também se remete mais aos anos trinta e quarenta das políticas de assimilação, a fim de homogeneizar mais esse grupo e “aproximá-los” dos brancos nos anos pós-movimento.

Da mesma forma, as organizações mexicanas-americanas que decorreram do Movimento Chicano também não evoluíram, devido às tensões internas e divergências ideológicas entre os membros. Os ativistas políticos mexicanos-americanos (a maioria proveniente da classe média) temiam perder seus direitos adquiridos no mercado de trabalho, caso apoiassem essas organizações. Na realidade, a experiência mexicana-americana acabou demonstrando um perfil multirracial e multicultural, em um contexto muito diferente dos anos 1960.

⁵⁷ No original: “[...] *first Chicanas/os never succeeded in convincing the new immigrants of their legacies which included greater access to U.S.institutions; immigrants not knowing the history of the Civil Rights struggle clung to old definitions of Chicano that they equated with chicanery; and finally, the beer companies and middle-class Latino organizations saw the benefits of competing with African Americans for the title of the largest minority in the United States*”.

Assim, em termos gerais, um posicionamento mais centralista dos mexicanos-americanos foi observado na política, porém sem deixar de existir alguns grupos opositores ao governo. É preciso explicar que muitos chicanos continuaram a sofrer o racismo dos estadunidenses na década de 1980, havendo uma tentativa de união dos chicanos com os afrodescendentes contra os ataques racistas, porém, mais uma vez, os objetivos e as realidades dos dois grupos não se alinhavam.

Na perspectiva de Muñoz Jr. (2013), organizações chicanas esquerdistas, envolvendo grupos ativistas com suas diferentes causas (gays, lésbicas, movimento anti-apartheid,..) na busca pela igualdade e por seus direitos, na prática, funcionam; porém, o que se torna mais complexo é a consolidação de uma ideologia chicana de esquerda, que é barrada por um forte conservadorismo e receio do comunismo, os quais vieram como movimentos contra-revolucionários após os anos 1960.

Os novos imigrantes que surgiram nos anos 90 passaram a militar obstinadamente contra as políticas que não permitiam sua participação no mercado de trabalho internacional. Houve uma série de tentativas do governo de desacelerar a evolução da população chicana, por meio da deportação e criminalização dos imigrantes não documentados, apesar de muitas das vezes serem eles os responsáveis por manter um nível razoável da economia em determinadas regiões do país. O governo construiu uma cerca de onze milhas em São Diego, com o intuito de deter imigrantes ilegais e combater o tráfico de drogas: “O presidente Bill Clinton lançou a ‘Operation Gatekeeper’ (‘Operação Porteiro’), selando a fronteira oeste de São Diego e forçando os imigrantes ilegais a atravessarem o terreno suicida para leste” (Acuña, 2014, p. 127)⁵⁸. Assim, a luta pela proteção dos chicanos e outros latinos era uma prioridade entre os mesmos. Apesar de terem acesso em grande número ao mercado de trabalho estadunidense, ficando atrás apenas dos afro-estadunidenses, eles ainda eram estereotipados como “preguiçosos” e “vivendo de auxílio” (Acuña, 2014).

Em 1996, pela Proposição 209⁵⁹, a ação afirmativa nos empregos e na educação superior foi criminalizada na costa oeste, levando a uma grande diminuição dos latinos e afro-estadunidenses nas universidades estadunidenses. A autobiografia de Grande traz o

⁵⁸ No original: “President Bill Clinton launched “Operation Gatekeeper,” sealing the western San Diego County border and forcing undocumented immigrants to cross the suicidal terrain to the east”.

⁵⁹ Aprovada pela maioria da votação na costa oeste dos Estados Unidos, a Proposição 209 determinava que na seleção de estudantes, funcionários públicos ou prestadores de serviço, não se pode levar em conta os fatores como raça, etnia ou sexo. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/11/08/mundo/13.html>. Acesso em: 04 jan. 2021.

testemunho desse momento de protesto efervescente dos(as) chicanos(as) na Universidade da Califórnia e sua participação como estudante:

Uma vez limpas as sequoias, eu podia ver o prédio e as centenas de estudantes marchando ao redor dele, segurando placas. [...] Lá estavam todas as faces marrons que eu havia procurado. Estudantes que apenas pareciam comigo. [...] Minha voz se elevou para se juntar a deles até como se nos tornássemos uma só pessoa. Pela primeira vez desde que eu havia chegado, eu me senti conectada. Nós começamos a caminhar ao redor do prédio, ainda de mãos dadas e cantando, "Esta minha pequena luz, eu a deixarei brilhar, deixarei brilhar, deixarei brilhar, deixarei brilhar." (Grande, 2018, p. 38-39)⁶⁰

Os descendentes dos espanhóis em geral, portanto, são vistos como uma ameaça à segurança e política nacional estadunidense, a qual se opõe fortemente a esse cenário multirracial. Outro fator que afetou e reconfigurou a vida dos imigrantes mexicanos e latinos nos Estados Unidos foi a globalização. O que pode ser observado, desde o século XX, (e um crescimento considerável dos latinos como um todo; mexicanos, portorriquenhos, cubanos, ...) no território estadunidense, devido às grandes ondas de imigração dos anos 1980 e 1990:

O censo de 1960 nos Estados Unidos registrou que os/as latinos/as representavam 3.5% da população estadunidense. Em 2006, o departamento do censo registrou que os/as latinos/as haviam aumentado para 14.8% do total da população estadunidense, ultrapassando os afro-estadunidenses e se tornando então a maior população de pessoas de cor. Os mexicanos-americanos permanecem o maior grupo dos 17 grupos latinos. Dessa forma, a demografia política dos Estados Unidos tem se tornado muito mais diversa e complexa (Muñoz Jr., 2013, p. 224).⁶¹

Em termos de século XXI, é inegável que os latinos vêm construindo sua história de maneira marcante no território estadunidense. Em relação ao número de imigrantes, os chicanos vêm ultrapassando esse número em todo mundo, ampliando o mercado latino no território dos Estados Unidos, o que, certamente, não é visto com bons olhos por muitos estadunidenses, que preferem desconsiderar os fatos e tratar aqueles de origem mexicana como mercadorias que podem comprar quando bem entenderem. Uma parte dos próprios

⁶⁰ No original: "Once we cleared the redwood trees, I could see the building and the hundreds of students who were marching around it, holding signs. [...] There they were—all the brown faces I had been looking for. Students who looked just like me.[...] My voice rose to join theirs until we all became one. For the first time since I had arrived at the school, I felt connected. We began to walk around the building, still holding hands and singing, 'This little light of mine, I'm gonna let it shine, Let it shine, let it shine, let it shine'".

⁶¹ No original: "The 1960 US Census reported that Latinos/as were 3.5 percent of the US population. In 2006, the Bureau of the Census reported Latinos/as had become 14.8 percent of the total U.S. population, bypassing African Americans and thus becoming the largest people-of-color population. Mexican Americans remain the majority of the 17 Latino/a population groups. The political demographics of the US have thus become much more diverse and complex".

chicanos também ainda se encontra enraizada nas velhas definições, agindo e permitindo serem tratados como cidadãos de baixa classe, acreditando que a luta pela igualdade deve ocorrer apenas entre eles mesmos.

Depois do ataque de 11 de setembro de 2001, foi travada uma guerra terrorista contra imigrantes não documentados, com o combate aos mesmos por meio de batidas das autoridades policiais nos *barrios* e nas comunidades, e a criação de um Departamento de Segurança da Nação (*Department of Homeland Security*), deixando muitas famílias chicanas órfãs e sem moradia. Durante o governo de George Walker Bush (2001-2009), foram realizadas muitas campanhas anti-imigração pelos partidos da direita estadunidense, o que culminou na proibição do ensino da história mexicana-americana nas escolas, argumentando que seu intuito era de exclusão racial e de caráter não patriota. Essas medidas governamentais têm provocado muitas perdas e sofrimento na vida de muitos mexicanos. Reyna Grande (2018) descreve a dificuldade de conseguir sua cidadania ainda bem anteriormente ao episódio de 11 de setembro, com o desvio de sua documentação e a complicação burocrática pela qual teve que se submeter: "Eu teria que reabrir meu caso e pagar mais taxas" (p. 198)⁶².

Voltemos novamente à fronteira México-Estados Unidos, essa barreira que carrega um sentido muito forte para o povo chicano, não pertencente a nenhum dos dois lados, mas que se encontra em ambos os lugares. Desde a militarização da fronteira, iniciada pelo governo de Bill Clinton (1993-2001), milhões de dólares têm sido gastos na vigilância contra a crescente entrada dos imigrantes ilegais, com a argumentação da proteção e pelo combate à violência e ao tráfico de drogas. O desemprego em diversos países da América latina, advindo das falhas na economia globalizada neoliberal, também têm provocado um aumento muito grande no número de imigrantes documentados e não documentados, principalmente latinos, nos Estados Unidos, levando, em contrapartida, à existência de cada vez mais campanhas anti-imigração e, ao mesmo tempo, à exploração de mão de obra barata mexicana em vários setores desse território.

Como já mencionado, os imigrantes mexicanos fazem tentativas as mais diversas para burlarem e atravessarem o muro construído, expondo-se a condições precárias de saúde, prostituição e a muitos perigos, que acabam resultando por vezes em morte. Ainda no governo de George W. Bush (2001-2009), no ano de 2006, a entrada ilegal dos imigrantes foi considerada crime. Milhões de imigrantes não documentados, a maioria latinos, em resposta a essa medida, marcharam às ruas no mês de março para protestar que não eram criminosos nem terroristas, e que muito menos representavam um perigo para a sociedade dominante. O

⁶² No original: "*I'd had to reopen my case and pay more fees*".

estopim das marchas foi a realização de um boicote ao governo no dia primeiro de maio de 2006, a fim de demonstrar sua importância para a economia estadunidense. Como resposta, a lei que outorgava a imigração ilegal como crime não foi aprovada, além de ter havido também o desencadeamento de um sentimento de busca por justiça social, que remeteu ao espírito revolucionário dos anos 1960 do Movimento Chicano, com a presença de muitos veteranos do movimento nos protestos.

Outro acontecimento de destaque foram as eleições de 2008, em que os mexicanos-estadunidenses desempenharam um papel importante na vitória do democrata Barack Obama (2009-2017) e contribuíram significativamente para sua reeleição em 2012. A política migratória de Obama, mais razoável em relação aos imigrantes, postulava que, a fim de obterem cidadania, eles deveriam obedecer a alguns critérios como o trabalho árduo, aprenderem o idioma inglês, pagarem algumas taxas referentes às leis migratórias, entre outras. Dois assuntos tiveram seu ponto alto durante sua administração: a instalação de algumas metas para a Reforma da Imigração Compreensiva e a *Deferred Action for Childhood* (DACA - Ação Diferida para a Infância). Com o intuito de satisfazer os dois partidos estadunidenses, dentre as metas para a Reforma estavam o endurecimento da segurança nas fronteiras, impedimento do trabalho de imigrantes indocumentados, proibição da permanência de imigrantes por mais que o período estipulado, criação de um comitê capaz de adaptar o número de vistos disponíveis às mudanças econômicas, incentivo e criação de um programa de oportunidades para obtenção de cidadania, e o desenvolvimento de um programa para ajudar imigrantes a se adaptarem à vida no país⁶³. Já a DACA (criada em junho de 2012) teve o objetivo de evitar as deportações temporariamente, concedendo vistos renováveis de estadia e trabalho, sob alguns critérios, para os chicanos que estavam de forma ilegal no país desde crianças, porém não garantindo cidadania permanente a eles. Reyna expõe a frustração da chicana Rosa de ser uma imigrante não documentada que para sobreviver passa a burlar os documentos e incorporar uma nova identidade no trabalho: "Em casa ela era Rosa, mas no trabalho ela se tornou Gladys. Todo dia ela tinha que mudar de identidades" (Grande, 2018, p. 240)⁶⁴.

Aproximando-se dos nossos dias, podemos alegar que o mandato de Donald Trump (2017-2020) foi caracterizado por um discurso rígido e de combate em relação aos imigrantes. Mesmo barrado em algumas de suas tentativas extremistas de combate às imigrações, Trump

⁶³<https://migramundo.com/de-clinton-a-trump-veja-o-que-fizeram-os-ultimos-presidentes-dos-eua-em-relacao-a-imigracao/>. Acesso em: 04/01/2021.

⁶⁴ No original: "At home she was Rosa, but at work she became Gladys. Every day she had to change identities".

foi bem-sucedido em outras. Apesar de não ter conseguido anular o DACA em 2017, foi por meio de sua política de tolerância zero em 2018, exigindo a prisão de qualquer indivíduo que cruzasse irregularmente a fronteira, que ele provocou a separação de milhares de crianças de suas famílias. Essa política de tolerância zero acabou sendo revertida, contudo, a ocorrência de separações ainda continuou sendo registrada. Em 2019, seu programa “Permanecer no México” manteve-se vigorando e enviando milhares de requerentes de asilo para o México, enquanto aguardavam audiências nos tribunais estadunidenses. Ainda em julho de 2019, foi registrado também um número bastante expressivo de deportações de imigrantes. Nesse mesmo ano, o presidente reduziu substancialmente o limite do número de chegada de refugiados nos Estados Unidos.

Já no ano de 2020, diante da pandemia causada pelo novo coronavírus, Trump suspendeu os vistos permanentes de imigração (*green cards*), e “convidou” os estudantes universitários imigrantes em regime de estudos remotos a saírem do país; precisou, porém, voltar atrás nessa medida devido à sua rejeição em vários estados. Em meados de 2020, o governo conseguiu enfim limitar as renovações para o DACA e não aceitar novas inscrições, causando interrogações e muitas dúvidas nas vidas de um enorme número de pessoas. Além desses fatos, Trump também assinou um memorando excluindo a contagem dos imigrantes irregulares no território.

O que nos é possível constatar é que após muitas lutas e mesmo com os ganhos que já ocorreram como legado do Movimento e estudos chicanos em relação aos direitos sociais desses povos, ainda há muito o que se buscar, especialmente em relação aos mais pobres. A política de deportação de vários mexicanos na fronteira, o racismo e o seu não reconhecimento como cidadãos estadunidenses, em muitos casos, são alguns dos exemplos que podemos usar para ilustrar como esses indivíduos permanecem excluídos na atual sociedade estadunidense. Os chicanos que trabalham ilegalmente, os considerados refugiados, são os mais explorados econômica e socialmente, por não obterem condições mínimas de saúde e higiene. A situação de muitas mulheres chicanas, de maneira especial, ainda chama a atenção, como mencionado por Anzaldúa (1999), pelas condições em que algumas trabalham; subjugadas a algum contrabandista, que geralmente as estupram ou vendem seu corpo à prostituição, não lhes oferecendo nem mesmo comida e o mínimo direito ao acesso sanitário. Acuadas, sem saber falar inglês e principalmente com receio de serem deportadas, essas mulheres não encontram saída a não ser a de permanecer em silêncio. Isso ocorre, segundo Argüelles (2010), com todos os sujeitos subalternos dessa sociedade e principalmente com o

sujeito feminino chicano, duplamente colonizado, tanto pela sua condição política como de gênero.

Tendo sido retratados neste breve histórico alguns de seus enfrentamentos e condições adversas no território estadunidense, torna-se oportuno reafirmarmos que, ao nos referirmos aos “chicanos”, temos ciência de que estamos tratando de um grupo heterogêneo sobre o qual não devemos fazer generalizações (especialmente no atual mundo globalizado); esses cidadãos nem sempre compartilham das mesmas experiências e demonstram o mesmo “destino”, e, por isso, muitos apresentam vivências distintas, que podem não necessariamente corresponder ao papel de subalternidade e exclusão, resultantes da influência de diversos outros fatores também, como classe, sexualidade e gênero. O nosso foco, contudo, reside nos indivíduos discriminados, presentes em grande peso, principalmente naquelas mulheres chicanas silenciadas pela sociedade hegemônica e pela sua própria cultura, que ainda lutam para obterem seu espaço e voz nessa sociedade. Como elucidado por Salas e Valle (2002), apesar de muitos triunfos, há um grande contraste entre as condições predominantemente precárias da maioria dos descendentes de mexicanos presentes nos Estados Unidos, e de uma minoria que tem acesso a uma educação mais refinada e às instituições de poder.

Não podemos negar, dessa forma, que, paralelamente à fronteira física, a fronteira ideológica permanece viva por meio dos estereótipos, das divergências socioeconômicas, históricas e culturais entre mexicanos e estadunidenses. As obras analisadas neste trabalho, especialmente as autobiografias mais recentes, escritas por Corpi e Grande, agora no século XXI, evidenciam como esses acontecimentos fizeram e fazem parte dos obstáculos enfrentados pelos chicanos(as). O que também pode ser evidenciado e que reiteramos aqui é a divisão dentro do próprio grupo chicano; temos, entre eles, os mexicanos que ainda se identificam muito com o México; os mexicanos-estadunidenses nativos, conscientes dos problemas sociais, políticos e econômicos que os perpassam; e os tejanos, muitos dos quais alheios aos problemas da “comunidade chicana” (Rendón, 2000).

Ao pontuarmos novamente os vieses do Movimento Chicano, vimos que mesmo deixando um legado importante na história dos direitos civis dos chicanos, devido às muitas divisões ideológicas de classe, raça/etnia, geração, sexualidade e outras, o movimento não conseguiu exercer unanimidade entre esses povos de origem mexicana e que, como reiterado por Muñoz Jr. (2013), a definição da identidade chicana pregada pelo movimento tornou-se complexa de se atingir, uma vez que ela é sujeita a muitas oscilações e constantemente influenciada pelas questões culturais, políticas e econômicas. A política de identidade, dessa forma, não levou à igualdade étnica e nem à reestruturação das instituições dominantes. A

maioria dos chicanos também não comprou a ideia do nacionalismo pregado pelo movimento, não provocando uma frente unida revolucionária que se reafirmasse como um povo à parte. Além disso, vimos que após os anos 1960 não foi mais possível reproduzir a luta e as aspirações do Movimento da mesma forma, devido aos diferentes contextos econômicos e sociopolíticos que foram emergindo.

Em relação à questão identitária no recente cenário, mais uma vez, devido às reconfigurações demográficas provenientes da globalização, com a presença cada vez mais significativa de latinos em geral no território estadunidense, reafirmamos que as tentativas de se determinar um termo ou uma identidade chicana não se mostram produtivas para definir a comunidade de origem mexicana nos Estados Unidos, uma vez que o momento globalizante não é favorável a nenhum movimento nacionalista de caráter étnico radical (Muñoz Jr., 2013). Essas tentativas devem girar mais em torno da descolonização das mentes, visando perspectivas diversas que englobem/reconheçam as questões de gênero, raça/etnia e classe, assim como das ideias de integração, que possam abarcar o sentido de uma comunidade diversa e dinâmica, no intuito de refletir a diversidade desses povos nos diferentes estados estadunidenses, estando perto ou longe da fronteira física entre o México e os Estados Unidos (Argüelles, 2010).

Compactuando com as teses dos autores aqui apresentados, o grande desafio do século XXI reside na tentativa de delinear estratégias que acolham por meio da justiça social e igualdade não só os chicanos, mas o grande número progressivo das pessoas de outras etnias nos Estados Unidos da América, resultante da integração global do nosso panorama mundial contemporâneo:

Por meio dos chicanos, os Estados Unidos têm muito a aprender sobre os povos do sul. Os Estados Unidos podem até mesmo chegar a um acordo com toda a América Latina, se eles reconhecerem os chicanos como um fenômeno único das Américas e lhes assegurarem seus direitos e status devidos. Esse será um grande passo da América Anglo em se mover para além de si mesma na comunhão com as nações mundiais, livre da paranoia ou ilusões de policiar o mundo (Rendón, 2013, pos. 5116)⁶⁵.

⁶⁵ No original: “*Through the Chicano, the United States has much to learn about the peoples to the south. The United States may even come to terms with the whole Latin American world, if it will recognize the Chicano as a unique phenomenon of the Americas and assure him the rights and status that are his due. That will be a major step by Anglo America to move beyond itself into a communion with the world nations, free of paranoia or the delusions of being policeman for the world*”.

O que há também é a necessidade de um novo perfil de movimentações que lutem não só contra a opressão racial e étnica, mas que apresente uma perspectiva democrática que englobe as múltiplas etnias, a favor dos direitos dos imigrantes e suas necessidades humanas. Não ousemos nos esquecer daqueles que apresentam uma dupla agenda, como as mulheres, a propósito. Esse movimento novo, descolonizador das mentes, diferentemente do viés patriarcal do Movimento Chicano dos anos 1960, deve abraçar as questões de gênero e as outras diferenças, de um modo que torne os marginalizados participativos da cultura que compartilham, possibilitando a construção de pontes edificadoras entre os diversos grupos étnicos dentro da sociedade em que vivem.

Após essa breve explanação sobre o percurso histórico dos chicanos e os acontecimentos que desencadearam o movimento sociopolítico em prol dos seus direitos civis no território estadunidense nos anos 1960, assim como suas reverberações na contemporaneidade, seguiremos dissertando sobre o surgimento e o florescimento da literatura chicana e da literatura das mulheres chicanas como reflexo desse período, objetos de discussão essenciais desta tese, a fim de atestarmos a relevância da escrita nesse contexto de busca dos(as) chicanos(as) pela sua autoafirmação e reconhecimento na sociedade dominante. Por meio da escritura de seus textos, os(as) chicanos(as) têm marcado sua cultura e reafirmado o conhecimento da sua realidade nos Estados Unidos. A literatura tem sido um instrumento essencial que serve de testemunho da sua comunidade de origem, especialmente no tocante às mulheres, que têm conseguido ressignificar os princípios e valores de sua cultura e, assim, se fazerem conhecidas e trazerem a possibilidade de serem reconhecidas dentro da atual conjuntura.

2 LITERATURA DAS MULHERES CHICANAS E FEMINISMO CHICANO

Após termos realizado um breve histórico sobre a origem e a luta do povo chicano no primeiro capítulo, neste capítulo abordaremos a literatura chicana, desde o seu (re) nascimento/emergência no século XX e sua consolidação nos anos 1980, até os desdobramentos que levaram ao seu *status quo* na contemporaneidade, reverberando os acontecimentos sociopolíticos no cenário estadunidense ao longo das décadas. Esses acontecimentos foram frutos de muitas lutas, especialmente das escritoras chicanas, as quais, por meio da tessitura de suas obras, têm servido como mediadoras das vozes das chicanas, propiciando a quebra de muitos paradigmas e o (re)conhecimento dos(as) chicanos(as), tanto perante à sua comunidade quanto à comunidade estadunidense dominante.

2.1 VISÃO GERAL DA LITERATURA CHICANA

Ao iniciarmos a discussão sobre a literatura chicana, apesar de associarmos seu ponto alto com a efervescência do Movimento Chicano (entre os anos 1960 e 1970), durante o qual o ativismo dos mexicanos-estadunidenses contra as políticas de assimilação e sua necessidade de resistência e autoafirmação traduziram-se substancialmente em produções literárias engajadas, não devemos deixar de lado o fato de que, desde o século XIX, a escrita literária desse grupo já existia - não oficialmente, mas como precursora, abrindo caminhos a esses trabalhos que (re)nasceram e se firmaram no século XX, a fim de mediar o reconhecimento dos mexicanos-estadunidenses no território dos Estados Unidos. As obras de nosso interesse neste estudo são representativas da literatura das mulheres chicanas, que teve seu ápice nos anos 1980, trazendo suas questões em relação à cultura dominante e à sua própria cultura, possibilitando a essas mulheres, assim, sua audibilidade no panorama contemporâneo. Dessa forma, expressamos aqui a importância de traçarmos também um histórico da literatura dos chicanos como um todo, até chegarmos na literatura das mulheres chicanas e investigarmos a relevância da escrita dessas mulheres para seu reconhecimento e de sua comunidade no cenário atual.

Na verdade, em relação à literatura, desde a época em que os indígenas dominavam as terras onde hoje se encontram os Estados Unidos e o México, o gênero dramático já existia. Após a conquista dos espanhóis na região do México, o drama litúrgico proveniente desses colonizadores também foi predominante na catequização dos índios por meio de suas diversas peças teatrais com propósitos didáticos. Nas décadas de 1940 e 1950, cerca de um século após

parte do território mexicano ter sido doado aos estadunidenses, caravanas de teatros mexicanos espalhavam-se por essa região, no sudoeste dos Estados Unidos, promovendo entretenimento e arte. Com o tempo, as mudanças nos hábitos e estilo de vida levaram ao desaparecimento e dispersão desses artistas falantes do espanhol; porém, desde essa época, a presença da cultura mexicana no cotidiano dos chicanos, expressando a não assimilação deles, nos permite pensar nesse período como um primeiro momento de contestação, no qual houve a necessidade de esse grupo, estereotipado pelos brancos na literatura dominante, apropriar-se dos mitos e símbolos de sua própria cultura e criar, muitas vezes, uma identidade radical para os definir, como a figura do pachuco, por exemplo, além de um idioma que os representasse, o caló⁶⁶.

O teatro reemergiu nos anos 1960, por meio de Luis Valdez, com o teatro campesino e seus propósitos políticos, ligados à causa dos fazendeiros liderados por César Chávez em Delano, na Califórnia. Os atos rápidos, caracterizados pelo humor e exagero dos personagens, utilizavam-se do inglês a fim de atingir o público, mas não deixavam de expressar algumas palavras em espanhol, causando um efeito especial por meio da linguagem caló. Esses atos apresentavam grande popularidade e retratavam tanto os conflitos dos fazendeiros quanto a vida dos chicanos nas cidades, com o objetivo de combater a opressão e a pobreza dessas comunidades. É importante sublinhar que esses autores, por meio de sua arte e folclore, denunciavam a tragédia humana e suas lutas, com o objetivo de conscientizar os chicanos sobre sua realidade rural e urbana. Além disso, essas experiências não precisavam ser lidas, o que as tornava de fácil acesso e maior alcance ao público.

O papel do gênero lírico também foi marcante entre as décadas de 1960 e 1970, na mesma linha, envolvendo temas que abordavam os problemas sociais dos chicanos e a realidade em que se situavam, em seu modo de expressão bilíngue (revezando o uso do inglês e o espanhol). Arnulfo Trejo (2017) sustenta que o aspecto bilíngue dessa poesia apresenta um significado simbólico e funcional, refletindo a vivência dos chicanos e garantindo a representação do orgulho deles pela sua língua e cultura, as quais ratificam sua formação identitária perpassada pelos dois idiomas.

⁶⁶ De acordo com Rafael Jesús Gonzales (1988) em "*Pachuco: The Birth of a Creole Language*", o termo pachuco, relacionado à linguagem coloquial, refere-se aos jovens de origem mexicana que faziam parte das grandes ondas migratórias que se originaram de El Paso rumo à Califórnia no início do século XX.

Caló é uma gíria bilíngue associada aos pachucos no sudoeste dos Estados Unidos, com traços da gramática românica e originada a partir do dialeto falado por ciganos espanhóis.

Os contos e as histórias curtas apareceram neste cenário literário diversificado como herança da tradição oral da cultura chicana. O romance ficcional, por sua vez, não constava como um número muito expressivo na literatura chicana até o fim dos anos 1960 e início dos 1970, quando havia mais poetas, escritores de peças e ensaístas que romancistas. As narrativas ficcionais passaram a representar a experiência chicana, principalmente após a Segunda Guerra, expressando a consciência da necessidade de libertação social e política, o *background* de certo momento histórico e as situações cotidianas de forma bem realística, com a mescla predominante do inglês e espanhol nos textos, e um propósito também de enviar mensagens engajadoras para os leitores, criando um espaço no mercado para esse tipo de escrita.

Um ponto que pode ser observado na literatura dos chicanos, dessa forma, consiste na heterogeneidade de suas produções e abordagem de temas que são resultantes de suas experiências diversas, as quais englobam problemas identitários, sociopolíticos e culturais, o que, a propósito, torna difícil a classificação de um romance típico chicano. Trejo (2017) acrescenta que o que pode ser marcado como característica comum nessa literatura é a expressão do descontentamento geral e o sentimento de luta e proatividade dos chicanos em relação às situações injustas a que foram submetidos.

Antes de procedermos à tarefa de detalhar um pouco mais sobre as características da escritura dos chicanos em certos momentos relevantes de sua história, é preciso pontuarmos que a formação da literatura chicana foi predominantemente perpassada pelos sentimentos de ansiedade em relação aos processos de assimilação/adaptação. A literatura chicana apresentou, desde o começo, um caráter contestador, expresso na luta pela abertura do cânone e pelos respectivos reconhecimento e inclusão de sua produção literária no cenário estadunidense. Mesmo havendo uma heterogeneidade de propostas, a representação desse grupo como uma unidade na linha de frente veio para obter suas reivindicações dentro desse panorama social (Argüelles, 2010). A escrita chicana encontrou, dessa maneira, resistência da sociedade estadunidense, que pregava a manutenção cultural homogênea da nação, e enxergava o desenvolvimento dessa literatura como uma ameaça aos ideais de unificação e estabilidade dos Estados Unidos.

A sociologia da assimilação⁶⁷, surgida na década de vinte na Universidade de Chicago, promovia a americanização dos imigrantes e passou então a vigorar como paradigma da nação estadunidense nas próximas quatro décadas. Em um primeiro momento pré-movimento (anteriormente aos anos sessenta), o ambiente universitário foi reproduzidor dessa ideologia da cultura nacional estadunidense; no entanto, como veremos posteriormente, as crescentes mudanças demográficas e políticas no cenário global fragmentaram o ensino superior de maneira diversificada, tornando-o inevitavelmente um nicho para a produção, compartilhamento e recepção de variados discursos provenientes de diferentes culturas (Cutler, 2015).

Desse modo, no auge da efervescência do Movimento Chicano, a literatura chicana, como forma de busca pela sua luta sociopolítica, em termos gerais, foi ao encontro do discurso anti-assimilacionista, fortemente engajada com o nacionalismo cultural chicano, posicionando-se veemente como um projeto opositor ao discurso de assimilação, com o objetivo de demonstrar que os mexicanos-americanos e sua não adequação ao *melting pot* eram mais do que provas do não funcionamento das políticas de assimilação. Com o desenrolar dos acontecimentos e sob as pressões das práticas sociais em que estavam envolvidos, porém, houve várias reconfigurações na visão dos chicanos em relação à teoria da assimilação ao longo das décadas que vieram, no intuito de se adequarem às novas realidades enfrentadas por eles. Assim, nos anos oitenta, frente a um panorama multicultural ferrenho, no qual muitos cidadãos acreditaram na necessidade de voltarem à unificação de uma cultura nacional para se adaptarem às outras novas imigrações no território estadunidense e garantirem sua cidadania, houve também um retorno dos chicanos, de modo geral, às políticas de assimilação, e uma tentativa da literatura se engajar, de forma reconfigurada, com a assimilação.

Com o passar dos anos e após o estopim do seu movimento social, os próprios chicanos constataram que a abordagem cultural nacionalista e a imagem idealizada do chicano e sua comunidade não eram produtivas, uma vez que essas práticas não correspondiam à realidade em que se inseriam. Como ferramenta mediadora de voz sociocultural e política, a literatura passou a apresentar vários textos nos quais vigoravam ideias para a compreensão e formas de lidar com os processos assimilatórios. O papel da literatura chicana tendeu, desse

⁶⁷ Durante a década de 1920 houve o florescimento da Escola de Sociologia de Chicago, que trouxe, entre seus temas e debates, as relações de migração, as questões da assimilação, adaptação, conflitos e negociações dos migrantes com seus países de destino. Em linhas gerais, em relação à assimilação, essa escola promovia a crença geral de que a sociedade estadunidense era capaz de integrar e assimilar suas minorias étnicas (Zanforlin, 2014).

modo, a se afiliar cada vez mais às transformações culturais como um todo, adequando-se a uma adaptação e a um entendimento tido por muitos críticos teóricos da nação como heterogênea, com a crescente consciência de que, mesmo dividida internamente, o caminho consistia em ser capaz de manejar as diferenças e produzir representações culturais produtivas⁶⁸. Cutler (2015) afirma que muito do lirismo dos(as) autores(as) chicanos(as) pós-movimento trazem a concepção da adaptação como chave da sobrevivência, desafiando tanto as teorias da assimilação quanto as da antiassimilação. Esse seria o modo de promover o encontro entre as culturas mexicana e estadunidense, produzindo um objeto cultural novo, resultante da autenticidade desse grupo.

Neste sentido, a relevância histórica da editora chicana Quinto Sol (nos anos 1970) deve ser destacada aqui, visto que refletiu esse discurso voltado à capacidade de produção cultural dos chicanos, não se restringindo às ideias nacionalistas de autenticidade, e sim contribuindo para um aumento substancial da produção literária chicana como capital cultural ligado ao âmbito universitário estadunidense, com o objetivo de transformar a universidade em um campo de igualdade da educação para os chicanos.

A seguir, traçamos brevemente um histórico de alguns marcos e obras relevantes da literatura chicana, com o propósito geral de relacioná-los ao pano de fundo de alguns períodos do século XX e delinear as características dessa literatura e seu desenvolvimento, a fim de conhecermos e compreendermos suas transformações e como a produção literária dos(as) chicanos(as) alcançou o atual status contemporâneo.

2.1.1 As narrativas chicanas: a geração migrante e a mexicana-americana

De forma geral, a literatura estudada nos mostra que, por muito tempo, as narrativas históricas marcaram a produção literária dos mexicanos-americanos; “*Pocho*” (“Frouxo”), de Antônio Villa Real (1959), e “*With his pistol in his hand*” (“Com sua pistola em sua mão”) (1958), de Americo Paredes, foram consideradas textos fundacionais da literatura chicana. Essas narrativas não possuíam como objetivo a problematização das disparidades de ordem socioeconômica, étnica, racial e de gênero que envolviam os mexicanos-americanos, enfatizando mais suas tradições literárias (como o gênero corrido, por exemplo; musical e

⁶⁸ Apesar da literatura chicana apresentar uma heterogeneidade/pluralidade de propostas, é importante pontuarmos que nesta tese não compactuamos com a concepção de literaturas chicanas e sim de “literatura chicana”, a qual mesmo incorporando uma diversidade de gêneros e temáticas, tem como objetivo em comum a luta pelo (re)conhecimento e (re)valorização desse grupo étnico na sociedade estadunidense.

primariamente masculino, que discorria sobre eventos e relacionamentos na vida dos chicanos) e as questões históricas sobre eles (Mendoza, 1960). Já entre os anos 1980 e 1990, foi possível observar a produção de ficções mais problematizadoras das hierarquias de classes, do status de gênero, raça/etnia e identidade cultural dos chicanos, ou seja, a expressão da politização das relações sociais, econômicas e domésticas, além de uma análise mais crítica sobre a não participação das mulheres na escrita chicana, refletindo um comportamento de transição que vinha ocorrendo como prefigurador da análise contemporânea de gênero. Mendoza (1960) destaca a obra “*Caballero*” (“Cavaleiro”) (1996), de Jovita González (escrita entre os anos 1930 e 1940, porém publicada apenas em 1996), especialmente por considerá-la representativa das narrativas ao mesmo tempo histórica e das mulheres, e que, por meio de um jogo entre ficção e história (a história trabalhada de forma ficcional), questiona as fronteiras e a autenticidade da literatura chicana, ao mesmo tempo em que discute as relações de poder, expondo os problemas de gênero; antecipando, então, um posicionamento feminista que viria a florescer.

Observando as narrativas que fazem parte da “*migration literature*” (literatura da geração migrante) e discorrem sobre o período situado na virada do século XIX para o XX (desde 1848 até antes da metade do século XX), podemos afirmar que se caracterizaram como textos ficcionais em que há a abordagem de temas que se estendem desde a documentação histórica até a experiência da migração, envolvendo a jornada do mexicano que se destina aos Estados Unidos devido a sua instabilidade social e econômica (a história geralmente apresenta como final a assimilação do protagonista masculino à sociedade estadunidense como “solução” para o seu conflito); até temas que já refletiam a preocupação política de várias esferas sociais que foram negligenciadas, além também do uso de estratégias de subversão na escrita para a revisão e compreensão dessa época.

Torna-se importante destacar que essa voz política na escrita apareceu principalmente por meio de escritoras mulheres, como Sara Estela Ramírez; a propósito, não incluída nas narrativas históricas (que dissertavam sobre noções muito estreitas de identidade, raça, etnia e nação). Como ocorreu com as obras de outras mulheres, seu trabalho acabou sendo reconhecido mais pelo jornalismo nessa época. No entanto, essa autora, entre outras, foi considerada uma precursora iminente para o feminismo e literatura escrita pelas mulheres chicanas. Por seu lado, os jornais, destinados de forma pontual ao público concentrado no Sudoeste, desempenharam um papel significativo em recrutar a solidariedade dentro da comunidade chicana, alavancando o nacionalismo cultural e o senso de comunidade nesse grupo.

A chamada geração mexicana-americana, por sua vez, abrangendo aproximadamente a década de 1930 até a de 1960, foi representada por produções literárias que refletiram um período de experiências e histórias vividas por esse grupo. Essas produções documentaram a situação dos mexicanos nos Estados Unidos, pré e pós-Segunda Guerra, demonstrando os variados conflitos sociais vividos por eles; de identidade individual e coletiva, de liderança, da consciência histórica sobre as condições opressivas em que se encontravam, evidenciando, muitas vezes, o paralelismo entre as condições de classe e de política que enfrentavam. A mistura de gêneros veio como reflexo da consolidação da hegemonia capitalista da sociedade estadunidense. Em algumas narrativas, a presença do gênero corrido juntamente com o *Bildungsroman*⁶⁹, por exemplo, foi utilizada como uma forma de contestar o discurso da assimilação. Algumas obras retrataram o impasse do mexicano na busca pelo seu lugar na sociedade, ou seja, pela sua identidade individual (possibilidade de mobilidade social) *versus* sua luta junto às causas da comunidade mexicana-americana, com a exposição do conflito preeminente entre ser ou não assimilado pela sociedade dominante (considerado então muitas vezes como líder, outras como assimilado e traidor de sua cultura).

Do mesmo modo, não podemos deixar de apontar aqui que o que fica observado, de modo prevaemente, é a não abordagem direta da questão do gênero e um silenciamento geral acerca da esfera das mulheres nesses romances. A inclusão das mulheres na escrita e sua possibilidade de participação e agência não fizeram parte da construção da escrita literária oficial chicana durante essas décadas. No entanto, o trabalho de releitura dos críticos teóricos tem demonstrado uma (re)descoberta, reconstrução e recuperação da história literária dos(as) chicanos(as), expondo que, ao longo desses períodos, as vozes das mulheres precursoras do feminismo chicano, mesmo não devidamente reconhecidas e publicadas, já tangenciavam essa escrita, servindo de base e inspiração para as futuras autoras chicanas. Como representante dessa geração mexicana-americana, temos Emma Tenayuca, defensora da identidade indígena, que teve a oportunidade de escrever, em torno dos anos 1940, sobre o mexicano trabalhador,

⁶⁹ O *Bildungsroman*, também conhecido como romance de formação, apesar da grande discussão em torno da definição sobre ele, em termos gerais, é caracterizado pela história de “um personagem jovem, do sexo masculino (às mulheres não era, na época, possível a liberdade de movimentos que permite ao herói o contacto com múltiplas experiências sociais decisivas no percurso de auto-conhecimento), que começa a sua viagem de formação em conflito com o meio em que vive, determinado em afrontá-lo e recusando uma atitude passiva; deixa-se marcar pelos acontecimentos e aprende com eles, tem por mestre o mundo e atinge a maturidade integrando no seu carácter as experiências pelas quais vai passando; em constante demanda da sua identidade, representa diferentes papéis e usa diferentes máscaras; sofre pelo imenso contraste entre a vida que idealizou e a realidade que terá de viver; o seu encontro consigo mesmo significa também uma compreensão mais ampla do mundo”. <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/bildungsroman/>. Acesso em: 08 jul. 2021.

no ensaio “*The Mexican Question in the Southwest*” (“A Questão Mexicana no Sudoeste”), sustentando um diálogo com a classe chicana trabalhadora mais desprovida e denunciando a relação entre os mexicanos-americanos não nascidos e os nascidos nos Estados Unidos (Mendoza, 2001).

A crescente conscientização sobre as injustiças sociais e as lutas travadas pelas vozes militantes das gerações anteriores, mobilizadoras da comunidade chicana contra a opressão dos brancos e contra a acomodação/assimilação dos mexicanos-americanos dessas referidas gerações, desaguaram, conforme discorrido no capítulo anterior desta tese, no famigerado Movimento Chicano dos anos 1960, que teve, dentre as suas causas, a título de citação genérica, a reivindicação por igualdade política e social, a eliminação do racismo, a busca pela autodeterminação e pela autonomia cultural e nacional dos chicanos. O Movimento e sua reafirmação do nacionalismo cultural promoveram um renascimento da arte chicana em diversas instâncias. Houve uma proliferação de trabalhos históricos e literários, e como também já relatado, a poesia e o teatro tiveram um papel de peso nesse período. Na visão de Anzaldúa (1999), os chicanos só foram mesmo reconhecer a si próprios como um povo, consciente de sua realidade, nome e língua, nessa década, com a publicação em 1967 de “*I am Joaquín*” (“Eu sou Joaquim”), de Rodolfo Gonzales, e a formação do partido *La Raza Unida* (A Raça Unida) no Texas, no início dos anos 1970, pela união de César Chávez com os trabalhadores das fazendas.

Apesar da heterogeneidade do grupo chicano, o poema de Gonzales foi uma obra literária icônica que conseguiu expressar o desejo por uma identidade cultural nacionalista e a realidade vivenciada por esses povos, refletindo suas aspirações durante o Movimento. O termo chicanismo foi associado ao teatro campesino, com a dramatização das mazelas diárias enfrentadas pelos chicanos, e o movimento muralista, por sua vez, por meio das pinturas nos *barrios*, teve a finalidade de reafirmar as experiências cotidianas em cidades como Los Angeles e San Diego. Aconteceu, a partir de então, o período de nacionalismo cultural chicano (1965-75), época que se caracterizou pela recuperação das raízes culturais dos chicanos, pela retomada do sentimento de orgulho de Aztlán (o berço asteca dos mexicanos) e pela redefinição dessa população estereotipada muitas das vezes como preguiçosa, ignorante, criminosa, entre outros termos desqualificativos (Torres, 2001). Ao longo dessa década, no meio acadêmico, a presença de um número considerável de cientistas sociais e historiadores chicanos empenhados nas pesquisas e narrativas históricas sobre seu povo passou a ser notável também, apesar de essas últimas aparecerem em número menos expressivo, como já exposto.

As narrativas que focaram nos acontecimentos desse período, com abordagens diferentes, reproduziram, da mesma maneira, as questões perpassadas pela comunidade chicana, especialmente a da identidade. Como obras de destaque, é pertinente citarmos “*The Revolt of the Cockroach People*” (“A Revolta dos Baratas”) (1973), de Oscar Zeta Acosta e “*Youth, Identity, and Power: The Chicano Movement*” (“Juventude, Identidade, e Poder”) (1989), escrita por Carlos Muñoz Jr., a qual, a propósito, com um viés apoiado preponderantemente nos fatos históricos, foi de grande importância para a escrita do primeiro capítulo desta tese. Em “*The Revolt*” (“A Revolta”), Acosta, de forma semiautobiográfica, numa versão ficcionalizada do Movimento, concentra-se na construção da sua identidade, ou seja, na expressão da jornada angustiante e do dilema do chicano entre a busca da sua identidade individual e da coletiva. Já Muñoz salienta a política de identidade, a fim de se obter a compreensão da política do Movimento, voltada ao contexto dos *campi* universitários. O trabalho de Muñoz é visto por alguns críticos, como Mendoza (2001), com um cunho universalizante da experiência chicana dessa era e voltado historicamente com muita ênfase aos estudantes universitários dos anos 1960 e 1970, os quais pregavam valores humanistas que, na prática, não combateram verdadeiramente a exploração econômica e o machismo pelos quais os chicanos, principalmente os de classe baixa, eram afetados. Ao passo que Acosta, com uma perspectiva populista, em sua busca pela identidade, tende a focar, de forma literária, mais na tentativa da compreensão dos eventos do que na reconstrução histórica deles.

Mais uma vez, torna-se imperativo sublinharmos que a escrita oficial do Movimento foi realizada na maior parte pelos homens; não houve, novamente, a problematização da questão de gênero e sua relação com o nacionalismo e o machismo chicanos. Na realidade, muito da escrita das mulheres, quando existente, foi suprimida por representar e “denunciar” a experiência das mulheres e, dessa forma, contribuir para uma análise crítica sobre o caráter machista e homofóbico do Movimento. Entretanto, é necessário reafirmar a existência de precursoras literárias que contribuíram para a formação e a afirmação das mulheres chicanas no campo literário nas décadas que viriam.

Dada sua dimensão, os registros históricos não conseguem precisar ao certo o fim da atividade política do Movimento Chicano; alguns pesquisadores consideram como seu fim o início, outros, o final da década de 1970, e ainda há os que defendem até mesmo que o Movimento esteja presente nos dias atuais. Os anos 1970, por seu turno, foram marcados pela emergência das narrativas contra-hegemônicas e etnográficas produzidas pelos acadêmicos chicanos no cenário estadunidense, frutos dos Estudos Culturais dos anos 1960, que tiveram como destaque na Inglaterra Stuart Hall e Raymond Williams, dentre outros; estudiosos

provenientes de classes operárias, que trouxeram a cultura popular para a área acadêmica (Argüelles, 2010). Em relação aos Estudos Culturais, seus textos seminais foram trazendo cada vez mais a concepção da cultura como local convergente e mais ordinário, que englobava questões que atingiam as classes, a economia e o povo, das quais também a arte não ficava de fora. Inclusive a arte passou de uma noção de privilégio a uma redefinição de processo social geral. Na verdade, a complexidade do conceito de cultura foi demonstrada por não conter apenas uma definição única e não problemática, atingindo um estado que eles denominavam de (in)determinação.

2.1.2 A Literatura das mulheres chicanas

Invisibilizadas primeiramente pela revolução de sua cultura, que apresentava um caráter masculino e dava prioridade aos artistas homens também na escrita (negando às chicanas sua autoafirmação e autenticidade), para que pudessem escrever, as escritoras chicanas tiveram, na passagem dos anos 1960 para os 1970, em um primeiro momento, que se submeter e incorporar a representação de papéis masculinos em seus textos, inserindo-se, assim, nas margens tanto da cultura branca dominante quanto nas do Movimento Chicano. Quiñonez (2002) expõe que os homens chicanos, principalmente aqueles impelidos por uma forte ideia de nacionalismo cultural, acreditavam que as chicanas que aspirassem a qualquer liderança ativista e que, desse modo, saíssem da esfera doméstica, passavam a ser consideradas por eles as “iscas de *Malinche*”, ou seja, traidoras de sua cultura e desafiadoras do machismo chicano. Em “*Mango Street*”, a personagem Alicia, moradora conhecida do bairro de Esperanza, também representa essas mulheres chicanas que aspiravam por uma vida fora da instância do lar. Com toda dificuldade de deslocamento e mesmo diante do preconceito enfrentado pela própria cultura chicana, Alicia tem a oportunidade de correr atrás do sonho de estudar em uma universidade (longe do *barrio*), visto que, segundo Esperanza, a jovem não desejava ter o mesmo destino submisso de sua falecida mãe: “não deseja passar sua vida inteira em uma fábrica ou atrás de um rolo de massa” (Cisneros, 1991, p. 32)⁷⁰.

Em uma outra passagem, “*Beautiful and Cruel*” (“Bonita e Cruel”), a própria Esperanza reafirma que havia dado início a um conflito interno com seu eu, dando indícios que iria à luta para conquistar seu espaço e poder: “Eu acabei de começar minha própria guerra silenciosa. Claro. Eu sou aquela que deixa a mesa como um homem, sem colocar a

⁷⁰ No original: “*doesn't want to spend her whole life in a factory or behind a rolling pin*”.

cadeira no lugar de volta ou pegar o prato" (Cisneros, 1991, p. 89)⁷¹. Da mesma forma, Rocío, em *"The Last of the Menu Girls"* (2004), expressa o seu desejo de não seguir o mesmo caminho da mãe dela, a qual, em sua opinião, valorizava demasiadamente as regras fixas das tradições da cultura chicana. Esse fato provoca uma relação conflituosa entre Rocío e a mãe que, apesar de ser professora, tenta criar e habituar as filhas ao patriarcalismo chicano, não conseguindo se desvencilhar das tradições machistas de sua cultura.

De volta aos acontecimentos histórico-culturais, apesar de tudo, o desenrolar deles propiciou uma abertura às questões de gênero ao longo do processo, que resvalou também na comunidade chicana, e, desse modo, as escritoras chicanas, que participaram às margens ou que foram excluídas do movimento social, foram encontrando sua voz e produzindo seu *corpus* literário, passando a desafiar os costumes literários tradicionais por meio de uma agenda política própria.

A literatura escrita pelas mulheres chicanas veio se firmando, então, e passando a trabalhar com o objetivo de produção de uma escrita de questionamento dos estereótipos sociais em torno delas em sua comunidade, representativa de suas vivências, e, desse modo, mediadora de voz do sujeito feminino, duplamente oprimido, pela sua cultura e pela cultura dominante. Assim, a busca pela identidade, refletida na literatura dos chicanos, não se deu somente na luta do homem chicano em busca da igualdade com o branco, mas da mulher chicana com sua própria comunidade e com a comunidade estadunidense, a fim de ser reconhecida. Os sujeitos femininos silenciados nas narrativas dominantes passaram a ter possibilidade de audibilidade por meio dessas autoras, que se propuseram a reinventar e a desconstruir, muitas vezes até radicalmente, os estereótipos femininos, apresentando novos papéis e modelos, que marcavam o lugar das mulheres chicanas e transcendiam os arquétipos baseados nas postulações do sistema patriarcal (Quiñonez, 2002). As imagens romantizadas e idealizadas da cultura chicana contribuíram para levantar questionamentos acerca da fixidez de modelos e, diante disso, foi havendo uma diversificação dessas imagens no sentido de refletir o caráter dinâmico dessas identidades (chicanas) em constante deslocamento. Assim, o desejo de romper com uma visão totalizadora, muitas vezes pregada pela sua cultura, foi uma forma de resistência encontrada por essas escritoras e um meio de denunciar sua exclusão no discurso cultural dominante da sociedade: "Seus escritos mostram sua identidade descentrada que quer ser incluída e includente; em outras palavras, negam as imagens essencializadas e

⁷¹ No original: *"I have begun my own quiet war. Simple. Sure. I am one who leaves the table like a man, without putting back the chair or picking up the plate"*.

fixas de sua cultura, ao proporem o reconhecimento de suas diferenças” (Argüelles, 2010, p. 25).⁷²

É importante pontuarmos também que essas autoras chicanas trabalham em prol da representação do que foi considerado sujeito feminino do terceiro mundo⁷³, que, apesar de sofrer uma inegável influência do feminismo do “primeiro mundo” e de muitas das vezes compartilharem o mesmo território, apresentam demandas diferentes das feministas dos países desenvolvidos. Essas escritoras partem desse lugar de representação e diferenciação do sujeito feminino chicano, na tentativa de sua afirmação na sociedade estadunidense dominante:

Escritoras chicanas, buscando coesão em seu grupo, a partir de uma perspectiva feminista, revisitam sua produção literária com o mexicano, não por meio de uma ruptura ou desenraizamento, mas por uma releitura de símbolos indígenas, de tradições populares e de valores. Em sua afirmação recorrem a diferentes temas e formas, criando um novo sentido de coletividade” (Argüelles, 2010, p. 29)⁷⁴.

A ênfase dessa literatura recai, então, na subjetividade das mulheres e nas diversas relações da mulher chicana na sociedade, incluindo a família, a sexualidade e a liberdade. Ficções com tom autobiográfico, como veremos adiante, perfazem o testemunho da perspectiva dessas escritoras que transitam na contracorrente. Torna-se imprescindível ponderar também que essa literatura não foi e nem tem sido fácil de se firmar, sendo, pois, construída predominantemente por meio de lutas políticas e pela tentativa de autoafirmação dentro do território estadunidense. As obras literárias das escritoras chicanas são perpassadas pelas questões de classe, raça/etnia e gênero; esses fatores são responsáveis por construírem estratégias baseadas na semelhança e solidariedade entre esse grupo, que legitimam subliminarmente discursos de autorrepresentação e reconstrução dessas identidades que se encontram nas margens e que batalham por meio de uma oposição política e cultural à hegemonia estadunidense.

⁷² No original: “*Sus escritos muestran su identidad descentrada que quiere ser incluida y incluyente; en otras palabras, niegan las imágenes esencializadas y fijas de su cultura al proponer el reconocimiento de sus diferencias*”.

⁷³ De acordo com Irene Blea (1977), esse conceito “terceiro mundo” veio depois da Segunda Guerra Mundial, da qual os Estados Unidos emergiram como potência mundial internacionalmente, sendo as mulheres não brancas predominantemente provenientes dos países subdesenvolvidos. As Nações Unidas, contudo, demonstram preferência pelo termo “países em desenvolvimento”, mais utilizado na contemporaneidade.

⁷⁴ No original: “*Escritoras chicanas, buscando cohesión en su grupo a partir de una perspectiva femenina, revisten su producción literaria con lo mexicano, no a través de una ruptura o desarraigo, sino de una relectura de símbolos indígenas, de tradiciones populares y de valores. En su afirmación recurren a diferentes temas y formas, creando un nuevo sentido de colectividad*”.

Apesar de, lá no início do Movimento, os chicanos terem se apropriado de símbolos e objetos homogêneos baseados em uma visão essencializadora, esse fato acabou contribuindo para construir e consolidar um imaginário cultural chicano, baseado na unidade e afirmação da cultura chicana. O crescente e ininterrupto engajamento político na escrita e no âmbito público levou a uma inimaginável explosão da literatura das mulheres chicanas nos anos 1980. O reconhecimento de seu espaço foi fruto do trabalho incansável de (re)negociação das escritoras com o Movimento Chicano:

Dentro de um contexto de uma sociedade hegemônica dominante, as escritoras chicanas da primeira onda negociaram entre a contribuição delas ao Movimento Chicano, sua relativa invisibilidade dentro daquele Movimento, e seus valores feministas (Quiñonez, 2002, p. 137)⁷⁵.

Denominações como “mediadoras”, “juízas” e “intérpretes” são utilizadas para definir as escritoras chicanas desse primeiro momento, uma vez que elas conseguiram utilizar estratégias que traduziram suas condições de deslocamento e opressão vivenciadas em possibilidades de reconciliação com sua cultura, o que se tornou a base do seu discurso feminista. Suas experiências ligadas à sexualidade, violência familiar e injustiça social foram colocadas no papel, contribuindo, dessa maneira, para uma descentralização do discurso eurocêntrico e a consequente afirmação de diferentes tipos de identidades não estereotipadas. Ao lançarem mão dos aparatos literários da cultura dominante e subvertê-los em prol de si próprias para compreenderem sua própria cultura, as escritoras chicanas podem até mesmo serem comparadas a *La Malinche* (considerada a primeira intérprete das Américas)⁷⁶ pelo fato de incorporarem características como a interpretação, a adaptação e a resistência.

Podemos afirmar, assim, que para os(as) chicanos(as), a década de 1980 consolidou o que foi a passagem de uma produção artístico-literária centrada na literatura do *Movimiento*, a qual apresentava um caráter masculino e nacionalista, para uma literatura com uma visão mais fresca e descentralizada, firmada na desconstrução de uma visão totalizadora da cultura e identidades chicanas e aberta a novas formas de representação (diferenças regionais, de gênero e orientação sexual). Ou seja, uma nova compreensão do arranjo político

⁷⁵ No original: “*Within a context of a dominant hegemonic society, first wave Chicana writers negotiated between their service to the Chicano movement, their relative invisibility within that movement, and their feminist values*”.

⁷⁶ Malintzin Tenepal – ou *La Malinche* – foi uma princesa asteca, vendida como escrava para os espanhóis no século XVI. Tornou-se amante, tradutora e conselheira do conquistador espanhol Hernán Cortés, além de mãe do considerado primeiro mestizo. Considerada tanto mãe, de forma simbólica, quanto traidora do seu povo por ter “ajudado” no processo de conquista espanhola (como se tivesse vendido seus filhos, e, consequentemente, sua cultura para os espanhóis), também recebe a denominação de *La Chingada* (Moreira, 2011).

contemporâneo (Torres, 2001). A partir desse período, então, a produção literária chicana passou a obter uma certa autonomia, enraizada nos discursos que predominaram desde os anos 60, os quais auxiliaram na consolidação da cultura e literatura chicanas. Essa relativa autonomia que foi sendo adquirida foi também responsável pela posterior afirmação da experiência bicultural desses povos nos Estados Unidos.

Os escritores do pós-movimento, de forma geral, a fim de expandirem as barreiras da identidade chicana e como reflexo das várias práticas políticas realizadas, focaram em novas formas de escrita, algumas delas provenientes de uma “reformulação” das mais antigas, com forte cunho de engajamento político. Coleções de ensaios, contos, entrevistas, poesia e autobiografias marcaram a produção vasta das autoras chicanas como textos literários bem politizados. Antologias fizeram parte desse repertório, podendo ser comparadas às publicações produzidas pelos homens durante o Movimento Chicano. Os ensaios informais trabalharam muito, no sentido de revigorar e promover a reorientação da concepção e do funcionamento das fronteiras, da identidade cultural, passando a preencher o intervalo que ficou dessa literatura latina das mulheres. Podemos mencionar a obra *“This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color”* (“Esta Ponte Chamada Minhas Costas: Escritas das Mulheres de Cor Radicais”) (1981), de Cherríe Moraga e Gloria Anzaldúa, como representante de peso desses textos multigenéricos produzidos no considerado cenário pós-Movimento. Sobre esses ensaios da geração pós-movimento, Mendoza (2001) aponta que a natureza ao mesmo tempo imaginativa, fragmentária e intervencionista desses trabalhos, abertos às possibilidades de mudanças e caracterizados pela sua não previsibilidade, reafirmam as características da geração pós-movimento e seu engajamento político nessa época.

No tocante às autobiografias, *“Loving in the War Years: lo que nunca pasó por los Lábios”*, (“Amando em Tempos de Guerra: o que nunca passou pelos Lábios”) (1983), de Cherríe Moraga e *“Borderlands/La Frontera”* (“Fronteiras/A Fronteira”) (1999), de Gloria Anzaldúa, com a concepção da *“New Mestiza”* (“Nova Mestiça”), constituem representantes de obras que foram se consolidando como formas literárias politizadas muito comuns entre as chicanas também. Desse modo, esses textos, cumprindo a função atemporal da literatura, refletiram os discursos sociais e as novas demandas pós-Movimento que foram surgindo e se firmando ao longo do tempo. Nesse período, portanto, pôde ser observada uma crítica feminista, com um olhar voltado a assuntos mais relacionados às instâncias de poder, como o corpo, a família, a identidade e as fronteiras metafóricas, por meio dos quais as mulheres puderam se expressar melhor.

Assim, a escrita na era pós-movimento, tendo especialmente a identidade como assunto central, passou a cumprir uma função intervencionista, que apresenta como uma de suas propostas oferecer possibilidades alternativas para a identidade das mulheres chicanas, processando e se adequando às mudanças e discursos que têm aflorado na contemporaneidade. Em um panorama no qual cada vez mais a cultura mexicana vem sendo latinizada nos Estados Unidos, os autores têm enxergado a importância de revisitarem e colocarem em discussão a questão não só da identidade cultural, mas do nacionalismo também. Desde os anos 1970, tanto o ensino quanto a produção da literatura chicana têm focado crescentemente na tessitura dos seus textos como formas de negociação, na tentativa de que essa escritura não reduza esses povos a uma história narrativa homogênea. As demandas em diversas esferas, como a geográfica e a estudantil, o aumento da produção literária diaspórica dos povos que vêm migrando para os Estados Unidos (principalmente os da América Central), paralelamente ao discurso anti-imigração e a xenofobia, têm contribuído para a construção de uma literatura que, ao mesmo tempo que responde ao discurso emergente do transnacionalismo, revisita suas raízes com olhos mais críticos.

A concepção de preservar os elementos positivos que ficaram do Movimento Chicano e do seu nacionalismo, como o direito à integridade desse grupo, a antiassimilação e a rebeldia, redefinindo-os com um novo olhar, vigora entre as escritoras chicanas, muitas das quais acreditam fortemente na criação de uma aliança coesa entre o tradicional e o revolucionário, o antigo e o contemporâneo. Como resultado, imaginam a criação de identidades que, ao incorporarem práticas culturais e linguísticas diversas, promovam a diluição das fronteiras, contribuindo para a reconstrução de um nacionalismo que abraça os novos imigrantes em suas diferenças de gênero, classe, etnia, dentre outras (Mendoza, 2001).

Devemos destacar aqui a releitura proposta pelos chicanos sobre eles próprios na contemporaneidade, a qual apresenta uma mudança de visão: anteriormente uma visão baseada no estereótipo do mexicano intelectual de elite consolidado no imaginário mexicano; “[...] representação essencializada da cultura chicana, representando o chicano como um ser atormentado e esquizoide, sem possibilidade de criar uma identidade cultural, e cujo epítome seria o pachuco” (Torres, 2001, p. 25), e, no recente momento, uma perspectiva que objetiva uma recontextualização e mantém paralelamente a busca à tradição latina e à sua realidade bilíngue e bicultural. Torres (2001) acrescenta que, dentre as estratégias dessa releitura, podemos citar a reescrita da história sob o ponto de vista do dominado, desconstruindo a visão homogeneizante da história oficial baseada nas narrativas hegemônicas. Assim sendo, podemos nos referir a Cherríe Moraga, que, ao propor em seu projeto feminista a construção

de “*Queer Aztlán*”, por exemplo, recorre à identidade indígena, (re)imaginando a nação como uma tribo que acolhe aqueles que foram marginalizados pelo Movimento Chicano em razão de suas diferenças e problemáticas.

Outros ensaios críticos escritos por autores chicanos na era contemporânea têm abordado também as questões sociopolíticas, de identidade e arte latinas, a metáfora da fronteira Estados Unidos-México como lócus de negociação econômica e cultural, com uma visão, muitas vezes, mais voltada ao multiculturalismo, em oposição à defesa de uma identidade étnica como a promovida por Moraga e outras escritoras feministas. Já a poesia das chicanas, com seu estilo bilíngue, ao descrever as experiências ordinárias das mulheres e sua vida nos centros urbanos, vai ao encontro das autoras que documentam as experiências compartilhadas e a resistência em seus textos.

Dessa maneira, o que podemos depreender é que, por meio das estratégias revisionistas das quais a literatura das mulheres chicanas faz uso, subvertendo e deslegitimando as narrativas mestras pela memória revisitada de outros grupos desprivilegiados, no caso, as mulheres, há a possibilidade de reivindicação dos direitos e da cidadania política e econômica desses grupos. Além disso, ao buscarem uma reconstrução e interpretação das relações de poder mais no sentido de (re) negociação, essas estratégias também contribuem para uma revisão da história dos chicanos, no intuito de proverem uma perspectiva sobre o que pode ser realizado no futuro. A delimitação da produção literária é definida por Argüelles (2010, p. 21) como “[...] a interação estabelecida entre a arte chicana e a ação social, ao articular a identidade forjada entre as discontinuidades e as tensões econômicas, políticas, sociais e culturais que ocorrem na cultura chicana”⁷⁷.

Dessa maneira, novamente enfatizamos que os autodeslocamentos desses sujeitos são refletidos em sua produção literária, a partir dos seus posicionamentos múltiplos e de sua relação de diferença com a cultura dominante. O ativismo político, portanto, tem assumido formas variadas, traduzidas em pesquisas, tecnologia e na escrita. Muitos autores participam de organizações políticas e utilizam seus textos como instrumentos que contribuem estreitamente na produção de projetos sociais e políticos.

Quanto às escritoras chicanas, é imprescindível acrescentar que a releitura da história oficial realizada pelos seus textos também torna possível uma redefinição dos mitos e personagens precursoras que foram estigmatizados pelos discursos oficiais. Um dos grandes

⁷⁷ No original: “[...] la interacción establecida entre el arte chicano y la acción social, al articular la identidad forjada entre las discontinuidades y las tensiones, económicas, políticas, sociales y culturales que discurren en la cultura chicana”.

mitos que têm sido revisitados e revisionados pelas autoras chicanas é aquela da Virgem de Guadalupe, figura icônica da cultura mexicana. Por meio da transgressão de sua aura intocável e virginal, as escritoras têm trazido outras perspectivas que imprimem um caráter híbrido e de força na representação da Virgem para os chicanos. *La Malinche* também, considerada primeiramente como traidora de sua cultura mexicana, foi recuperada pelas chicanas como uma figura de mulher capaz de transitar entre duas fronteiras culturais, negociar e transcender os discursos impostos pela rigidez de suas tradições culturais.

Lucha Corpi (2014) menciona esse novo olhar de desconstrução em torno de *La Malinche* e seu interesse em escrever sobre essa figura mítica sob uma perspectiva diferente da canônica. Corpi traz a visão de *Malinche* como uma mulher que desafiou os ditames tradicionais de sua época e discorre sobre a importância de revelar esse fato para sua cultura por meio da escrita. Na passagem sobre *La Malinche*, a escritora relata que após pesquisar e constatar a escassez de livros e o pouco conhecimento da própria cultura sobre *Malinche* (que quando existente, diga-se de passagem, demonstra-se preconceituoso), ela finalmente consegue produzir um dos ápices de seus trabalhos, “*The Marina poems*” (“Os poemas de Marina”), nos quais ela revisita por meio da escrita o lado feminino, a força e o poder de *Malinche* para as mulheres chicanas.

Ao se referir às narrativas literárias chicanas, Argüelles (2010) reitera que, como resultado do processo migratório, longe de representarem figuras estereotipadas, elas, ao contrário, desempenham o papel de ressignificar as imagens e representações culturais da cultura mexicana-estadunidense em uma reconstrução constante e dinâmica, com o intuito de fazer com que essa cultura heterogênea seja incluída em um espaço de conhecimento ao mesmo tempo estético e ético. Essas narrativas literárias são capazes de contemplar o processo migratório e suas dificuldades enfrentadas, desde a desproteção do deslocamento físico entre os lugares de origem (México) e de destino (Estados Unidos), até a carga cultural e a experiência, que são transportadas concomitantemente com os migrantes. Desse modo, essa literatura funciona como uma ferramenta de agenciamento e descolonização dos discursos sociais e políticos cristalizados em uma estrutura de poder baseada na desigualdade. As narrativas passam a ser, mais uma vez, instrumentos que possibilitam a (re)criação de identidades, tendo como pano de fundo um rico repertório cultural, histórico-político e testemunhal, a fim de construir a autoafirmação dos(as) chicanos(as) frente à cultura dominante:

As mudanças das imagens da figura do migrante têm apresentado diferentes denominações, de acordo com a época, os motivos, as rotas de travessia e a diversidade das pessoas. Toda essa variedade constrói uma fábrica ou laboratório que dinamiza os processos migratórios nos quais se pode avistar uma recorrência de memórias e autobiografias desde o princípio do século XX até o movimento chicano dos anos setenta, para criar um caleidoscópio de textos literários e posturas até o final do século XX e princípio do XXI: itinerários de autores e críticos, mapas literários e históricos que vão tecendo as narrações literárias e de vida ao longo da saga relacionada com a migração entre México e Estados Unidos (Argüelles, 2010, p. 92).⁷⁸

As obras estudadas várias vezes desvelam o contexto histórico-cultural em que as chicanas estavam inseridas; Lucha Corpi, por exemplo, menciona, ao longo da sua narrativa autobiográfica, sua participação e trajetória em *workshops*, com a crescente presença das chicanas, referindo-se muitas vezes a Cisneros e sua influência sobre ela.

A escrita, então, representa um modo de resistência para as chicanas (oprimidas duplamente pela cultura branca dominante e pelo discurso masculino chicano), no sentido de reivindicarem sua história por meio da sua produção cultural, “apropriando, transformando e reconfigurando o discurso dominante como seu próprio” (Quiñonez, 2002, p. 141), para que sejam assim possíveis a autoafirmação e a reconstrução de seu povo. Como assinalado por Grande (2018) em sua obra objeto de nossa análise: “Somente por meio da minha escrita eu poderia me agarrar ao meu país nativo e impedi-lo de flutuar nas névoas da memória. Eu poderia reivindicar o México de uma forma que eu não podia na vida real” (Grande, 2018, p. 36)⁷⁹.

Duas estratégias, a apropriação e a ab-rogação são vistas nesse processo. A descentralização do inglês padrão na escrita de suas obras, por exemplo, assim como a não tradução do inglês e sua coexistência com o espanhol em um *code-switching* (mudança de código) configuram um ato político e uma estratégia de apropriação, muito utilizada por essas autoras. Em relação à língua, portanto, essa literatura nos oferece um mosaico de textos: a existência daqueles escritos somente em espanhol ou somente em inglês, e os que utilizam a

⁷⁸ No original: “*Las mudanzas de las imágenes de la figura del migrante han tenido diferentes denominaciones de acuerdo con la época, los motivos, las rutas de cruce y la diversidad de las personas. Toda esta variedad construye una fábrica o laboratorio que dinamiza los procesos migratorios en los que se puede advertir un recorrido de memorias y autobiografías desde principios del siglo xx hasta el movimiento chicano en los años setenta, para crear un caleidoscopio de textos literarios y posturas hacia finales del siglo xx y principios del xxi: itinerarios de autores y críticos, mapas literarios e históricos que van tejiendo las narraciones literarias y de vida a lo largo de esta saga relacionada con la migración entre México y Estados Unidos*”.

⁷⁹ No original: “*Only through my writing could I hold on to my native country and keep it from floating into the mists of my memory. I could claim Mexico in a way I couldn't in real life*”.

alternância das duas línguas como um ato de reivindicação e de busca pela identidade das mulheres chicanas. Como sustentado por Rubío e Conesa (2015, s.p.):

Na literatura chicana escrita em inglês, o uso contínuo do espanhol e de uma sintaxe concreta produz um certo efeito. É inevitável que este tipo de literatura remeta às experiências da comunidade chicana e, no caso das obras escritas por mulheres, à experiência da mulher. Uma das características da literatura chicana escrita em inglês é a presença de palavras e frases espanholas no texto. O mais interessante, porém, é que se usam palavras inglesas modificadas para lhes dar uma estrutura espanhola.⁸⁰

Já a ab-rogação se faz presente no que tange à descolonização do corpo, proveniente da descolonização da mente. As chicanas vêm derrubando diversos tabus trazidos pelas experiências de migração, escravidão, colonização e difamação social impostas tanto pela cultura branca dominante como por sua própria cultura machista, revogando o silêncio a que foram submetidas por longo tempo, principalmente em relação à sua sexualidade. A solidariedade e uma visão mais ampla de sua situação comparada a das outras mulheres de outras etnias demonstram uma maior consciência e expansão na agenda dessas mulheres na luta contra a hegemonia estadunidense (Quiñonez, 2002).

Os trabalhos de muitas dessas autoras chicanas também se encontram em uma zona de tensão entre a assimilação e a autenticidade: a negação da maternidade e do machismo, a saber, assuntos enraizados na tradição cultural da qual fazem parte, não deixa de ser uma forma de não assimilação (em relação à sua cultura), na concepção dessas escritoras. E quanto a isso, ao revogarem o papel maternal e o machismo de seu povo, elas acabam sendo julgadas pela sua cultura como “vendidas” ou *malinches* (traidoras da cultura mexicana), não se prestando ao papel de serem “autênticas” às suas tradições mexicanas, ou seja, reproduzirem-nas tais como são impostas pela sua cultura, além de consideradas americanizadas/assimiladas pela cultura estadunidense. Uma vez que essa escolha pelo individualismo está muito ligada à masculinidade, essa rejeição aos papéis tradicionais constitui para elas, então, um meio estratégico de agenciamento.

⁸⁰ No original: “*En la literatura chicana escrita en inglés, el continuo uso del español y de una sintaxis concreta produce un cierto efecto. Es inevitable que este tipo de literatura remita a las experiencias de la comunidad chicana y, en el caso de las obras escritas por mujeres, a la experiencia de la mujer. Una de las características de la literatura chicana escrita en inglés es la presencia de palabras y frases españolas en el texto. Lo más interesante, sin embargo, es que se usan palabras inglesas modificadas para darles una estructura española*”. https://www.um.es/tonosdigital/znum28/secciones/tintero-5--literatura_chicana.htm. Acesso em: 08 jul. 2021.

2.1.3 As mediadoras das vozes chicanas contemporâneas: Cisneros/Chávez, Corpi/Grande

Sandra Cisneros, Denise Chávez, Lucha Corpi e Reyna Grande, autoras de interesse no presente trabalho, constituem representantes chicanas que, por meio de seus textos, propiciaram e propiciam o (re)conhecimento e a possibilidade de as mulheres da sua comunidade serem “ouvidas”. Faremos uma breve abordagem já neste capítulo sobre a escrita dessas quatro autoras, cujas obras nos importam nesta tese, com o intuito de contextualizar o papel delas na literatura. Iniciaremos com Sandra Cisneros, dada a relevância de seus trabalhos no cenário que estamos descrevendo e a proeminência de “*The House on Mango Street*” (1984) como obra precursora, um dos objetos de nosso estudo e análise, para a compreensão da importância e do desenvolvimento da literatura das mulheres chicanas.

Inicialmente pensado como um trabalho de escrita pessoal, é possível detectarmos características paralelas de “*Mango Street*” aos épicos clássicos da tradição literária ocidental. A obra, porém, reflete as vivências de Cisneros e, assim sendo, não deixa de reverberar seu engajamento político, o qual foi se tornando crescente mais para a metade da década de 1970, à medida que a consciência feminista da autora foi aflorando, evoluindo, e seu ativismo, por meio de conferências e textos, tomando corpo. Considerada “nem mulher e nem esposa de ninguém”, indo de encontro à sua cultura mexicana e fazendo uma crítica a alguns autores por não subverterem e permanecerem aliados aos entraves da tradição cultural e do viés patriarcal do Movimento Chicano, Cisneros passou a desafiar os papéis tradicionais das mulheres em sua escrita.

“*The House on Mango Street*” (1984) demonstra a dificuldade das mulheres (por meio da personagem principal, Esperanza, e das outras personagens do enredo) em lutarem pelos seus direitos e obterem voz (Calderón, 2004). O fato de a protagonista Esperanza desejar abandonar seu bairro e comunidade em busca de melhores condições de vida, acreditando que a escrita seja sua válvula de escape e uma forma de autoafirmação, evolução, além de mediadora de ganho de voz da sua comunidade, retrata a urgência das mulheres chicanas em obter um espaço privado. Esse individualismo presente na subjetividade lírica de Cisneros, na visão de Cutler (2015), além de ir contra o discurso tradicional da cultura chicana, que reafirma o papel submisso das mulheres ao lar e ao casamento, também se opõe aos ditames das representações sociológicas que teorizam sobre o papel das mulheres pobres latinas, negras e outras em perpetuar a pobreza.

Sobre essa questão, comungamos com a concepção de Cutler (2015), uma vez que compreendemos que, como ocorreu com a escritora Sandra Cisneros, de origem pobre, que conseguiu desafiar a cultura da pobreza, o abandono da sua comunidade em busca de uma educação superior não significa que Esperanza esteja sendo americanizada/assimilada pela cultura dominante, mas sim a possibilidade de abandono da pobreza, de evolução pessoal e a oportunidade de ela dar audibilidade aos silenciados da sua comunidade, que não têm a mesma oportunidade e acesso à educação.

Outros trabalhos de Cisneros refletem, da mesma forma, as fases pelas quais as mulheres da comunidade chicana estavam passando, que vão, dentre os muitos, desde “*My Wicked Wicked Ways*” (1987), uma coleção de poemas, que foram uma expressão pessoal do amadurecimento intelectual e consciência política da escritora até “*Woman Hollering Creek*” (1991), histórias que apresentam um contexto diferente, proveniente do pós-Movimento e feminismo chicano. Esta última obra mencionada, já apresentando uma consolidação da consciência feminista de Cisneros e focando no duplo da cultura mexicana, nas tradições culturais populares, no binacionalismo e na porosidade da fronteira, demonstra a dificuldade das mulheres nos ambientes urbanos e rurais e expressa uma tentativa de a autora negociar a identidade e a ambiguidade dos dois mundos que perpassam os(as) chicanos(as).

Interessante pontuarmos que as histórias escritas por Cisneros, com o avanço do tempo, vêm evidenciando e reiterando cada vez mais o modelo de readaptação cultural, a reavaliação dos costumes e valores que estão sendo vivenciados nas comunidades mexicanas-estadunidenses nos Estados Unidos, em tempos em que está havendo a constatação dos chicanos sobre a necessidade de preservarem suas raízes e tradições mexicanas, porém sem deixarem de incorporar a vida prática da cultura estadunidense.

Contemporânea de Cisneros, Denise Chávez também faz parte desse grupo de autoras chicanas que escrevem sobre as mulheres de sua comunidade e suas experiências, no papel de mediadora da fala das chicanas e de contribuidora do agenciamento delas perante a sociedade dominante. “*The Last of the Menu Girls*” (1985) foi escrita por Chávez um ano depois de “*The House on Mango Street*” (1984). Por meio da protagonista Rocío, Chávez aborda assuntos como identidade, machismo, casamento, racismo, maternidade e outros. O romance narra a busca pela identidade da personagem principal, desde sua infância até a maturidade (o que o faz ser considerado por muitos críticos como um *Bildungsroman*) e a crença de que somente por meio da escrita e de uma educação superior Rocío (assim como Esperanza), será capaz de contar a sua história e obter seu (re)conhecimento e da comunidade chicana da qual faz parte.

É importante mencionarmos que esses romances reiteram o propósito inicial de testemunho, denúncia social e engajamento político da literatura das mulheres chicanas, porém, eles já fazem parte do grupo de obras literárias chicanas preocupadas com a dimensão mais estética, não só documental e estritamente política dessa literatura, como no início do movimento social. São romances que apresentam linguagem poética e que integram, assim, o compósito do que pode ser considerado como arte e literatura chicanas (Campbell, 1990). As vinhetas em “*The House on Mango Street*” são tecidas por uma linguagem poética, que, de acordo com autores como Cutler (2015) apresentam um lirismo que pode ser considerado como a voz poética de Cisneros:

[...] Os capítulos curtos de *Mango Street* assemelham-se a poemas líricos em sua medida e estética auditiva de forma densa muito mais do que histórias curtas. Isso não é um mero detalhe - se o treino institucional de Cisneros é importante, também o é a natureza precisa daquele treino. Ler o relato autobiográfico de Cisneros com o lirismo em mente, o estilo de Cisneros não pode ser caracterizado como simples submissão para o imperativo da oficina ficcional para “Encontre Sua Voz” (Cutler, 2015, p. 131-2)⁸¹.

Os textos de Lucha Corpi, escritora proveniente dessa geração dos anos 1970/1980, cuja obra mais recente, “*Confessions of a Book Burner*” (2014), que compõe o *corpus* de investigação deste trabalho, também focam na representação das mulheres, na questão identitária, na denúncia ao racismo e na luta/situação dos(as) mexicanos(as) imigrantes pobres nos Estados Unidos. A linguagem poética constitui o ponto forte de sua escrita, na qual ela aborda temas como a morte, os sentimentos pessoais, o papel das mulheres na comunidade chicana, muitas vezes resgatando mitos e o folclore de sua cultura. Por meio da ficção detetivesca, Corpi também denuncia a situação dos mexicanos-estadunidenses, com suas histórias contextualizadas em vários períodos do movimento pelos direitos civis dos chicanos. Em sua autobiografia que aqui nos interessa, “*Confessions of a Book Burner*”, publicada recentemente em 2014, a escritora conta passagens de sua vida, enfatizando o papel crucial da leitura e da escrita no seu caminho e no da sua comunidade ao longo da história.

Seguindo a mesma linhagem contemporânea, Reyna Grande, por meio das suas memórias na recente obra “*A Dream Called Home*” (2018), delinea sua árdua trajetória, de imigrante mexicana à escritora, rumo à autoafirmação na sociedade estadunidense, destacando

⁸¹ No original: “[...] *Mango Street*’s short chapters resemble lyric poems in their length and densely aural aesthetics much more than short stories. This is not mere detail—if Cisneros’s institutional training is important, then so is the precise nature of that training. Reading Cisneros’s autobiographical account with the lyric in mind, Cisneros’s style cannot be characterized as simple submission to the fiction workshop’s imperative to ‘Find Your Voice’”.

também a relevância da escrita como crucial para seu reconhecimento perante sua comunidade e a comunidade estadunidense:

Nas aulas de literatura chicana e espanhol, eu fiz um monte de amigos latinos [...]. Diana havia me apresentado aos trabalhos de Helena María Viramontes, Sandra Cisneros e Isabel Allende. Nas aulas de Marta, eu fui exposta a ainda mais escritoras latinas, e eu me apaixonei pelas escritoras feministas raízes que me inspiraram a continuar lutando pelas minhas histórias: Ana Castillo, Alicia Gaspar de Alba, Cherríe Moraga, e muitas mais. Por meio das palavras delas, eu as ouviria me dizer, “*Sim, suas histórias importam!*” (Grande, 2018, p. 97, grifos da autora)⁸².

Essas duas últimas obras, de Corpi e Grande, mais atuais, fazem parte dos textos que, vinculados diretamente às experiências das autoras, possibilitam uma crítica ao *status quo* e um modo de autorização para “dizer”, muito característico da literatura escrita pelas chicanas na atualidade. Em uma das passagens de suas memórias, Grande reafirma também como a escrita sobre a história de um povo é inspiradora e pode levá-los a lutar ainda mais pelas suas causas:

Um escritor mudava vidas e dizia a seus leitores, *Você não está sozinho. Tenha coragem*. Naquele momento, eu me tornei ainda mais compromissada com minha escrita e compreendi o poder da contação de história que a mim foi dado (Grande, 2018, p. 128, grifos da autora)⁸³.

Por meio do relato de suas próprias histórias e experiências, essas escritoras retratam as questões de gênero, sexualidade, raça/etnia e classe que perpassam as mulheres chicanas na sociedade dominante, demonstrando que não há possibilidade de separação dessas questões na realidade e recusando, ao mesmo tempo, por meio de seus próprios exemplos, a limitarem as mulheres às esferas cristalizadas dos códigos rígidos de conduta sexual e da família tradicional mexicana. Essas duas últimas autoras também incorporam mais ostensivamente e reafirmam a crença das personagens das duas ficções autobiográficas do século XX, de Cisneros e Chávez, de que a escrita constitui um instrumento-chave para a agência de novos sujeitos; um espaço simbólico de significação, a partir do qual as chicanas têm a oportunidade

⁸² No original: “*In Marta's Chicano literature and Spanish classes, I made a lot of Latino friends [...] Diana had introduced me to the works of Helena María Viramontes, Sandra Cisneros and Isabel Allende. In Marta's class, I was exposed to even more Latina writers, and I fell in love with hard-core feminist writers who inspired me to keep Fighting for my stories: Ana Castillo, Alicia Gaspar de Alba, Cherríe Moraga, and many more. Through their words, I would hear them tell me, ‘Yes, your stories matter!’*”

⁸³ No original: “*A writer changed lives and told her readers, You're not alone. Have courage. At that moment, I became even more committed to my writing and understood the power of storytelling that I had been given*”.

de serem (re)conhecidas e falarem pelo seu povo. Assim, Grande e Corpi realizam e reiteram, nos dias atuais, as aspirações das protagonistas de Cisneros e Chávez quanto ao papel da escrita, ou seja, da literatura das mulheres chicanas como possibilitadora de audibilidade a elas tanto frente à sua comunidade quanto à comunidade estadunidense.

Nessas duas obras mais contemporâneas, podemos confirmar, da mesma forma, a preocupação da literatura das mulheres chicanas não só com o discurso político, mas com sua literariedade, que pode ser vista refletida nestes textos em que as escritoras prezam pelo trabalho com a linguagem e pelo detalhamento das narrativas em si mesmas, herdando, assim, também, a proposta da escrita das autoras precursoras do século XX. Na passagem em que Corpi (2014) menciona seu arrependimento de não ter explicado à avó o porquê da sua escrita, podemos observar essa preocupação com o poético:

Eu me arrependo de nunca ter tido a chance de dizer para ela que algumas vezes eu escrevo para trazer justiça, mesmo de forma poética, [...]. Eu quero acreditar que ela ficaria orgulhosa de Gloria Damasco, e de mim, por dar voz àqueles que não podem falar por si mesmos (Corpi, 2014, pos. 841)⁸⁴.

Enfim, leituras sobre esse tom poético nas obras de nossa investigação ratificam a presença dos elementos literários em suas tessituras; o que é confirmado até mesmo pelas referidas escritoras do século XX; como exemplo, Chávez, na introdução de sua obra: “[...] Eu estou feliz com essas vinhetas honestamente emocionais que são cenas em uma progressão dramática que termina com o vizinho faz-tudo, Regino Suárez, partindo o pão como um padre faria, apesar de ser com chile verde” (Chávez, 2004, p. 14)⁸⁵.

Quanto a isso, alguns autores consideram que as obras literárias têm perdido o ativismo e a pureza política provenientes da proposta do Movimento Chicano; muitos, porém, enxergam o fato de a literatura chicana ter se tornado menos militante e mais “literária” como uma evolução, o que faz aproximá-la mais ainda do que é considerado “verdadeiramente universal” (Cutler, 2015). Barbosa-Carter (2000 *apud* Bigalondo; Unibertsitatea, 2007-8) enfatiza que a literatura escrita pelas chicanas se caracteriza não só por um ato de reivindicação de ganho de voz, mas também por um importante desenvolvimento de conteúdo

⁸⁴ No original: “*I regret I never had a chance to tell her that sometimes I write to bring about justice, even if poetic, [...] I want to think that she would be proud of Gloria Damasco, and of me, for giving voice to those who can't speak for themselves*”.

⁸⁵ No original: “*[...] I am happy with these honestly emotional vignettes which are scenes in a dramatic progression that ends with neighborhood handyman, Regino Suárez, breaking bread as a priest would, albeit with green chile*”.

literário, de exploração de suas raízes indígenas, da cultura mexicana e outras temáticas, as quais propiciam um novo olhar; um novo significado político e social dessa literatura.

É inegável, assim, que a consolidação da literatura escrita pelas mulheres chicanas nos séculos XX e XXI proporcionou uma melhor compreensão sobre as relações dessas mulheres em suas comunidades, e conseqüentemente levou melhores oportunidades de vida para elas. Grande parte desses ganhos provenientes foram colhidos como fruto do trabalho das feministas do primeiro momento (anos 1960). Por seu lado, os novos arranjos sociopolíticos do século XXI, caracterizados pela sociedade globalizada, pelo predomínio tecnológico e a conseqüente desumanização, vêm modificando o panorama social e apresentando novas formas de opressão e práticas discriminatórias, as quais também exigem novas concepções e novas formas de a literatura se arranjar para lidar com essas situações mais latentes de marginalização. O grande desafio para as escritoras chicanas no mundo pós-moderno, então, consiste em manter os laços construídos entre a produção cultural e o ativismo social das escritoras do primeiro momento, intérpretes de sua cultura. E esse fato vai ao encontro da hipótese de trabalho proposta nesta tese. Por meio da análise das obras comparadas aqui é possível afirmar que essas escritoras afins do século XXI têm conseguido manter vivas essas questões de luta pela sua autoafirmação que foram levantadas, propostas e discutidas pelas autoras do século XX, reafirmando e tentando enfatizar e descrever uma nova relação centro/periferia na sua comunidade por meio de um dinamismo da identidade chicana.

Outra questão que merece ser comentada é que com a substancial e crescente presença dos latinos nos Estados Unidos e a relação dos estudos latinos e chicanos, com a tendência de muitas vezes serem vistos como um só, muitos estudiosos se questionam sobre como definir a literatura chicana na atualidade. Muitos consideram ter havido uma invasão/apropriação dos latinos de um espaço que foi conquistado pelos chicanos. De acordo com Cutler (2015), na realidade, isso demonstra como a busca pela antiassimilação é complexa, uma vez que a literatura chicana, ao longo do processo, não pode mais ser definida somente como uma literatura de manutenção e autenticidade, mas de constante construção, dinamismo e negociações culturais. Mais uma vez, portanto, a necessidade de a criatividade e o ativismo das autoras chicanas (como um grupo que reivindica seus valores por meio de suas narrativas identitárias) permanecerem a florados e reinventados, até mesmo abertos à cultura dominante, para que haja dialogismo e autoafirmação em um cenário caracterizado cada vez mais pela fragmentação do que pela uniformidade na era contemporânea.

De acordo com Aldama e Quiñones (2002), em pleno século XXI, o discurso da cultura chicana, cada vez mais como produto das colisões, hibridismos e mestiçagens desse

povo, ainda é pautado na tentativa de eles ganharem espaço e subverterem as narrativas oficiais baseadas no patriarcalismo e no cânone europeu. Essas vozes que irrompem neste século XXI clamam pelo seu lugar e espaço por meio da desconstrução e reinvenção das suas multiplicidades identitárias, indicando novos caminhos que têm sinalizado a crescente resistência dessa cultura aos variados tipos de opressão a que ela tem sido submetida. Para os chicanos, as ansiedades desse novo milênio incrivelmente ainda se situam na promessa não realizada, desde o Tratado de Guadalupe-Hidalgo (1848), de reconhecê-los como cidadãos, no sentido completo da palavra. Além dessa promessa não cumprida, a violência sofrida pelos mexicanos na fronteira, devido aos discursos de alteridade cristalizados pelos Estados Unidos, é algo preocupante e que deve ser denunciado como prática de abuso e injustiça em relação a esse povo. A fronteira, mesmo quando aberta aos mexicanos, adota um discurso de inferioridade para se referir a eles:

Finalmente, uma vez atravessada, a fronteira é infinitamente elástica e pode servir como uma barreira e zona de violência para o mexicano(a) ou latino(a) que é confrontado pelos obstáculos raciais e de gênero - materiais e discursivos - a qualquer lugar que ele/ela vá nos Estados Unidos. Isso significa que o imigrante enfrenta continuamente a travessia da fronteira mesmo que ele/ela esteja em Chicago (ou em qualquer lugar nos Estados Unidos) - uma mudança contínua de uma margem para outra (Aldama; Quiñonez, 2002, p. 15).⁸⁶

Os denominados “*transfrontier writers*” (“escritores transfronteiriços”) têm manifestado em sua escrita a complexidade dos acontecimentos nas zonas de contato Estados Unidos/México, a fim de que haja uma maior compreensão do que ocorre na vida dos mexicanos e chicanos que vivem sob essas condições fronteiriças na contemporaneidade. No caso das escritoras chicanas, conforme explanado por Rubío e Conesa (2015, s.p.): “Se a fronteira é o limite ou margem, as mulheres chicanas são duplamente marginais por serem chicanas e por serem mulheres, e escrevem a partir dessas margens com a intenção de ultrapassar as fronteiras de classe, raça e gênero”⁸⁷. Grande expõe a lembrança de sua conversa com o pai sobre a travessia da fronteira e a reação dele, argumentando que ela

⁸⁶ No original: “*Finally, once crossed, the border is infinitely elastic and can serve as a barrier and zone of violence for the Mexican or Latino/a who is confronted by racist and gendered obstacles—material and discursive— anywhere s/he goes in the United States. This means that the immigrant continually faces crossing the border even if s/he is in Chicago (or wherever in the United States)—a continual shifting from margin to margin*”.

⁸⁷ No original: “*Si la frontera es límite o margen, las mujeres chicanas son doblemente marginales por ser chicanas y por ser mujeres, y escriben desde esos márgenes con la intención de traspasar las fronteras de clase, raza y género*”.

deveria esquecer esse dia. A escritora se recusa a esquecer, demonstrando a importância de escrever para aliviar esse trauma e ultrapassar as outras fronteiras que a assombravam: “somente pela compreensão e aceitação da vida que eu havia vivido eu poderia livrar a mim mesma do trauma que ainda me assombrava e me mantinha prisioneira. Isso era o que eu precisava para retornar à minha escrita” (Grande, 2018, p. 201)⁸⁸.

Apesar dos ganhos trazidos pela literatura e pelos estudos chicanos, com seu estabelecimento nos departamentos de algumas universidades estadunidenses e o crescente aumento desses estudos de forma interdisciplinar, voltados também para outros fatores como o gênero e a sexualidade, infelizmente ainda existem muitas práticas negativas em torno dessa população no território estadunidense, que se estendem desde sua marginalização econômica nos serviços públicos e afins, até a adoção da violência impune contra eles e a inferiorização da sua cultura e arte. Esse tratamento a que são relegados acaba por fortalecer mais a visão de mundo acerca de muitos deles como os “outros”, como sujeitos subalternos na sociedade. A relevância de analisarmos e compreendermos como os corpos chicanos são considerados “outros”, racializados e generificados pelos discursos dominantes e seu processo de resistência à objetificação, por meio de atos como a escrita, são fundamentais para que haja conscientização e a possibilidade de ação sobre a realidade que os perpassa.

2.2 UMA BREVE CONVERSA SOBRE O FEMINISMO CHICANO

Antes de findar a discussão sobre a literatura chicana, cabe a nós aqui também uma passagem, mesmo que concisa, pelo feminismo chicano, mais especificamente, uma vez que podemos afirmar que a maioria das escritoras chicanas encontra-se envolvida nas questões feministas, lutando contra os entraves tanto relacionados à sua cultura como à cultura dos brancos (estadunidenses) e utilizando-se, para isso, da literatura e da arte como meios de expressão para suas demandas sociais e políticas. Uma gama de produções, como discorrido, foi realizada a fim de retratar a diversidade das experiências das chicanas, desde performances teatrais, pinturas e danças até a escrita de poesias e textos ficcionais, demonstrando as conjecturas dessas mulheres em uma abordagem multidisciplinar. As denominadas chicanas feministas passaram a expressar, principalmente a partir das décadas de 1960 e 1970, os frutos do desenvolvimento de uma consciência política que foi incorporada em seus trabalhos, os quais apresentavam suas histórias, das outras chicanas e da comunidade na qual estavam

⁸⁸ No original: “*Only by understanding and accepting the life I had lived could I free myself from the trauma that still haunted me and kept me prisoner. This is what I needed to return to my writing*”.

inseridas. Pelo que podemos constatar, a escrita serviu para elas, assim, como uma ferramenta de análise e conscientização crescente para o ganho e evolução de suas conquistas.

O feminismo chicano, conforme veremos, teve como suas premissas não só a confrontação do patriarcalismo e do machismo, muito inerentes à cultura mexicana; as chicanas feministas combateram e denunciaram o silenciamento de questões tão importantes quanto essas, como o racismo, a diferença de classe, o nacionalismo, a sexualidade e a homofobia perante à sociedade estadunidense; assuntos que atravessavam e ainda atravessam a realidade principalmente das chicanas mais pobres.

De posse do nosso saber, compreendemos que o movimento feminista, em termos gerais, internacional e culturalmente diversificado, teve como fundamento, em um primeiro momento, o compartilhamento da opressão vivenciada pelas mulheres como um todo, o que alavancou sua agenda política (Bonnici, 2007). Com o passar do tempo, porém, a variedade de temas e a complexidade das demandas abordadas excederam a opressão compartilhada pelas mulheres, e muitas visualizaram a impossibilidade de se unirem em torno de um ideal comum; uma vez que estavam divididas por diferentes realidades (classe, raça/etnia, sexualidade, entre outras), o que então acabou apontando para a existência de vários feminismos, caracterizados segundo as questões que tangem as mulheres nas diferentes sociedades (Bonnici, 2007)⁸⁹.

Nos Estados Unidos, a aprovação do documento “*A Declaration of Sentiments and Resolutions*” (“Uma Declaração de Sentimentos e Resoluções”), no século XIX (1848),

⁸⁹ Utilizaremos nesta tese o termo feminismos no plural, porém acreditamos na concepção de “feminismos” como parte de um mesmo movimento com um cerne em comum, compartilhando a visão de algumas autoras como bell hooks (2000), a qual alega que esse termo no plural consiste em uma concepção reformista e não efetivamente revolucionária, ou seja, que ao invés das mulheres se unirem para lutar contra uma total transformação dos sistemas opressores em comum que atuam sobre elas, acabam se fragmentando mais e defendendo visões que vão de encontro aos fundamentos do movimento. Em concordância com hooks (2000), Friedman (1998) advoga a reversão da pluralização dos feminismos pautados na diferença. A autora reconhece a importância do surgimento desses feminismos, que mesmo tendo sido necessários em certo momento (final da década de setenta) para frearem a tendência das mulheres brancas heterossexuais de classe média a falarem por todas as outras de modo homogêneo e para contribuírem no desenvolvimento de um feminismo internacional e multicultural, na atualidade, há a necessidade de se reinventar um feminismo singular que deve promover a transgressão das fronteiras entre os feminismos, reconhecendo as diferenças, porém sem reificá-las; atuando assim por meio do que a autora denomina “epistemologia locacional” (Friedman, 1998, p. 5), que abarca as diversas formações políticas e culturais, utilizando-se de uma abordagem locacional que deve reconhecer a existência de diferentes tempos e espaços produtores de sistemas de gênero em constantes mudanças, reconfigurados de acordo com a noção de identidade locacional/temporal, com possibilidades de alianças. Esse feminismo locacional tem como seu foco, portanto, as particularidades de tempo e espaço e como reafirmado por Friedman (1998), ele não é alinhado a uma política de identidade fundamentalista que se restringe a uma única formação feminista, mas sim pautado nas condições que produzem os múltiplos movimentos feministas heterogêneos.

marcou o movimento feminista nesse país e, a partir daí, veio a criação da 19ª Emenda⁹⁰ na Constituição estadunidense, como resultado do movimento de luta pelo sufrágio feminino, considerado a primeira onda feminista. Posteriormente, inspiradas nas lutas pelos direitos civis, houve um movimento de liberação das mulheres estadunidenses (a segunda onda feminista), tendo em pauta vários assuntos que as perpassavam, como a desigualdade de salários, a garantia de creches para seus filhos, o aborto, o uso de contraceptivos, dentre outros. Desde a luta em prol do sufrágio, as chicanas estavam presentes, apoiando o Movimento Feminista como um todo (Cotera, 1977). Com efeito, podemos afirmar, as mulheres chicanas, já no século XIX, vinham buscando seus direitos, assim como as outras mulheres provenientes do contexto latino-americano.

O feminismo chicano apresentava muitas similaridades com o feminismo mexicano até aproximadamente a época do Tratado de Guadalupe-Hidalgo (1848). Após a conquista das terras mexicanas pelos Estados Unidos, as demandas das chicanas e mexicanas foram traçando caminhos diferentes e mais específicos. Apesar disso, Cotera (1977) sustenta a dificuldade em separar, por exemplo, a luta em defesa dos direitos civis e do sufrágio feminino entre chicanas e mexicanas, pelo fato de terem estado envolvidas nas constantes migrações, atravessando continuamente as fronteiras ao longo do século XIX e XX. No que concerne aos “mundos” habitados pelas chicanas e mexicanas, apesar de diferentes, eles se encontram fortemente unidos pelas trocas de experiências e histórias culturais compartilhadas; para ilustrar, por exemplo, no âmbito da escrita, que aqui muito nos interessa, há uma similaridade na produção poética e em prosa escrita por mexicanas e chicanas, ao utilizarem o gênero como categoria de análise.

Dada a amplitude e a multiplicidade das variáveis envolvidas nos feminismos, sabemos o quão desafiador é o enquadramento das diferentes demandas de diferentes mulheres em uma única teoria que poderia ser definida como “o feminismo”. Apesar desse entendimento e de nesta tese apresentarmos e descrevermos a importância e as particularidades do feminismo chicano, que surgiu também como uma ramificação dentro do movimento feminista, consideramos relevante trazer a visão de algumas autoras contemporâneas (conforme mencionado anteriormente) como um caminho que pode ser mais viável, visto que acreditamos que essa desarticulação do movimento feminista em diversos grupos também pode acabar por fragmentar mais as mulheres como um todo do que uni-las em torno dos seus ideais.

⁹⁰ Essa emenda discorre sobre o direito de voto nos Estados Unidos a qualquer cidadão, independentemente do sexo em todos os estados (Perdono; Souza, 2021 *apud* Lenzi, 2019).

Retornando aos feminismos chicano e mexicano, ao compararmos os dois, de acordo com Anna Sandoval (2002), podemos elencar muitas similaridades e temas em comum, como a redefinição da família e a revisitação dos símbolos culturais tradicionais de suas culturas, a recusa ao catolicismo como forma de subversão, a abordagem de temas como a sexualidade, a violência doméstica, o incesto e o machismo, entre outros. No entanto, um ponto destoante entre os dois feminismos reside no fato de que não obstante as mexicanas lutarem contra o machismo, elas têm sua identidade nacional reconhecida; isso não ocorre com as chicanas, que precisam enfrentar constantemente esse desafio de autoafirmação. Dessa forma, podemos ponderar que o que foi mais decisivo em delinear mais especificamente essa separação entre os feminismos chicano e mexicano mais adiante foi o movimento pelos direitos civis dos chicanos nos anos 1960.

De fato, desde o século XIX, ao contrário das suas imagens estereotipadas de mulheres passivas e relegadas ao âmbito doméstico, a realidade já era a de muitas chicanas atuando no mercado de trabalho para auxiliar na situação econômica do lar e lutando pelos seus direitos, na tentativa de combater a opressão proveniente de sua própria cultura também, que insistia na divisão rígida dos gêneros. Pulido (2003) relata que, nas primeiras décadas do século XX, as chicanas já se organizavam para defenderem seus direitos trabalhistas, pressionando os sindicatos e prestando sua colaboração a diversos partidos mexicanos de forma ativa. Além disso, as chicanas mais militantes atuavam na publicação de jornais, escrevendo sobre os seus direitos e preparando, dessa maneira, o terreno para a estruturação de uma ideologia feminista chicana na sociedade dominante.

A longa história de conscientização política e despertar social por seus direitos civis que essas mulheres foram construindo, mesmo que não ocupando um lugar oficial de destaque tanto em sua cultura quanto na cultura estadunidense, contribuiu para o crescimento e o florescimento do movimento feminista das chicanas nos anos 1960-70. Elas se engajaram em muitas causas do Movimento Chicano para protestarem contra as injustiças sociais e econômicas enfrentadas pelo seu povo. Ao mesmo tempo, as chicanas foram pontuando suas necessidades e reivindicações. A partir das constatações de que a maior parte delas ocupava a base da pirâmide social, vislumbraram, então, paralelamente ao Movimento Chicano, a necessidade de recrutarem cada vez mais mulheres para a luta de suas causas, a importância de continuarem abordando assuntos também pertinentes ao contexto delas, como o aborto, a educação e qualidade de vida, além da precisão de se unirem e instituírem organizações próprias. Nos anos 1970, pôde ser observada uma atuação consistente das chicanas em vários campos: na política, educação, trabalho, jornalismo e literatura; estes dois últimos reiterando o

que tivemos a oportunidade de discutir neste capítulo sobre o progressivo engajamento das mulheres na escrita, utilizada como instrumento que propiciou a audibilidade dessas mulheres silenciadas durante e pós-Movimento Chicano.

Torna-se indispensável relatarmos mais uma vez que o caminho que as chicanas feministas se propuseram a traçar foi árduo. Indispensável porque, para chegarem na situação em que estamos analisando e atingirem seus objetivos, de ganharem voz, conquistarem um espaço a que não haviam sido permitidas e escreverem por aquelas que não possuem a mesma oportunidade, tiveram que enfrentar (e ainda enfrentam) muitos obstáculos apresentados tanto pela cultura estadunidense quanto pela sua própria. Para começar, elas tiveram que combater os preconceitos (de gênero) dos próprios chicanos, que em geral as enxergavam como traidoras de sua cultura e/ou assimiladas, acusando-as de estarem sendo compradas pela sociedade estadunidense e pelo feminismo de viés etnocêntrico. Por sua vez, a sociedade estadunidense as oprimia não só pelo gênero, mas por sua condição étnica, cultural e de classe. No entanto, as chicanas não abriram mão de suas convicções e se mantiveram firmes em seus propósitos, consolidando sua participação nas diferentes esferas, socioeconômica, política e cultural, e dando continuidade ao seu movimento de liberação.

Cotera (1977) relata que houve registros na literatura, expressos pela própria cultura chicana, sugerindo o “perigo” da mudança de comportamento das mulheres chicanas, definido por eles como um feminismo agressivo, influenciado pelas mulheres brancas, o que levaria a “efeitos catastróficos nas comunidades chicanas” (Cotera, 1977, p. 8). Como argumento, as chicanas reafirmaram que essa mudança consistia em um processo de evolução proveniente da herança indígena que estava sendo resgatada e responsável por influenciar o feminismo chicano, e não, ao contrário do que os homens e muitas mulheres de sua cultura pensavam, influenciadas pelo feminismo estadunidense:

As pesquisas e análises detalhadas dos nossos padrões culturais e tradições de mulheres fortes provam que nós temos uma história longa e bonita dos feminismos mexicano/chicano que não é inspirada, imposta ou orientada pelos anglos. [...] De fato, toda a comunidade deve se sentir orgulhosa das feministas em nossa história. Nós temos uma herança rica de heroínas e ativistas nos movimentos sociais e rebeliões armadas das quais nós podemos retirar modelos para imitarmos (Cotera, 1977, p. 9)⁹¹.

⁹¹ No original: “*Research and detailed analysis of our cultural patterns and tradition of strong women prove that we have a long, beautiful history of Mexicano/Chicano feminism which is not Anglo-inspired, imposed, or oriented. [...] In fact, the entire Community should be proud of the feminists in our history. We have a rich legacy of heroines and activists in social movements and armed rebellions, from which we can draw models to emulate*”.

Desse modo, Cotera (1977) enfatiza a relevância das chicanas ao longo das décadas, contribuidoras das revoluções, apoiadoras e defensoras de suas comunidades, muitas das quais, heroínas que abandonaram suas vidas em prol das causas pelas quais lutavam.

2.2.1 A luta das feministas chicanas: Movimento Chicano e Feminismo Anglo

Antes mesmo de chegarem ao cenário dos meados da década de 1970, à medida que ocorria o crescimento do movimento feminista das chicanas, esses dois obstáculos a enfrentar já estavam claros para elas: a resistência dos chicanos e do Movimento Chicano em relação às suas ideias feministas, devendo, dessa forma, encontrar um caminho para lidar principalmente com os homens da sua comunidade para poderem exprimir suas demandas e firmarem seu espaço; além de perceberem que o feminismo de viés etnocêntrico que apoiavam não apresentava as mesmas reivindicações da sua agenda política e, sendo assim, não (re)conhecia suas necessidades e demandas. O caminho que acreditaram que deveriam traçar então era o de se desvencilharem das feministas estadunidenses e delinear sua própria luta.

As chicanas, desde o início do movimento, compraram a luta de seu grupo por igualdade social no território estadunidense, batalhando contra as condições precárias de saúde, educação, salários baixos que os chicanos enfrentavam e, como já discorrido, elas filiaram-se a muitas organizações políticas na busca por justiça. As ativistas, indo além, engajaram-se no combate à opressão das mulheres pelos próprios chicanos e pela sociedade dominante, mantendo a luta que já era dos chicanos contra a intolerância de sua etnia e classe. Essas mulheres chicanas foram sentindo que, como resultado do seu ativismo político, estavam produzindo e reproduzindo identidades em constante processo de mudança, expansão, reavaliação e, sobretudo, negociação na busca de sua autoafirmação. De modo geral, os chicanos consideravam que essa busca das mulheres feministas de sua comunidade pela igualdade de gênero constituía uma forma de traição à cultura deles, uma vez que estaria influenciada e ligada às aspirações do movimento feminista (de viés etnocêntrico) como um todo. Até mesmo as chicanas mais tradicionais não viam com bons olhos essa “emancipação” das mulheres, que, na verdade, “descaracterizava” o que era esperado das chicanas pela sua comunidade e pela ideologia do nacionalismo chicano pelo qual lutavam no movimento social, ou seja, papéis estereotipados e internalizados como estratégias políticas (os quais muitas vezes não correspondiam à realidade), que relegavam as chicanas à esfera doméstica.

Infelizmente, esses modelos eram reforçados por muitos chicanos: homens trabalhando fora, responsáveis pelo sustento da casa, e mulheres confinadas ao trabalho doméstico. Porém, isso não dizia respeito à verdade de muitas chicanas, que saíam para o mercado de trabalho para dar suporte à situação econômica do lar. Podemos acrescentar, dessa forma, que a busca pelo seu reconhecimento e identidade foi uma batalha complexa enfrentada pelas feministas dentro do Movimento Chicano, devido às contradições internas de gênero.

Em um primeiro momento, o Movimento Chicano foi indiretamente ligado ao movimento feminista estadunidense por meio do apoio das ativistas chicanas, focadas também na defesa do sufrágio feminino e contra a opressão de gênero, assuntos que interessavam e satisfaziam muito aos requisitos das mulheres brancas, heterossexuais e de classe social média a alta. Com o desenrolar dos fatos, porém, as chicanas perceberam que as reivindicações e conquistas desse feminismo não estavam atingindo as mulheres de outras etnias que, desde o Tratado de Guadalupe, vinham lutando contra suas condições de imigrantes nos Estados Unidos. O movimento feminista, dessa forma, de acordo com Pulido (2003), não lutou pelas causas das chicanas, das negras, das mulheres trabalhadoras e de classe mais baixa da sociedade. Observando esses fatos e pressionadas pelo Movimento Chicano, que passou a defini-las categoricamente como colaboradoras das forças opressoras da sociedade dominante por apoiarem o feminismo de viés etnocêntrico, as chicanas acabaram tomando a decisão de formar uma agenda à parte, que veio a consolidar posteriormente o feminismo chicano:

As feministas chicanas viram que historicamente as “brancas” as haviam discriminado e que seguiam tolerando a opressão do racismo [...]. (Pulido, 2003, p. 46).

Em 1969, durante a primeira Conferência Nacional de Estudantes Chicanos, em Denver, o seguinte consenso foi pronunciado: “Foi o consenso do grupo que as chicanas mulheres não desejam serem liberadas” (Nieto Gómez, 1974, p. 88) (Pulido, 2003, p. 47).

[...] Provavelmente foi devido a esse cenário que as feministas chicanas decidiram não serem identificadas como manifestadoras diligentes ao movimento anglo-feminista, e preferiram continuar sua conscientização por meio de encontros temporários, a fim de conseguirem entrar em consenso mais tarde (Pulido, 2003, p. 47)⁹².

⁹² No original: “*Las feministas chicanas vieron que históricamente las ‘blancas’ las habían discriminado y que seguían tolerando la opresión del racismo [...] En 1969, durante la primera Conferencia Nacional de Estudiantes Chicanos, en Denver, se pronunció el siguiente consenso: ‘It was the consensus of the group that the Chicana woman does not want to be liberated’ (Nieto Gómez, 1974, p. 88). [...] Probablemente fue por este escenario que las feministas chicanas decidieron no ser*

Esse pronunciamento das chicanas, segundo Cotera (1977), assinalou um momento de protesto e rejeição ao feminismo de viés etnocêntrico, como resposta ao apelo da comunidade chicana e do Movimento Chicano contra a adesão delas a esse feminismo, que, segundo os chicanos, era elitista e muito focado nas causas das mulheres brancas, heterossexuais e de classe média; ignorando o racismo e as baixas condições de classe dos quais as mulheres de outras etnias eram vítimas. Em seu trabalho “Teoria e Crítica Literária Feminista” (2007), Bonnici enfatiza a necessidade que houve da separação do movimento feminista chicano em relação ao feminismo em geral, uma vez que no feminismo chicano, os problemas de raça/etnia e gênero são cruciais.

O ponto crítico na relação das estadunidenses feministas com as chicanas era a existência do racismo e do classicismo entre elas. Pela própria ignorância do assunto e não dizendo respeito a elas, muitas feministas estadunidenses deixavam de lado o que era específico, digamos assim, da agenda das chicanas. Além disso, muitas estadunidenses acabaram desconsiderando a contribuição dessas mulheres pertencentes a outras etnias para a evolução do feminismo, devido à imagem inferiorizada das chicanas que foi cultivada no território estadunidense desde o século XIX. De modo geral, na documentação da história oficial, as brancas menosprezaram e não reconheceram a participação de guerreiras chicanas feministas importantes que colaboraram para os ganhos das mulheres, tanto no começo quanto em meados do século XX, quando explodiram os movimentos sociais pelos direitos civis e das mulheres.

Apesar de lutarem pelo sufrágio, as chicanas não usufruíram dele como as brancas, tendo sido permitidas a votarem apenas em meados dos anos 1970 no Sudoeste, por exemplo. Na realidade, a história contada nas instituições de ensino não levava em conta o que de fato ocorria, que era a exclusão das chicanas dos cursos e departamentos, reforçando, assim, as questões de classe e raça/etnia sofridas pelas mesmas. Cotera (1977) aponta que, no tocante às instituições, os centros institucionais femininos apenas substituíram os masculinos no que dizia respeito ao tratamento das chicanas; as feministas etnocêntricas continuaram considerando as *mestizas* como “clientes”, relegando-as a um salário profissional básico, como se as chicanas fossem diferentes delas e como se estivessem prestando-lhes um favor (desvalorizando o fato de que as mulheres mestiças pagavam taxas para terem seus direitos reconhecidos) e provendo tudo o que precisavam. Muitas

identificadas como manifestas diligentes con el movimiento anglofeminista, y prefirieron continuar en la concientización, mediante encuentros temporales a fin de conseguir consensos más tarde”.

estadunidenses, da mesma forma, tachavam as chicanas como membros de classe inferior, como se a realidade da situação social e econômica fosse somente a de pobreza para todas as chicanas. Havia ainda uma crença culturalmente enraizada de que as chicanas eram mais emocionais, não muito racionais e sem forte representatividade política. O que podia ser visto na prática infelizmente era um quadro de mulheres oprimindo mulheres baseadas em uma concepção de supremacia de classe e raça.

Apesar de as estadunidenses lutarem contra salários mais baixos em comparação aos homens de sua sociedade, elas apresentavam uma posição econômica superior em relação às chicanas e isso contribuía também para tornar o relacionamento entre elas ainda mais difícil. Essa situação confirma a complexidade dos problemas de classe e raça/etnia enfrentados pelas chicanas, uma vez que retrata o preconceito sofrido por elas não por serem mulheres, mas devido à raça/etnia e às suas condições de classe. De modo similar, outro ponto que reforçou o comportamento classicista das feministas etnocêntricas em relação às chicanas foi o fato de que usufruíam de uma “passividade privilegiada” (Cotera, 1977). Uma vez que a opressão que sofriam não era a mesma das chicanas (além do gênero, de classe e raça/etnia também), as oportunidades ocorriam com mais facilidade para elas, no sentido de não terem que lutar tão arduamente como as mulheres de outras etnias (latinas/afro-estadunidenses). Eram poucas as feministas etnocêntricas, no caso, as mais radicais, que reconheciam os problemas enfrentados pelas mulheres de outras etnias, mas esse fato não era suficiente para modificar essa situação.

2.2.2 Feminismo Chicano e seus entrelaçamentos de gênero, raça e classe

Em resposta ao silenciamento tanto dos chicanos como das feministas etnocêntricas (estadunidenses), mais para o final da década de 1960 e início de 1970, o feminismo chicano passou a firmar sua própria agenda e literatura, sendo seu foco, a partir daí, não somente o sexismo, mas nos problemas que diziam respeito especificamente às chicanas e suas demandas, dentre as muitas, como a necessidade de união dessas mulheres para a promoção de uma imagem positiva sobre elas na sociedade estadunidense, e da mesma forma na colocação em pauta de temas importantes que perpassavam também o contexto delas, como o aborto, a maternidade e o controle de natalidade; as reivindicações por mudanças e melhores condições nos campos educacionais, de emprego, saúde e bem-estar geral a que tinham direito; além da possibilidade de trabalharem em conjunto com outras mulheres de etnias que não a branca na busca de suas realizações. As chicanas precisavam compreender

que o uso de algumas estratégias também era fundamental para que elas pudessem alcançar o poder, só para citar algumas, a reformulação do pensamento no tocante ao reconhecimento das chicanas dentro da própria comunidade, as modificações nas políticas administrativas no sentido de serem mais inclusivas para essas mulheres, e a importância da militância delas não só em relação aos chicanos e brancos, mas às feministas estadunidenses também (Cotera, 1977).

As chicanas feministas acreditavam que, ocupando uma posição muito mais forte no âmbito doméstico e no mercado de trabalho, elas se encontravam à frente das mulheres brancas, não podendo permitir a modificação de suas ideologias e muito menos sua dominação intelectual; devendo crescentemente buscar seu desenvolvimento intelectual como forma de evolução. A ideologia feminista chicana não poderia, então, se descuidar das várias opressões vivenciadas pelas chicanas: além de exploradas pelo sexismo que tentava reforçar os papéis tradicionais e a superioridade dos homens; eram também exploradas pelas baixas condições de classe, resultado da exploração econômica das minorias étnicas e pobres proveniente do sistema capitalista; e vítimas do racismo, o qual contribuía na perpetuação dos baixos índices de educação, bem-estar e saúde. Em uma de suas entrevistas, Sandra Cisneros (2018, s.p.) retrata a dificuldade que teve no princípio em ser mulher e pobre: “como o mundo fez você se sentir por ser pobre, por ser uma garota. E mais tarde, quão doloroso foi navegar o mundo como uma jovem mulher”⁹³. A autora, da mesma forma, reitera a importância da “cura” pela escrita e do “encontro” com seu público leitor, como um trabalho espiritual que, para ela, tem a missão de entregar suas histórias e poemas a quem precisa conhecê-los.

A publicação do jornal “*Hijas de Cuauhtémoc*” (“Filhas de Cuauhtémoc”), na Universidade do Estado da Califórnia, na década de 1970 (1971), marcou um momento histórico muito importante. Inspiradas em uma organização feminista que lutou, no início do século XX (época da Revolução Mexicana), pela igualdade de gênero e participação política das mulheres no México, as chicanas desafiaram o silenciamento a que eram submetidas na sociedade estadunidense, por meio das suas histórias publicadas, assinalando a cultura chicana impressa como estratégia de intervenção e protesto para as mulheres se firmarem dentro do Movimento Chicano. As publicações das chicanas nos jornais promoveram o movimento de comunicação entre as ativistas provenientes de diferentes regiões, além de possibilitarem a crescente propagação e o entendimento das variadas ideologias que foram se desenvolvendo,

⁹³ No original: “*how the world made you feel about being poor, about being a girl. And, later, how painful it was navigating the world as a young woman*”.

tendo como resultado a expansão contínua das práticas políticas ao longo das regiões. Portanto, o período que marca o final da década de 1960 e início de 1970 foi também caracterizado pela transformação da consciência chicana, de uma comunidade de ação política local/regional para um nível nacional de atuação, propiciada pela cultura impressa.

“*Hijas de Cuauhtémoc*”, além de herdar muitas das histórias orais que demonstravam o senso político como legado proveniente das comunidades antigas nas quais as chicanas desempenhavam papel de força e resistência, documentou uma diversidade de experiências das mulheres mexicanas/chicanas, como as histórias de soldadas participantes da revolução e ativistas famosas, entre elas, a mexicana Sor Juana Inés. O periódico atuou fortemente também como ferramenta de denúncia da distância existente entre o discurso pregado pelo Movimento Chicano sobre os direitos civis desse grupo como um todo e o que na realidade acontecia, principalmente em relação às mulheres, que não eram valorizadas na prática pelo movimento, sendo suas aspirações consideradas na maior parte das vezes como desleais à sua cultura. Com o desenrolar das pesquisas e estudos, as feministas chicanas descobriram, da mesma forma, que o discurso do nacionalismo pregado pelos chicanos, na verdade, refletia a construção da masculinidade chicana; o nacionalismo chicano, de fato, não era uma ideologia de orgulho de cultura e raça, mas de divisão de gêneros.

Enfim, a circulação de “*Hijas*” e sua produção, mesmo com duração breve, ajudou a trazer novas formas de concepção do feminismo, permitindo a interligação de assuntos como classe, raça/etnia, sexualidade e conseqüentemente a formação de um espaço de posicionamento e revisitação a conceitos engessados sobre nação, tradição e cultura dos chicanos. Isso foi muito importante para a consolidação do movimento feminista chicano e para a concretização de suas alianças. Por meio de conferências comunitárias, da participação em jornais da comunidade como o “*La Raza*”, de reuniões nos *campi* universitários, que foram palco de discussões e publicações sobre as teorias, práticas e estratégias a serem implementadas, as ideias foram propagadas pelas (re)publicações ao longo do território estadunidense, constituindo um contracânone referente à historiografia das chicanas. Outros jornais que surgiram também deram espaço para as mulheres desafiarem o machismo e o discurso nacionalista da cultura chicana. Eles representavam meios não só de circulação de informação, mas de contestação.

Ao mesmo tempo, não se pode negar a existência de controvérsias e perspectivas destoantes entre os diferentes discursos no interior das comunidades das chicanas, que foi refletindo um não alinhamento dos seus pensamentos dentro do movimento ao longo do tempo. Sendo assim, devido aos desentendimentos políticos internos e das visões das

mulheres que não se ajustavam em relação ao feminismo chicano (por exemplo, entre as feministas e as não feministas, estas últimas, conforme discorrido, considerando-se fiéis à política nacionalista dos chicanos, acusavam as chicanas feministas de agringadas e vendidas à cultura branca), o jornal “*Hijas*” acabou abandonando sua proposta original e passou a se configurar como uma organização comunitária, não mais atuante nos *campi* universitários.

Fruto das “*Hijas*”, surgiu o jornal “*Encuentro Femenil*” (“Encontro Feminino”), fundado em 1973, como publicação independente, dando continuação a conversações intertextuais entre as variadas regiões e permitindo as trocas produtivas entre as comunidades das chicanas. A constatação era cada vez mais de que a luta das mulheres de *La Raza* era tanto contra o machismo quanto contra o racismo, com uma grande mobilização e crescimento político e de solidariedade entre as chicanas, que ultrapassava as barreiras rígidas do nacionalismo chicano. Nessa época também emergiram muitas outras organizações políticas que propiciaram ganhos para a realidade das chicanas, como convenções, conselhos e *workshops*. Em suma, entre algumas vitórias alcançadas, houve como destaque o estabelecimento de um currículo nas universidades e escolas para as chicanas. Podemos pontuar, portanto, mais uma vez, que as comunidades impressas viabilizaram uma base teórica e histórica para a formação dos estudos chicanos feministas e para a construção da identidade política da “*nueva chicana*”. (“nova chicana”). Desse modo, a imprensa e os estudos chicanos serviram um de reforço para o outro nesse contexto de amadurecimento político e ideológico, contribuindo para a produção de uma identidade coletiva das chicanas.

Do mesmo modo, o trabalho das feministas, ao longo das décadas, trouxe perspectivas artísticas e culturais diferentes que caracterizaram, então, conforme exposto, a geração chicana contemporânea nos anos 1980, focada em novos modelos de definição e representação das mulheres, na tentativa de consolidação da (re)construção de um espaço livre da opressão do discurso dominante.

Em “*This Bridge Called My Back*” (1981), compilação de ensaios editados por Moraga e Anzaldúa, há a celebração da mudança na consciência feminista das mulheres de outras etnias (não brancas) propondo um sujeito feminino mais complexo. Por meio da problematização do sujeito anglo do feminismo, essas escritoras deixam claro que somente a análise de gênero não pode ser suficiente para a construção do sujeito feminista (chicano), demonstrando, assim, a necessidade de uma análise e reconfiguração das relações entre gênero, raça/etnia e classe. No prefácio dois anos depois da publicação (1983), Moraga reafirma a importância da escrita e a crença de que ela deve continuar, uma vez que mesmo não atingindo a todos, a escrita constitui uma forma poderosa de tocar e abrir as mentes

daqueles que têm acesso a ela. Por outro lado, a autora também expressa sua decepção em relação ao denominado feminismo do terceiro mundo, que não coloca em prática aquilo que teoriza, evidenciando a urgência do movimento dessas mulheres de outras etnias (não brancas) primeiramente superarem suas divergências internas para a abertura de suas “fronteiras”:

Se nós estamos interessadas em construir um movimento que não será subvertido constantemente pelas diferenças internas, então nós devemos construir de dentro para fora, não da forma inversa. Conformer com o sofrimento de outros nunca significou desviar o olhar do nosso próprio. E nós devemos olhar de forma profunda. Nós devemos reconhecer que para mudar o mundo, nós precisamos mudar a nós mesmos - mesmo algumas vezes nossas convicções mais verdadeiras. Assim como Essa Ponte Chamada Minhas Costas não é escrita em pedra, nossa visão política também não é. É sujeita à mudança (Moraga; Anzaldúa, 1981, p. 2)⁹⁴.

Anzaldúa reitera as palavras de Moraga, apontando a urgência de as mulheres de outras etnias (não brancas) abandonarem o cômodo papel de vítimas e irem à luta para se fazerem conhecer e serem reconhecidas, não permanecerem sem ação no meio da “ponte”, deixando o peso dela cair sobre suas costas - o caminho seria o de se unirem e se darem as mãos para caminharem, independentemente da sua etnia, sexualidade e classe.

Obra também de destaque desse período, *“Borderlands/La frontera: the new mestiza”* (1999), propõe a consciência da nova mestiça (*“the consciousness of the new mestiza”*), definida por Anzaldúa como um ser que, por sofrer constante transição e oscilar entre as culturas perpassadas por ela, encontra-se em um dilema permanente de pertencimento, assim retratada:

Embalada em uma cultura, prensada entre duas culturas, [...] todas as três culturas e seus sistemas de valor, a mestiza se submete a uma luta de carne, uma luta de fronteiras, uma luta interior. Como todas as pessoas, nós percebemos a versão da realidade que nossa cultura comunica. Como os outros que, tendo que viver em mais de uma cultura, nós recebemos frequentemente múltiplas mensagens opostas. A vinda de duas estruturas de referência juntas autoconsistentes porém incompatíveis causa um choque, uma colisão cultural (Anzaldúa, 1999, p. 78).⁹⁵

⁹⁴ No original: *“If we are interested in building a movement that will not constantly be subverted by internal differences, then we must build from the inside out, not the other way around. Coming to terms with the suffering of others has never meant looking away from our own. And, we must look deeply. We must acknowledge that to change the world, we have to change ourselves—even sometimes our most cherished block-hard convictions. As This Bridge Called My Back is not written in stone, neither is our political vision. It is subject to change”*.

⁹⁵ No original: *“Cradled in one culture, sandwiched between two cultures, straddling all three cultures and their value systems, la mestiza undergoes a struggle of flesh, a struggle of borders, an inner war.*

A partir disso, a “*new mestiza*” (“nova mestiça”) proposta pela escritora, como ser de e na fronteira, deve tomar como atitudes fundamentais a flexibilidade e a tolerância pelas ambiguidades e controvérsias, a fim de proceder ao incessante trabalho de (re)negociar as diferenças dentro de si e na sociedade, em um constante ciclo de reinvenção identitária. Esse processo da alma, de expurgar a ambivalência presente em sua identidade, não ocorre sem a presença de dor emocional; de forma subconsciente, ele tenta unir os pedaços que sofrem colisão e transformá-los em um terceiro elemento que seria a nova consciência mestiça. A teórica chicana, remetendo-se analogamente à hibridez biológica, traz uma visão fresca da mestiça como um ser resistente, resultante do produto de cruzamentos culturais diversos, como se “produzida” para preservação da espécie, independentemente de sua exposição às condições adversas das encruzilhadas nas quais sobrevive.

A partir da breve menção a essas obras celebrativas do feminismo chicano e a Moraga e Anzaldúa, representantes feministas contemporâneas, nos é possível compreender um pouco sobre essa perspectiva e tentativa de redefinição das identidades das mulheres chicanas, não só pelo gênero, mas por outras questões que interseccionam as mestiças, como sua etnia, sexualidade, tradição indígena, dentre outras.

Da mesma forma, diferentes tendências e correntes de pensamento entre as feministas chicanas foram se delineando neste cenário contemporâneo. Existem aquelas chicanas que, fazendo parte de uma corrente considerada emancipatória (Herrera-Sobek, 1996 *apud* Engstrom, 2006), apoiam-se na crença de que devem recusar qualquer discurso dominante proveniente do feminismo de viés etnocêntrico. Em seu ensaio intitulado “*The Politics of Poetics: Or, What Am I, A Critic, Doing in This Text Anyhow?*” (“A Política da Poética: Ou, O que Eu Sou, Uma Crítica, Trabalhando Neste Texto de Qualquer Maneira?”), parte da antologia “*Making Face, Making Soul*”⁹⁶, editada por Anzaldúa em 1990, Tey Diana Rebolledo sustenta que a escrita das chicanas ainda se encontra em um estado de marginalização tanto em relação à literatura dos chicanos quanto à literatura estadunidense e que, somente por meio do questionamento crítico de tudo, até mesmo de si próprias e da ruptura com as tradições, permitindo a si mesmas falarem e escutarem suas próprias vozes, torna-se possível atingirem seu devido reconhecimento:

Like all people, we perceive the version of reality that our culture communicates. Like others having or living in more than one culture, we get multiple, often opposing messages. The coming together of two self-consistent but habitually incompatible frames of reference causes un choque, a cultural collision”.

⁹⁶ Optamos por não traduzir o nome do livro por ele ter se consolidado com este nome derivado de uma expressão da língua inglesa sem equivalente em português.

Por meio da apropriação dos teóricos e críticos convencionais nós nos tornamos tão envolvidos na intelectualização que nós perdemos nosso sentido da nossa literatura e assim nossa vitalidade. Essa prioridade de colocar nossa literatura em um quadro teórico para “legitimá-la”, se a teoria a ofusca, como efeito, mina nossa literatura ou mesmo, a coloca novamente em um estado de esquecimento. Privilegiar o discurso teórico nos desprivilegia (Rebolledo, 1990, p. 348)⁹⁷.

Já escritoras como Papusa Molina e Norma Alarcón defendem uma linha que se direciona mais à apropriação (Herrera-Sobek, 1996 *apud* Engstrom, 2006). Molina, em seu texto “*Recognizing, Accepting and Celebrating our Differences*” (“Reconhecendo, Aceitando e Celebrando Nossas Diferenças”) (1990), também presente na antologia compilada por Anzaldúa, expõe sua crença na recriação de organizações estadunidenses, que reconheçam a presença e a participação significativa de pessoas de outras etnias nos postos de liderança juntamente com as brancas, a fim de serem ouvidas e formarem alianças específicas que possam desconstruir as atitudes opressoras entre as brancas e as mulheres de outras etnias. A autora compactua com a crença de que a separação das chicanas do discurso dominante acaba caindo no mesmo caminho separatista, contribuindo ainda mais para reforçar as estruturas de opressão. Em sua visão, o grande problema não reside em reconhecer as diferenças, mas aceitá-las e celebrá-las, visto que é muito complicado para a sociedade aprovar o que foge do padrão normativo. Alarcón (1990) também se manifesta a favor da confrontação do discurso dominante, da subversão e negociação como tentativa de desconstruir as experiências opressoras.

Analisando as duas correntes, entendemos também que a emancipatória, por mais que proponha a recusa das formas opressivas do discurso dominante, negando-o de forma categórica, corre o perigo de reproduzir ainda mais a divisão e a separação entre as chicanas e as brancas. Por sua vez, entre as duas, a apropriadora seria mais razoável, porém não nos iludamos, porque, como testemunhado, não deixa de ser um caminho complexo e moroso, na constante tentativa de modificar as estruturas cristalizadas e ganhar reconhecimento pouco a pouco⁹⁸.

⁹⁷ No original: “*By appropriating mainstream theoreticians and critics we have become so involved in intellectualizing that we lose our sense of our literature and therefore our vitality. This priority of placing our literature in a theoretical framework to ‘legitimize’ it, if the theory overshadows it, in effect undermines our literature or even places it, once again, in a state of oblivion. Privileging the theoretical discourse de-privileges ourselves*”.

⁹⁸ Retornamos aqui à existência da problematização da fragmentação do feminismo em feminismos, uma vez que percebemos que essa divisão também não tem sido produtiva, apesar de reconhecermos os ganhos da luta do feminismo chicano para muitas chicanas. Reiteramos, assim, que a proposta de

Acreditamos ser relevante registrar aqui alguns momentos ímpares que tiveram lugar durante a luta dessas mulheres pertencentes a outras etnias que não a branca, como a primeira Conferência das Nações Unidas sobre as Mulheres, ocorrida na Cidade do México em 1975, que apresentou como alguns resultados gerais a constatação das brancas de que sua agenda não era capaz de abranger as demandas das chicanas, das afro-estadunidenses, das asiáticas, indígenas e outras, e, da mesma forma, a conscientização sobre a diferença entre essas mulheres que são maioria nas Américas. Por parte das mulheres chicanas e de outras etnias, no entanto, ao continuarem sendo desvalorizadas, desprezadas e “subrepresentadas” na Conferência, e ao serem denominadas mulheres do terceiro mundo⁹⁹, elas perceberam o profundo vão que as separava das brancas. De fato, as chicanas enfrentaram grande dificuldade em participar da Conferência justamente por questões como o racismo, a falta de informação e a situação econômica delas, sendo que, na maior parte das vezes, conseguiram acesso à Conferência devido ao seu envolvimento progressivo em ONGs e em trabalhos comunitários (Blea, 1997).

Em seu ensaio “*Feminism and Racism: A report on the 1981 National Women's Studies Association Conference*” (“Feminismo e Racismo: um relato da Conferência Nacional da Associação de Estudos das Mulheres”), Chela Sandoval (1990) viaja à década de 1980, relatando, do mesmo modo, o fiasco que foi a terceira Conferência, realizada em Storrs, no estado de Connecticut, nos Estados Unidos, em 1981, que tinha como tema a resposta das mulheres ao racismo. Dividindo ainda mais as “mulheres brancas” e “mulheres do terceiro mundo”, na prática, a conferência também não atingiu seus propósitos. Contudo, foi a partir de uma miniconferência das mulheres de outras etnias que não a branca dentro da conferência oficial que Sandoval relata ter havido a emergência do feminismo do “terceiro mundo”. As questões levantadas foram diversas e o que mais ficou evidente entre as chicanas para começo de conversa foi novamente o fato de que era preciso confrontar suas próprias divergências e estereótipos internalizados para conseguirem seu reconhecimento.

Sandoval, participante ativa da Conferência, aponta a relevância do processo pelo qual passaram, e que foi por meio das experiências compartilhadas que as chicanas começaram a compreender quem eram, o porquê de estarem unidas e suas diferenças e semelhanças. A

autoras como Friedman (1998) e hooks (2000) pode ser um caminho de mais viabilidade para um retorno de maior união entre as mulheres em torno da luta pelos seus direitos, pautadas em um feminismo singular que tenha a possibilidade de integrar as inúmeras formações políticas e culturais que se encontram em constante conflito (Friedman, 1998).

⁹⁹ Segundo Blea (1977), apenas no final dos anos 1980 as mulheres não brancas se deram conta do elitismo presente na expressão “terceiro mundo”, que as colocava em uma posição inferiorizada.

autora propõe que na contemporaneidade não haja a repetição dos mesmos erros do movimento feminista, que apagava as diferenças internas entre as mulheres; além disso, as diferenças devem ser vistas positivamente como estratégias de poder para lutarem a seu favor, ou seja, a prática de um novo olhar e perspectiva política das feministas chicanas entre elas próprias.

A razão pela qual descrevemos algumas características dessas conferências que tiveram lugar antes mesmo de algumas obras comentadas aqui, foi porque a partir delas que o impulso para a união das mulheres que não eram brancas e a escrita das obras icônicas do feminismo chicano nasceu. A antologia “*Making face, Making soul*” (1990), por exemplo, publicada praticamente uma década depois de “*This Bridge Called my Back*” (1981), também editada por Anzaldúa e composta por variados textos de mulheres de outras etnias que não a branca, veio confirmar a proposta dessas mulheres na busca pela sua (re)construção identitária e no valor que atribuem à escrita na luta pelo seu (re)conhecimento. As quatro obras analisadas aqui provavelmente tiveram como norte inspirador esses trabalhos anteriores, a fim de expressarem o que pretendiam por meio de sua escrita.

Já em 1995, ocorreu a quarta Conferência Mundial das Nações Unidas, em Beijing, que merece ser comentada aqui também, uma vez que um dos seus objetivos foi tornar o racismo um assunto feminista, além de terem incluídas dentre suas diversas recomendações a proteção das mulheres imigrantes, a pobreza, a luta contra a violência e a situação socioeconômica dessas mulheres, em geral. Mais uma vez, Blea (1997) relata que, na prática, as ações planejadas não aconteceram, principalmente para as latinas nos Estados Unidos. Houve muitos ganhos dos planos de ação estabelecidos nas áreas da educação e trabalho, assim como ações afirmativas, porém, infelizmente para as chicanas, a maioria desses ganhos foram direcionados mais às mulheres brancas, com alguns deles contemplando as negras.

O que nos possibilita depreender desse cenário ainda existente em plena metade dos anos de 1990 é que, apesar do avanço e de muitas conquistas das mulheres chicanas, ainda assim podemos confirmar o seu não reconhecimento e devida representação, tanto delas quanto das outras latinas na sociedade estadunidense pós-capitalista, no tocante às estruturas políticas e socioeconômicas. De acordo com Blea (1997), o censo de 1993 estimou que mais de 60% dos latinos são nascidos nos Estados Unidos, sendo os de origem mexicana a população que se encontra em constante e maior crescimento. Podemos afirmar, então, que as chicanas são parte do maior grupo étnico nos Estados Unidos, e, pelo que pudemos analisar, grande número delas possuidoras de um status minoritário em sua própria terra. São várias

cidadãs com seus direitos legais reconhecidos, mas que sofrem, mesmo que não oficialmente, daqui e dali preconceitos frequentes.

2.2.3 (Re)conhecimento das chicanas: quem são essas mulheres?

Antes de terminar este capítulo, faremos um retorno às diferentes definições que têm sido direcionadas às mulheres chicanas, de acordo com as interessantes e atuais colocações de Blea (1997), que reafirmam a caracterização que trouxemos no primeiro capítulo sobre as chicanas e que consideramos importante não perdermos de vista para refletir a realidade dessas mulheres no território estadunidense na atualidade: as chicanas são muitas vezes denominadas mexicanas-americanas, uma vez que nem todas se identificam como chicanas; muitas delas não compactuam com o termo chicano, por acreditarem que ele apresenta um lado político ligado a muitas questões trazidas pelo feminismo chicano (uma das partes que veio com o Movimento) com as quais não compactuam; para essas mulheres, mais fiéis às tradições de sua cultura, isso pode acabar representando um tom de traição a essas tradições mexicanas, como a causa a favor do lesbianismo, por exemplo. Além disso, também são chamadas por muitos de hispânicas ou latinas atualmente, no século XXI. Sobre esse último termo, os estadunidenses apresentam a tendência, como se por uma conveniência cultural, de categorizar chicanos e latinos em uma só unidade, desprezando a especificidade e a diversidade de experiências entre esses diferentes grupos.

A propósito, no que diz respeito à relação entre as chicanas e as outras mulheres latinas, existem diversos sentimentos, que vão desde o desdém e a inveja por parte das latinas que chegam nos Estados Unidos, não deixando de haver também a hostilidade das chicanas que enxergam as latinas como invasoras (“mojadas”), até uma relação amistosa, na qual as latinas contam com as chicanas como fonte de informação e apoio para as novas experiências pelas quais irão passar. Sobre esse aspecto, percebemos que ainda há uma necessidade de maior união das latinas entre si mesmas e das próprias mulheres de outras etnias (que não são brancas) também como um grupo coeso:

A forma final de liberação das mulheres é aquela de iluminação, que leva à definição e redefinição, até que não exista mais essa precisão. As latinas não possuem uma ideologia feminista estruturada porque elas são um grupo muito diverso de mulheres (Blea, 1997, p. 27)¹⁰⁰.

¹⁰⁰ No original: “*The ultimate form of female liberation is that of enlightenment, which leads to defining and redefining, until the need no longer exists. Latinas do not have a finely structured feminist ideology because they are a highly diverse group of women*”.

Outro ponto que, assim, acaba levando à mesma problemática dos diferentes feminismos: por não possuírem a mesma ideologia, a maioria das latinas não se mostra solidária às demandas específicas das chicanas e os preconceitos e a desunião entre essas próprias mulheres já começam a partir disso.

Com tantas imagens pesquisadas e estudadas sobre as chicanas, para finalizar, será que poderíamos afirmar quem elas são? Ao longo de nossas leituras, passamos por diversos conceitos construídos sobre elas: a concepção das chicanas como mulheres passivas e resignadas, ignorantes e sem capacidade de educar devidamente seus filhos; a conotação delas como mulheres tolerantes e sem vaidade; as “gordas” que não possuem outra saída senão aceitar o machismo dos seus maridos; a visão das chicanas como mulheres sensuais, até mesmo prostitutas, que oferecem sua sexualidade aos brancos em troca de alguma segurança no território estadunidense, o que vai de encontro à imagem de dignidade e pureza das brancas. A representação delas como mães santas, proveniente de sua própria cultura, em conformidade com a imagem que muitos fazem delas com a Virgem de Guadalupe, até a de mulheres subvertidas e temidas, como *La Llorona*¹⁰¹ e *La Malinche*¹⁰². Enfim, uma gama de estereótipos utilizados em torno dessas mulheres, de acordo com a conveniência cultural e ainda muito a favor do patriarcalismo chicano e dos estadunidenses, que acabam enfraquecendo a força das chicanas na sociedade (Blea, 1997).

Concentradas no sudoeste dos Estados Unidos e costa sul da Califórnia, mas também encontradas cada vez mais em todos os lugares dos Estados Unidos, falantes correntes do inglês ou não, praticantes do espanhol ou não também, o que pode ser visto é que levam consigo, de uma forma ou de outra, traços de sua cultura na sua prática de vida diária. Algumas mais “americanizadas”, outras seguindo mais as tradições mexicanas, muitas chicanas pobres carregando veemente os preconceitos relatados aqui, outras pertencentes à classe média e alta, já conquistadoras de um status que as permite serem consideradas mexicanas-estadunidenses, aproximando-se do sentido literal da palavra, e assim desfrutarem de seus direitos sociopolíticos de uma forma mais justa; muitas representantes e participantes intelectuais ativas na continuidade da luta feminista pelas mais desfavorecidas. Enfim, o que não devemos deixar de pontuar, após essa breve passagem pela realidade das chicanas e ainda

¹⁰¹ *La Llorona* simboliza a mulher pecadora e arrependida na cultura mexicana, considerada o espírito de uma mulher que vagueia na Terra em busca dos filhos que teria afogado antes do seu suicídio. Várias versões são dadas para explicar o assassinato dos filhos, entre elas, o desejo de vingança devido à traição do marido e o desejo por outro homem (Moreira, 2011).

¹⁰² A simbologia de *La Malinche* já foi explicada anteriormente neste capítulo.

sim cientes de que muitas coisas mais poderiam ser ditas e conhecidas sobre elas, é o fato de que, apesar de fazerem parte de um grupo heterogêneo, acima de tudo, as chicanas são mulheres que, por meio do compartilhamento de suas dores, experiências e lutas pelos seus direitos civis e valores culturais, vêm conquistando crescentemente seu espaço e reconhecimento na sociedade. Ao mesmo tempo, o que devemos compreender é que ainda há muito caminho a trilhar também.

As chicanas têm descoberto cada vez mais que é pela força da união, do reconhecimento e da negociação das diferenças entre elas próprias e em relação às outras mulheres, aliados à sua capacidade cultural adaptativa que há a possibilidade de obterem seu merecido lugar na sociedade dominante. Retornando às suas origens indígenas e espanholas, sem refutarem também as influências da cultura estadunidense no contexto global em que vivem, observamos, após este breve estudo, quão poderosa e primordial a prática da escrita pode ser como ferramenta que retrata e torna possível a consolidação dessas realidades. E, mais uma vez, nos referimos à escrita; a escrita, esta que desempenha papel fundamental como testemunha e mediadora de vozes, de denúncia das injustiças vividas, de aclamação desse grupo de mulheres em suas constantes (re)construções identitárias e de possibilidade de alcance do seu valor e do reconhecimento do povo chicano nos Estados Unidos.

No próximo capítulo, abordaremos de forma específica as teorizações em torno da escrita autobiográfica, com foco na escrita autobiográfica das mulheres, até chegarmos na escrita autobiográfica das mulheres chicanas e nas estratégias que essa escrita se utiliza para que elas sejam valorizadas e reconhecidas no cenário vigente.

3 A ESCRITA DAS CHICANAS: SUAS AUTOBIOGRAFIAS E FICÇÕES AUTOBIOGRÁFICAS

Após termos procedido, no capítulo anterior, a uma discussão em linhas gerais sobre a literatura chicana e sua emergência e consolidação a partir do século XX, destacando o papel das escritoras chicanas como mediadoras das vozes das mulheres chicanas e promotoras do (re)conhecimento dos(as) chicanos(as) tanto perante a sua comunidade quanto à comunidade estadunidense dominante, neste capítulo, que deve ser considerado o coração desta tese, tocaremos especificamente neste nosso objeto de investigação, que é a escrita autobiográfica das chicanas. Objetivamos analisar e ratificar a relevância do papel dessa escrita, que se firmou no século XX e que reitera suas propostas, perdurando até os dias de hoje como mediadora das vozes das chicanas no processo de sua autoafirmação perante ao mundo globalizado no qual estamos inseridos.

3.1 O CONCEITO DE AUTOBIOGRAFIA

Uma vez que nossas duas obras eleitas do século XX, *“The House on Mango Street”* (1984) e *“The Last of the Menu Girls”* (1986), são ficções que apresentam traços autobiográficos, e as obras *“Confessions of a Book Burner”* (2014) e *“A Dream Called Home”* (2018), do atual século XXI, são consideradas escritas autobiográficas, iniciaremos discutindo as teorias e postulações acerca do termo autobiografia, na tentativa também de compreendermos a concepção de ficção autobiográfica. Para isso, partiremos, em linhas gerais, de um recorte de autores relevantes, dentre os quais Philippe Lejeune, Georges Gusdorf, Serge Dobrouvsky e Leonor Arfuch, a fim de discutirmos alguns conceitos e suas relações com as referidas obras.

3.1.1 Autobiografias e ficções autobiográficas: uma definição?

A literatura nos mostra que, durante muito tempo, a escrita (auto)biográfica e os gêneros relacionados a ela, como as memórias, endereçavam-se à vida das pessoas de destaque na sociedade, pertencentes às classes mais favorecidas e influentes. A partir dos anos 1960 (a propósito, como relatado anteriormente, década marcada por vários movimentos pelos direitos civis), houve uma busca nas áreas sociológicas pelas histórias de vida das camadas

populares; biografias passaram a ser escritas por sociólogos e historiadores interessados em pessoas comuns, pertencentes ao povo (Lejeune, 2008). Com isso, então, o gênero (auto)biográfico foi sofrendo diferentes influências, se ampliando, e as análises sobre suas configurações estruturais e de conteúdo foram também se estendendo. Podemos afirmar que a emergência da escrita autobiográfica das chicanas (década de 1980), da mesma forma, reflete e faz parte dessas transformações do gênero (auto)biográfico, que ocorreram de forma progressiva e constante, abrindo-se a diversas possibilidades, representativas dos novos modelos de subjetividades que foram aparecendo na contemporaneidade.

Desse modo, até chegarmos às concepções em torno da escrita autobiográfica das chicanas, que é o que nos interessa aqui, consideramos importante traçar um percurso pelos conceitos teóricos relacionados à autobiografia, visto a importância de nos nortearmos por eles para a compreensão de algumas de suas características e associação com os traços das escritas que estamos analisando.

Em sua obra seminal, “O pacto autobiográfico” (1975), que Phillipe Lejeune revisita duas vezes, no final da década de 1980 (1986), como “O pacto autobiográfico (BIS)”, e, já no século XXI, “O pacto autobiográfico, 25 anos depois” (2001), o escritor francês tece postulações interessantes, repensando o ato da escrita autobiográfica e a complexidade das relações entre verdade/ficção, narrador/autor e transparência. Lejeune define o termo autobiografia em seu primeiro texto (1975, p. 14) como “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”, propondo um “pacto autobiográfico”, como um contrato de leitura, em que, para ele, a posição do leitor é o que coloca o texto em funcionamento.

Nesse primeiro texto (1975), o autor demonstra uma certa arbitrariedade ao afirmar que, para ser considerada autobiografia, há que se ter o preenchimento de certas categorias, como a forma de linguagem (narrativa em prosa), o assunto tratado (história do indivíduo) e a identidade entre autor, narrador e personagem. Da mesma forma, Lejeune pontua a questão da identidade que, em sua opinião na época, não apresentava oscilação, apenas duas opções, a de existir ou não. Porém, o que observamos é que, ao longo do texto, o próprio Lejeune vai levantando vários vieses que não se encaixam nas categorias que ele deseja impor. Novamente em relação ao assunto identidade, ele aponta alguns problemas, como a possibilidade de ocorrer a narrativa autobiográfica em terceira pessoa (sobre o que ele pondera poder ser uma forma de distanciamento contingente que o indivíduo encontra para falar de si mesmo).

No tocante à manifestação dessa identidade entre autor e narrador, Lejeune também coloca algumas incertezas quanto a autobiografia clássica (escrita em primeira pessoa, na qual vale a identidade autor=narrador=personagem); o escritor francês declara que os problemas da autobiografia são relacionados ao nome próprio. Visto que, para ele, a autobiografia pressupõe a identidade entre nome, autor e narrador (personagem), esse fato acaba por constituir uma convenção social, uma vez que fica por conta do autor a responsabilidade pela enunciação do texto escrito, ou seja, seu compromisso dessa responsabilidade assumida. Por isso, segundo Lejeune, a importância de se estabelecer o pacto autobiográfico, confirmando no texto a identidade do autor (seu nome). Essa identidade, por sua vez, pode ser obtida de várias formas: implicitamente no momento do pacto (ligação autor, narrador e personagem), pelo título impresso no livro ou pela seção inicial, por exemplo. E assim também, mesmo que o nome não apareça, por meio do pacto, não há a possibilidade de o autor ser anônimo, e essa visão está ligada à noção escolhida por Lejeune para definir a autobiografia, que é, mencionando novamente, a perspectiva do leitor; o contrato de leitura estabelecido pelo pacto.

Ainda no primeiro documento, “O pacto autobiográfico” (1975), podemos sustentar que os gêneros vizinhos à autobiografia, como as memórias e romances autobiográficos, que, a propósito, também nos interessam aqui neste trabalho, não se ajustam perfeitamente às categorias estabelecidas por Lejeune, devido ao fato de que não há como encaixar esses gêneros de forma rígida dentro das categorias criadas. Sobre os romances autobiográficos, o escritor postula que podem ser tanto narrativas em primeira pessoa quanto impessoais (terceira pessoa), podendo-se apresentar como vagos ou familiares (“autor cuspidor e escarrado” no enredo), e o que na realidade os pode diferenciar da autobiografia cai novamente no que o autor considera primordial, ou seja, o pacto autobiográfico: alguma afirmação no texto que confirmará a identidade do autor, como, por exemplo, o nome deste escrito na capa do livro.

Podemos afirmar que a ficção muitas vezes pode ser tão transparente quanto a autobiografia, ocorrendo casos em que o leitor apresenta razões suficientes para confirmar a semelhança exata do personagem com o autor. Daí também provêm as considerações de Lejeune sobre a ficção autobiográfica poder ser mais exata (personagem se parece com o autor) que uma autobiografia, que pode ser inexata (o texto não possui profundidade, apesar da confirmação do autor e do contrato). Essas considerações do escritor nos levam a constatar a ambiguidade e levantam um possível questionamento em relação aos romances e às escritas autobiográficas analisadas nesta tese e também de modo geral: a possibilidade de haver verdade no romance e ficção na autobiografia. É importante pontuarmos que, da mesma

forma, o autor francês, no que diz respeito ao romance, faz a ressalva da importância do “pacto romanescos”: para afirmarmos que uma obra é ficção deve haver o atestado de ficcionalidade, ou seja, a indicação da não identidade entre autor e personagem.

“O pacto autobiográfico (BIS)”, de 1986, por sua vez, é fruto de uma revisitação de Lejeune ao seu primeiro texto de 1975, enfatizando os vieses da sua primeira análise no que diz respeito, entre outros, à definição de autobiografia, o contrato de leitura (pacto), a identidade, o vocabulário e o estilo. Mencionaremos aqui neste texto somente o delineamento de algumas de suas autocríticas que consideramos mais relevantes para a análise das nossas obras. Dentre as suas postulações, observamos a reiteração da importância de se partir de uma definição do termo autobiografia, resguardando, porém, que a designação feita por ele em seu primeiro texto se apresenta muito engessada, uma vez que não é possível para a autobiografia se adequar a uma fórmula pronta. Há uma crítica ao fato também de não ter ocorrido uma análise contextualizada de um corpus mais amplo antes de definir o termo “autobiografia”, e um retorno sobre a questão de se ter deixado em aberto a explicação sobre a autobiografia em terceira pessoa no primeiro trabalho. Quanto à identidade, devido a uma concepção muito arbitrária da mesma, existe o reconhecimento da provável ignorância de “suas ambiguidades e graus” (Lejeune, 2008, p. 56). Ao mencionar os acordos que considerou, traduzidos pelos pactos, Lejeune demonstra serem ilusórios no sentido de que devemos compreender que na realidade o leitor pode escolher modos de leitura diferentes dos contratos sugeridos. As próprias combinações que o escritor realizou de identidade (relação do narrador e personagem principal com as pessoas gramaticais) baseadas no pacto fizeram-no constatar a existência de uma linha muito sutil entre a autobiografia e o romance autobiográfico.

Já no texto “O pacto autobiográfico, 25 anos depois”, escrito em 2006, que se encontra mais próximo de nossos tempos, Phillipe Lejeune revê suas análises e reflexões sobre as características da escrita autobiográfica nos dois trabalhos anteriores (1975, 1986), com olhar ainda mais crítico, apresentando algumas considerações diferentes acerca da autobiografia na contemporaneidade, e que também merecem ser apontadas aqui a fim de as relacionarmos com a nossa investigação. Apesar de continuar reconhecendo a forma categórica com que se posicionou desde o primeiro texto (1975), o escritor afirma novamente a importância de se partir de um conceito sobre a autobiografia e, no que concerne esta tese, podemos confirmar que essa definição pode se adequar até hoje às nossas referidas obras consideradas autobiografias, “*Confessions of a Book Burner*” e “*A Dream Called Home*”, as quais são narrativas em prosa, retrospectivas das vidas das personagens afins. Quanto ao pacto, Lejeune não nega mais uma vez a maneira radical da qual lançou mão para defini-lo nos textos

anteriores, contudo segue asseverando que o pacto é essencial e suficiente no que se pretende cumprir: a proposta do pacto envolve o autor, como já exposto; apesar de o leitor possuir plena liberdade de ler como desejar, sendo peça fundamental que é (podendo contestar, negligenciar ou concordar com a proposta do autor), o que acaba ocorrendo é um fantasma de reciprocidade que torna o pacto contagioso (Lejeune, 2008, p. 73) e que deve existir. O teórico francês também sustenta que a autobiografia não constitui um caso particular de romance; tanto ela quanto o romance são casos particulares de narrativa (Lejeune, 2008, p. 75).

Entre outras ponderações, há a visão de que os meios de estabelecimento do pacto autobiográfico poderiam ter sido esclarecidos de uma forma mais simples nos modelos teóricos anteriores, como, por exemplo, o implícito (somente pelo emprego do nome próprio). Já no tocante à identidade, existe uma indagação premente sobre a crítica à primeira versão, ou seja, Lejeune passa a considerar novamente a hipótese primária da existência ou não da identidade. Torna-se pertinente também destacarmos que ao discorrer sobre a definição de autobiografia, nas suas construções, reconstruções, releituras, autoanálises e autocríticas, Lejeune acaba produzindo um texto autobiográfico, como ele mesmo assim o define (Lejeune, 2008, p. 77), reconhecendo esse texto, dessa maneira, mais como um documento norteador do que um modelo científico, suscetível e aberto a atualizações constantes.

Em suas considerações finais, refletindo muitas das tendências contemporâneas, testemunhamos a afirmação do autor de que algumas de suas análises são apenas combinações possíveis da autobiografia, já aparecendo os diversos termos que passaram a ser utilizados para se referirem à autobiografia; “relatos de vida”, “escritas do eu”, “escritas de si”, dentre outros. O que nos chama a atenção nos textos de Lejeune e que precisamos nos atentar, a fim de construirmos nossas próprias observações, consiste em ter ciência dessa constante ampliação da concepção de autobiografia na era contemporânea, e por esse motivo, também, considerar que o gênero autobiográfico apresenta como característica primordial estar constantemente em (re)construção.

Essa menção sobre os textos icônicos de Phillippe Lejeune nesta tese, mais do que expor sua teoria de uma forma muito geral, tem como objetivo associar seus pressupostos com as características que observamos nas obras que aqui nos interessam e também relacioná-los com os de outros autores sobre os quais discorreremos adiante. A propósito, em relação às postulações que enfatizamos de Lejeune, no que tange à concepção de pacto e identidade, podemos afirmar que nas duas obras autobiográficas, “*Confessions of a Book Burner*” (2014) e “*A Dream Called Home*” (2018), encontramos o pacto autobiográfico firmado na capa do

livro, por meio dos nomes das autoras, e, por mais que posteriormente neste capítulo abordaremos a obra de Reyna como foi propriamente denominada, “*a memoir*” (memórias), investigando as diferenças entre as memórias e as autobiografias, nos é possível confirmar essas características do pacto nessas duas obras mencionadas, considerando-as como narrativas autobiográficas.

Ainda em relação à importância do pacto e às diferenças entre autobiografia e romance autobiográfico, podemos observar também que já nas pontuações anteriores de Lejeune, trazidas por Ana Amélia Barros Coelho Pace (2013) em seu artigo sobre a primeira obra do autor francês escrita em 1971, “*L'autobiographie en France*” (“A autobiografia na França”), há a menção sobre a dificuldade em traçar a diferença entre a autobiografia e a ficção autobiográfica:

Os procedimentos narrativos da ficção e do relato autobiográfico se assemelham, se copiam, transitam entre um gênero e outro. Numa análise estritamente interna, não haveria diferença entre uma autobiografia e um romance autobiográfico. Ele (Lejeune) continua afirmando que “daí viria, aliás, da parte dos autobiógrafos, a preocupação em estabelecer no começo do texto um tipo de pacto autobiográfico, com justificativas, explicações, notas prévias, declaração de intenção, todo um ritual destinado a estabelecer uma comunicação direta” (Lejeune, 1998a, p. 17). (Pace, p. 4, 2013).

Trazendo e analisando, pois, para o que elegemos como nossas duas ficções autobiográficas, “*The House on Mango Street*” (1984) e “*The Last of the Menu Girls*” (1986), podemos realmente ratificar essa impressão de que os fatos sobre a vida das autoras, Cisneros e Chávez, “se misturam” com as ficções narradas em várias passagens, tendo a cautela, no entanto, de saber que não podemos afirmar que as personagens Esperanza e Rocío reproduzem as vidas dessas autoras nas respectivas histórias. Como assinalado por Chávez em seu prefácio sobre o enredo de “*The Last of the Menu Girl*” (2004):

Assim essas histórias são biculturais, bilíngues. E interpretações bimágicas das minhas primeiras memórias e criações. Elas não são autobiográficas no sentido literal da palavra, mas tocam sobre relatos lembrados do que para mim, como uma jovem mulher, eram ideias e temas a serem inspecionados, mantidos de perto, reverenciados ou descartados (Chávez, 2004, p. 13)¹⁰³.

¹⁰³ No original: “*So it is that these stories are bi-cultural, bi-lingual. And bi-magical renderings of my early memories and creations. They are not autobiographical in the full sense of the word, but touch upon a remembered accounting of what for me, as a young woman, were ideas and themes to be inspected, held close, revered or discarded*”.

Do mesmo modo poderemos verificar em “*The House on Mango Street*” (1984) que, apesar da verossimilhança, de ser possível para Cisneros revelar e reviver as condições de opressão a que foi submetida por meio da protagonista Esperanza e da identificação dos lugares e acontecimentos específicos na narrativa, os nomes diferentes dos personagens de “*Mango*” e outros cenários asseguram uma distância que faz com que essa obra não constitua um documentário realista (Klahn, 2003).

Voltando ao termo “autobiografia”, utilizado por Lejeune já nas suas primeiras publicações sobre as quais mencionamos, “*L'autobiographie en France*” (“A autobiografia na França”) (1971) e “*Le pacte autobiographique*” (“O pacto autobiográfico”) (1975), é pertinente apontarmos que a concepção desse termo foi proveniente da necessidade do surgimento de uma nova palavra, na visão do autor, desde o século XVIII, para delinear as escritas de si, muito ligadas ao desenvolvimento da civilização industrial e da burguesia no poder, quando se percebeu, também, que o termo “memórias” não estava conseguindo abarcar essas escritas de si. Em contraposição ao pensamento de Lejeune, porém, trazemos a visão do escritor Georges Gusdorf (1990, 1991), também de procedência francesa, que postula que a criação dessa nova palavra para suprir as escritas do indivíduo (traduzida no gênero autobiografia) é consequência de um processo que já se encontrava em um constante desenrolar há muito tempo, não somente a partir do século XVIII, mas desde o início da era cristã, apresentando relação direta com a expansão do cristianismo ocidental e seus textos religiosos, na tentativa, mesmo que ilusória, de o homem moderno recompor sua unidade (Silva, 2019).

Retornando a um tempo mais longínquo, a Antiguidade, Michel Foucault (2004), da mesma forma, investigou os trabalhos das escritas de si (o “eu” na escrita), por meio das hupomnêmatas (pequenas cadernetas) e correspondências daquela época. O teórico contemporâneo chegou a considerações que demonstram que essa escrita de si consistia mais em uma prática de autocuidado voltada às instâncias éticas, muito diferente do que o indivíduo moderno procura ao escrever sobre si na Era Moderna:

Parece que foi na relação epistolar - e conseqüentemente para colocar a si mesmo sob os olhos do outro - que o exame de consciência foi formulado como um relato escrito de si mesmo: relato da banalidade cotidiana, das ações corretas ou não, da dieta observada, dos exercícios físicos ou mentais que foram praticados (Foucault, 2004, p. 160).

Gusdorf, por sua vez, com a visão de que a autobiografia se assemelha a um ato de confissão/um exame de consciência mais ligado ao Cristianismo, assevera que, no século

XVII, essa consciência religiosa então passa a se dedicar ao espaço privado. Sendo assim, o que vemos é uma discordância de Gusdorf com a concepção de Lejeune de que a industrialização e a burguesia influenciaram o nascimento da autobiografia. Sobre a crença de Gusdorf (1990, 1991), Brigitte Monique Hervot (2013) demonstra que:

Se, em seus estudos sobre as origens da autobiografia, Philippe Lejeune aponta, como a maioria dos estudiosos, as Confissões (de Rousseau) como o marco inicial das escritas do eu, para nosso crítico (Gusdorf), tal colocação não procede, pois Rousseau, segundo ele, sempre deu provas de querer se distanciar do mundo industrial, civilizado e moderno. Insiste em dizer que, na verdade, seria a literatura religiosa do século XVII que estaria nas origens do gênero (Hervot, 2013, p. 100).

As ponderações de Gusdorf também merecem ser expostas neste texto a fim de investigarmos um outro olhar sobre a autobiografia e realizarmos algumas considerações que se adequam à análise das obras de nosso interesse. De forma sucinta, após a leitura de seus pressupostos, compreendemos que sua crença é a de que na escrita autobiográfica há a expressão da vida interior do indivíduo, contrapondo-se mais uma vez aos autores contemporâneos, que, à maneira de Lejeune, defendem que o eu da escrita é uma entidade representativa de um coletivo. Essa vida interior e não cronológica dos fatos, para Gusdorf (1991 *apud* Hervot, 2013), é o que dita a intenção da verdade, uma vez que não é possível haver, na recuperação da vida vivida, a verdade absoluta:

Assim, aquele que redige, ao manifestar a visão pessoal de seu ser íntimo, efetua uma recomposição de sua individualidade, modificando seu estatuto existencial, sem, contudo, escapar de certas discrepâncias ou de inconsistências que acabam por revelar mais sobre as intenções profundas da interioridade. [...] Para ele (Gusdorf) não existe uma verdade absoluta visto que a recuperação de uma vida nunca tem fim e pode ser retomada, reconsiderada e reinterpretada por meio da imaginação que inventa e preenche as lacunas deixadas pela memória (Hervot, 2013, p. 103).

Dessa maneira, a vida relatada consiste em um embate entre o consciente e o inconsciente, e a importância da escrita se dá por ser o elemento salvador das lembranças. Um ponto de destaque sobre o pensamento de Gusdorf consiste em sua interpretação acerca da memória do indivíduo, responsável por organizar as lembranças, as quais surgem de maneira desordenada, obedecendo a uma ordem interior, a principal responsável por comandar o tempo do autobiógrafo, marcada pela perspectiva do presente. O presente, portanto, tem

influência sobre a forma de se pensar, e nesse jogo da memória há um equilíbrio do momento presente com o tempo que se passou.

Quanto às memórias, uma breve palavra em relação às mesmas torna-se oportuna, uma vez que são consideradas como gênero vizinho da autobiografia, e a relevância de as mencionarmos reside no fato de a obra de Reyna Grande ser tomada como um “*memoir*”. Apesar de não podermos desconsiderar as motivações do eu íntimo nesse tipo de escrita, a ênfase das memórias é muito mais no contexto e nos acontecimentos cronológicos dos quais essa subjetividade fez parte:

[...] esse sujeito se define a partir de elementos como a família, o país, as ligações ideológicas, o mundo profissional, enfim, tudo aquilo que concerne mais à sua vida pública. Não se trata, para o memorialista, de se isolar a fim de encontrar sua identidade, pois não vive o conflito dessa busca. Assume plenamente seu eu íntimo dentro da sociedade onde quer ser e quer mostrar seu papel social de destaque entre os outros. [...] essa subjetividade nunca consegue dominar a história objetiva dos acontecimentos dos quais tomou parte. (Hervot, 2013, p. 108).

O que podemos evidenciar que os princípios teóricos afirmam é que o limite entre a autobiografia e os gêneros que a circundam é muito sutil. Essa constatação vem se tornando cada vez mais consistente à medida que muitos outros textos autobiográficos têm sido produzidos e analisados. Nos tempos atuais, a propósito, devemos comentar ainda que não há um consenso entre os pesquisadores de que a autobiografia até mesmo constitua um gênero literário, dada a variedade de obras e seus traços distintos que impossibilitam a construção de um único modelo teórico que incorpore todas elas. Em seu último texto, de 2006, “O pacto autobiográfico, 25 anos depois”, mencionado neste capítulo, mesmo defendendo a ideia de que precisamos identificar a existência de uma fronteira entre as escritas autobiográficas, novamente enfatizamos que Lejeune já se refere às tendências dos estudos contemporâneos de considerar outras expressões que estão passando a serem utilizadas para determinar a abrangência do campo autobiográfico, como “relatos de vida”, “escritas do eu”, “escritas de si”. Nesse ponto, a convicção de Gusdorf (1990, 1991) se alinha também a essas tendências, uma vez que, mais importante do que tentar determinar de forma arbitrária a autobiografia como gênero, o escritor enfatiza a prioridade de se analisar o significado e a intenção dessas obras de cunho autobiográfico.

Essa concepção da não delimitação fixa das fronteiras dos gêneros traz uma informação importante sobre os textos autobiográficos. Tomemos, por exemplo, os que nos dizem respeito: a autobiografia (“*Confessions of Book Burner*”, de Corpi) e o “*memoir*” (as

memórias “*A Dream Called Home*”, de Grande); o objetivo maior encontra-se na revelação do ser, e devemos compreender que os textos não são excludentes, pelo contrário, acabam complementando uns aos outros. Ou seja, as categorizações teóricas não são capazes de oporem a coexistência da autobiografia e da memória em uma mesma obra: “De fato, é impossível ao sujeito contar a vida de sua história pessoal sem aludir à vida pública” [...] (Hervot, 2013, p. 109). E o contrário também não procede, qual seja, o memorialista ser capaz de não narrar sua intimidade ao discorrer sobre sua vida comunitária.

Outra visão que está alinhada às ideias dos autores mencionados até aqui é a da autobiografia como ato estetizado, da consideração dessa escrita em um plano artístico (Bakhtin, 1997). Sustentando esse posicionamento, podemos retomar Lejeune (2008) e sua afirmação a respeito da autobiografia como obra literária, visto que esta ao mesmo tempo que constitui um discurso verídico não deixa de ser uma obra de arte. Também retornamos à ideia de Gusdorf, já exposta anteriormente, de que além de a verdade residir na vida interior do homem, no trabalho autobiográfico, ela se torna autêntica à medida que passa pela linguagem poética:

Toda autobiografia é uma obra de arte, e, ao mesmo tempo, uma obra de edificação; não nos apresenta com o personagem visto de fora, em seu comportamento visível, mas com a pessoa em sua intimidade, não tal como foi, ou tal como é, mas como crê e deseja ser e haver sido [...] De modo que a criação de um mundo literário começa na confissão do autor: a narração que faz da sua vida já é uma primeira obra de arte, o primeiro deciframento de uma afirmação que, a um nível mais alto de dissecação e recomposição, florescerá em novelas, tragédias ou em poemas (Gusdorf, 1991, p. 14-5)

Da mesma forma, ao passarmos pela análise das autobiografias, podemos confirmar a preocupação das referidas autoras chicanas, Corpi e Grande, em relatarem suas experiências pessoais utilizando-se de uma escrita literária bem elaborada nas suas obras, que proporciona uma compreensão emocional dos fatos por nós leitores, por meio do desenrolar de uma linguagem poética que nos move ao longo das linhas. Em seu relato autobiográfico, por exemplo, ao falar sobre a escrita de suas experiências, Corpi (2014) comenta sobre a prevalência da voz poética que há nelas, inclusive sobre sua grande dificuldade em escrever em prosa, sendo que, quando assim o faz, ressalta o predominante apreço à característica poética em suas obras:

Independentemente da importância que nós damos a um tipo de poesia em relação a uma outra, no final a única verdade importante é que as palavras

têm o poder de comunicar o inefável e nos ajudar a transcender nossas vidas individuais. Como todo poeta antes e depois de mim, eu sou a mediadora do poder da linguagem (Corpi, 2014, pos. 533)¹⁰⁴.

Prosseguindo em relação às autoescritas, discorreremos brevemente sobre a concepção do crítico francês Serge Doubrovsky, que em 1977 cunhou o termo neologista “autoficção” para se referir ao pacto que desejava estabelecer em seu livro *Fils*. Consciente de que a prática já existia, Doubrovsky inaugura a dificuldade do consenso em relação ao termo. De acordo com Noronha (2014), Lejeune acabou estabelecendo um diálogo crítico com Doubrovsky a partir da casa vazia do pacto autobiográfico correspondente à homonímia autor, personagem e pacto romanesco, dando abertura então a que o conceito de autoficção fosse teorizado. Noronha (2014) também expõe outros pressupostos de vários pesquisadores em torno da delimitação do termo autoficção e sua relação com a autobiografia. A amplitude desse termo “autoficção”, que passou a se endereçar até mesmo a outras mídias e artes, de modo geral, trouxe muitas controvérsias e uma não convergência entre os estudiosos. Focaremos principalmente nos pressupostos de Doubrovsky e de alguns autores que consideramos relevantes ao assunto, demonstrando suas concepções relacionadas à autoficção, na tentativa de as associarmos com as concepções de autobiografia trazidas no presente trabalho.

Doubrovsky (2010) aponta que a autoficção é um tipo de autobiografia romanceada que já existia antes da sua obra, categorizando seu pacto como oximórico, no “âmbito do romanesco”, porém deixando claro que a definição de autoficção, “ficção de fatos e acontecimentos estritamente reais”, reproduzida pelo dicionário *Robert Culturel*, vai muito além e aquém dos pactos. Para ele, a palavra autoficção se remete à existência real de um autor, não havendo oposição entre autobiografia e romance. Sua crença, então, é a de que a autobiografia é apenas um caso particular de romance no fim das contas, uma vez que a forma da narrativa é em primeira pessoa e a memória constitui um elemento falível; as histórias que narramos podem ser remanejadas e algumas partes omitidas ou encobertas, de acordo com as necessidades do autor. Assim sendo, a autobiografia acaba incorporando a ficção em partes dela: “toda autobiografia, qualquer que seja sua “sinceridade”, seu desejo de “veracidade”, comporta sua parte de ficção (Doubrovsky, 2010). O autor é, portanto, categórico na afirmação de que a autobiografia e o romance coexistem em um mesmo texto. Neves (...)

¹⁰⁴ No original: “Regardless of the importance we give to one kind of poetry over another, in the end the only important truth is that words have the power to communicate the ineffable and to help us transcend our individual lives. Like every other poet before and after me, I am the language power broker”.

acrescenta uma reflexão interessante sobre esse processo afirmando que ao recontar a história de sua vida, uma vez que os detalhes são deixados de lado pelo autobiógrafo, como essa história então não corresponde exatamente à realidade dos fatos, podemos considerar que a partir daí se inicia uma ficção.

Outra crença trazida por Doubrovsky (2010) é a de que a relação do sujeito consigo próprio mudou na contemporaneidade: a vida passou a ser compreendida como fragmentos, e, no processo de rememoração, o que ocorre é uma reinvenção da vida, devendo cada escritor “inventar” sua própria história por meio dessa nova percepção. Doubrovsky (2011 *apud* Faedrich, 2016) esclarece que oferece uma nova visão de modelo narrativo, o qual faz o movimento da história para o romance e que não condiz com a proposta da autobiografia clássica feita também pelo teórico Jean Starobinski, baseada em uma fórmula cronológica e lógica, que segue o rumo da vida, apesar das lacunas deixadas pela memória. As narrativas, portanto, não são mais escritas como as autobiografias clássicas do século XVIII e XIX, a narrativa de si passa por uma “roteirização romanesca” do vivido.

Colonna (2004), por sua vez, ao se referir à autoficção em seu artigo “Tipologia da autoficção”, considera a autoficção doubrovskiana como somente uma das possibilidades da autoficção, a “autoficção biográfica”, que acabou “tomando o lugar” do romance autobiográfico, sendo que, na sua visão, a autoficção abrange um campo muito mais amplo, não tendo relação com a mudança do sujeito e a época em que vive. Quanto à autoficção biográfica, “o escritor fabula sua existência a partir de dados reais” (Colonna, 2004), aproximando-se da verossimilhança e de uma verdade mais do que subjetiva; o pesquisador postula que: “para certos críticos, a grande originalidade da autoficção estaria na revelação do nome próprio, já que no romance autobiográfico, os nomes estariam cifrados ou esquivados, principalmente o do autor” (Colonna, 2004, p. 47).

Ainda sobre a autoficção, Jacques Lecarme sustenta a ideia de que a autoficção não é opositora à autobiografia, pelo contrário, constitui um sinônimo ou até mesmo uma variante da mesma, ao ponto de ser uma “autobiografia desenfreada” (Lecarme, 1993). Há, do mesmo modo, o ponto de vista de que não é possível a garantia de que o leitor não vá ler a autobiografia como um romance e vice-versa:

A autobiografia dita clássica se fundamenta em um pacto, supondo que o autor o respeite, permanece unilateral, leonino e coercivo. O que pode impedir um leitor de ler uma autobiografia como um romance e um romance como uma autobiografia, uma vez que esse leitor é sempre livre e do contra? (Lecarme, 1993, p. 103).

O teórico espanhol Manuel Alberca (2007) apresenta uma proposta diferente, a qual denomina “pacto ambíguo”, definido como a aceitação pelo leitor da ambiguidade presente na autoficção e sua conseqüente inserção no jogo de oscilação entre o fictício e o autobiográfico, selando assim a possibilidade de aplicação desse conceito em várias modalidades de escritas de si:

[...] a autoficção propõe um tipo de leitura e clama por um tipo de leitor, especialmente ativo, que se deleite em um jogo intelectual de posições cambiantes e ambivalentes e que suporte esse jogo duplo de propostas contrárias sem exigir uma solução total (Alberca, 2007, p. 16).

Em seu ensaio “A Quantas Anda a Reflexão sobre a Autoficção”, o pesquisador Jean-Jeannelle (2007) reflete sobre o que ele chama de história aventureira da autoficção, colocando, entre outras bases teóricas que marcaram a trajetória da autoficção, as postulações de Phillippe Gasparini (2004) em um diálogo com alguns dos teóricos mencionados aqui. Gasparini traz a tese da autoficção como categoria adjacente ao romance autobiográfico, diferenciando-se do mesmo pelo fato de que, no romance autobiográfico, a identidade do sujeito encenado é ambígua, ao passo que na autoficção ela é fictícia (Gasparini, 2004 *apud* Jeannelle, 2007, p. 140). A autoficção seria, assim, um tipo particular de romance. Podemos constatar, dessa maneira, que a concepção de Gasparini se alinha com a de Colonna, distanciando-se mais da visão de Doubrovsky. Uma outra característica da autoficção pontuada por Jeannelle é que são os princípios contraditórios que a sustentam, ou seja, o que Lejeune investigou como casos ambíguos é visto como um fenômeno de hibridez por alguns críticos atuais: “o fenômeno da autoficção são todas as casas sem gênero fixo que se relacionam a ele (romance autobiográfico)” (Jeannelle, 2007, p. 142).

Para finalizar a abordagem dos teóricos aqui trazidos, é imprescindível destacarmos Leonor Arfuch e sua obra “O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea” (2010). Partindo da observação do sujeito contemporâneo, fragmentado, múltiplo e constantemente aberto às mudanças neste mundo globalizado e midiático, a teórica argentina, a fim de repensar e suprir algumas lacunas deixadas anteriormente por Lejeune, propõe um “espaço biográfico” que engloba uma diversidade de relatos (auto)biográficos que se estendem desde as formas clássicas até as mais modernas e que rompem com as narrativas tradicionais em um movimento crescente que vai além de cada vida privada, mesclando o íntimo e o público. Esse espaço não é definido como um macrogênero que abriga uma padronização de formas reguladas, mas, como afirma Arfuch (2010, p. 74), “um cenário

móvel de manifestação - e de irrupção - de motivos [...] com diversos momentos biográficos que surgem, mesmo inopinadamente, nas diversas narrativas, particularmente nas midiáticas”. Nele há a convergência de múltiplas vozes, formas e gêneros em relações numa “simultaneidade de ocorrências” (p. 58). Assim, ocorre cada vez mais uma circulação narrativa das vidas públicas e privadas em uma dimensão intertextual e interdiscursiva nesse espaço que abriga gêneros discursivos diversos que carregam o tom (auto)biográfico.

Outro ponto a ser explanado é que, baseada na concepção de dialogismo de Bakhtin (1982), a pesquisadora propõe a participação do papel do outro na constituição do eu, ao discorrer sobre a escrita autobiográfica. O pensamento é de que o sujeito que narra não é mais o mesmo que vivenciou o acontecimento, ele é um outro que estabelece um diálogo com o eu que viveu os fatos, a ponto de a experiência contada não mais consistir em uma revivência, mas sim em uma ressignificação realizada pela percepção de um novo olhar (Santos; Torga, 2020). Essa concepção, ancorada na “dialogicidade discursiva da linguagem” (Santos; Torga, 2020, p.141), enfatiza o papel do outro na constituição do eu: “[...] não há identidade possível entre autor e personagem, nem mesmo na autobiografia, porque não existe coincidência entre a experiência vivencial e a ‘totalidade artística’” (Arfuch, 2010, p. 55).

Após essa breve investigação sobre os posicionamentos de apenas alguns dos diversos autores relevantes que discorrem acerca das escritas autobiográficas, e também pautados nos estudos e revisão teórica de alguns pesquisadores do assunto, nos é possível chegar a algumas mínimas considerações que acreditamos poderem auxiliar na análise das autobiografias e ficções autobiográficas de nosso interesse. Assim, constatamos que a importância da contribuição de Lejeune se dá pelo fato de, mesmo com as várias críticas em torno dele e suas recorrentes (re)visões de seus próprios conceitos, seu trabalho permanece norteador no ramo autobiográfico. Além do mais, podemos observar que já em suas considerações mais recentes, esse autor acaba ponderando que a autobiografia constitui uma prática em que o escritor pode lançar mão de gêneros e suportes textuais diversos para falar de si (como diários, confissões, cartas, crônicas e outros) (Silva, 2019), aproximando-se das tendências contemporâneas sobre a escrita autobiográfica.

Já quanto à autoficção, apesar das constantes reformulações em torno desse termo na tentativa de uma convergência, compreendemos que sua principal característica é justamente sua indefinição, não deixando de assinalar inclusive que muitos autores chegam a considerá-la um novo termo para se referir à escrita autobiográfica na pós-modernidade. Em seu artigo, Silva (2019) descreve bem o que podemos dessa forma considerar como a situação da autoficção:

o que se sabe é que se trata de uma modalidade literária, e não de um gênero, caracterizada pela mistura de elementos autobiográficos, reais e ficcionais, produtos do imaginário, no mesmo texto, de modo que ambos apareçam indiscerníveis a partir da configuração estética (Silva, 2019, p. 301).

A partir disso então, podemos também pontuar que assim como não é viável fechar um conceito para o termo autobiografia, uma vez que testemunhamos de forma crescente aspectos autobiográficos em inúmeras práticas das escritas de si, em relação à autoficção, há, da mesma forma, a visão de que vários gêneros literários podem ser autoficcionais, e não de que a autoficção constitua um gênero específico. O pacto ambíguo de Alberca (2007), por sua vez, veio para tentar expandir as noções de pacto de Lejeune e Doubrovsky, parecendo-nos mais justificável e adequado às modalidades de escritas de si contemporâneas, nas quais o autobiográfico e o ficcional se misturam, propiciando essa ambiguidade no pacto de leitura.

Trazendo novamente a análise para as escritas autobiográficas pesquisadas nesta tese, é possível tecer algumas considerações a fim de relacionar certos pontos das alegações dos teóricos citados até aqui neste capítulo. Como já mencionado, as postulações de Lejeune, apesar de muitas controvérsias, são basilares. Consideramos importante, pois, destacar a pertinência delas às nossas duas autobiografias e duas ficções autobiográficas, principalmente o que diz respeito ao que esse autor já apontava sobre a dificuldade em traçar a diferença entre a autobiografia e a ficção autobiográfica. Ou seja, em nosso caso, voltamos a ratificar que sabemos que há muito da realidade da vida das autoras nas ficções autobiográficas lidas, mesmo não podendo assim o afirmar, e, da mesma forma, na posição de leitores, também não podemos refutar a ideia de que possa haver uma certa dose de ficção nas obras classificadas como autobiografias.

Esse fato nos remete ao que tivemos oportunidade de observar nas postulações de outros autores citados também neste capítulo, alguns dos quais, sob uma visão mais alinhada com a pós-modernidade, se arriscaram a definir a autobiografia como um caso particular de romance; como vimos, o posicionamento de Doubrovsky, que acredita que as histórias narradas pelo autobiógrafo podem ser remanejadas ou omitidas, e o que acontece na realidade é uma incorporação da ficção em partes de uma obra autobiográfica. Essa visão de reinvenção da vida no processo de rememoração, sob uma nova percepção, também foi trazida por Georges Gusdorf, quando o mesmo afirma a influência do presente na vida retomada na autobiografia, que é reinterpretada à medida que as lacunas deixadas pela memória passam a ser preenchidas pela imaginação. Tanto em Gusdorf como em Doubrovsky, percebemos então

que é possível testemunhar uma aproximação com o pensamento e a proposta de Arfuch (2010) de que o narrador é considerado outro, não mais o mesmo que experienciou o fato narrado.

Novamente em relação à autoficção, como se trata de um conceito sob constantes discussões divergentes, torna-se mais sensato não tentar fechar nenhuma classificação em relação às obras estudadas, porém, da mesma forma, não devemos deixar de nos referir a algumas considerações expostas anteriormente sobre esse termo e que acreditamos serem significativas às observações de nossas escritas autobiográficas, como as de Colonna, por exemplo, quando esse estudioso afirma que, sob o ponto de vista de muitos pesquisadores, o que constitui a originalidade da autoficção seria a revelação do nome próprio, diferentemente do romance autobiográfico, no qual o nome do autor encontra-se cifrado. Esse posicionamento de Colonna também é endossado por Jeannelle (2007), ao demonstrar a argumentação de Gasparini de que na autoficção a identidade do sujeito é fictícia, ao passo que no romance autobiográfico ela é ambígua. É o que podemos aproximar das nossas ficções autobiográficas, nas quais em algumas passagens temos a impressão de que ocorre essa identidade ambígua das protagonistas: os eventos da realidade e ficção se mesclam em um enredo no qual os nomes dessas personagens, Esperanza e Rocío, não coincidem com os das autoras Cisneros e Chávez.

Torna-se, da mesma forma, indispensável que, na leitura das quatro obras autobiográficas de nosso interesse, tenhamos a consciência da concepção mais contemporânea de Manuel Alberca (2007) do pacto ambíguo, isto é, como leitores, que atentemos ao jogo entre o fictício e o autobiográfico (“realidade”), uma vez que, como visto, o pacto ambíguo pode se adequar a várias modalidades de escritas autobiográficas.

Por fim, retomemos a ideia do “espaço autobiográfico” de Arfuch (2010), compreendendo e reconhecendo a adequação das autobiografias e ficções autobiográficas de nosso interesse nesse espaço, nas quais confirmamos que “um tanto mais livremente, o leitor poderá integrar as diversas focalizações provenientes de um ou outro registro, o ‘verídico’ e o ficcional, num sistema compatível de crenças” (Arfuch, 2010, p. 56). E da mesma maneira, o espaço autobiográfico é onde nós, leitores dessas obras afins, nos sentimos cientes e livres para reconhecer a indeterminação de um padrão autobiográfico, e para normalizar a possibilidade de ocorrência da mistura entre o verídico e o fictício também em nossas referidas autobiografias e ficções autobiográficas, além dos denominados “jogos dos equívocos”, que podem vir a ocorrer ao tentarmos encontrar a especificidade e regularidade autobiográficas.

Nesse espaço celebrado por Arfuch, de igual modo, a autora nos chama a atenção para o trânsito que existe do eu ao nós na contemporaneidade, ou seja, o “nós” que de forma cada vez mais crescente tem sido descrito por meio do “eu” da escrita autobiográfica. As vidas privadas têm ultrapassado o pertencimento individual, passando a expressar modelos de valores coletivos, e o que tem sido observado é uma articulação entre o individual e o social, a ponto de essas narrativas autobiográficas tornarem-se narrativas plurais que, além de discorrerem sobre o “próprio eu”, por meio dos referidos indivíduos, “revelam” os traços de solidariedade e a comunidade da qual eles participam. Esse registro privado articulado com a esfera pública abre caminho para as identificações múltiplas, ultrapassando a história singular e possibilitando a manifestação das políticas de diferenças, na tentativa de suprir a necessidade de identificação dos sujeitos, como reiterado por Arfuch (2010, p. 100):

[...] não há possibilidade de afirmação da subjetividade sem intersubjetividade; conseqüentemente, toda biografia ou relato da experiência é, num ponto, coletivo, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade. É essa a qualidade coletiva, como marca impressa na singularidade, que torna relevantes as histórias de vida, tanto nas formas literárias tradicionais quanto nas midiáticas e nas das ciências sociais.

A escritora acrescenta que essas novas narrativas étnicas, culturais e religiosas desempenham o papel de (re)valorizar a ideia das minorias, o que vai justamente ao encontro do que testemunhamos em nossas ficções autobiográficas e autobiografias: por meio das vidas narradas das autoras, o que temos diante de nossos olhos, muitas vezes, é a representação e a compreensão dessas protagonistas chicanas como um “nós”, evidenciando um ideal de comunidade étnica e uma pluralidade de pontos de vista que configuram essas escritas, as quais desempenham o papel de mediadoras das vozes das mulheres chicanas. Há uma “volta nostálgica” (Arfuch, 2010, p. 106) para as histórias singulares, os costumes e o tempo cotidiano que acaba por assegurar novos mitos e políticas de identidade. A pluralidade das narrativas então proporciona, ao mesmo tempo, o conhecimento de si mesmo e dos outros, afirmando um ideal de comunidade. Arfuch (2010) sustenta ainda que, desse modo, o espaço biográfico serve como um agente que recupera as histórias locais no mundo atual imerso no sistema global.

Nessa rede, então, em que o autobiográfico vai além da história pessoal, incorporando as instâncias íntima (denominada por Arfuch como “o mais recôndito do eu”, o qual se faz incomunicável), privada (espaço mais aberto ao compartilhamento com o leitor) e pública, os

limites entre o pessoal e o público têm se tornado cada vez mais fluidos, levando também a uma indeterminação das fronteiras narrativas entre os diversos gêneros. Porém, conforme também estudado, precisamos ressaltar que a oscilação individual da escrita autobiográfica com as suas características comunitárias não exclui o que há de traço convencional e repetitivo nela. Mesmo com essas percepções, como leitores, devemos enfatizar mais uma vez que o que temos testemunhado é um constante revisionismo e reconfiguração da vida contada na escrita, o que demonstra que a autobiografia tem passado por atualizações periódicas por meio de diversos gêneros.

Assim, a mistura das vozes narrativas, a desarticulação das cronologias, o deslocamento do eu que enuncia, a desconstrução do efeito da realidade, entre outros, reflete a tendência dessas narrativas autobiográficas à duplicidade enunciativa, ou seja, à ficção, o que, como vimos, tem levado à transformação profunda do gesto autobiográfico na contemporaneidade, sem o comprometimento da escrita autobiográfica com suas formas tradicionais.

Como prosseguimento deste texto, trataremos a partir de agora da escrita autobiográfica das mulheres, a fim de chegarmos às autobiografias das mulheres chicanas especificamente, as quais nos importam nesta tese.

3.1.2 Autobiografias escritas por mulheres (não brancas): um breve histórico

Apesar de no final dos anos 1970 ter havido um crescimento dos estudos críticos sobre a escrita autobiográfica, que, conforme vimos, passou a ser lida mais como texto literário do que documental (com os icônicos trabalhos de Lejeune e outros estudiosos muito influentes nas teorizações dos estudos autobiográficos), a tendência à configuração da autobiografia como masculina, branca e ocidental foi a que predominou, sendo a escrita autobiográfica das mulheres por muito tempo relegada a um espaço periférico.

Nos anos 1950-60, as mulheres lançavam mão da contação de narrativas alternativas, como as memórias e diários, consideradas na época gêneros marginais, para expressarem suas experiências que não podiam ser “ditas”. Em muitos desses textos autobiográficos, elas tentavam reproduzir papéis de heroínas, com o objetivo de promoverem uma imagem positiva de si mesmas. É importante destacar que essas escritas não abordavam as vivências das mulheres de outras etnias (não brancas), porém, esses textos foram fundamentais para propiciarem voz às mulheres em geral posteriormente.

A redescoberta desses textos escritos por mulheres nas décadas de 1980 e 1990, mesmo que a passos lentos, foi ocorrendo progressivamente e, por meio da revisitação das suas escritas autobiográficas privadas, várias publicações das narrativas das mulheres vieram à tona, como as das chicanas e das afro-estadunidenses, por exemplo, que, durante a luta pelos direitos civis dos anos 1960, reivindicaram seu lugar e sua voz por meio da escrita. Houve, assim, trabalhos que investigaram a escrita das mulheres sob diversas perspectivas; aqueles que trataram a escrita delas fora da tradição autobiográfica, os que focaram na sua autobiografia sem destacarem a questão de gênero, e aqueles que estudaram o entrelaçamento de classe, gênero e raça, principalmente em relação à escrita autobiográfica das afro-estadunidenses (Smith; Watson, 1998).

A partir dos anos 1980, então, observamos o surgimento de novas teorias e definições genéricas endossadas pela visão de muitas críticas feministas que já vinham desenvolvendo os estudos das mulheres na literatura e intervindo nas práticas tradicionais de leituras autobiográficas (autobiografias masculinas). Muitos trabalhos serviram de base para teorizar e estabelecer uma tradição autobiográfica das mulheres. Uma antologia muito influente, porém polêmica, editada por Estelle Jelinek, foi “*Women's Autobiography: Essays in Criticism*” (1980) (“Autobiografia das Mulheres: Ensaio na Crítica”), a qual se concentrou mais na escrita autobiográfica das mulheres brancas do século XX (as americanas e inglesas), descrevendo as autobiografias escritas por mulheres como descontínuas e fragmentadas, em oposição à escrita autobiográfica masculina, considerada harmoniosa e linear, contribuindo, assim, ainda mais para uma maior oposição entre a escrita dos homens e mulheres.

Essa visão de Jelinek (1980 *apud* Smith; Watson, 1998), entre outras, considerada essencialista e promotora de uma estrutura de oposição maior entre homens e mulheres, foi muito contestada por outros trabalhos que se desenvolveram no decorrer dos anos 1980, os quais requeriam a expansão dos termos conceituais dessa autora, questionando seu posicionamento essencialista. Posteriormente, a saber, as mulheres de outras etnias (não brancas), por meio de sua própria escrita autobiográfica, que salientava suas diferenças, passaram a contestar as questões generalizadas colocadas por Jelinek (1980). Os questionamentos às concepções dessa autora refletiam o desejo de uma revisão do essencialismo de gênero nas teorias que pregavam as diferenças entre a escrita dos homens e das mulheres. Foram várias as perguntas que vieram à tona pelos teóricos que pesquisavam sobre a autobiografia das mulheres, tais como se realmente a escrita delas era fragmentada ou se na realidade o que ocorria era uma abertura de espaço para o diálogo de uma diversidade de

vozes, ou, ainda, se o sujeito dessas autobiografias das mulheres era caracterizado por uma fluidez maior que se sobrepunha à sua tradicional estabilidade (Smith; Watson, 1998).

A literatura nos mostra que muitos outros trabalhos notáveis foram produzidos ao longo dos anos 1980, havendo uma maior abertura para a escrita autobiográfica das mulheres, incluindo diversos gêneros como cartas, diários, histórias orais, e assim também expandindo o cânone que vigorava. No final dessa década, houve um avanço nos estudos sobre as autobiografias das mulheres, a ponto de as propostas de muitos deles passarem a se centrar mais na textualidade e produção cultural das mulheres do que no gênero. Vários textos indagavam sobre a forma como as escritoras negociavam sua autorrepresentação e sobre como a presença ou ausência de sua sexualidade marcava sua autoridade literária. Entre eles, a coleção de ensaios da teórica Donna Stanton, *“The Female Autograph”* (1984) (“O Manuscrito Feminino”), na qual há até mesmo a proposição de uma nova nomenclatura para as autobiografias escritas por mulheres, “autoginografias”, como forma de questionar o essencialismo de gênero presente em outros trabalhos. *“A Poetics of Women's Autobiography”* (1987) (“Uma Poética das Autobiografias das Mulheres”), de Sidone Smith, foi outra obra que apresentou o foco maior na textualidade do que no gênero, demonstrando como foi para as mulheres produzirem suas narrativas de vida, desafiando as ideologias de gênero.

Enfim, Smith e Watson (1998) relatam o trabalho de Françoise Lionnet, que muito interessa ao nosso estudo, *“Autobiographical voices: Race, Gender, Self-Portraiture”* (1989) (“Vozes Autobiográficas: Raça, Gênero, Autorretrato”), no qual Lionnet toca na questão da escrita das mulheres de outras etnias (não brancas), propondo essa escrita como um espaço intercultural, em que há o entrecruzamento de várias vozes, além de uma teoria de *métissage*¹⁰⁵ propiciadora da articulação dessas vozes dos sujeitos marginalizados:

Lionnet argumentou que, como sujeitos silenciados historicamente, as mulheres e os povos colonizados criam textos entrelaçados por muitas vozes que falam sobre suas localizações culturais de forma dialógica. Métissage, visualizando a autobiografia como um ato multivozes, enfatizou a oralidade e a irreduzível hibridez da identidade. Privilegiando a diferença, a pluralidade e as vozes, Lionnet afirmou que não só novos sujeitos, mas novos tipos de sujeitos foram emergindo, e que as autobiografias tradicionais poderiam ser lidas de forma diferente também (Smith; Watson, 1998, p. 12)¹⁰⁶.

¹⁰⁵ *Métissage*, na concepção de Lionnet (1989), é uma prática de leitura que engloba várias áreas, desde a biologia até a antropologia, e que deve se pautar no princípio fundamental da solidariedade, a fim de que haja a execução de ações políticas na luta contra a hegemonia cultural (hegemonia da língua).

¹⁰⁶ No original: “Lionnet argued that as historically silenced subjects, women and colonized peoples create braided texts of many voices that speak their cultural locations dialogically. *Metissage*, viewing autobiography as a multivoiced act, emphasized orality and the irreducible hybridity of identity. In

Como apontado por essas autoras, tanto o trabalho de Smith (1987) como o de Lionnet (1989) direcionaram seus focos mais para a possibilidade do diálogo que a escrita autobiográfica oferece, entre essas mulheres por meio de suas histórias subjetivas, do que para a visão dessas autobiografias como parte de uma alta tradição literária. O ano de 1988 reverberou essas tendências com a produção de ensaios que contrastaram as tradições das autobiografias do considerado “primeiro mundo” com as escritas pós-coloniais como os “testemunhos”, além de uma expansão da concepção da textualidade autobiográfica das mulheres para outras obras como filmes, poesias, pinturas e outras. Algumas teóricas, da mesma forma, tentaram se concentrar mais na escrita como referência da vida das mulheres, não defendendo nem um posicionamento focado somente na textualidade nem apenas no essencialismo feminista em relação às suas autobiografias.

Outro trabalho relevante e que merece destaque em nossa pesquisa é o texto pivô de Susan Stanford Friedman (1988) em “*Women's Autobiographical Selves*” “(Os Eus Autobiográficos das Mulheres”)), no qual essa autora se apoia nos postulados de Sheila Rowbotham (1973) e Nancy Chodorow (1978) sobre a escrita autobiográfica das mulheres de outras etnias (não brancas), pertencentes às minorias, reafirmando que os textos dessas mulheres refletem as questões étnicas, sexuais e de classe, ou seja, a interdependência da coletividade às quais elas pertencem e estão envolvidas. Desse modo, questionando e revisando os pressupostos da autobiografia canônica pregada por alguns autores, como Georges Gusdorf, os quais apresentam uma concepção da autobiografia como gênero que expressa a autoridade individual na linguagem e do autobiógrafo como uma entidade isolada e individualista, não afetada pelo que ocorre no grupo social do qual faz parte:

A inaplicabilidade fundamental dos modelos individualistas de si mesmo para as mulheres e minorias é dupla. Primeiro, a ênfase no individualismo não leva em conta a importância da identidade de grupo para mulheres e minorias. Segundo, a ênfase na separação ignora as diferenças na socialização na construção da identidade de gênero masculina e feminina. [...] em outras palavras, os paradigmas individualistas de si mesmo ignoram o papel das identidades coletivas e relacionais no processo de individuação das mulheres e minorias (Friedman, 1998, p. 72)¹⁰⁷.

privileging difference, plurality, and voices, Lionnet asserted that not only new subjects but new kinds of subjects were emerging, and that "traditional" autobiographies could be read differently as well”.

¹⁰⁷ No original: “*The fundamental inapplicability of individualistic models of the self to women and minorities is twofold. First, the emphasis on individualism does not take into account the importance of group identity for women and minorities. Second, the emphasis on separateness ignores the differences in socialization in the construction of male and female gender identity. [...] in other words,*

Friedman aponta, portanto, a relacionalidade na escrita autobiográfica das mulheres de outras etnias (não brancas), enfatizando que a história delas carrega a história da sua comunidade, não podendo ser separada desse senso de pertencimento comunal. Esse pensamento conversa com o de Arfuch (2010), do eu autobiográfico, que carrega os valores coletivos, revelando os traços das comunidades às quais pertencem, e contribuindo, assim, muitas vezes, para promover o (re)conhecimento e a (re)valorização das histórias dos seus grupos, como das mulheres e minorias silenciadas.

A partir do final dos anos 1980 e início dos 1990, portanto, houve o afloramento de muitos ensaios que revisaram a subjetividade das mulheres, revisitando muitos textos tecidos por várias delas e que foram negligenciados, tais como trabalhos escritos pelas operárias de baixa classe (na Inglaterra, por exemplo) e outras mulheres pertencentes às minorias, as quais não se inseriam nos padrões canônicos que vigoravam. Explorações importantes baseadas nos contextos históricos específicos foram surgindo, e o que se pôde testemunhar foram contribuições mais críticas e a ampliação crescente do cânone: investigações que passaram a examinar as narrativas de imigração, teorizando sobre as identidades nacionais específicas, as identidades híbridas e as histórias distintas, reformulando as bases das autobiografias e romances autobiográficos dos “americanos(as)”.

Foram diversos os estudos que revisitaram, entre outras, as autobiografias escritas pelas mulheres de outras etnias (não brancas), contribuindo ainda mais para o que houve a partir dos anos 1990: o alastramento das identidades étnicas nas autobiografias escritas por mulheres americanas (estadunidenses, canadenses e latinas) e um aumento na difusão das teorias sobre elas. Diferentemente da tradição de muitos críticos(as) americanos(as), as críticas feministas passaram a evidenciar os vários gêneros que estavam emergindo na escrita autobiográfica das mulheres provenientes do México, Caribe e América Latina em geral; uma gama de trabalhos passou a examinar as narrativas, caracterizadas pelos testemunhos, as histórias coletivas e outros gêneros de autorreflexão (Smith; Watson, 1998), enfatizando a rica variedade dessa escrita e a fluidez dos limites cada vez mais embaçados entre a autobiografia, a biografia e o romance autobiográfico.

De forma crescente, as pesquisas teóricas, sob a luz do pós-colonialismo e pós-modernismo, passaram a focar nas literaturas emergentes dessas mulheres de outras etnias (não brancas) como sujeitos duplamente oprimidos pela metrópole (país colonizador de sua

individualistic paradigms of the self ignore the role of collective and relational identities in the individuation process of women and minorities”.

cultura) e pelo sexo, colocando suas questões subjetivas em evidência, lado a lado com o movimento feminista, na tentativa de renegociação do papel dessas mulheres como subjetividades e autoridades de seus textos.

Quanto à teorização sobre essas subjetividades escritoras e suas autobiografias, Smith e Watson (1998) alegam que houve uma necessidade de mudança nos posicionamentos e suposições básicas e muito essencializadas em relação à escrita autobiográfica dessas identidades (mulheres escritoras), como se fosse uma resposta dos estudiosos(as) a algumas correntes teóricas muito engessadas sobre a escrita autobiográfica delas (anos 1980), com a emergência de modelos que ampliaram e possibilitaram uma reavaliação das experiências dessas autoras.

De modo muito breve e superficial, podemos afirmar que as críticas feministas, ao longo do processo, não seguiram apenas uma linha teórica sobre a escrita autobiográfica das mulheres, sendo os modelos criticados, revisados, e muitos deles modificados a partir das práticas de leitura. As consideradas teorias da diferença, como a de Lacan (1968 *apud* Smith & Watson, 1998), tiveram forte influência sobre a teorização feminista em torno das autobiografias das mulheres, com a realização de adaptações dessa teoria pelas críticas feministas; o conceito do sujeito dividido no processo de se constituir por meio dos outros foi deslocado para o foco na origem da diferença sexual na análise das autobiografias.

Porém, da mesma maneira, houve outras teorizações da diferença, representadas pelas feministas francesas, que fizeram uma releitura dos pressupostos lacanianos e impactaram também na leitura das autobiografias escritas pelas mulheres. Em termos gerais, mesmo com diferentes visões, essas feministas representadas por Hélène Cixous, Lucy Irigaray e Julia Kristeva, deram ênfase à relação do sujeito com a linguagem e à inscrição da escrita do corpo no texto, localizando as estruturas patriarcais dentro do inconsciente, propiciando caminhos para o entendimento da complexidade do sujeito dividido dentro da ordem simbólica e de sua não coerência. Tal movimento leva os leitores a se atentarem para o silêncio nos textos, devendo os mesmos suspeitarem das noções de linearidade narrativa e da unificação de conceitos nesses textos autobiográficos, além de prover também um vocabulário para explorar a relação das mulheres com a linguagem e os sistemas de representação, que acabou sendo utilizado como estratégia das mulheres escritoras para se autorrepresentarem como “sujeitos outros” (“*other-wise*”) em seus textos (Smith; Watson, 1998, p. 20).

Já outros autores da década de 1980, interessados mais na crítica pessoal do que nessas denominadas linguagens alternativas, adaptaram tanto os postulados de Lacan como os das teóricas francesas para uma visão que trazia novamente o olhar para a função do autor no

texto. Trabalhos de destaque, como os de Nancy Miller (1984) e Donna Stanton (1991), trouxeram questões que indagavam a importância de se saber quem é o sujeito que escreve e em nome de quem ele escreve; por exemplo, no caso específico de Stanton, que traz a pergunta, ao refletir sobre o texto autobiográfico escrito pela mulher, se o sujeito da “autoginografia” (termo proposto por essa teórica) é ou não diferente. Essa autora faz a provocação então do que significaria para as autobiógrafas eliminarem sua assinatura autoral, uma vez que já têm a tendência de serem tradicionalmente tão silenciadas.

Houve também a visão materialista trazida por estudiosos como Althusser e Foucault, salientando a discursividade dos textos, que contribuiu para leituras mais politizadas das subjetividades, criticando a perspectiva psicanalítica utilizada para analisar essas subjetividades (mulheres escritoras), a qual, na opinião desses materialistas, além de não levar em conta as diferentes circunstâncias materiais vividas pelas pessoas, apresenta uma concepção universal da diferença sexual. A ênfase desses teóricos na especificidade dos contextos históricos impactou fortemente os estudos sobre as autobiografias escritas pelas mulheres.

A crítica de alguns estudiosos sobre os materialistas, no entanto, foi a alegação de que eles deixaram de lado a abordagem de gênero ao investigar as autobiografias das mulheres. Esses estudiosos consideravam que os discursos específicos de identidade estavam necessariamente intrincados na leitura dessas autobiografias, propiciando às mulheres se tornarem “*speaking subjects*” (“sujeitos que falam”). E o que ocorreu progressivamente, então, foi que as questões de agenciamento das mulheres por meio da escrita passaram a apresentar grande relevância nos estudos sobre suas autobiografias, aflorando a concepção cada vez mais clara para os pesquisadores críticos de que os discursos presentes na escrita delas proporcionavam um espaço de resistência e de mudança: “Por meio da localização dos sujeitos autobiográficos em um contexto historicamente embutido e sondando as condições para ganho de agência, os críticos têm reformulado a discussão da ‘experiência’ não essencializada das mulheres” (Smith; Watson, 1998, p. 23)¹⁰⁸.

A análise de muitas autobiografias escritas por mulheres trabalhadoras de classe mais baixa, por exemplo, evidenciou que as mesmas serviram de “contranarrativas” que propiciaram a mediação da voz daqueles sujeitos que se encontram nas margens da sociedade. As obras autobiográficas analisadas nesta pesquisa, da mesma forma, evidenciam bem essa

¹⁰⁸ No original: “By locating autobiographical subjects in a historically embedded context and probing the conditions for gaining agency, critics have reframed the discussion of women’s ‘experience’ nonessentialized”.

mediação de voz: as narrativas de vida das protagonistas, provenientes de classe baixa ou média, que, ao relatarem suas experiências, espelham e trazem consigo também as vivências das mulheres de seus *barrios* e comunidade, servindo de mediadoras das vozes dessas mulheres que vivem às margens, relegadas ao silêncio.

Apesar da divergência das diferentes visões teóricas que ocorreram, psicanalíticas e materialistas, a tendência crescente e predominante passou a ser a tentativa cada vez maior dos teóricos de construir pontes entre as diversas linhas teóricas e não se prenderem a somente uma delas, realizando revisões e adaptações à medida que os estudos sobre a escrita autobiográfica das mulheres foram caminhando.

Retomando a discussão sobre a escrita das mulheres de outras etnias (não brancas), nos meados dos anos 1980 e princípio dos 1990, suas obras provocaram uma reconsideração sobre as narrativas autobiográficas em termos de políticas de diferença. Por meio de seus textos, essas mulheres têm demonstrado as múltiplas variáveis, além do sexo, envolvidas em suas experiências de vida, como raça, etnia e classe, diferentemente da escrita e crítica autobiográfica tradicionais, que homogeneizavam as mulheres dentro do mesmo grupo (ocidentais, brancas, burguesas e de classe média a alta). Smith e Watson (1998) reiteram que as mulheres de outras etnias (não brancas) trouxeram questionamentos diversos que levaram os críticos a traçarem caminhos para revisarem o cânone e repensarem a abordagem das autobiografias das mulheres. As mulheres afro-estadunidenses, por exemplo, utilizaram-se de sua prática autobiográfica para valorizar a experiência de serem mulheres e negras, as quais têm que lidar com o racismo, realizando narrativas de protesto denominadas testemunhos autobiográficos para retratar suas (sobre)vivências. As chicanas, como podemos atestar, têm produzido uma gama de obras, pertencentes a diversos gêneros, a fim de revisarem suas histórias com outros olhos, obterem seu (re)conhecimento e também seu valor diante da sociedade estadunidense e do mundo global.

3.1.3 Autobiografias e ficções autobiográficas das chicanas (autoetnografias)

No que concerne à escrita autobiográfica das chicanas, de nosso interesse e fundamental ao âmbito da presente tese, podemos afirmar que, desde o século XIX, assim como sua literatura em geral, já havia uma rica tradição autobiográfica dessas mulheres, que foi apresentando um aumento crescente na contemporaneidade. Por meio da sua escrita, considerada também subversiva, as mulheres chicanas vêm (re)afirmando suas experiências e

as noções alternativas de identidade/subjetividade, construindo um espaço político de resistência:

As autobiógrafas latinas, apropriando um novo espaço literário no qual elas podem afirmar a identidade mestiça e teorizar uma política de linguagem e experiência, escrevem as contradições das suas múltiplas identidades em caminhos que permitem outras mulheres de cor a reformularem os paradigmas e as políticas de identidade na narrativa (Smith; Watson, 1998, p. 25)¹⁰⁹.

Dessa forma, assim como as outras mulheres não brancas, as chicanas (e as latinas em geral) têm lançado mão de seus textos para desafiar as teorizações que as homogenizam com base nas mulheres ocidentais brancas e/ou nas outras mulheres de outras etnias. Indo de encontro aos pressupostos canônicos, sua escrita expressa as particularidades de suas diferenças e a complexidade de suas identidades coletivas, além das estratégias que têm utilizado para articularem seus valores com os valores culturais dominantes; e o que é bem importante, a urgência de se afiliarem com outras mulheres de outras etnias e com as brancas na luta pela afirmação de seus direitos e das mulheres como um todo.

Suas obras também refletem novos modos de escrita e experiências de leitura, desafiando a tradição da teoria autobiográfica: os manifestos e testemunhos, frutos de diferentes práticas coletivas de identidade fora dos centros acadêmicos, a partir dos anos 1980, possibilitaram a revisitação à história de opressão dessas mulheres, evidenciando suas identidades híbridas em conflito e, conseqüentemente uma revisão do significado de sua subjetividade. Conforme exposto na discussão do segundo capítulo, esses textos multigenéricos e mais informais, como “*This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color*” (1981) (“Esta Ponte Chamada Minhas Costas: Escritas das Mulheres de Cor Radicais”), de Cherríe Moraga e Gloria Anzaldúa, que reuniu vários ensaios e manifestos das mulheres de outras etnias (não brancas), enfatizando suas múltiplas diferenças até mesmo entre elas próprias, apresentam um cunho de engajamento político e social, desafiador e questionador dos textos canônicos (os quais incorporam as questões das feministas europeias/estadunidenses como se fossem as mesmas questões das mulheres como um todo).

As autobiografias também já comentadas no referido capítulo, “*Loving in the War Years: lo que nunca pasó por los Labios*” (1983) (“Amendo em Tempos de Guerra: o que

¹⁰⁹ No original: “*Latina autobiographers, appropriating a new literary space in which they can assert mestiza identity and theorize a politics of language and experience, write the contradictions of their multiple identities in ways that enable other women of color to reshape the paradigms and politics of identity in narrative*”.

nunca passou pelos Lábios”), de Cherríe Moraga e “*Borderlands/La Frontera*” (“Fronteiras/A Fronteira”) (1999), de Gloria Anzaldúa, com a concepção da “*new mestiza*” (“nova mestiça”), são textos, do mesmo modo, engajados politicamente e que, ao explorarem as diferenças das chicanas, desempenham o papel de mediadores das vozes dessas mulheres:

A linguagem de Amando em *Tempos de Guerra*, por exemplo, ou de *Fronteiras/Fronteira*, é linguagem engajada com os significados, mitologias, conflitos, e contradições da história experiencial. Na função de dar voz e palavras para a história pessoal e mapear a interseção das esferas pública e privada do significado, as escritoras como Moraga e Anzaldúa revisam o significado de "teorizar" sobre a subjetividade (Smith; Watson, 1998, p. 26)¹¹⁰.

Além disso, os trabalhos das escritoras chicanas demonstram que a diferença sexual é apenas uma das variáveis que perpassam as identidades dessas mulheres; outras questões como a raça/etnia, a classe e os fatores históricos se encontram fortemente emaranhadas, relegando-as a posições periféricas na sociedade, levando muitos autores, então, a uma reconsideração/revisão das identidades políticas dessas mulheres de outras etnias (não brancas).

Em “*Autobiography: Out-law Genres and Transnational Feminist Subjects*” (1992) (“Gêneros Fora da Lei e Sujeitos Feministas Transnacionais”), Caren Kaplan menciona a impossibilidade de se manter a teorização canônica do gênero autobiográfico em relação aos textos autobiográficos dessas autoras contemporâneas, os quais configuram discursos em que as diferenças são refletidas, situando mais a localização política que a autoria individual das mulheres. São trabalhos caracterizados por uma vasta produção cultural feminista transnacional, representada por uma rede que envolve as literaturas de resistência, havendo afiliações entre uma variedade de textos como testemunhos, memórias, relatos de vida, autobiografias, etnografias, entre outros:

Tradicionalmente, a escrita autobiográfica ocidental tem participado da construção literária de "lar"; um processo de generalizar o particular, fabricando um espaço narrativo de familiaridade e construindo uma narrativa que liga o individual ao universal. A influência homogeneizante dos gêneros autobiográficos identifica similaridades; ler uma autobiografia envolve assimilar ou consentir os valores e a visão de mundo do escritor. Gêneros fora da lei renegociam a relação entre a identidade pessoal e o mundo, entre

¹¹⁰ No original: “*The language of Loving in the War Years, for instance, or of Borderlands/La Frontera, is language engaged with the meanings, mythologies, conflicts, and contradictions of experiential history. At work to give voice and words to personal history and to map the intersection of personal and public spheres of meaning, writers such as Moraga and Anzaldúa revise the meaning of 'theorizing' about subjectivity*”.

a história pessoal e a social. Aqui, as invenções narrativas são atreladas mais a uma luta pela sobrevivência cultural do que puramente experimentação estética ou expressão individual (Kaplan, 1992, p. 212)¹¹¹.

Kaplan (1992) ainda sustenta que o novo sujeito internacional neocolonial, encontrado nas zonas fronteiriças, predominantemente como mão de obra para a metrópole, ou seja, para a sociedade dominante, é representado pelas mulheres trabalhadoras provenientes dos países em desenvolvimento, fragmentadas pela divisão internacional do trabalho; o que, como podemos visualizar, é a realidade de várias chicanas. Sendo assim, o grande desafio da literatura de resistência e desses gêneros “fora da lei” é também representarem esse novo sujeito, de modo a expandir os limites das práticas tradicionais da literatura ocidental, uma vez que esse sujeito da autobiografia tem passado cada vez mais de indivíduo a representante de uma coletividade instável na sociedade. Reyna Grande (2018) enfatiza esse poder da escrita, de representar e mediar a voz de uma comunidade:

Foi então que eu entendi completamente o que uma escritora fazia. Uma escritora mudava vidas e falava para seus leitores, *Vocês não estão sós. Tenham coragem*. Naquele momento, eu me tornei ainda mais comprometida com minha escrita e compreendi o poder da contação de história que havia sido dado a mim. Eu teria que honrar aquele dom (Grande, 2018, p. 128, grifos da autora)¹¹².

Outra teórica de grande peso, Lourdes Torres (1991) declara que a autobiografia escrita pelas latinas apareceu como um novo gênero explorado somente mais recentemente (anos 1980 e 1990), a partir da iniciativa de editoras como a Arte Público Press e Bilingual Review Press de se voltarem para a escrita das autoras latinas, primeiramente em relação às suas coleções de poesias, pequenas histórias, e posteriormente em relação a seus romances e seus textos autobiográficos. As coleções autobiográficas das chicanas apresentam um caráter subversivo, que desafia as tradições do gênero autobiográfico tanto na forma quanto em seu conteúdo. Ao se utilizarem da mistura das línguas inglesa, espanhola e dialetos, elas

¹¹¹ No original: “Traditionally, Western autobiographical writing has participated in the literary construction of ‘home’; a process of generalizing the particular, fabricating a narrative space of familiarity, and crafting a narrative that links the individual to the universal. The homogenizing influence of autobiography genres identifies similarities; reading an autobiography involves assimilating or consenting to the values and worldview of the writer. Out-law genres renegotiate the relationship between personal identity and the world, between personal and social history. Here, narrative inventions are tied to a struggle for cultural survival rather than purely aesthetic experimentation or individual expression”.

¹¹²No original: “It was then that I fully grasped what a writer did. A writer changed lives and told her readers, You’re not alone. Have courage. At that moment, I became even more committed to my writing and understood the power of storytelling that I had been given. I would have to honor that gift”.

demonstram o descumprimento às formas linguísticas patriarcais. Ao expressarem por meio da escrita suas identidades múltiplas, perpassadas por diversas questões (gênero, classe, etnia, ...), criam um engajamento social e político em suas obras que possibilita exprimirem suas experiências e sobrevivência como mulheres chicanas.

Na introdução de *“The Last of the Menu Girls”* (2004), Chávez relata que, em relação à sua publicação, apesar do rápido interesse das editoras nessa história, não deixou de haver uma resistência tardia à proposta do seu trabalho, que, por não se encaixar nos padrões canônicos estadunidenses (a escrita autobiográfica das mulheres brancas de classe média a alta) e, devido aos trâmites do mundo dos negócios em que a literatura está envolvida, foi ameaçado até mesmo de ir a litígio.

Torres (1991) ressalta a ocorrência cada vez maior da combinação de características autobiográficas e ficcionais nessas obras autobiográficas mais recentes escritas por mulheres, além de muitas vezes o não seguimento do padrão cronológico dos acontecimentos, ultrapassando o estilo convencional: "O projeto de apresentar os eus coletivo e pessoal tem precedência sobre as estruturas estabelecidas ou estilísticas convencionais" (Torres, 1991, p. 277)¹¹³. O que se argumenta na realidade é que esses textos ultrapassam o âmbito individual, refletindo a fragmentação das identidades múltiplas e as experiências vividas por elas, que passam por processos de socialização ligados diretamente a suas questões coletivas, sexuais, de etnia, de classe e outras, das quais elas não podem ser desvinculadas.

A concepção de *“the new mestiza”* (“a nova mestiça”) também é enfatizada, ou seja, o novo modo de consciência proposto por Anzaldúa, caracterizado pela personalidade plural dessas mulheres chicanas, marcadas por identidades nas quais predominam suas ambiguidades e contradições e que devem transformar a experiência de transitarem entre duas culturas em algo novo, algo a mais. Grande (2018) discorre sobre a influência da literatura e das autoras chicanas em sua formação, ressaltando a ressonância das palavras de Anzaldúa em sua vida: "O terceiro país estava dentro de mim. Eu era o produto da mistura daqueles dois mundos, duas pessoas, duas línguas. Meu coração era uma ferida aberta, a ferida aberta" (Grande, 2018, p. 98)¹¹⁴. A grande dificuldade constatada, no entanto, encontra-se novamente no que foi exposto em Moraga e Anzaldúa (1981), sobre as próprias mulheres de outras etnias (não brancas) se unirem, reconhecerem, compreenderem e transformarem suas diferenças a favor de si mesmas.

¹¹³ No original: *“The project of presenting the personal and collective selves takes precedence over conventional stylistics or established structures”*.

¹¹⁴ No original: *“The third country was inside me. I was a product of the merging of those two worlds, two people, two languages. My heart was the open wound, la herida abierta”*.

Em “*Confessions of a Book Burner*”, Corpi (2014) alude ao fato de mulheres mexicanas passarem a ser consideradas “mulheres de cor” dentro dos Estados Unidos, sendo julgadas pela cor de sua pele, enfatizando, porém, que, em sua experiência, ela testemunhou que o julgamento e o preconceito vinham dos próprios chicanos e chicanas com quem ela compartilhava suas histórias e (sobre)vivências nesse território; o fato de Corpi apresentar uma cor mais clara foi motivo de muitos de seus(suas) companheiros(as) chicanos não a considerarem uma chicana com direito a escrever como tal, apesar de toda sua luta como uma imigrante e mãe solteira:

No meu caso, no entanto, eu estava sendo julgada por aqueles com quem eu compartilhava uma história, literatura, cultura e língua nos Estados Unidos. A música deles era minha música. Eu a dançava com eles (Corpi, 2014, pos. 1426).¹¹⁵

Já Anne Goldman, em “*Autobiography, Ethnography, and History: A Model for Reading*” (1995) (“Autobiografia, Etnografia e História: Um Modelo para Leitura”) aponta a importância de nos atentarmos para a não simplificação do eu em detrimento do nós na análise das autobiografias étnicas, propondo um olhar revisionista para esse sujeito autobiográfico. Não seria um retorno ao eu isolado e soberano do cânone autobiográfico tradicional, mas a proposta de um modelo flexível, com a identidade como um *continuum*, configurando múltiplas posições do eu (formas diferentes, em contextos diferentes), mais politicamente engajadas, a ponto de as conexões entre o eu e o nós não excluírem o caráter individual do “eu”, mas também não deixarem de desafiar as convenções do gênero autobiográfico.

Por meio de estratégias da escrita, que se movem entre os textos autobiográficos e os político-culturais, as mulheres podem expressar ao mesmo tempo a escrita do eu e a representação cultural das suas comunidades, realizando a reinterpretação de si próprias a partir dessa concepção mais nuançada de identidade. Ao narrar as experiências das chicanas que vivem no mesmo gueto de Chicago como parte de sua história, a protagonista Esperanza, de “*The House on Mango Street*” (1984), conta um pouco de si em cada uma dessas mulheres, ou seja, da realidade das mulheres latinas nos Estados Unidos, as quais são retratadas por meio de sua voz narrativa.

¹¹⁵ No original: “*In my case, however, I was being judged by those with whom I shared a history, literature, culture and language in the United States. Their music was my music. I danced with them to it*”.

É importante citar também o trabalho de Sau-Ling Cynthia Wong (1991) por questionar a leitura realizada em torno do termo “autobiografia dos imigrantes americanos”, devendo essa expressão ser utilizada de modo cuidadoso, uma vez que devemos nos atentar que a primeira e segunda gerações de imigrantes mexicanos passaram por experiências e contextos diferentes, não incorporando a americanização da mesma forma. Wong (1991) pontua, então, a pertinência de se tentar organizar as autobiografias a partir da conscientização de que os sujeitos e suas comunidades possuem características diversas e intimamente atreladas a fatores históricos, políticos e socioculturais: "O termo (autobiografia dos imigrantes) meramente destaca um pouco dos muitos discursos, subjetividades e contextos históricos nos quais os autobiógrafos imigrantes se encontram incorporados" (Wong, 1991, p. 308-9)¹¹⁶.

O texto “*The Politics and Aesthetics of Métissage*” (1989) (“A Política e Estética da Miscigenação”), de Françoise Lionnet, discute sobre a *métissage*, que engloba, entre outros fatores, a reconciliação entre a oralidade e a escrita (as tradições orais e os valores literários da civilização) pensada por muitos escritores pós-coloniais, e também caracterizada como uma prática de creolização cultural, que tem propiciado a revisitação e a consequente recuperação das histórias silenciadas e reprimidas como as das mulheres, por exemplo, que por meio da reapropriação do passado lançam mão de um olhar de revisão, que revaloriza o entrelaçamento da escrita e oralidade, proporcionando-lhes voz:

[...] as escritoras contemporâneas têm estado especialmente interessadas em reapropriar o passado a fim de transformar nossa compreensão de nós mesmas. Suas obras ecoam os valores reprimidos ou submersos das nossas culturas. Elas reescrevem o "feminino" por meio da demonstração da natureza arbitrária das imagens e valores que a cultura ocidental constrói, distorce e codifica como inferiores por meio da feminização deles (Lionnet, 1989, p. 326)¹¹⁷.

A concepção de bell hooks (1989) sobre a escrita autobiográfica, da mesma forma, merece destaque nesta exposição teórica sobre as autobiografias das chicanas. hooks (1989) traz a ideia de que a escrita autobiográfica configura um ato liberatório, de abertura, no qual há a oportunidade de “cura” do passado por meio da reunião das memórias do indivíduo,

¹¹⁶ No original: “*The term (immigrant autobiography) merely highlights a few of the many discourses, subjectivities and historical contexts in which immigrant autobiographers find themselves embedded*”.

¹¹⁷ No original: “[...] *contemporary women writers especially have been interested in reappropriating the past so as to transform our understanding of ourselves. Their voices echo the submerged or repressed values of our cultures. They rewrite the "feminine" by showing the arbitrary nature of the images and values which Western culture constructs, distorts, and encodes as inferior by feminizing them*”.

a partir da sua experiência como uma mulher negra nos Estados Unidos, vivenciada em uma comunidade marcada pela discriminação.

Consideramos que esse pensamento voltado às mulheres negras se adequa às chicanas também, uma vez que a escritora negra considera o ato de escrever como “*the bits and pieces of my heart that the narrative made whole again*” (“os fragmentos do meu coração que a narrativa refez novamente”), a rememoração desses fragmentos é um modo de crescimento interior que muitas vezes desempenha o papel de retomar os acontecimentos que foram rejeitados. Em uma das passagens rememorativas, Grande (2018, p. 35) assinala a importância crucial da escrita em sua vida desde cedo:

Eu não sabia que aos treze anos de idade eu havia me voltado para a escrita como uma forma de lidar com minhas experiências traumáticas de antes, durante, e depois da imigração. Porque eu era uma criança imigrante, minha identidade era partida; eu geralmente me sentia como uma exilada por não ser completamente mexicana nem completamente americana¹¹⁸.

Do mesmo modo que Gusdorf (1991 *apud* Hervot, 2013), hooks (1989) menciona a concepção de que na recuperação da vida vivida os fatos e eventos são lembrados não como aconteceram, mas como desejamos lembrá-los e/ou inventá-los. Esse pensamento, então, aproxima-se da visão do teórico de que a recuperação dos fatos da vida é reinterpretada por meio da imaginação que preenche as lacunas da memória.

Em “*Autobiographical Manifestos*” (1993) (“*Manifestos Autobiográficos*”), Sidone Smith reitera que os manifestos das mulheres de outras etnias (não brancas), os “*outlaw genres*” (“gêneros fora da lei”) e as diversas formas híbridas de cunho autobiográfico (prosa, poesia, pequenas histórias, relatos de vida e outros), já mencionados por Kaplan (1992), caracterizam-se como práticas políticas emancipatórias e disruptivas, que, por meio de suas estratégias, perfazem formas de resistência que expõem o caráter heterogêneo das identidades representadas, as quais configuram novos sujeitos, fragmentados e instáveis, que contestam o sujeito soberano e tradicional da autobiografia canônica. Assim, as mulheres mimetizam o sujeito universal (homem) da escrita, assumindo a autoridade dos textos, como forma de contestar essas categorizações universais e ao mesmo tempo obterem legitimidade: “As práticas autobiográficas tornam-se ocasiões para reencenarem a subjetividade, e as estratégias

¹¹⁸ No original: “*I didn't know that at thirteen years old I had turned to writing as a way to deal with my traumatic experiences before, during, and after immigration. Because I was a child immigrant, my identity was split; I often felt like an outcast for not being completely Mexican but not fully American either*”.

autobiográficas tornam-se ocasiões para a encenação de resistência" (Kaplan, 1992, p. 434)¹¹⁹. O que ocorre também nesses textos (manifestos autobiográficos) é uma nova realidade social do eu, uma anunciação pública e uma reconceitualização da relação entre o político e o privado; uma interpretação impessoal do público proveniente de uma experiência individual que compartilha com sua coletividade múltiplos fatores de opressão relacionados à classe, raça/etnia, gêneros e outros. Daí a importância da proposta das autobiógrafas de outros grupos étnicos, que, diferentemente das brancas, não dividem o espaço público masculino e apresentam questões de opressão distintas que as levam a localizações e práticas culturais muito específicas.

Nancy Miller (1991) tece uma análise significativa sobre a leitura/recepção por mulheres das autobiografias escritas por outras mulheres. A pesquisadora, ao relatar sobre o papel que assume de ensinar sobre as autobiografias das feministas de outras etnias (não brancas), questiona a tendência de uma teorização geral em relação aos textos autobiográficos escritos por mulheres, uma vez que a recepção das diversas leitoras será diferente, dependendo da identificação delas com as experiências narradas. Podemos observar, a saber, que as autobiografias escritas por autoras brancas, muitas vezes, por retratarem uma realidade muito distante das mulheres de outros grupos étnicos, acabam silenciando essas últimas, visto que elas não possuem as mesmas questões nem o lugar comum de luta com as brancas e, dessa forma, não se identificam com as experiências delas. É pertinente destacar que a escrita de autoras como Cisneros, Chávez, Corpi e Grande sobre as chicanas e também para as chicanas, além de trazer para o cenário contemporâneo a luta pela sua valorização e (re)conhecimento, produz modos de identidade/identificação nessas mulheres que são cruciais para o prosseguimento da sua luta.

Ao escrever seu artigo sobre as vozes autobiográficas dos anos 1990, a professora de literatura Angelika Köhler (2009), voltando seu olhar para as autobiografias chicanas, ressalta que essas narrativas, que apareceram em grande número a partir da referida década, escritas tanto por homens como mulheres, têm desempenhado um papel de suma importância para o discurso pós-moderno contemporâneo, à medida que permitem a desconstrução das imagens estereotipadas dos mexicanos-americanos como "outros", demonstrando a tentativa deles, por meio da escrita, de negociação de suas experiências culturais, além da reconciliação de sua vida pessoal com a coletiva.

¹¹⁹ No original: "*Autobiographical practices become occasions for restaging subjectivity, and autobiographical strategies become occasions for the staging of resistance*".

Köhler (2009) considera valiosa a função dos espaços autobiográficos de que as chicanas lançam mão para a compreensão das interrelações entre a esfera privada e a pública, entre a história e a ficção, e assim por diante, ao demonstrarem possibilidades mais fluidas de interação para essas perspectivas ambivalentes. Sendo assim, no processo discursivo da (re)construção dos chicanos, eles desafiam os padrões das tradições do gênero autobiográfico, possibilitando a emergência de novas leituras dessas identidades múltiplas, com a reconstrução de suas histórias individuais como registro das condições sócio-históricas das suas comunidades.

Enfim, a ideia mais importante que deve ser reiterada, antes de partirmos mais especificamente para a análise das obras autobiográficas referentes a esta tese, é que a construção dessas narrativas retrospectivas (escritas especialmente por mulheres não brancas) por meio de uma consciência da existência de pluralidades e de múltiplas vozes permite a criação de um diálogo entre a história individual e a coletiva, além de um vislumbamento de um futuro que traz abertura ao (re)conhecimento e à negociação dessas identidades (fragmentadas) como parte de uma comunidade étnica maior.

E, do mesmo modo, é importante destacar que essa visão de abertura e (re)conhecimento de novos horizontes das chicanas está intimamente alinhada com as perspectivas da teorização das autobiografias das mulheres em geral para o futuro, a partir das quais os teóricos têm clamado cada vez mais por novas práticas que reflitam as fronteiras fluidas, a fragmentação das subjetividades autobiográficas representadas pelas mulheres e a relacionalidade de fatores envolvidos, que não podem ser negligenciados, como os de classe, raça/etnia, sexualidade, os espaços, entre outros. Ou seja, o questionamento constante ao essencialismo de gênero e às construções culturais em torno das mulheres. E, por fim, aquilo que representa a confirmação do que estamos investigando neste presente trabalho, a crença de que a escrita autobiográfica das mulheres, ao buscar o encontro e o reconhecimento de suas histórias e de sua comunidade, tem o poder de mediação de suas vozes, levando à consequente (re)afirmação de suas histórias.

Neste capítulo, nosso foco foi especialmente nos conceitos teóricos sobre os textos autobiográficos em geral, na tentativa de associar suas características com as obras que serão analisadas, passando pela teorização sobre as autobiografias escritas por mulheres e sua consolidação no cenário mundial a partir dos anos 1980, e, de modo específico, chegando até as teorizações sobre os trabalhos autobiográficos das mulheres chicanas, que constituem nosso interesse principal. Assim, diante do exposto, procederemos nos próximos capítulos

propriamente à análise das obras propostas nesta tese, relacionando nossas reflexões sobre elas com a base teórica sobre a qual discorreremos ao longo deste capítulo.

Faremos um recorte sob dois prismas: analisaremos as características que permitem afirmar que *“The House on Mango Street”* e *“The Last of the Menu Girls”* podem ser consideradas ficções autobiográficas e *“Confessions of a Book Burner”* e *“A Dream Called Home”* podem ser apontadas como autobiografias. E enfim, o ponto fulcral da presente pesquisa, a investigação da função dessas escritas autobiográficas, utilizadas pelas escritoras Cisneros, Chávez, Corpi e Grande, respectivamente, como ferramentas que proveem audibilidade às mulheres chicanas, com enfoque no seu papel de retratar pontos importantes, como a representação da sua coletividade por meio do “eu” autobiográfico característico de suas escritas na contemporaneidade, a denúncia da segregação racial e social vivenciada pelos(as) chicanos(as), a forma como lançam mão da língua nessa escrita para se reafirmarem e serem reconhecidas, a influência do patriarcalismo chicano sobre as personagens mulheres de suas histórias, e a subversão a esse sistema por meio de suas protagonistas.

Como referido na Introdução deste trabalho, temos o intuito de verificar a existência ou não das correspondências, pontos de confluência e/ou mudanças nas proposições das escritas das autoras chicanas do século XXI em relação às do século XX, que, podemos reiterar, abriram as portas por meio das estratégias de sua escrita no século passado em prol da luta para o (re)conhecimento e (re)afirmação das mulheres chicanas e do seu povo chicano no cenário atual.

4 A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DAS AUTORAS CHICANAS DOS SÉCULOS XX COMO INSTRUMENTO MEDIADOR DAS VOZES DAS MULHERES CHICANAS

No capítulo anterior, abordamos os pressupostos teóricos contemporâneos sobre os textos autobiográficos, passando brevemente sobre as teorizações em relação às autobiografias das mulheres em geral, até chegarmos nos postulados sobre os textos autobiográficos das chicanas. Este capítulo, por sua vez, dedicado à análise das duas primeiras obras afins, abordará as características que permitem afirmar que “*The House on Mango Street*” (1984) e “*The Last of the Menu Girls*” (1986) podem ser consideradas ficções autobiográficas que tiveram uma função pioneira no século XX de servirem de mediadoras das vozes das mulheres chicanas, retratando por meio de suas protagonistas a comunidade chicana, envolvendo assuntos, entre outros, como o machismo chicano e a influência do patriarcalismo sobre as personagens chicanas de suas histórias (e a subversão que várias delas têm demonstrado a esse sistema), a segregação racial e social vivenciados pelos chicanos(as), além da forma como a língua é utilizada nessa escrita para esse grupo reafirmar suas raízes na tentativa de ser reconhecido. Após analisarmos cada uma das referidas obras, de Cisneros e Chávez, faremos a convergência dos principais temas que as autoras enfatizaram em ambas as histórias como estratégias da escrita dessas mulheres chicanas para a (re)visitação e a (re)valorização do seu povo, especialmente das mulheres.

4.1 “*THE HOUSE ON MANGO STREET*” E A PROPOSTA DE “ESPERANZA”

Por meio de 44 vinhetas, que configuram narrativas curtas independentes, podendo ou não serem lidas na ordem em que aparecem, Sandra Cisneros apresenta Esperanza, a protagonista chicana que vive em um gueto latino em Chicago. Esse “eu” autobiográfico relata ao longo da história não só suas experiências, mas as vivências da vizinhança, especialmente a realidade das mulheres à sua volta. Essa autoridade narrativa, então, ao mesmo tempo que expressa sua subjetividade individual, encontra-se em articulação com a coletividade que a circunda, representando-a por meio de seus relatos.

A história se passa em um período que parece ser a transição do final da infância e começo da adolescência da protagonista. Assim como aconteceu na vida de Cisneros, a família de Esperanza, de ascendência mexicana, vive em um *barrio* de Chicago e tem como característica as constantes mudanças de uma casa para outra. Esse consiste em um primeiro paralelo que podemos traçar entre a infância/adolescência de Esperanza e a de Cisneros. A

autora afirma muitas vezes em seus textos e entrevistas que uma das características da sua família eram as viagens e as mudanças contínuas de casas. Na narrativa, observamos que Esperanza provém de uma família grande, em que o número de irmãos homens predomina. Em sua família, Cisneros é a única mulher entre seis irmãos. Além disso, a escritora também relata que muitos dos seus amigos são representados em “*Mango*”, como Meme Ortiz e seu cachorro que possuía dois nomes; em inglês e espanhol (Cisneros, 1990 *apud* Sousa; Silveira, 2014)¹²⁰.

A figura materna e sua representação para a protagonista, de força e encorajamento para que a filha seja uma mulher independente e não tenha o mesmo destino que o seu, é outro ponto em que nos torna possível relacionar Esperanza com Cisneros. A mãe de Cisneros, Elvira Cordero, segundo as declarações da escritora, da mesma forma, apoiou seus estudos e seu desejo de se desenvolver intelectualmente, de subverter o papel subalterno destinado à mulher chicana pela sua cultura. Cisneros desejava sair do domínio opressor da tradição mexicana, representado pelo patriarcalismo, além do racismo e da opressão da língua dominante (inglês), acreditando que, pela escrita, ela seria capaz de “falar” por si mesma e de mediar a voz das mulheres silenciadas de sua comunidade (Lobo, 2015). Do mesmo modo, em “*Mango Street*” Esperanza sonha em escapar das condições de opressão do bairro em que vive, desejando partir dali e possuir seu próprio lar, onde possa ser livre para escrever e (re)construir sua identidade, obter afirmação e reconhecimento não só de si mesma, como da comunidade chicana da qual faz parte. Na vinheta “*Mango Says Goodbye Sometimes*”, ao declarar a relevância da escrita para a libertação de sua vida e da vizinhança ao seu redor, a protagonista afirma:

Amigos e vizinhos falarão, o que aconteceu com aquela Esperanza? Onde ela foi com todos aqueles livros e papéis? Por que ela caminhou para tão longe? Eles não saberão que eu parti para retornar. Pelos que eu deixei para trás. Pelos que não podem sair (Cisneros, 1991, p. 110)¹²¹.

Ao nos referirmos novamente à realidade da vida das autoras nas ficções autobiográficas lidas, mesmo não podendo obviamente assim associar e afirmar, por exemplo, que os fatos narrados da vida de Esperanza e das(os) outras(os) personagens são todos exatamente iguais aos vividos por Cisneros. De acordo com Klahn (2003), nas ficções

¹²⁰ Tanto na obra de Chávez como na de Cisneros podemos perceber a menção das autoras sobre a correlação das protagonistas com versões de si próprias.

¹²¹ No original: “*Friends and neighbors will say, What happened to that Esperanza? Where did she go with all those books and paper? Why did she march so far away? They will not know I have gone away to come back. For the ones I left behind. For the ones who cannot out*”.

autobiográficas, os relatos reais podem ser contados como diferentes tipos de histórias e, no que diz respeito às escritoras chicanas, seus textos remetem a uma realidade vivida que chama o leitor a se envolver e participar da verdade da ficção. Lobo (2015) reitera que, por mais que haja o reconhecimento da própria Cisneros e sua identificação dela com Esperanza quando também era jovem à procura de um caminho, não podemos ligar diretamente essa obra a uma autobiografia.

Como já descrito, o nome mais apropriado para essas ficções autobiográficas escritas pelas chicanas deveria ser “ficções autobiográficas testemunhais” (Klahn, 2003, pos. 2230), as quais agem como mediadoras das vozes marginalizadas. Na maioria das vezes, a voz das escritoras provém das histórias comuns dos membros de sua comunidade. Na obra em questão, a propósito, observamos que a convivência com sua vizinhança ajuda a compor e vai moldando a busca identitária de Esperanza, ao ponto de chegar à constatação da jovem sobre seu desejo de mudar não só sua realidade, mas a das mulheres ao seu redor. Nas palavras de Madsen (2000 *apud* Sousa; Silveira, 2014), Cisneros representa a “*new mestiza*” (“nova mestiça”) proposta por Anzaldúa (1999), que resiste a aceitar as limitações impostas às mulheres pela sua cultura e que apresenta uma identidade híbrida que absorve a interseção das diferentes etnias e culturas em si mesma, devendo superar as dicotomias sexistas que a oprimem. Por meio de Esperanza, assim, a autora representa o desejo realizável dessas mulheres de não se submeterem ao destino imposto a elas:

Minha mãe diz que quando eu ficar mais velha meu cabelo empoeirado vai se arrumar e minha blusa aprenderá a ficar limpa, mas eu decidi não crescer domada igual às outras que repousam seus pescoços na soleira esperando pelo que as impede de serem livres (Cisneros, 1991, p. 88).¹²²

Sobre as estratégias da escrita autobiográfica das autoras chicanas em que o eu autobiográfico conta não só sua própria história, mas a da coletividade com a qual compartilha experiências, Klahn (2003) enfatiza que essas estratégias fazem parte de uma nova poética e política, que se caracteriza como um espaço simbólico de intervenção que possibilita ao “*speaking subject*” (“sujeito que fala”) escrever a partir da experiência da marginalização, pelos outros(as) que não possuem voz, refletindo os discursos da cultura em que se insere. São narrativas que exprimem posicionamentos identitários múltiplos, marcados

¹²² No original: “*My mother says when I get older my dusty hair will settle and my blouse will learn to stay clean, but I have decided not to grow up tame like the others who lay their necks on the threshold waiting for the ball and chain*”.

pelas experiências da colonização, pelo racismo, pelos deslocamentos diaspóricos e outros, rememorando suas memórias e as dos membros da sua comunidade.

Rita Felski (1989) nomeia esse tipo de escrita autobiográfica das mulheres de outros grupos étnicos (não brancas) como uma “confissão feminista” que delinea os problemas e experiências específicas que unem as mulheres, confrontando assim suas imagens idealizadas e relacionando as protagonistas a uma identidade comunal, não estando dessa forma somente voltada à singularidade da vida do indivíduo como as autobiografias tradicionais: “O eu lírico articulado nesses textos sempre se percebe como parte de um coletivo, do qual as experiências constituem suas normas e em nome do qual ele fala” (Keitel, 1983 *apud* Felski, 1989, p. 85)¹²³. Esse pensamento nos remete mais uma vez ao espaço autobiográfico celebrado por Arfuch (2010), que enfatiza o movimento do eu ao nós na contemporaneidade, em que o individual e o social se encontram em tamanha articulação a ponto de as narrativas autobiográficas, a partir dos indivíduos, revelarem as características da comunidade da qual fazem parte.

Por meio de Esperanza, Cisneros toma distância para relembrar sua infância e adolescência, criando um eu mais preocupado em relatar a opressão que testemunha ao seu redor do que em estabelecer uma correspondência verídica com a realidade. É o modo característico dessas escritas ficcionais chicanas, que inovam a forma do sujeito se autorretratar utilizando a imagem do outro (Miller, 1991). Ao relatar sobre sua comunidade, Esperanza revela como são vistos pelos outros (brancos) fora de seu *barrio*:

Aqueles que não conhecem nada melhor entram em nossa vizinhança assustados. Eles acham que somos perigosos. Eles acham que nós os atacaremos com facas brilhantes. Eles são pessoas estúpidas que estão perdidas e entraram aqui por erro. Mas nós não estamos com medo. Nós sabemos que o rapaz com olhos tortos é Davey, o irmão do Bebê, e aquele alto perto dele com uma aba de palha, aquele é o Eddie V. da Rosa, e aquele grande que parece um homem bobão crescido, ele é o Garoto Gordo, mas não é mais gordo nem um garoto (Cisneros, 1991, p. 28)¹²⁴.

¹²³ No original: “*The lyrical self articulated in these texts always perceives itself as part of a collective, whose experiences constitute its norms and on behalf of whose members it speaks*”.

¹²⁴ No original: “*Those who don't know any better come into our neighborhood scared. They think we're dangerous. They think we will attack them with shiny knives. They are stupid people who are lost and got here by mistake. But we aren't afraid. We know the guy with the crooked eye is Davey the Baby's brother, and the tall one next to him in the straw brim, that's Rosa's Eddie V., and the big one that looks like a dumb grown man, he's Fat Boy, though he's not fat anymore nor a boy*”.

Ratificamos, dessa maneira, o papel crucial da escrita como possibilitadora de expressão não só do eu autobiográfico, mas da realidade dos outros eus ao seu redor que o constituem. Uma responsabilidade social e política que a escrita carrega de possibilitar que as histórias silenciadas ganhem visibilidade. No caso das chicanas, relegadas às margens por tanto tempo, essas escritoras encontram na tessitura de seus textos a oportunidade de revelarem, por meio das personagens de suas ficções autobiográficas, as histórias e vivências comuns dessas mulheres, na tentativa de se fazerem ser (re)conhecidas, valorizadas, firmando seu lugar na sociedade dominante. Novamente recorremos aos pressupostos de Chodorow (1978 *apud* Friedman, 1988) sobre a interdependência da coletividade a que as mulheres de outros grupos étnicos (não brancas) pertencem e que é refletida em seus textos, ou seja, as questões étnicas, sexuais e de classe que perfazem sua construção identitária.

Esse foco na comunidade chicana que circunda Esperanza, comunidade essa que é enfatizada como constituinte do desenvolvimento dessa protagonista, por meio da qual a jovem aprende sobre si mesma, nos leva a uma outra característica da escrita de Cisneros que torna possível considerá-la também como um *Bildungsroman* pós-moderno. *Bildungsroman* que se configura como uma história em que o processo de amadurecimento da personagem principal se dá pela negociação/desenvolvimento da sua identidade moldada por um contexto social abrangente (no caso, principalmente as duas comunidades que perpassam as chicanas; a estadunidense e a sua comunidade local étnica). Karafilis (2014) expõe que as escritoras chicanas têm revisitado e promovido uma revisão do *Bildungsroman* clássico (em que cronologicamente há o desenvolvimento de um protagonista masculino que experiencia um processo de amadurecimento até o alcance da unificação de sua identidade) para retratar a complexidade das subjetividades de suas personagens, transformando de forma radical a tradição desse gênero.

A narrativa “*Mango Street*” apresenta-se como um modelo de “*coming of age*” (transição à vida adulta) circular, narrado de forma fragmentada, que demonstra, além da aproximação do teor de oralidade que Cisneros deseja expressar (terminando por onde começa), o processo de constante (re)construção da identidade da protagonista. Esperanza finaliza a narrativa assim como a inicia, com as mesmas palavras, a fim de dar ênfase a esse ir e vir, a essa partida que deseja de sua comunidade para que retorne em nome da mesma: “Não foi sempre que nós vivemos na Rua Mango. Antes daqui, nós vivemos em Loomis, no terceiro

andar, e antes nós vivemos em Keeler. Antes de Keeler foi Paulina, e antes de lá eu não consigo lembrar” (Cisneros, 1991, p. 3)¹²⁵.

Não ocorre uma linearidade narrativa caracterizada por um começo, meio e fim, no qual há o estabelecimento de uma identidade pronta e consolidada. O próprio formato da narrativa, por meio de algumas histórias (vinhetas) mais curtas e outras um pouco mais longas tenciona demonstrar a fragmentação e a indecibilidade identitária das mulheres chicanas por meio de Esperanza: "Cisneros força o leitor a fazer o que Esperanza deve fazer - dar sentido a essas partes desconjuntadas e fragmentos e transformá-los em vida, em uma experiência, em uma narrativa” (Karafilis, 2014, p. 67)¹²⁶.

Observamos então a construção de um *Bildungsroman* representante das mulheres latinas (chicanas) em que há a configuração de uma subjetividade diferente, que tenta abarcar as culturas distintas que a perpassam. Conforme Karafilis (2014), Esperanza lida de forma positiva com a *métissage*, ao negociar as duas culturas na formação da sua identidade, transformando-a em um terceiro elemento: “nenhuma hifenização, nenhuma subordinação está envolvida” (Karafilis, 2014, p. 71)¹²⁷.

Na passagem em que se encontra com as três irmãs, “*las comadres*” (“as comadres”), estas sugerem que Esperanza faça um pedido, já conhecendo a resposta do seu desejo, que é a partida de Mango, a irmã mais velha relembra a personagem de não se esquecer de suas raízes, de, mesmo deixando Mango Street, não deixar de “falar” pelas mulheres de sua comunidade:

Você já fez o pedido?
 Sim, eu disse.
 Bem, é só isso. Ele se tornará verdadeiro.
 Como vocês sabem? eu perguntei.
 Nós sabemos, nós sabemos.
 Esperanza. A de mãos de mármore me chamou a parte. Ela segurou meu rosto com suas mãos cheias de veias azuis e olhou e olhou para mim. Um longo silêncio. Quando você partir, você deve se lembrar de sempre retornar, ela disse.
 O que?
 Quando você partir você deve se lembrar de sempre retornar pelos outros. Um círculo, entende? Você será sempre Esperanza. Você será sempre Mango

¹²⁵ No original: “*We didn’t always live on Mango Street. Before that we lived on Loomis on the third floor, and before that we lived on Keeler. Before Keeler it was Paulina, and before that I can’t remember*”.

¹²⁶ No original: “*Cisneros forces the reader to do what Esperanza must do- to make sense of these disjointed parts and fragments and construct them into a life, an experience, a narrative*”.

¹²⁷ No original: “*no hyphenation, no subordination is involved*”.

Street. Você não pode apagar o que você sabe. Você não pode esquecer quem você é (Cisneros, 1991, p. 105)¹²⁸.

Novamente temos o papel social da escrita, em nosso caso, a relacionalidade na escrita autobiográfica das mulheres de outras etnias (não brancas) que foi descrita por Friedman (1988) como reverberação da realidade que se quer revelar, a relevância desse ato criativo, de reflexão comunitária, que não pode ser separado do senso de pertencimento comunal e que, assim, torna possível a reinvenção da realidade dessas mulheres e a conseqüente perspectiva de mudança social. Da mesma maneira, a possibilidade de agenciamento proporcionada pelo papel da escrita dessas autoras, “sujeitos que falam” (“*speaking subjects*”), como espaço de resistência e de mudança da realidade das mulheres (Smith; Watson, 1998).

É também pela escrita de “*Mango Street*” que Esperanza denuncia a segregação social e racial a que os chicanos(as) são sujeitos no território dos Estados Unidos. No fragmento “*Geraldo No Last Name*”, a protagonista apresenta o chicano Geraldo como “*just another wetback*” (“apenas mais um costas molhadas”), a quem foi negado atendimento em um hospital, tratado como indigente, “*no address, no name*” (“nenhum endereço, nenhum nome”), demonstrando o descaso da sociedade dominante em relação aos imigrantes no território. No texto “*Those who don't*”, já comentado previamente, além de Esperanza “falar” em nome do seu grupo, ela expõe a discriminação sofrida pelos imigrantes por parte dos brancos e a reprodução desse racismo pelos próprios latinos:

Todos os marrons ao redor, nós estamos seguros. Mas olhe para nós quando nos dirigimos a uma vizinhança de uma outra cor e nossos joelhos tremem-tremem e nossas janelas do carro sobem firmemente e nossos olhos ficam apertados. Sim. É assim que funciona (Cisneros, 1991, p. 28)¹²⁹.

Paz (1984) argumenta que o preconceito dos brancos contra mexicanos aumenta ainda mais a distância entre eles, a ponto de encontrarmos a figura dos pachucos como extrema forma de protesto. Esses são mexicanos que aparecem em grande número no sul dos Estados Unidos:

[...] bandos de jovens, geralmente de origem mexicana, que vivem nas cidades do Sul e que se singularizam tanto por sua vestimenta quanto por sua

¹²⁸ No original: “*Did you wish already? Yes, I said. Well, that's all there is to it. It'll come true. How do you know? I asked. We know, we know. Esperanza. The one with marble hands called me aside. She held my face with her blue-veined hands and looked and looked at me. A long silence. When you leave, you must remember always to come back, she said. What? When you leave you must remember to come back for the others. A circle, understand? You will always be Esperanza. You will always be Mango Street. You can't erase what you know. You can't forget who you are*”.

¹²⁹ No original: “*All brown all around, we are safe. But watch us drive into a neighborhood of another color and our knees go shakity-shake and our car windows get rolled up tight and our eyes look straight. Yeah. That is how it goes and goes*”.

conduta e sua linguagem. [...] Tudo nele é impulso que se nega a si mesmo, nó de contradições, enigma. E o primeiro enigma é o seu próprio nome: "pachuco", vocábulo de filiação incerta, que não diz nada e diz tudo. Estranha palavra, que não tem significado preciso ou que, mais exatamente, está carregada, como todas as criações populares, de uma pluralidade de significados. Queiramos ou não, estes seres são mexicanos, são um dos extremos a que pode chegar o mexicano (Paz, 1984, p. 17).

Sobre essa visão de Paz (1984), Klahn (2000) acredita que a figura caricata do pachuco é um modo de protesto social realizado pelos indivíduos de origem mexicana para chamarem a atenção para si a fim de conquistarem sua valorização étnica.

Nas palavras de Maciel (2007), ao mencionar que os chicanos se sentem seguros quando estão rodeados somente de pessoas latinas, "*All brown we are safe*" ("Todos marrons estamos seguros"), Esperanza expressa a forte guetização existente no território estadunidense. Em vários outros momentos da narrativa, da mesma forma, a protagonista retrata, por meio dos trabalhos informais de seus(suas) vizinhos(as), a precariedade das condições de trabalho em que os latinos (sobre)vivem nos Estados Unidos, agarrando-se a subempregos pouco qualificados, que não possibilitam perspectiva de crescimento econômico, qualidade de vida e nem uma remuneração digna a eles. Essa situação dos trabalhos informais nos remete ao novo sujeito internacional das zonas fronteiriças descrito por Kaplan (1992), representado também pelas chicanas (e mulheres não brancas em geral), necessitadas de emprego e fragmentadas pela realidade da divisão internacional do trabalho.

Outra estratégia de Cisneros em "*Mango Street*" é a utilização de sua herança linguística para representar as experiências de Esperanza e de sua vizinhança, a fim de expressar a vivência do povo chicano em relação à língua. Além da linguagem da narrativa não ser formal, aproximando-se da oralidade com gírias e com o inglês coloquial, a narração também evidencia em várias linhas de suas vinhetas a mistura das duas línguas, o inglês e o espanhol, demonstrando esse entremeio cultural que os chicanos experienciam nos Estados Unidos. Como visto, também é um modo de subverter do qual os chicanos se servem para exprimirem sua identidade e reafirmarem sua cultura, na tentativa de "inventarem sua própria língua", com o objetivo de apagar o sentimento de estarem deslocados, como os "outros" na sociedade dominante:

Ser bilíngue é parte constitutiva da identidade do hispânico que vive nos Estados Unidos, pois desde a mais tenra idade ele aprende a utilizar dois códigos e, com naturalidade, cruzar a fronteira entre eles diariamente. Esse viver entre duas línguas traz à tona o fenômeno da mudança de códigos linguísticos, o *code-switching*, bastante marcado principalmente na fronteira entre o México e os Estados Unidos, mas também presente distante dessa

fronteira geográfica, ou seja, em grandes centros urbanos onde há os barrios de comunidades hispânicas. O falante, refugiando-se em uma língua ou outra, facilmente muda do inglês para o espanhol e vice-versa, dependendo do que quer expressar, criando assim um novo código, conhecido como *Spanglish*, a mistura entre as duas línguas [...] (Maciel, 2007, p. 76, grifos do autor).

Esse jogo de linguagem da escrita chicana, chamado “*code-switching*” (Madsen, 2000 *apud* Sousa; Silveira, 2014, p. 122), utilizado com o objetivo de representar a dualidade linguística e cultural do grupo chicano, aparece constantemente no texto de Cisneros. A história é contada predominantemente em inglês, que é a língua da sociedade dominante em que Esperanza vive, porém são várias as passagens em que ocorre a inserção do espanhol concomitante ao inglês, especialmente naquelas em que a protagonista e/ou as mulheres latinas de seu *barrio* demonstram sentimentos que carregam uma maior afetividade, vínculos com a cultura mexicana e até a exposição da desvalorização da mesma. Na vinheta “*Papa who wakes up tired in the dark*”, quando o pai de Esperanza dá a notícia da morte de seu avô, essa notícia é dada em espanhol, como para mostrar um vínculo e que os assuntos de grande profundidade sentimental entre os chicanos são tratados nessa língua proveniente de suas raízes mexicanas. Além disso, tanto no título quanto no final da mesma seção, Esperanza mescla a palavra “Papa” com as linhas em inglês, analisando a jornada de trabalho difícil que seu pai, chicano, leva nos Estados Unidos para conseguir sobreviver: “Meu papai, suas mãos grossas e sapatos grossos, que acorda cansado no escuro, que penteia seu cabelo com água, bebe seu café, e já partiu antes de acordarmos, hoje está sentado na minha cama” (Cisneros, 1991, p. 57)¹³⁰.

Já em outra passagem, “*No speak English*”, que descreve *mamacita*, a vizinha de origem mexicana que vem com o filho morar em Mango Street e que se recusa a aprender e a falar o inglês, há a demonstração da resistência de alguns chicanos(as) traduzida no constante uso do espanhol, a fim de não perder os laços com a cultura de origem:

Quaisquer que sejam suas razões, se ela é gorda, ou não consegue subir escadas, ou se está com medo do inglês, ela não descerá. Ela senta o dia inteiro à janela e toca o show na rádio espanhola e canta todas as músicas saudosas sobre seu país em uma voz que soa como uma gaivota. [...]
 Ai, ela fala, ela está triste.
 Oh, ele fala. Não de novo.
 ¿Cuándo, cuándo, cuándo? Ela pergunta.

¹³⁰ No original: “*My papa, his thick hands and thick shoes, who wakes up tired in the dark, who combs his hair with water, drinks his coffee, and is gone before we wake, today is sitting on my bed*”.

¹³¹ Ay, caray! Nós estamos em casa. Esse é nosso lar. Aqui eu estou e aqui eu permaneço. Fale inglês. Fale inglês. Cristo!"(Cisneros, 1991, p. 77-8)¹³¹.

Ao mencionar o significado de seu nome em inglês e em espanhol, Esperanza exterioriza o sentido objetivo do nome em inglês, “*Hope*” (“Esperança”), e salienta o sentimento de desvalorização e tristeza ligado ao espanhol “*Esperanza*” (“Esperança”), o qual remete à homenagem a sua avó, que, apesar de ter sido valente, não conseguiu escapar do machismo de sua cultura mexicana:

Eu fico imaginando se ela fez o melhor que pôde com o que tinha ou se lamentava por não ter sido tudo que ela desejou ser. Esperanza. Eu herdei seu nome, mas eu não desejo herdar seu nome debruçado na janela (Cisneros, 1991, p. 11)¹³².

A protagonista explicita, dessa forma, o desejo de fazer diferente, de subverter o destino de submissão reservado às mulheres da sua cultura de origem.

É principalmente pelo foco no registro escrito da vida das mulheres ao seu redor que Esperanza expõe ao longo dessa ficção autobiográfica a subjugação das mulheres chicanas ao forte sistema patriarcal dessa cultura e a construção/transformação da identidade de si mesma. Paralelamente, ao desabrochar de sua juventude, a protagonista vai revelando as dificuldades enfrentadas pelas mulheres que moram em Mango Street, que vivem sob a opressão de gênero e etnia proveniente da cultura dominante e ao mesmo tempo sob os ditames do machismo da cultura mexicana. Muitas vezes trancadas na própria casa sob a dominação do sexismo chicano desde cedo, as chicanas da vizinhança ou são levadas a acreditarem que um casamento pode salvá-las dessas condições opressoras ou, quando possuem um namorado ou marido, permanecem à espera de que este (que geralmente trabalha no território estadunidense ou está em retorno temporário ao México) será a solução para buscá-las e “salvarem” suas vidas.

Esperanza relata que Minerva, que é apenas um pouco mais velha que ela, já possui filhos e chora rezando todas as noites pela volta de um marido que a abandonou. Rosa Vargas

¹³¹ No original: “*Whatever her reasons, whether she is fat, or can't climb the stairs, or is afraid of English, she won't come down. She sits all day by the window and plays the Spanish radio show and sings all the homesick songs about her country in a voice that sounds like a seagull. [...] Ay, she says, she is sad.*

Oh, he says. Not again. ¿Cuándo, cuándo, cuándo? She asks. 'Ay, caray! We are home. This is home. Here I am and here I stay. Speak English. Speak English. Christ!'”

¹³² No original: “*I wonder if she made the best with what she got or was she sorry because she couldn't be all the things she wanted to be. Esperanza. I have inherited her name, but I don't want to inherit her name by the window”.*

é a vizinha que possui muitos filhos para criar sozinha e que “está cansada de trocar roupas e dar de mamar e pajar, e que lamenta todo dia pelo homem que a deixou sem ao menos deixar um dólar para o salame ou explicar em uma mensagem como isso pôde acontecer” (Cisneros, 1991, p. 29)¹³³.

Há ainda Marin, de origem porto-riquenha, que é descrita por Cisneros, via Esperanza, como a representação das outras latinas que também estão subordinadas aos moldes tradicionais de suas culturas, reproduzindo e reificando o que é esperado do papel submisso das mulheres. Marin também acredita que o casamento será sua segurança e a salvação de sua vida destinada ao trancafiamento doméstico, seja pela esperança do encontro com o noivo que está em Porto Rico quando ela retornar para esse lugar, seja por encontrar um marido no caminho pela procura de um emprego (mas somente a fim de encontrar esse marido); um homem que possa resgatá-la e pagar suas contas: “[...] já que você sempre deve ficar bonita e estar vestida com roupas bacanas e pode encontrar alguém no metrô que pode casar com você e te levar para morar em uma casa bem longe” (Cisneros, 1991, p. 26)¹³⁴.

Outra personagem submetida ao machismo do marido é Rafaela (já mencionada anteriormente). Não autorizada a sair de casa por ele, devido ao “perigo” de sua beleza, o único passatempo de Rafaela é ficar debruçada na janela, tomando suco de mamão e coco às quintas-feiras à espera de o marido voltar das sessões de jogos com os amigos, lastimando sua falta de liberdade:

[...] queria que houvesse bebidas mais doces, não amargas como um quarto vazio, mas doce doce como a ilha, como o salão de dança rua abaixo onde as mulheres muito mais velhas que ela lançam seus olhos verdes facilmente como dados e abrem suas casas com chaves (Cisneros, 1991, p. 80)¹³⁵.

Uma personagem também marcante sobre a qual já escrevemos anteriormente, mencionada várias vezes na trajetória identitária de Esperanza, é Sally, sua colega de escola, criada de modo muito rigoroso e repressivo. Considerada pelo pai um problema por causa do destaque de sua beleza física, ela é proibida pelo machismo e religião paternos de dançar ou sair de casa para encontrar com os amigos. Muito interessada na vida de Sally, posteriormente

¹³³ No original: “*who is tired all the time from buttoning and bottling and babying, and who cries every day for the man who left without even leaving a dollar for bologna or a note explaining how come*”.

¹³⁴ No original: “[...] *since you always get to look beautiful and get to wear nice clothes and can meet someone in the subway who might marry you and take you to live in a big house far away*”.

¹³⁵ No original: “[...] *wishes there were sweeter drinks, not bitter like an empty room, but sweet sweet like the island, like the dance hall down the street where women much older than her throw green eyes easily like dice and open homes with keys*”.

Esperanza descobre que o pai abusava fisicamente da colega de forma frequente, como havia se comportado com as próprias irmãs dele no passado, até chegar ao ponto de um dia covardemente estuprá-la, a fim de demonstrar seu poder sobre a filha:

A obsessão do pai pela virgindade de Sally é de tal ordem, que pode ser analisada como um impulso incestuoso. O padrão de violência é bem conhecido das mulheres de Mango Street, sujeitas ao círculo imposto pelos maridos: agressão, arrependimento, pedido de desculpas, nova agressão (Lobo, 2015, p. 273).

Cabe destacar novamente o “falso machismo” dos homens chicanos (Anzaldúa, 1999, p. 83), especialmente sobre as mulheres de sua raça, com o intuito de depositar nelas todas suas fraquezas masculinas, utilizando para isso da violência e humilhação sobre o sexo oposto.

Em um primeiro momento, Esperanza demonstra grande admiração por se identificar com a maturidade de Sally, a qual apresentava impulsos de também não se submeter ao patriarcalismo e não se encaixar naquele lugar de mulher subjugada proposto a ela. Contudo, a protagonista se frustra ao perceber que essa garota, que gostava de rir, de se maquiagem e de fazer amizade, perdeu a força com toda a rigidez da família e acabou se transformando em uma outra Sally que optou por se submeter ao machismo dos meninos da escola. Sally chegou até mesmo a apoiar Esperanza contra as práticas sexistas em relação às garotas latinas mas, no final, também passou a acreditar que o casamento seria sua única escapatória para conseguir maior liberdade em sua vida:

Sally se casou como nós sabíamos que casaria, jovem e não pronta para se casar, mas se casou assim mesmo. [...] Ela fala que está apaixonada, mas acho que ela fez isso para escapar. Ela está feliz, exceto algumas vezes que o marido dela fica com raiva e uma vez que ele quebrou a porta por onde seu pé passou, mas na maioria dos dias ele está ok. Exceto que ele não a deixa conversar no telefone. E ele não a deixa olhar pela janela. E ele não gosta das amigas dela, então ninguém vai visitá-la, a menos que ele esteja trabalhando (Cisneros, 1991, p. 101)¹³⁶.

São várias as outras mulheres descritas por Esperanza, com as quais ela vai se identificando ou não, e que vão ajudando a delinear a construção de sua identidade em relação ao que essa jovem chicana deseja ou não se tornar. Por meio da descrição de Esperanza sobre

¹³⁶ No original: “Sally got married like we knew she would, young and not ready but married just the same. [...] She says she is in love, but I think she did it to escape. She is happy, except sometimes her husband gets angry and once he broke the door where his foot went through, though most days he is okay. Except he won't let her talk on the telephone. And he doesn't let her look out the window. And he doesn't like her friends, so nobody gets to visit her unless he is working”.

personagens como Rosa Vargas, Minerva, Marin, Rafaela, Sally e outras, Cisneros denuncia as situações comunitárias a que as mulheres chicanas estão submetidas de acordo com os preceitos dos valores familiares masculinos machistas dessa comunidade. Em “*Red Clowns*”, após sofrer um estupro, Esperanza mostra toda sua indignação com a ilusão em que as mulheres da sua cultura são criadas, propagando a relação sexual e o casamento de forma romantizada e continuando, assim, a reproduzir um sistema contra elas mesmas:

Sally, você mentiu. Não era nada do que você disse. O que ele fez. Onde ele me tocou. Eu não queria isso, Sally. A forma como eles falaram isso, a forma que era para ser, todos os livros e filmes, por que você mentiu para mim? (Cisneros, 1991, p. 99)¹³⁷.

Por meio de Esperanza, podemos perceber que Cisneros faz então uma crítica às mulheres que reproduzem o viés patriarcal da cultura chicana.

Em sua própria casa, do mesmo modo, Esperanza denuncia logo em uma das primeiras vinhetas o regime de mundos separados que os garotos, seus irmãos, impunham às garotas: dentro de casa permitiam desenrolar uma conversa com suas irmãs Esperanza e Nenny, porém, na rua, não conversavam com as meninas e travavam laços fortes entre os homens:

Os garotos e as garotas vivem em mundos separados. Os garotos em seu universo e nós em nosso. Meus irmãos, por exemplo. Eles têm bastante coisa a dizer para mim e Nenny dentro de casa. Mas fora de casa eles não podem ser vistos conversando com garotas. Carlos e Kiki são os melhores amigos um do outro... não nossos (Cisneros, 1991, p. 8)¹³⁸.

Esse seria, podemos afirmar, mais um paralelo da protagonista de “*Mango*” com Cisneros, que também foi criada em um ambiente de monopolização masculina, que prezava pelos moldes tradicionais, sem parcerias entre homens e mulheres, sendo reservado a elas o papel de subordinação sem nenhum estímulo para desenvolver seu intelecto. Por isso, o sonho de Esperanza, assim como foi o de Cisneros, de alcançar a independência por meio da escrita e de uma casa onde pudesse se sentir pertencente, como meio de escape das condições opressoras da sua própria cultura chicana.

Nesta narrativa, contudo, é preciso pontuarmos que existem modelos femininos apontados por Esperanza que sugerem e/ou apoiam a emancipação das chicanas. A personagem Alicia, por exemplo, que ajuda Esperanza no despertar de sua sexualidade

¹³⁷ No original: “*Sally, you lied. It wasn't what you said at all. What he did. Where he touched me. I didn't want it, Sally. The way they said it, the way it's supposed to be, all the storybooks and movies, why did you lie to me?*”.

¹³⁸ No original: “*The boys and the girls live in separate worlds. The boys in their universe and we in ours. My brothers for example. They've got plenty to say to me and Nenny inside the house. But outside they can't be seen talking to girls. Carlos and Kiki are each other's best friend... not ours*”.

feminina, “jovem e inteligente”, demonstra também o desejo de estudar como única saída do confinamento e do papel submisso das mulheres de seu *barrio*: “Alicia [...] estuda pela primeira vez na universidade. Dois trens e um ônibus, porque ela não quer passar a vida inteira em uma fábrica ou atrás de um rolo de massa” (Cisneros, 1991, p. 31-2)¹³⁹.

Mais para o final da história, Alicia desempenha um papel preponderante ao dialogar com a protagonista sobre Mango Street. A personagem alerta a jovem Esperanza de que não tem como fugir de suas raízes chicanas, de que o *barrio* é parte essencial da sua construção identitária, independentemente de onde estiver e para onde for: “[...] Não, Alicia diz. Goste ou não você é Rua Mango, e um dia você retornará também” (Cisneros, 1991, p. 106)¹⁴⁰. Lobo (2015) sustenta que a figura de Alicia esboça o desejo das chicanas de se emanciparem, sendo uma das personagens que já reflete o pensamento das escritoras chicanas do final dos anos 1980/1990, da relevância do papel intelectual para emancipação e da negociação da identidade das mulheres chicanas: “Os contactos com a vizinhança de Mango Street são estratégias pelas quais Sandra Cisneros conduz a protagonista a um processo de maturação, funcionando como o motor que origina um novo entendimento da realidade” (Lobo, 2015, p. 279).

Na vinheta sobre sua acamada Tia Lupe, Esperanza enfatiza a alegria da tia em ouvir as histórias e poemas que a protagonista escrevia e lia para ela. Essa mulher também representa uma mola propulsora, uma visão diferente e desejosa de que as mulheres chicanas, na pessoa de Esperanza, evoluíssem e tivessem um destino diferente da subalternidade:

Ela escutou cada livro, cada poema que eu li para ela. Um dia eu li um meu.
Eu cheguei bem perto. Eu o suspirei no travesseiro:
Eu desejo ser
como as ondas no mar,
como as nuvens no vento,
mas eu sou eu.
Um dia eu pularei
fora da minha pele.
Eu sacudirei o céu
como uma centena de violinos.
Isso é bacana. Isso é muito bom, ela disse com voz cansada.
Você só se lembra de continuar escrevendo, Esperanza. Você deve continuar
escrevendo. Isso te manterá livre, e eu disse sim, mas naquele tempo eu não
sabia o que ela quis dizer (Cisneros, 1991, p. 61)¹⁴¹.

¹³⁹ No original: “*Alicia, [...] studies for the first time at the university. Two trains and a bus, because she doesn't want to spend her whole life in a factory or behind a rolling pin*”.

¹⁴⁰ No original: “*No, Alicia says. Like it or not you are Mango Street, and one day you'll come back too*”.

¹⁴¹ No original: “*She listened to every book, every poem I read her. One day I read her one of my own. I came very close. I whispered it into the pillow: I want to be like the waves on the sea, like the clouds*

A mãe de Esperanza, por sua vez, apesar de seguir os preceitos culturais mexicanos e os reproduzir muitas vezes, é descrita pela jovem como a representação da mulher que teve seus talentos intelectuais ceifados e que lamenta por isso, não deixando de incentivar Esperanza a seguir um caminho diferente:

Eu poderia ter sido alguém, sabe? minha mãe diz e suspira. Ela tem vivido nesta cidade sua vida inteira. Ela consegue falar duas línguas. Ela consegue cantar ópera. Ela sabe consertar uma televisão. [...]
Hoje enquanto cozinha mingau de aveia ela é Madame Butterfly até suspirar e apontar a colher de madeira para mim. Eu poderia ter sido alguém, sabe? Esperanza, você vai para a escola. Estude muito. Aquela Madame Butterfly foi uma idiota (Cisneros, 1991, p. 90-1)¹⁴².

Cisneros também afirma que o incentivo de sua mãe foi muito importante para que ela se desenvolvesse intelectualmente. Assim como a mãe de Esperanza, Elvira Cordero (mãe de Cisneros) apresentava muitos dons intelectuais:

Há mulheres como ela em nossas comunidades que pensam por si mesmas e cortam editoriais em vez de receitas, não formalmente educadas mas inteligentes como poderiam ser e de línguas afiadas. Minha mãe teve que ser assim então meu pai pôde ser tranquilo e feminino. Minha mãe foi uma mulher muito macho (Cisneros, 2000 *apud* Lobo, 2015, p. 249)¹⁴³.

A escrita de algumas vinhetas, como “*Hips*” (“*Quadris*”), em que a protagonista revela o despertar de sua sexualidade e das amigas, observando que os quadris das mulheres podem servir para muito mais do que apenas para a função de carregar um bebê. As experiências, por exemplo, de Esperanza e suas companheiras Lucy e Rachel, em sentirem prazer no uso dos primeiros saltos altos, em dançarem e sentirem atração pelos meninos no *barrio*, em pleno desabrochar da juventude dessas meninas, apesar da repressão cultural, apontam para uma outra forma estratégica de representação das mulheres chicanas, um outro foco que demonstra a possibilidade de empoderamento delas e do qual Cisneros lançou mão. Esperanza desfruta

in the wind, but I'm me. One day I'll jump out of my skin. I'll shake the sky like a hundred violins. That's nice. That's very good, she said in her tired voice. You just remember to keep writing, Esperanza. You must keep writing. It will keep you free, and I said yes, but at that time I didn't know what she meant".

¹⁴² No original: “*I could've been somebody, you know? my mother says and sighs. She has lived in this city her whole life. She can speak two languages. She can sing an opera. She knows how to fix a T.V. [...]. Today while cooking oatmeal she is Madame Butterfly until she sighs and points the wooden spoon at me. I could've been somebody, you know? Esperanza, you go to school. Study hard. That Madame Butterfly was a fool*”.

¹⁴³ No original: “*There are women like her in our communities who think for themselves and cut out editorials instead of recipes, not formally educated but smart as could be and smart-mouthed. My mother had to be like that so my father could be soft and female. My mother was a very male woman*”.

do seu afloramento como mulher e demonstra apreciar isso, o que podemos traduzir como um olhar diferente, mais positivo e libertador, que confronta os papéis tradicionalmente reservados às mulheres, devendo ser recatadas e submissas ao lar.

“*Beautiful and Cruel*” revela ainda mais concretamente nas palavras de Esperanza esse desejo da jovem de subverter o que é esperado dela como uma mulher chicana. Ao escrever:

[...] mas eu decidi não crescer domada como as outras que repousam seus pescoços na soleira esperando as coisas acontecerem.
 Nos filmes há sempre uma com lábios vermelhos que é bonita e cruel.
 Ela é a que faz os homens ficarem loucos e ri deles de toda forma. Seu poder é de si própria. Ela não o entregará.
 Eu comecei a minha própria guerra quieta. Simples. Claro. Eu sou aquela que sai da mesa como um homem, sem colocar de volta a cadeira ou recolher o prato (Cisneros, 1991, p. 88-9)¹⁴⁴.

Esperanza deixa claro que não irá escolher o caminho da submissão e que seu desejo é se libertar do machismo e dos preconceitos de sua cultura. Testemunhamos, mais uma vez, o agenciamento possibilitado pela escrita de Cisneros/Esperanza, que sinaliza, por meio da personagem, para sua (re)definição identitária. Aproximando-se do fim da narrativa “*Mango Street*”, ao constatar a importância de escapar do *barrio* e das amarras representadas pelo sexismo, o racismo e a segregação social sem perder suas raízes, Esperanza também explicita o desejo de liberar da opressão as mulheres da sua comunidade:

Um dia eu pegarei minhas sacolas de livros e papel. Um dia eu direi adeus a Mango. Eu sou forte demais para ela me manter aqui para sempre. Um dia eu irei embora. Amigos e vizinhos falarão, o que aconteceu com aquela Esperanza? Onde ela foi com todos aqueles livros e papel? Por que ela marchou para tão longe? Eles não saberão que eu parti para retornar pelos que eu deixei para trás. Por aqueles que não podem sair (Cisneros, 1991, p. 110)¹⁴⁵.

Nesse aspecto, é importante enfatizarmos que esse desejo de escape da realidade de seu bairro não deve ser considerado uma opção egoísta de Esperanza, que visaria por meio da

¹⁴⁴ No original: “[...] but I have decided not to grow up tame like the others who lay their necks on the threshold waiting for the bali and chain. In the movies there is always one with red red lips who is beautiful and cruel. She is the one who drives the men crazy and laughs them all away. Her power is her own. She will not give it away. I have begun my own quiet war. Simple. Sure. I am the one who leaves the table like a man, without putting back the chair or picking up the plate”.

¹⁴⁵ No original: “One day I will pack my bags of books and paper. One day I will say goodbye to Mango. I am too strong for her to keep me here forever. One day I will go away. Friends and neighbors will say, What happened to that Esperanza? Where did she go with all those books and paper? Why did she march so far away? They will not know I have gone away to come back for the ones I left behind. For the ones who can not out”.

escrita alcançar um status melhor e ser assimilada pela sociedade dominante (anglo), se vendo então livre de sua comunidade. Pelo contrário, em sua própria fala, a protagonista deixa claro que sua saída física de Mango significa justamente a possibilidade de “retornar” a essa mesma comunidade por meio da escrita para dar audibilidade aos que não possuem a mesma oportunidade de voz. Aqui podemos traçar mais um paralelo entre Esperanza e Cisneros. A personagem, assim como a escritora, acredita que somente escapando de sua comunidade pelo acesso à educação será capaz de lutar pela solução dos problemas enfrentados pelas mulheres não brancas, como o machismo, a pobreza e a violência.

De acordo com Cutler (2015), alguns teóricos e críticos estudiosos da assimilação, como Juan Rodríguez (1984), por exemplo, ao analisarem o trabalho de Cisneros, interpretam essa fuga de Esperanza de Mango Street como abandono de sua comunidade e da causa coletiva pela qual as chicanas deveriam lutar. É como se Esperanza estivesse sobrepondo seu individualismo à coletividade da qual faz parte e deveria representar. Desse modo, segundo o pensamento de autores como Rodríguez, o escape de sua cultura tende a tornar a jovem mais anglicanizada e assimilada. Em termos gerais, as escritoras chicanas, ao negarem o papel maternal e submisso imposto pela sua cultura e que supostamente as mulheres deveriam representar, muitas vezes são também julgadas de “vendidas” ou “*Malinches*”¹⁴⁶, visto que se recusam a reproduzir esse papel maternal da mulher que, para a cultura chicana machista, seria importante de ser reforçado, a fim de enfatizar e fortalecer suas raízes. Já Cutler (2015) defende a concepção de que esse individualismo de autoras como Cisneros, por exemplo, rejeitando os papéis tradicionais femininos e assim aproximando-se mais da masculinidade, não significa ir ao encontro da assimilação e anglicanização, mas consiste na única forma de se alcançar agenciamento e, assim, dar voz às suas experiências e mediar as experiências das outras mulheres de seu grupo, ou seja, de falar pelos seus. Podemos afirmar então que Cisneros, criada em Chicago, assim como Esperanza, utiliza-se da escrita para retornar à sua infância, ao seu bairro e aos acontecimentos referentes à sua comunidade.

Mais uma vez, portanto, ousamos afirmar que os papéis de Cisneros/Esperanza parecem se fundir. A escrita constitui o meio que proporciona o encontro de Cisneros/Esperanza consigo mesmas, a ferramenta que autoras contemporâneas como Cisneros utilizam para prover audibilidade às mulheres chicanas por meio de suas personagens principais:

¹⁴⁶ A simbologia de *La Malinche* já explicada no capítulo 2 desta tese.

Cisneros escreve sua vida como ficção, ou seja, por meio de sua estratégia de escrita auto consciente, descrevendo a criança que ela era e a escritora que ela estava se tornando. Ela colocou em primeiro plano a natureza sempre textual e ficcional do seu empreendimento autobiográfico ou qualquer tentativa de construir uma identidade autônoma. Quando ela escreveu, a tomada de consciência das mulheres e o acesso à educação formal criaram os espaços de onde um importante corpo de escrita emergiu e que tem agora encontrado igualmente um público internacional ampliado (Klahn, 2003, pos. 2355)¹⁴⁷.

Reiteramos, assim, o papel fundamental desempenhado pelas ficções autobiográficas chicanas que tiveram como precursora *“The House on Mango Street”* (1984): o de denunciar os fatores que oprimem a comunidade chicana no território estadunidense através de um espaço ficcional que retrata a realidade das vivências das mulheres chicanas nos *barrios* latinos, reverberando e tornando suas vozes (re)conhecidas.

4.2 A JORNADA DE ROCÍO EM *“THE LAST OF THE MENU GIRLS”*

Em menor escala de notabilidade em relação a *“Mango Street”*, porém com características muito semelhantes, o romance *“The Last of the Menu Girls”* (1986), de Denise Chávez, também é considerado uma ficção autobiográfica, a qual conta, por meio de sete histórias curtas e interdependentes, as vivências da jovem mexicana-americana Rocío Esquibel entre o Novo México e o Texas, e seu percurso na compreensão de si mesma, de sua família e comunidade, em um período que engloba sua infância e seu amadurecimento para a fase adulta. As histórias curtas de Rocío retratam não somente os acontecimentos da passagem de sua vida, mas os da cultura mexicana-estadunidense. Por meio do seu envolvimento emocional no emprego em um hospital como *“menu girl”* (“garota do cardápio”), a jovem passa a conhecer melhor a si mesma e aos outros que a rodeiam. Na altura de sua juventude, ela descobre que é pelo processo de contar suas histórias e as da sua comunidade que ela tem a possibilidade de falar por si mesma e de dar audibilidade às pessoas que não possuem voz e nem as mesmas oportunidades da escrita.

De acordo com Chávez, em seu prefácio de *“The Last of the Menu Girls”* (1986), em um primeiro momento, as histórias interconectadas, as quais ela também chama de “vinhetas

¹⁴⁷ No original: *“Cisneros writes her life as fiction, that is, by her strategy of self-conscious writing, portraying the child she was and the writer she was becoming. She foregrounds the fictional and always textual nature of the autobiographical enterprise or any attempt at constructing the autonomous identity. When she wrote, women’s raised consciousness and access to formal education created the spaces from where an important body of writing emerged that has now found an equally broadened international public”*.

emocionais”, surgiram tanto pela demanda de um *workshop* de escrita criativa referente ao seu Mestrado na Universidade do Novo México quanto pelo estímulo desafiante de seu mentor Rudolfo Anaya. Mais tarde, essas histórias acabaram se tornando um livro. A autora, à propósito, mostra-se reticente quanto a qualquer classificação de sua obra, tendendo a puxá-la até mesmo mais para sua área de expertise, o drama: “Alguns críticos chamam *The Last of the Menu Girls* de uma série de histórias interconectadas, outros a chamam de um romance. Eu penso no livro em termos mais teatrais [...]” (Chávez, 2004, p. 13)¹⁴⁸.

Independentes, porém cuidadosamente interconectadas por Chávez, retratando o mundo da protagonista Rocío, as sete vinhetas, segundo a autora, estão enraizadas para além de um universo privado, oferecendo “*some truth for all to share*” (“algumas verdades para todos compartilharem”) (Chávez, 2004, p. 15). Chávez enfatiza, na edição revisada, ter trabalhado um realinhamento mais maduro dessas histórias, afirmando que elas parecem ter tomado uma sequência mais coerente e significativa.

A forte influência da mãe e da avó, pautada na educação e nas letras, levou Chávez a um interesse constante pelos livros, que se desenrolou também em uma escrita com fortes bases relacionadas às mulheres. Apesar do depoimento ainda em seu prólogo de que as referidas histórias não são autobiográficas no “pleno sentido da palavra”, a escritora ratifica o tangenciamento delas em relação às suas memórias mais remotas, ideias e vivências que experienciou em sua juventude, além da “representação” do que viveu entre os dois estados que transitou, o Novo México e o Texas:

Todas as histórias foram escritas a partir do grande amor que eu tenho pelos meus dois estados lares, Novo México e Texas. Eu desejo que elas abarquem a beleza, a energia, e o espírito de crescer entre esses dois mundos. [...]. As sensibilidades e vidas de ambos meus pais contribuíram muito para o mundo de Rocío Esquibel e sua luta para se encontrar na névoa esmagadora da família (Chávez, 2004, p. 13)¹⁴⁹.

Desse modo, ao percorrermos a obra, além dos lugares, é possível observar também alguns paralelos entre Rocío e Chávez, como o grande entusiasmo pelas histórias não contadas, e a busca inicial por uma outra profissão até se encontrar na escrita. Assim como Rocío, a princípio, Chávez trabalhou em um hospital, porém não se sentiu realizada,

¹⁴⁸ No original: “*Some critics call The Last of the Menu Girls a series of interconnected stories, others call it a novel. I think of the book in more theatrical terms [...]*”.

¹⁴⁹ No original: “*All the stories were written out of the great love I have for my two home states, New Mexico and Texas. I wanted them to encompass the beauty, energy, and spirit of growing up between these two special worlds. [...]. Both of my parents' sensibilities and lives contributed much to the world of Rocío Esquibel and her struggle to find herself in the overwhelming blur of family*”.

almejando, segundo ela, uma carreira artística. A partir daí, então, passou a se interessar e a se dedicar ao teatro. Na narrativa, partindo de uma experiência familiar que lhe marca emocionalmente de forma negativa, a doença de sua tia-avó Eutilia, Rocío é empregada como “*menu girl*” no hospital Altavista, no Novo México, onde a jovem passa a conviver com diversos tipos de pessoas que vão marcando e contribuindo para a construção de sua identidade. A garota sente um chamado desde cedo para ajudar as pessoas e para tentar aliviar suas dores emocionais, a tentar falar por elas. Apesar de ser elevada de *menu girl* à secretária da enfermaria pelo bom trabalho que executa no hospital, ela ainda expressa uma incompletude no sentimento de satisfação em relação à sua vocação no mundo, parecendo desejar algo a mais. Em uma conversa com a companheira de trabalho Arlene, Rocío se expressa:

“Você nunca fica com raiva, fica?”, ela disse com admiração.
 “Raramente”, eu disse. Mas, por dentro, eu estava sempre com raiva.
 “O que você quer fazer, Rocío?”
 “Quero fazer?”
 “Sim” [...]
 “Eu quero ser um outro alguém, em algum outro lugar, alguém importante e responsável e sexy. Eu quero ser sexy.
 “Eu não sei. Eu irei me especializar em drama.”
 “Você é doce”, ela disse. “Todo mundo gosta de você. É sua natureza. Você é a Florence Nightingale do Hospital Memorial Altavista, é isso!” (Chávez, 2004, p. 92)¹⁵⁰.

Ademais, nesse ponto, ao ser comparada a Florence Nightingale¹⁵¹ pelos seus colegas de trabalho, diga-se de passagem, mais que uma vez na história, e o próprio sentimento de afinidade de Rocío com essa enfermeira inglesa, ao mencioná-la algumas vezes no decorrer de sua jornada no hospital, podemos depreender que o significado de Nightingale na vida da protagonista parece reforçar seu desejo de romper com os papéis de gênero impostos a ela, como assim o fez aquela figura famosa da história. Por meio dos seus estudos e

¹⁵⁰No original: ““*You never get angry, do you?*” she said admiringly. ‘*Rarely,*’ I said. *But inside, I was always angry. ‘What do you want to do, Rocío?’ ‘Want to do?’ ‘Yeah.’ [...] ‘I want to be someone else, somewhere else, someone important and responsible and sexy. I want to be sexy.’ ‘I don’t know. I’m going to major in drama.’ ‘You’re sweet,’ she said. ‘Everyone likes you. It’s your nature. You’re the Florence Nightingale of Altavista Memorial Hospital, that’s it!’*”.

¹⁵¹Florence Nightingale foi uma enfermeira inglesa famosa por ter criado a primeira escola de Enfermagem da Inglaterra no Hospital Saint Thomas (Londres). Recebeu a Ordem do Mérito durante a Era Vitoriana. Denominada de “Dama da Lâmpada”, por percorrer as enfermarias com uma lanterna na mão, ela realizou um trabalho pioneiro e exemplar, que reduziu drasticamente as mortes em sua época. https://www.ebiografia.com/florence_nightingale/. Acesso em: 07 nov. 2022.

conhecimentos, Rocío também deseja profundamente fazer diferença na vida das pessoas da sua comunidade:

Eu olhei para cima para uma pintura de uma mulher de cabelo escuro em uma touca dura de enfermeira e uma túnica cinza, parecendo homens em uniformes de serviço antiquados. Havia uma beleza naquela face de mulher, quem quer que ela fosse. Eu me via nela, ajudando a humanidade, absolvendo toda minha doença, minha própria morte, especialmente os parentes, todos eles tão distantes, removidos (Chávez, 2004, p. 71)¹⁵².

Outro aspecto notável são as figuras maternas enfatizadas na vida de Rocío/Chávez, as mães como pessoas fortes e marcantes no rumo que essas mulheres irão tomar na narrativa de suas vidas. A mãe de Rocío, apesar de ter estudado e ser professora, com uma certa independência que poderia até ter inspirado a jovem, apresenta fortes traços da cultura chicana, marcados na criação de Rocío e suas irmãs. A matriarca Nieves, viúva de Juan Luz e abandonada pelo pai de Rocío, deseja veemente que as filhas sejam criadas de acordo com sua cultura, com a função de servir aos outros, dentro dos moldes patriarcais impostos às mulheres. Nieves acredita que mesmo tendo passado por uma experiência negativa do casamento (viúva do primeiro marido e divorciada do pai de Rocío), suas filhas somente alcançarão êxito por meio dessa instituição: “Se você se casar, Rocío, encontre alguém que te ajudará. Isso faz diferença. E é duro quando você ama alguém que não se interessa em te ajudar. É muito duro, uma vida dolorosa [...]” (Chávez, 2004, p. 188)¹⁵³.

Contrariamente a esses papéis, Rocío demonstra que não irá reproduzi-los ao seguir as vontades da mãe, como sua irmã mais velha, Ronelia, que já era uma jovem casada e com filhos, trilhando o mesmo caminho da matriarca. A jovem protagonista, por sua vez, deseja “escapar”, ser livre em suas escolhas. Apesar disso, interessadamente, em suas reflexões na busca de si mesma, Rocío admite a presença de “pedaços” dessas mulheres na moldura de sua identidade:

Foram os poros da minha irmã, suas posturas, que foram meus professores, sua carne com ou sem roupas, isso foi meu despertar, e seu rosto que foi a

¹⁵² No original: “*I stared up at a painting of a dark-haired woman in a stiff nurse's cap and gray tunic, tending to men in old-fashioned service uniforms. There was a beauty in that woman's face, whoever she was. I saw myself in her, helping all of mankind, absolving all my own sickness, my own dying, especially relatives, all of them so far away, removed*”.

¹⁵³ No original: “*If you get married, Rocío, find someone who will help you. It makes a difference. And it's hard when you love someone who doesn't care to help. It's very hard, a painful life [...]*”.

imagem do espelho do meu crescimento. Vê-la era ver minha mãe e avó e agora a mim mesma (Chávez, 2004, p. 60)¹⁵⁴.

Já a mãe de Chávez, segundo seu próprio relato na introdução da obra, também a marcou muito por ter sido uma mulher “forte e determinada”, que acreditou no potencial da filha como escritora e não a deixou desistir de modo algum. Ambas Rocío e Chávez, então, apresentam as figuras maternas como fortes exemplos e, de alguma forma, nortes que levaram essas mulheres a refletirem sobre a direção que desejavam tomar ou não em suas vidas.

Como descrito na narrativa, Rocío (assim como Chávez), desejosa da carreira artística, parte para os estudos de drama, passando a dar aulas nessa área e trabalhando em uma companhia de teatro. Ainda jovem, por sua parte, Chávez já aspirava a ser atriz. Na escola Madona do ensino médio, a escritora cativou seu interesse pelo teatro, participando de várias performances dramáticas, e foi na Universidade do Estado do Novo México que ela efetivamente se graduou em Drama. Esse caminho foi levando Chávez até a escrita e, como observamos, Rocío, do mesmo modo, nas passagens finais, descobre e ressalta a preponderância da escrita como sua função no mundo para contar as histórias de vida da sua comunidade. Esse é outro ponto em comum da autora com sua protagonista e, a propósito, o mais importante: a crença no papel fundamental da escrita para modificar a vida das pessoas, especialmente das pessoas silenciadas. Da mesma maneira que Rocío demonstra na obra que contar as histórias dos outros é um chamado, uma forma de ajuda e de trazer à tona a voz da sua coletividade, a escritora chicana Chávez (2020, s.p.) ressalta o valor da escrita para ela: “Eu acredito no poder da escrita para curar vidas e curar as muitas fronteiras entre pessoas, reais e imaginadas”¹⁵⁵.

Quanto ao teor das ficções autobiográficas, Klahn (2003) assegura que, nesse tipo de ficção, as experiências são transformadas em criações ficcionais, podendo ser contadas como diferentes tipos de histórias, e que a modificação do nome das personagens é uma estratégia narrativa que torna possível o estabelecimento de uma distância crítica entre o narrador que fala no presente e o personagem do passado. E, de modo igual, reiteramos aqui também a assertiva de Klahn quanto aos textos das autoras chicanas, os quais “convidam” seus leitores a

¹⁵⁴ No original: “*It was my sister's pores, her postures that were my teachers, her flesh, with and without clothes, that was my awakening, and her face that was the mirror image of my growing older. To see her was to see my mother and grandmother and now myself*”.

¹⁵⁵ No original: “*I believe in the power of writing to heal lives and heal the many borders between people, real and imagined*”. Disponível em: https://www.pw.org/directory/writers/denise_chavez. Acesso em: 14 nov. 2022.

participarem da verdade da ficção, sendo os relatos reais contados como diferentes tipos de histórias.

Além disso, *“The Last of the Menu Girls”* também pode ser caracterizada como ficção autobiográfica testemunhal, visto que, estando vinculada à história, língua e comunidade da protagonista Rocío, dá voz às experiências comuns dos membros dessa comunidade, promovendo a audibilidade daqueles que não podem falar e reativando as memórias localizadas nos espaços sociais simbólicos. Como sublinhado sobre a sutil relação de equilíbrio e engajamento com o leitor dessas ficções autobiográficas:

[...] mesmo havendo uma narrativa ficcional dos eventos, há um compromisso na construção de um projeto de se reconhecer um sujeito que participa de uma história que tem crédito para os leitores e o qual é pego em uma narrativa que tem a função de apontar para um referente fora do texto enquanto insiste em te manter no texto (Klahn, 2003, pos. 2212)¹⁵⁶.

Podemos observar, então, que ao discorrer sobre acontecimentos importantes que marcaram seu caminho, como a narração da história da doença de sua Tia Eutilia paralelamente às histórias dos enfermos da comunidade ao seu redor, voltando o olhar para os outros em seu emprego como *“menu girl”* no hospital, a protagonista Rocío não está somente narrando sua própria autobiografia, mas assumindo principalmente o papel de mediadora das vozes do seu grupo, das vidas ordinárias a quem ela deseja dar voz e contar muitas vezes algo que está silenciado. Essas vidas, por sua vez, vão gradativamente moldando e (re)construindo a identidade de Rocío:

Eu virei de costas para os rostos, as vozes, agora ausentes: Pai O’Kelley; Elizabeth Rainey; Sr. Luciano; Arlene Rutschman; Sra. Daniels; Juan María o Nariz; Sr. Samaniego e Donelda, sua esposa; seus netos; o Sr. Carter; Conde Ellis; Dolores Causus; Erminia e sua irmã, o buldogue, Esperanza González, Francisca Pacheco; Elweena Twinbaum, a voluntária de cabelos grisalhos de quem o nome eu havia aprendido uma semana antes de eu deixar o Memorial Altavista. Eu fiz uma lista em um menu de todas as pessoas com quem eu havia trabalhado. Para lembrar. Parecia correta. Da distância eu ouvi a voz alta de Marion Smith: “Agora, você volta para nos ver!”

¹⁵⁶ No original: *“Even if the writer establishes an imaginative rendering of events, he or she is committed to a project of constructing a recognizable self who participates in a story credible to the readers and who is caught in a narrative that appears to point to an outside of the text (the referent) while it insists on keeping you inside the text (the emplotment)”*.

Do alto da escada a pintura de Florence Nightingale olhava de forma fixa solidamente dentro dos olhos de soldados cansados. Seu olhar abrangia todos os grandes sofrimentos indizíveis de toda guerra (Chávez, 2004, p. 97)¹⁵⁷.

É nessa vinheta sobre o ambiente hospitalar de trabalho vivenciado por ela que a personagem retrata, portanto, as histórias de vida dos pacientes, como eles reagem às suas dores físicas e emocionais e em contrapartida, como já referido, como essas histórias e dores a afetam:

Elizabeth Rainey, Sala 240, estava em um D e C. [...] Ela parecia frágil, mas sua face ainda mostrava uma dura amargura. [...] Elizabeth Rainey afastou seu rosto de mim e virou para a parede. Da profundidade de seu ser um pequeno choro inarticulado escapou, “Ooooooh”, eu fugi, assustada pela dor, mas de alguma forma excitada. Ela era tão bonita e tão só. Eu desejava do meu jeito de garotinha segurá-la, segurá-la firme, e no meu jeito de mulher nunca sentir aquela dor, qualquer que fosse (Chávez, 2004, p. 83)¹⁵⁸.

São muitas as passagens em que podemos testemunhar que Chávez, por meio de Rocío, faz emergir de forma sutil e lírica a vida dura das pessoas que fazem parte da comunidade da jovem e como a voz da personagem traduz os sentimentos e as percepções desse coletivo. Ao contar sobre a senhora Daniels, outra paciente acamada à beira da morte e sua reação de repulsa em relação à visita de Rocío, na ocasião presente no quarto da doente para registrar o cardápio, a protagonista expressa muitos dos sentimentos comuns impressos em nós pela coletividade que nos rodeia:

Quem de nós nunca escutou as palavras sufocadas de pessoas chorando, ouviu, não quis escutar, então fechamos nossos ouvidos, dissemos chega, eu não quero mais. [...] Nós enrolamos a dor, a guardamos na prateleira, a deixamos lá, com um certo senso congratulatório de alívio pelo nosso próprio bom destino

¹⁵⁷ No original: “*I turned away from the faces, the voices, now gone: Father O’Kelley; Elizabeth Rainey; Mrs. Luciano; Arlene Rutschman; Mrs. Daniels; Juan María the Nose; Mr. Samaniego and Donelda, his wife; their grandchildren; Mr. Carter; Earl Ellis; Dolores Causus; Erminia and her sister, the bulldog, Esperanza González, Francisca Pacheco; Elweena Twinbaum, the silver-haired volunteer whose name I’d learned the week before I left Altavista Memorial. I’d made a list on a menu of all the people I’d worked with. To remember. It seemed right. From the distance I heard Marion Smith’s high voice: ‘Now, you come back and see us!’ Above the stairs the painting of Florence Nightingale stared solidly into weary soldiers’ eyes. Her look encompassed all the great unspeakable sufferings of every war*”.

¹⁵⁸ No original: “*Elizabeth Rainey, Room 240, was in for a D and C. [...] She looked fragile, and yet her face showed a harsh bitterness. [...] Elizabeth Rainey drew her face away from me and turned to the wall. From the depth of her being a small inarticulate cry escaped, ‘Ooooooh’, I ran out, frightened by her pain, yet excited somehow. She was so beautiful and so alone. I wanted in my little girl’s way to hold her, hold her tight, and in my woman’s way to never feel her pain, ever, whatever it was*”.

enquanto olhamos para o outro lado dos infelizes, como a senhora Daniels (Chávez, 2004, p. 88)¹⁵⁹.

Podemos nos remeter neste ponto mais uma vez às afirmações de Arfuch (2010) sobre o fato de a articulação entre o individual e o social se apresentar tão forte na contemporaneidade ao ponto das narrativas autobiográficas estarem se tornando narrativas plurais, ultrapassando o pertencimento individual e passando a expressar modelos de valores coletivos, deixando transparecer pela representação do si mesmo os traços de solidariedade e a comunidade da qual o(a) autor(a) faz parte.

À medida que a jovem personagem vai relatando suas experiências por meio da contação das histórias de vida e percebendo seu dom pelo drama e pela narração dessas vidas provenientes da sua comunidade, podemos observar que, em alguns fragmentos, o foco narrativo muda, permitindo em algumas passagens até mesmo o fluxo de consciência de outras pessoas que ajudam a compor a identidade de Rocío. Na vinheta “*Space is a solid*”, a voz de sua aluna nas aulas de Drama, Kari Lee, alternadamente a de Rocío, parece enfatizar a missão da protagonista em dar audibilidade à coletividade que a ronda, “permitindo” que outras vozes sejam ouvidas. Inclusive, nessa vinheta, a professora Rocío reproduz o que ela almejava ao estimular seus alunos a buscarem também seu próprio “espaço”, que seria o do autoconhecimento, do seu lugar no mundo.

Kari Lee e suas percepções sobre as aulas de Drama da professora Rocío representam, assim, a voz dos alunos e um outro modo que temos de conhecer Rocío e as características e dificuldades do grupo do qual participa. A aluna, por exemplo, por meio de suas palavras, nos traz em certo momento não só o comportamento do deficiente físico Arlin nas aulas de Drama, mas como é a recepção e as impressões daquela comunidade em relação à deficiência e às dificuldades físicas desse garoto. Rocío e Kari Lee, dessa forma, desempenham nessas passagens também o papel de mediadoras das adversidades do grupo do qual fazem parte.

Do mesmo modo, Rocío é mediadora da voz das pessoas comuns, trabalhadores que possuem suas próprias batalhas internas e diferentes posições na realidade da sociedade do Novo México. Um exemplo são os estadunidenses Nita Wembley e seu marido Cloyd, pais de Kari Lee, que conquistaram seus bens materiais por meio de uma vida de árduo e incessante

¹⁵⁹ No original: “*Who of us has not heard the angry choked words of crying people, listened, not wanted to hear; then shut our ears, said enough, I don't want to. [...] We rolled up the pain, assigned it to a shelf, left it there, with a certain self-congratulatory sense of relief at our own good fortune as we looked the other way at the world's unfortunates, like Mrs. Daniels*”.

trabalho, e que valorizam esse trabalho acima de tudo, o qual lhes proporcionou certo status de proprietários de bens na sociedade estadunidense e o poder de viver em uma mansão em Oak Hill Estates.

A fala de Nita Wembley, em várias linhas, nos possibilita observar a discrepância socioeconômica entre os membros dessa sociedade, assim como a representação dos pensamentos e do posicionamento de muitos anglo-americanos de classe média e alta em relação aos mais desprovidos:

O Senhor Wembley trabalha no escritório e eu administro esses apartamentos aqui. Eu estou constantemente limpando para esses desleixados que mudam para cá e daqui como vermes. Uma vez eu entrei e encontrei um colchão nesse mesmo chão e disse para mim mesma, “Nita Wembley, tire esses hippies daqui neste minuto. Eu não me importo o quanto vai custar. Você tire esses hippies neste minuto antes que eles comecem a fazer festas cheias de sexo e comecem a fumar maconha e fazer sabe Deus o que. Logo eles estarão dormindo no chão em uma pilha naquele colchão”. “Não, eu sou muito velha para mudar, e cansada demais e esgotada demais e uma mulher demasiadamente cristã para permitir que hippies ateus vandalizem meu apartamento pelo qual eu trabalhei tão duro por toda minha vida (Chávez, 2004, p. 120)¹⁶⁰.

Outra realidade testemunhada é a das chicanas que trabalham com Rocío no hospital, sobre as quais a personagem também discorre, demonstrando seus pontos de vista e condições sociais no território dominante. As mestiças Dolores Causus e Esperanza González simbolizam a situação de diversas chicanas nos Estados Unidos que lutam para serem reconhecidas; as consideradas assimiladas, as que batalham por condições melhores de trabalho e estudo, as lésbicas, aquelas que têm preconceito contra as próprias chicanas, e outras:

Esperanza González, cujo nome significava “esperança”, enfermeira chefe do andar cirúrgico, a pequena mas altamente respeitada Esperanza sem esperanças [...]. Mais tarde, quando Esperanza foi morta, minha tia disse,

¹⁶⁰ No original: “*Mr. Wembley works at the office and I run these apartments here. I am constantly cleaning up for the slobs that move in and out like vermin. One day I came in and found a mattress on this very floor and I said to myself, ‘Nita Wembley, you get those hippies out of here this minute. I don't care what it takes. You get those dirty hippies out of here before they start having wild sex-filled parties and start smoking mary-wana and doing God knows what. Soon they'll be sleeping on the floor in one heap on that there mattress.’ ‘No, I'm too old to change, and too tired and too worn out and too much of a Christian woman to let no hippie atheists vandalize my apartment that I done worked so hard for all my life’*”.

“Que bom. No papel eles chamaram sua amante de sua irmã. Que bom”
(Chávez, 2004, p. 90)¹⁶¹.

Nos seus pareceres sobre as mulheres à sua volta, Rocío confessa sua confiança na chicana Dolores como uma parceira com a qual se identificou e pôde compartilhar a vivência de algumas tradições da sua cultura chicana desde novinhas, como a experiência que tiveram juntas da invocação de *La Llorona*¹⁶² para desvendar o que elas consideravam alguns dos mistérios de sua juventude.

No segmento “*Space is a solid*”, mesmo possuindo o emprego de professora e tendo se enveredado na área do Drama, Rocío ainda sentia que algo lhe faltava, mostrando-se insatisfeita e discriminada, explorada pelo trabalho no teatro em que ajudava, desprovida economicamente e dependente do namorado Loudon. Nesse processo de descrição dela e dos que a rodeiam, torna-se possível perceber que a garota procurava por voz e reconhecimento tanto dela como de seu grupo chicano; voz e reconhecimento que, ao longo do seu processo de amadurecimento e autoconhecimento, ela descobriu que encontraria somente por meio da escrita de sua vida e das outras pessoas. Retornamos, então, novamente, aos postulados de Chodorow (1978), de que as escritas autobiográficas das mulheres não brancas na atualidade refletem cada vez mais a interdependência da coletividade da qual fazem parte, refletindo as questões étnicas, sexuais e de classe da sua comunidade.

Logo, de muita relevância à nossa investigação é a vinheta “Compadre”, na qual a protagonista, já como escritora, revisita sua comunidade chicana de forma detalhada, dando audibilidade às imagens, aos costumes e até mesmo à culinária dessa comunidade, que são representados pela figura do compadre Regino Suárez, a família dele e sua relação com o núcleo familiar de Rocío, principalmente da sua mãe com esse compadre “faz-tudo”. Regino simboliza a força masculina no clã familiar de Rocío e a reprodução das tradições da cultura chicana na vida da jovem. Ao longo dos seus relatos, podemos afirmar que a presença de Regino Suárez é um elemento imprescindível na família da protagonista. Esse personagem representa a ligação de Rocío com sua gente chicana no Novo México, também marcando de modo significativo a construção identitária dessa jovem.

Nessa última passagem, por meio das palavras de Rocío, temos conhecimento de vários aspectos da coletividade chicana, que são representados pelos personagens que compõem o núcleo familiar da garota. Tendo abandonado a esposa Nieves (mãe de Rocío)

¹⁶¹ No original: “*Esperanza González, whose name meant ‘hope’, head surgical floor nurse, the short but highly respected Esperanza of no esperanzas [...]. Later when Esperanza was killed, my aunt said, ‘How nice. In the paper they called her lover her sister. How nice’*”.

¹⁶² A simbologia de *La Llorona* para os mexicanos já foi explicada no capítulo 2 desta tese.

para viver em um um bairro anglo-americano de classe social mais alta, o pai de Rocío, Salvador, constitui a figura emblemática do chicano que abandona a família para seguir o sonho de ser assimilado. Nieves, por sua vez, se mantém firme em seus valores tradicionais chicanos em relação à família e à criação de suas filhas. A matriarca recorre às suas raízes, mantendo sempre por perto seu compadre Suárez para ajudá-la nos reparos da casa, com o qual estabelece laços de fidelidade por toda a vida. Suárez, por seu turno, como “marido de aluguel”, representa o chicano que se submete aos subempregos no território estadunidense a fim de sobreviver e vencer na vida com muito custo. Ao longo de suas descrições, Rocío vai delineando os traços de solidariedade e as crenças presentes nesse grupo que faz parte de sua história, indo ao encontro do que mencionamos sobre a relacionalidade na escrita autobiográfica das mulheres de outras etnias (não brancas) apontada por Friedman (1988), reiterando que a história delas carrega a história da sua comunidade, não podendo ser separada desse senso de pertencimento comunal.

Esses descendentes de mexicanos na narrativa, apesar de apresentarem em sua formação algumas características da cultura estadunidense, não abandonam suas crenças enraizadas, como, por exemplo, o compadre Suárez. Filiado à igreja adventista, possui uma família grande, não abrindo mão de seguir as raízes das tradições patriarcais mexicanas, reproduzindo na sua família as regras de um bom chicano tradicional. Ao descrever a família do compadre, Rocío explica: “Foi Eleiterio, cujo o pai era muito rígido, que não permitia às meninas namorarem. Compadre Regino era um adventista. Nenhuma das meninas era permitida de ser vista com meninos” (Chávez, 2004, p. 174)¹⁶³.

Ainda sobre a herança do forte machismo chicano, Rocío retrata que, concomitantemente ao moralismo de Suárez, o compadre trai sua mulher Braulia e os filhos, abandonando-os e sendo aceito de volta quando bem decide retornar. As mulheres da narrativa, por sua vez, demonstram cumplicidade para combater os valores imorais, como a traição do homem chicano, porém, colocando a maior parte da culpa nas outras mulheres, como nas “i” (“sem-vergonhas”) com quem eles têm um caso. Aqui podemos evidenciar que muitas vezes as próprias mulheres chicanas rivalizam-se entre si e assim acabam por reforçar o machismo da sua cultura.

Rocío, ao retornar de forma mais madura à sua família e comunidade, com o olhar de escritora, que, a propósito, foi o dom com que a jovem se identificou e o foi descobrindo de forma crescente durante toda a narrativa, além de expressar um eu comunal, retrata suas

¹⁶³ No original: “*It was Eleiterio, whose father was so strict, who did not allow the girls to date. Compadre Regino was an adventist. None of the girls was permitted to be seen with boys*”.

divergências quanto às concepções patriarcais da mãe e do entorno familiar e sua conseqüente subversão em relação a eles. Rocío demonstra o pensamento da mãe de que suas filhas deveriam formar família e viver para a ela, assim como o comportamento de Nieves ao redor da casa e seu relacionamento dependente do trabalho não produtivo de Regino Suárez, mais apegado aos laços de afetividade do que da resolução efetiva dos problemas domésticos.

Nessas passagens, constatamos um tom contestatório da protagonista em relação a algumas tradições de sua cultura, exprimindo o desejo de subverter e traçar um caminho diferente. Muitas divergências com a mãe quanto à organização doméstica geravam como resposta as implicâncias da matriarca, que argumentava que as filhas deveriam colocar em primeiro lugar os afazeres da casa para depois se dedicarem aos livros, que, em sua opinião, não deveriam ser vistos como prioridade na vida das filhas (das mulheres), visto que eram sinônimo de prazer. Sobre essa relação das mães chicanas que muitas vezes saem para trabalhar, mas preferem que as filhas sigam o caminho da sua cultura:

Assim é a situação também na família de Rocío: sua mãe era professora, o que significa que houve um tempo em que ela estudou e leu livros. Por fim, na maioria das situações, por causa do comportamento das mães, nascem os conflitos com as filhas e o sentimento de culpabilidade quando as filhas não obedecem e não querem fazer as tarefas domésticas porque preferem escrever (Van Halewijn, 2005, p. 81)¹⁶⁴.

Enfim, a mãe desejava que seguissem o destino que ela acreditava que salvaria a vida de suas meninas: o casamento, o mesmo caminho predestinado às mulheres da cultura chicana. Reiteramos aqui também mais uma vez a assertiva de Klahn (2003), de que nas ficções autobiográficas, como em “*The Last of the Menu Girls*”, a história pessoal do eu do texto, apesar de essencial, não pode ser separada da comunidade da qual participa, uma vez que seu contexto marca de forma preponderante a voz política e da cultura arraigada de quem narra, ao longo das suas lembranças e das dos membros do seu grupo.

À medida que Rocío vai contando e explorando a história do seu povo mexicano-estadunidense, observamos na obra o uso ainda mais evidente do *code-switching*. Principalmente nos diálogos entre a mãe de Rocío e o compadre, o uso do espanhol é frequente. Mais para o final da vinheta também, como celebração de um encontro entre os

¹⁶⁴ No original: “*Así es la situación también en la familia de Rocío: su madre era profesora que significa que hubo un tiempo en que ella estudió y leyó libros. Por fin en la mayoría de las situaciones por causa del comportamiento de las madres, se nacen los conflictos con las hijas y el sentimiento de culpabilidad cuando las hijas no obedecen y no quieren hacer las tareas domésticas porque prefieren escribir*”.

seus, a jovem expõe com muita frequência a predominância da língua espanhola na fala entre os chicanos mais velhos de sua família e comunidade. Essa comunicação na referida língua ocorre especialmente nas partes em que os laços de afeto e as raízes chicanas são salientados, transparecendo uma resistência da geração anterior à de Rocío, no caso, seus pais e tios, que parece demonstrar não desejar perder suas origens culturais, como a língua, por exemplo, que constitui parte importante da identidade deles.

Isso, por sua vez, não é observado nas passagens em que Rocío disserta sobre os jovens que convivem com ela. Esse fato evidencia a tendência à inevitável assimilação dos mexicanos-estadunidenses das gerações mais jovens nos Estados Unidos, muito influenciados pela sociedade dominante, como Rocío, criada no Novo México:

Para a mãe de Rocío o castelhano é o idioma de sua família, de sua infância no Texas e por isso o mais usado. A situação de suas filhas Rocío e Mercy, a geração seguinte, tem circunstâncias muito diferentes. Vivem nos Estados Unidos onde o idioma usual é o inglês, o idioma que se associa com a sociedade Anglo-americana (Van Halewijn, 2005, p. 82)¹⁶⁵.

Esse aspecto está consoante aos postulados de Hall (1997), de que a linguagem é um sistema de representação que se utiliza de sinais, símbolos e palavras para denotar concepções e sentimentos, sendo a representação pela linguagem, então, central para a produção de significado. Podemos asseverar que a existência das duas línguas, inglês e espanhol, na obra de Chávez também serve para ressaltar a expressão da realidade dos chicanos nos Estados Unidos, divididos entre duas culturas. Lobo (2015) acrescenta que o uso do espanhol em textos escritos em inglês leva o leitor a sentir a experiência de desorientação de viver entre fronteiras e ser um outro na sociedade estadunidense, remetendo ao que Anzaldúa denomina de terrorismo linguístico. No diálogo a seguir em que o compadre Regino reencontra com o pai de Rocío (o qual optamos por manter na língua original para visualizarmos essa troca de línguas), separado da família e já vivendo em um bairro anglo de classe mais alta, os dois chicanos conversam, realizando essa troca de línguas de modo constante:

“Compadre Salvador!”
 “How have you been, Regino?”
 “Buenas tardes, compadre.”
 “Pásale, come on inside.”
 “Nomás queria preguntarle a mi comadre Nieves alguna cosita, compadre.”

¹⁶⁵ No original: “*Para la madre de Rocío el castellano es el idioma de su familia, de su infancia en Texas y por eso lo más usado. La situación de sus hijas Rocío y Mercy, la siguiente generación, tiene circunstancias muy diferentes. Viven en Los Estados Unidos donde el idioma usual es el inglés, el idioma que se asocia con la sociedad Angloamericana*”

“Hot out there? Qué calor, ¿qué no?”
 “You look real good, Regino.”
 “Still living up north?”
 “Yes.”
 “You look real good.”
 “I feel pretty good”
 “Qué gusto verlo, compadre Salvador. Hace muchos años que...” (Chávez, 2004, p. 193).

É na aproximação com os seus, nessa última vinheta escolhida por Chávez, que o papel de escritora buscado por Rocío ao longo do seu amadurecimento e que permeia toda a obra torna-se claro, pois é neste ponto da narrativa que nós leitores temos a certeza, por meio das palavras da protagonista, que ela se tornou escritora. No segmento em que, juntamente com a família e o compadre, Rocío vai em busca de *tamales* para celebrarem esse encontro, seu primo Tommy indaga sobre sua profissão:

“E então, o que você faz?” Tommy perguntou, virando para mim no banco de trás. “Eu ouço falar que você escreve.”
 “Ela é uma Escritora famosa,” Tío Roque disse enquanto esperava pelos tamales. “Ou ela será. Você não é uma escritora, Rocío?”
 “Sim,” eu disse, “Eu escrevo. Eu sou uma escritora.” (Chávez, 2004, p. 211)¹⁶⁶.

Ao voltar-se para seu grupo, revelando o papel da escrita como ferramenta essencial em sua vida, nós leitores compreendemos que Rocío encontra no ato de escrever sobre si mesma e sobre os que estão ao seu redor o caminho que desejava trilhar. Aliás, novamente devemos enfatizar que essa contação de histórias é o que predomina por toda a narrativa, num crescente, desde a sua infância, quando a garota ainda não sabia expressar tão bem o que sentia a sua volta, e na juventude, quando percebe que lhe falta algo para encontrar seu caminho no mundo, até Rocío, então, revelar que, mesmo ainda no constante processo de sua (re)construção identitária, é pela possibilidade da escrita sobre ela e sobre os outros que ela se realiza: ““Então o que você faz, Rocío?” Roque disse. ‘Dá para você viver? O que você escreve?’ ‘Oh, sobre pessoas. Novo México. Você sabe, tudo’” (Chávez, 2004, p. 214)¹⁶⁷.

Assim, o processo de escrita possibilita a Rocío expor as múltiplas posições de sua identidade permeadas pelas questões de gênero, classe, etnia e outras como as múltiplas posições de identidade de seu grupo chicano também, além da sua transformação identitária à

¹⁶⁶ No original: “*And so what do you do?*” Tommy asked, turning to me in the backseat. “*I hear you write.*”

“*She's a famous Writer,*” Tío Roque said as he waited for the tamales. “*Or she will be. Aren't you a Writer Rocío?*” “*Yes,*” I said, “*I write. I'm a writer.*”

¹⁶⁷ No original: “*So what do you do, Rocío?*” Roque said. “*Can you make a living? What do you write?*” “*Oh, about people. New Mexico. You know, everything.*”

medida que a narrativa prossegue. Percebemos que, para falar por si e pelos outros, Rocío precisa também “sair” do núcleo familiar; a mãe Nieves, por seu turno, lamenta nessa última vinheta o fato de não ter mais as filhas em casa, sustentando que, ali no núcleo familiar, Rocío já encontra histórias de sobra para contar:

Eu digo para ela, Roque, para escrever somente um *E o vento levou*. Eu falo, Rocío, escreva somente sobre essa ruazinha nossa. É só o tamanho de um bloco, mas há tantas histórias. Histórias demais! E então eu pensei comigo mesma, mas por que escrever sobre essa rua? Oh, há Toncha e Gabe e Manuelita Acevedo do outro lado com seu pequeno cachorro feio, e em frente a ela está A Preta Armendáriz e suas flores, mas por que escrever sobre essa rua? Há histórias, tudo bem, mas por que escrever sobre essa rua? (Chávez, 2004, p. 215-6, grifos da autora)¹⁶⁸.

Dessa forma, a mãe, ao interrogar o porquê de Rocío escrever sobre as histórias de vida da rua em que moram parece não compreender a importância de a escritora ter a possibilidade de “falar” pela sua comunidade. Como evidenciado por Van Halewijn (2005, p. 78):

A reação da sua mãe é que ela está segura de que pode escrever um romance inteiro sobre a casa número 325 da rua em que vivem, a casa da família em que cresceu Rocío. Algo no estilo do romance *E o vento levou*, com o qual sua mãe se refere ao gênero romântico e ao escapismo. Rocío não responde as perguntas e tenta evitar o tópico. A escrita é algo privado dela, símbolo do seu próprio desenvolvimento, de seu processo de formação de sua própria identidade e dos elementos da sociedade individual dos Anglo-americanos com a qual se vê confrontada e a comunidade mexicana que tem um caráter coletivo. Essa é a situação que Rocío tentaria contar em palavras ao mundo¹⁶⁹.

Chávez, como bem característico das escritoras chicanas contemporâneas, preza também pelo ato de escrever como descoberta fundamental na vida da protagonista Rocío, a fim de reiterar a função da escrita como instrumento de agenciamento das mulheres chicanas, de um meio que proporciona a articulação dos fatores contextuais; culturais, políticos e econômicos, e que serve assim como um espaço de possível (re)conhecimento dessas

¹⁶⁸ No original: “I tell her, Roque, to write just one *Gone with the Wind*. I say, Rocío, just write about this little street of ours. It's only one block long, but there's so many stories. Too many stories! And then I thought to myself, but why write about this street? Oh, there's Toncha and Gabe and Manuelita Acevedo at the other end with her ugly little dog, and across from her is La Prieta Armendáriz and her flowers, but why write about this street? There's stories all right, but why write about this street?”.

¹⁶⁹ No original: “La reacción de su madre es que ella está segura de que puede escribir una novela entera sobre la casa número 325 de la calle en que viven, la casa de la familia en que creció Rocío. Algo en el estilo de la novela *Gone with the wind*, con lo cual su madre se refiere al género romántico y al escapismo. Rocío no contesta las preguntas e intenta evitar el tópico. La escritura es algo privado de ella, símbolo de su propio desarrollo, de su proceso de formación de su identidad propia y de los elementos de la sociedad individual de los Angloamericanos con la cual se ve confrontada y la comunidad mexicana que tiene un carácter colectivo. Esa es la situación que Rocío intentaría contar en palabras al mundo”.

mulheres, de resistência e reflexão sobre as dificuldades e a realidade enfrentadas por elas. Lobo (2015, p. 205) adiciona que “ao quebrarem o silêncio, as escritoras assumem o compromisso social de encontrar uma identidade chicana conjunta, inviabilizando a repressão das estruturas coloniais dominantes e daquelas que encontram nos seus bairros”. Novamente, o valor que Rocío dá à escrita dela e da sua comunidade, percebendo ser esse o caminho ao constante encontro de si mesma, reverbera o objetivo das autoras chicanas em propiciar audibilidade a essas mulheres chicanas por meio da escrita.

Assim como “*Mango Street*”, a obra de Denise Chávez pode ser considerada um *Bildungsroman* pós-moderno, uma vez que há ao longo das vinhetas a demonstração da busca identitária e do processo de crescimento/amadurecimento da personagem principal, permeado por um vasto contexto social que auxilia na formação de sua identidade e é parte indivisível dela. Não há também uma maturação da personagem seguindo a ordem início, meio e final da história que culmina com a consolidação de uma identidade “pronta” como temos no *Bildungsroman* tradicional.

Podemos acompanhar o desenvolvimento da jovem Rocío, que retrata os acontecimentos que vivencia desde sua fase juvenil, quando não conseguia compreender e expressar o que sentia, passando pela adolescência em suas visitas ao Texas, desejando escapar dos modelos prontos das mulheres que observava, e em seu emprego no hospital, à procura de retirar também as pessoas doentes à sua volta das condições que as aniquilavam, na tentativa de salvar suas almas de alguma maneira, até seu amadurecimento como uma jovem escritora ainda cheia de questionamentos sobre ela mesma e sobre os que a rodeiam. Seu comportamento de desejar fazer algo pelos outros e de não querer permanecer naquela situação de preencher relatórios “engessados” no hospital já demonstrava desde cedo que a garota procurava pelo seu lugar e voz no mundo, que não correspondia ao tradicional lugar relegado às mulheres, principalmente as de sua cultura mexicana:

Então a narradora e a enfermeira dividem os mesmos problemas de compromisso e não compromisso a um papel, a uma pessoa, a outras pessoas e vida em geral. Ambas estão “preenchendo documentos” sem ainda serem capazes ou desejarem finalmente definir seus próprios espaços (Bus, 2018, p. 280)¹⁷⁰.

¹⁷⁰ No original: “So the narrator and the nurse share the same problems of commitment and non-commitment to a role, to one’s person, to other people and life in general. Both are “filling out forms” without yet being able or willing to finally define their own spaces”.

Ainda nas aulas de Drama que lecionava, mesmo lutando por seu próprio espaço, Rocío não se sentia realizada, até que, com o desenrolar da narração de suas histórias e das dos outros, a menina percebe que sua vocação se encontrava justamente naquilo que estava tecendo, ou seja, a contação dessas histórias, o que culminou na última vinheta em que, mais madura, ela se reconhece escritora e confirma ter encontrado nessa vocação um caminho para poder ir em busca da constante (re)construção de sua identidade e do reconhecimento/valorização da sua comunidade. É importante pontuar que a escrita não representa para Rocío a descoberta de um caminho concluído, de uma identidade definida, mas o meio que a possibilita se autoconhecer, conhecer os outros que a cercam, crescer e continuar seus questionamentos, moldando sua construção identitária de forma contínua. Tanto o é que, no final, percebemos que Rocío ainda se encontra no processo da busca por si própria, ela ainda não possui as respostas para muitas de suas perguntas.

Do mesmo modo, aqui é relevante apontar a formação de uma subjetividade complexa, perpassada por outras ao seu redor, as quais ao longo do enredo observamos serem provenientes de ambas as culturas mexicana e estadunidense, ou seja, uma subjetividade aberta aos outros, negociando as múltiplas culturas, com a diversidade fazendo ser possível esse “tornar-se” alguém (Karafilis, 2014).

Dividida entre o Texas (sua origem chicana) e o Novo México (origem estadunidense), ao longo da busca pela formação de sua identidade e do questionamento sobre o que seria “ser mulher”, Rocío analisa vários modelos de mulheres que passam pelo seu caminho. Além de sua mãe e de sua irmã mais velha, Ronélia, a jovem observa as amigas que conhece no Texas, lugar de sua origem materna, para onde sempre viaja com a família em suas férias durante a infância. A protagonista escreve sobre as quatro mulheres texanas pelas quais se encanta num primeiro momento: Eloisa, Diana, Josie e Barbara, devido ao fato de acreditar que elas poderiam lhe servir como referências identitárias. Contudo, a jovem logo constata que, além de não representarem o ideal que ela buscava, não havia como se definir a partir de nenhuma identidade:

Quem eu podia, então, escolher como um modelo? Eloisa, Diana, Josie ou Bárbara? Nenhuma parecia feminina o suficiente. Alguma coisa parecia estar faltando em cada uma delas - a mesma coisa que estava faltando em mim, o que quer que fosse. Eu me tornei a observadora cada vez mais solitária da mudança da minha feminilidade. Eu estava com inveja daquelas mulheres que haviam efetuado sua mudança de menina para mulher com facilidade, [...]. Eu escutei a música ao longe, vi todas as cores e as luzes, mas eu ainda não era capaz de me juntar à dança (Chávez, 2004, p. 59)¹⁷¹.

¹⁷¹ No original: “*Who was I, then, to choose as role model? Eloisa, Diana, Josie or Barbara? None seemed quite womanly enough. Something seemed to be lacking in each of them-the same thing that*

Rocío não desejava seguir o mesmo destino das mulheres que ela conhece no Texas, nem de sua mãe e de sua irmã. A garota deseja fortemente transformar sua realidade. Inclusive, o Texas representa para ela o lugar de sua proveniência mexicana, com que a jovem não mais se identifica completamente, apesar de suas raízes, visto que ela já apresenta uma identidade bipartida entre a cultura mexicana e a anglo, tendendo até mesmo ao comportamento de vergonha e inferioridade pela sua origem mexicana, por sentir o deslocamento e a discriminação enfrentados pelas mulheres e pelo povo proveniente do México nesse lugar: “Na minha mente eu estava de retorno ao Texas, um lugar pelo qual eu sempre me desculpei. Era um lugar tirado da experiência normal, o ponto mais longe da minha realidade” (Chávez, 2004, p. 47)¹⁷². Esse aspecto da narrativa ratifica o caráter heterogêneo e instável das identidades, remetendo-nos às assertivas de Smith (1993) sobre os novos sujeitos fragmentados e instáveis que são representados nos manifestos autobiográficos das mulheres não brancas como estratégias emancipatórias e práticas políticas para reivindicação do seu (re)conhecimento e do seu grupo.

Quanto aos modelos de mulheres que aparecem no decurso da obra, podemos observar que, ao descrever as mexicanas-estadunidenses que passam pelo seu caminho, Rocío expõe por meio de algumas delas as condições de subjugação a que são submetidas pela sua própria cultura e pela cultura branca. Sua mãe e sua irmã mais velha, Ronélia, dona de casa, como já referido, são frutos das inculcações enraizadas da cultura chicana, reproduzindo na maior parte do tempo os pressupostos machistas dessa cultura, que relega as mulheres especialmente à esfera doméstica. O fato de a mãe enxergar que Rocío e suas irmãs deveriam se casar e ter filhos como única forma de se sentirem mais seguras já demonstra o apego e a crença da matriarca nos valores patriarcais mexicanos. Mesmo sua mãe sendo professora e assumindo a família após o divórcio, Rocío sente na solidão de Nieves que a mesma poderia ter ido mais longe: “*big feet, tired legs, bitter hopes*” (“pés grandes, pernas cansadas, esperanças amargas”). Também na figura de Braulia, que aceita o retorno do compadre Regino depois da traição, Rocío transmite a ideia da dependência não só emocional como econômica da mulher chicana em relação ao casamento e filhos.

was lacking in me, whatever it was. I became the ever more solitary observer of my changing womanhood. I was jealous of those women who had effected the change from girlhood to womanhood with ease. [...] I heard the faraway music, saw all the colors and the lights, and, yet, I was unable to join the dance”.

¹⁷² No original: “*In my mind I was back in Texas, a place I always apologized for. It was a place removed from normal experience, the farthest spot away from my hoped-for reality*”.

As amigas do Texas, cada qual com suas peculiaridades, mesmo parecendo realizadas em alguns aspectos que atraíam Rocío, ainda não se aproximavam do ideal identitário que ela buscava. Como exemplo aqui trazemos a imagem de Diana, que em um primeiro momento é idealizada por Rocío devido à sua beleza física e o comportamento aparentemente empoderado. Contudo, alguns dos seus modos infantis e a escolha final de se casar, “escolhendo” um marido machista e cedendo aos moldes patriarcais, desencantam Rocío, e ela percebe que os modelos ideais de mulheres não existem; que ela deve buscar sua própria formação identitária:

A realização de Eloisa na carne, acompanhado dos sonhos despedaçados de Diana, de alguma forma, entrelaçados com ritmo pulsante e golpeante de Josie, eu fui pega na dança de Josie, e quando eu soltei todos os meus padrões ilusórios, estudantes do Estado, especializando na vida. Eu senti uma falta desconcertante de alegria. [...] Atrás do trabalho de crescimento, eu vislumbrei alguém Forte, cheio de grande beleza, poder, palavras e atos claros. O rosto Branco da mulher estava refletido no sol feroz do meio-dia, com a intensidade brilhante de olhos amorosos. Quem era aquela mulher? Eu mesma (Chávez, 2004, p. 59)¹⁷³.

No hospital, a companheira de Rocío, Arlene, que nos dá indício de ser uma mexicana-estadunidense assimilada por lamentar não falar espanhol e pela posição de trabalho inferiorizada no hospital, tem uma representação significativa na vida da protagonista, uma vez que ajuda a despertar seu lado feminino e incentivar o desejo de mudar sua realidade:

Arlene tem ajudado em seu desenvolvimento porque Rocío é mais consciente de sua feminilidade. Graças a este desenvolvimento Rocío se sente bonita. É um sentimento novo, um orgulho que ela deseja manter. Antes o sentimento principal de Rocío era sua rebeldia contra todos os aspectos femininos, a imagem ideal de uma mulher, o papel de *gênero*, imposto pela cultura chicana da qual sua família faz parte (Van Halewijn, 2005, p. 89).

Além disso, Arlene também almeja mudar de emprego e economizar dinheiro para ter a possibilidade de estudar, constituindo, portanto, um símbolo feminino que age de forma positiva na vida de Rocío. O entendimento de Rocío e seu desejo de modificar sua situação e de outras mulheres ao seu redor nos remetem às palavras de Madsen (2000 *apud* Sousa;

¹⁷³ No original: “*Eloisa's fulfillment in the flesh, coupled with Diana's shattered dreams, somehow intertwined with Josie's pattering, pounding rhythm. I was caught in Josie's dance, and when I spun loose of all my illusionary partners, students from State, majoring in life, I felt a vague, disconcerting lack of joy. [...] Behind the work of growing up, I caught a glimpse of someone Strong, full of great beauty, power, clear words and acts. The woman's White face was reflected in the fierce midday sun, with the bright intensity of loving eyes. Who was that woman? Myself*”.

Silveira, 2014) em relação a Cisneros/Esperanza, as quais, aqui, do mesmo modo, se encaixam para Chávez/Rocío, sobre a “*new mestiza*” (“nova mestiça”) proposta por Anzaldúa (1999), representada pelas personagens nessas ficções, que apresentam uma identidade híbrida interseccionada pelas diferentes etnias e culturas, e que demonstram resistência às limitações culturais impostas às mulheres, lutando para superar as dicotomias sexistas que as oprimem.

Nesse aspecto, podemos afirmar que, ao longo da narrativa, Rocío se posiciona fortemente contra a submissão das mulheres e os papéis de subalternidade a que são condicionadas. Ao se referir ao namorado Loudon, de quem passa a depender por um tempo para ter moradia, proteção e carinho, ela demonstra estar muito desconfortável em acabar reproduzindo os papéis fixos de gênero determinados pela cultura machista. Sobre sua relação com Loudon, fica claro que a jovem não está feliz: “Você achou que era mais brilhante e mais inteligente que eu, Loudon. Você era o capitão. Você me deixou para trás. Você estava sempre à minha frente e me deixava perceber isso” (Chávez, 2004, p. 130).¹⁷⁴

Rocío, dessa forma, devido à sua condição e pelas experiências das mulheres que testemunha ao redor, sente que, como chicana, precisa subverter e traçar seu próprio caminho, o qual não deseja que seja semelhante ao das outras mulheres de sua comunidade, silenciadas pelas duas culturas que as perpassam.

A escrita de Chávez também expõe, por meio da voz de Rocío, a discriminação social sofrida pelos(as) chicanos(as) no território estadunidense. A estadunidense Nita Wembley, por exemplo, demonstra esse preconceito em vários diálogos com Rocío. A começar por quando discorre sobre a história de como engravidou da filha Kari Lee, acreditando que não obstante sua idade avançada, a menina não nasceu com nenhuma deficiência pelo fato também de não ter havido nenhuma mistura de raças nos casamentos de sua família, reafirmando assim a superioridade que alguns brancos sentem em relação aos mestiços:

“Se você é um Americano, case com um americano. Se você é de cor, case com um de cor. Se você é chinês, case com um chinês”, mamãe diz. Nenhum Wembley alguma vez já casou com alguém que não seja do estoque do velho e bom Texas do Oeste. Essa é a razão por nós não termos nenhum desfiguramento nessa família. Wembleys ainda Wembleys (Chávez, 2004, p. 104).¹⁷⁵

¹⁷⁴ No original: “*You thought you were brighter and smarter and better than me, Loudon. You were the captain. You left me behind. You were always ahead of me and let me know it*”.

¹⁷⁵ No original: “*If you're an American, marry an American. If you're colored, marry a colored. If you're Chinese, marry a Chinese,*’ mama says. *No Wembley has ever married anyone but they was*

Em outra passagem, Nita se irrita com o comportamento da inquilina Rocío, de não pagar em dia o aluguel e de levar um gato para morar na propriedade sem sua permissão, estereotipando as pessoas não brancas que vivem nos Estados Unidos : “Ela mentiu para mim, a sujeira e o cheiro e os gatos como todos aqueles hippies sujando um lugar cristão decente e não pagando o aluguel em dia esse mês ou o último [...]” (Chávez, 2004, p. 41)¹⁷⁶.

De modo semelhante, Rocío é discriminada na escola de teatro em que trabalha pelas mulheres brancas que acreditam serem superiores a ela tanto quanto à classe social como na cor, sobrecarregando constantemente a garota em seus afazeres:

Jettie Brady, a mulher com o cabelo pintado e caindo, o longo nariz de gancho, os olhos azuis sem paixão, e as calças manchadas de mofo, era responsável pelos aprendizes. Era a ela que eu deveria prestar contas. Até onde a arte vai e quando a escravidão começa? (Chávez, 2004, p. 109)¹⁷⁷.

A história de vida do próprio pai de Rocío, mexicano-estadunidense, que abandonou a família para ir morar em um bairro anglo, de classe mais alta, perseguindo o sonho da assimilação, e o seu comportamento em relação aos chicanos quando raramente retorna para visitar sua família, demonstram que o preconceito também provém de muitos aqueles de origem mexicana em relação a outros chicanos. Em uma de suas conversas com a filha, o pai, Salvador, não compreende como o compadre Regino, um “*wetback*” (costas molhadas) nas suas palavras, conseguiu ter acesso a uma moradia melhor no bairro em que mora.

No hospital em que Rocío trabalha, assim também é o tratamento de algumas enfermeiras mexicanas-estadunidenses em relação aos pacientes mexicanos ilegais que por lá aparecem. Na passagem sobre Juan María the Nose (João Maria o Nariz), um chicano que apareceu acidentado para tratamento no hospital, as enfermeiras deixam transparecer suas impressões:

“Ele é do México, hein?” Luciano disse com interesse.
 “Um estrangeiro ilegal,” Rosario respondeu.[...]
 “Aqueles tipos de problemas são ruins por aqui, eu escutei”, Luciano disse.
 “As pessoas esgueirando-se na fronteira e tudo.”

from good old West Texas stock. That's the reason we ain't had no disfigurements in this family. Wembleys still Wembleys”.

¹⁷⁶ No original: “*She lied to me, the filth and the smell and the cats like all those hippie people trashing out a decent Christian place and not paying the rent on time this month or the last [...]*”.

¹⁷⁷ No original: “*Jettie Brady, the woman with the dyed and thinning blond hair; the long hook nose, the cold dispassionate blue eyes, and the yeast-stained panties, was in charge of all the apprentices. It was she I was accountable to. How far does art go and when does slavery begin?*”.

“Inferno, você não sabe a metade disso”, Enfermeira González contra-atacou quando ela subiu para a mesa em que nós todas estávamos olhando para o corredor. “É uma epidemia.” (Chávez, 2004, p. 88-9)¹⁷⁸.

Aqui vale a assertiva de Anzaldúa (2009) sobre o fato de os oprimidos muitas vezes internalizarem de tal maneira a discriminação étnica e racial proveniente da cultura branca dominante que acabam contribuindo grandemente para a manutenção desse pensamento, passando a ser seus próprios opressores: “É mais fácil repetir os padrões raciais e atitudes, especialmente aqueles de medo e preconceito, que nós herdamos do que resistir a eles” (Anzaldúa, 2009, p. 48)¹⁷⁹. Mais uma vez, temos a escrita que, de forma primordial, vem desempenhando o papel de revisitar, revisar e denunciar as visões negativas e estereotipadas que dão suporte à discriminação sofrida pelos homens e mulheres de outras etnias (não brancos) nos Estados Unidos.

Para finalizarmos nossa análise de “*The Last of the Menu Girl*” (2004), podemos reiterar que o ponto fulcral da obra de Chávez é a função da escrita na vida de Rocío. Como mencionado, a partir do seu amadurecimento como escritora ao longo do processo, ao retornar ao seu grupo, Rocío, apesar de não se identificar completamente com suas origens mexicanas, reconhece que não pode negá-las, uma vez que são parte integral de sua identidade fragmentada. Essa escrita permite o passeio a várias instâncias que perpassam o caminho da protagonista, que vão desde a narração da sua formação identitária individual até a possibilidade de expressão por esse eu comunal da segregação sofrida pelas mulheres e homens chicanos na realidade estadunidense, da forma como lidam com a língua, além da exposição da influência do machismo chicano na vida das chicanas e a consequente subjugação das mesmas, permitindo assim a mediação da voz da coletividade da qual Rocío faz parte.

Retornamos, portanto, ao relevante papel das escritoras chicanas, que, por meio de suas personagens e textos, nos possibilitam ter conhecimento das relações complexas, dos discursos provenientes da realidade cultural e das dificuldades enfrentadas pelo povo chicano, principalmente pelas mulheres chicanas, revelando uma outra face da literatura e questionando os pressupostos canônicos celebrados pela sociedade dominante.

¹⁷⁸ No original: “‘He’s from Mexico, huh?’ Luciano said with interest. ‘An illegal alien’, Rosario retorted.[...]. ‘Those kinds of problems are bad around here I heard’, Luciano said. ‘People sneaking across the border and all.’ ‘Hell, you don’t know the half of it’, Nurse González fired back as she came up to the desk where we all stood facing the hallway. ‘It’s an epidemic’”.

¹⁷⁹ No original: “It is easier to repeat the racial patterns and attitudes, especially those of fear and prejudice, that we have inherited than to resist them”.

4.3 A CONVERGÊNCIA DAS OBRAS DE CISNEROS E CHÁVEZ: A ESCRITA POSSIBILITADORA DE AUDIBILIDADE DAS CHICANAS

Após a análise dos pontos mais importantes que nos propusemos a investigar sobre cada uma das nossas ficções autobiográficas, “*The House on Mango Street*” e “*The Last of the Menu Girls*”, traçaremos brevemente as características compartilhadas por essas duas obras do século XX que mais nos chamaram a atenção, e que as tornaram, assim podemos afirmar, obras literárias nas quais as autoras chicanas lançaram mão da escrita como ferramenta fundamental para denunciar a realidade das chicanas e os fatores de gênero, classe, raça e etnia que as oprimem.

Nas ficções autobiográficas de Cisneros e Chávez, como foi visto, é possível encontrar pontos de tangenciamento das escritoras com suas personagens. As figuras maternas, similarmente à realidade das autoras, constituem molas impulsionadoras que, mesmo de formas diferentes, levam as protagonistas a escolherem um caminho ao invés de outro. Tanto a mãe de Esperanza como a de Rocío representam as mulheres chicanas adeptas do sistema patriarcal de sua cultura que tiveram seus talentos cortados de alguma forma pela vida doméstica; como no caso de Nieves, mãe de Rocío, que, mesmo seguindo a carreira de professora, mostra-se frustrada por dois casamentos, deixando transparecer que poderia ter ido mais além. A escrita das referidas autoras, com fortes bases relacionadas às mulheres, trouxe a representação materna na vida das protagonistas que, a partir das experiências de suas mães, decidem se rebelar contra o destino de submissão relegado às mulheres.

Nas duas obras, também podemos constatar a menção a nomes, lugares e personagens, conforme exposto, que cruzaram de modo semelhante a realidade da vida de Cisneros e Chávez. Como colocado por Klahn (2003), Cisneros, ao criar o nome Esperanza, produz uma distância que a possibilita lembrar sua infância, alcançando seu objetivo que é mais o de focar na opressão vivenciada ao seu redor do que expor uma correspondência fiel à realidade. Assim também podemos testemunhar em Chávez, que transforma ficcionalmente alguns eventos experienciados durante sua juventude, como sua morada no Novo México, seu trabalho no hospital e a escolha pelo Drama, para narrar a história de Rocío e o que se passa nas vidas que a rodeiam. Sendo assim, voltamos a tocar na função das ficções autobiográficas, as quais convidam os leitores a se envolverem na realidade da ficção e têm como característica peculiar a narrativização ficcional dos eventos da vida das autoras, inovando ao não se encaixarem nos discursos dominantes das autobiografias tradicionais (Klahn, 2003).

As duas histórias, da mesma forma, são consideradas *Bildungsromans*¹⁸⁰ que rompem com os modelos chicanos masculinos que seguem o *Bildungsroman* tradicional ocidental (europeu), de começo, meio e fim da vida de um personagem, geralmente masculino, que alcança no final da história uma identidade unificada. Como trazido por Karafilis (2014, p. 63):

Muitas mulheres escritoras, ambas americanas étnicas e pós-coloniais, utilizam o Bildungsroman precisamente para “afirmar e declarar” as subjetividades complexas dos seus personagens e, por extensão, delas mesmas. Essas mesmas escritoras têm adotado e radicalmente revisado o Bildungsroman clássico para servir aos seus propósitos de narrar o desenvolvimento de uma identidade pessoal e senso próprio, e elas têm provado que fazer dessa forma não é necessariamente uma tarefa impossível mesmo nas sociedades contemporâneas alienadas e fragmentadas¹⁸¹.

Cisneros e Chávez revisam a tradição do gênero, trazendo uma perspectiva das mulheres, não patriarcal, que permite a exposição e negociação da realidade das mulheres chicanas (suas protagonistas), tocando em vários assuntos que abrangem gênero, classe e etnia, e demonstrando, dessa forma, uma ligação inseparável dessas personagens com sua comunidade, inclusive o papel preponderante da coletividade no processo da sua constante (re)construção identitária. Tanto em *Esperanza* como em *Rocío*, a influência comunitária é fortemente ressaltada ao longo do desenvolvimento individual, sendo a comunidade que as circunda de fundamental importância para o amadurecimento dessas personagens e para o conhecimento do contexto em que estão inseridas.

Outro aspecto importante é o formato em vinhetas das duas narrativas, de modo fragmentado, e apresentando um teor de oralidade, características que parecem refletir essas

¹⁸⁰ Apesar de termos conhecimento sobre o termo *Künstlerroman*, uma variação ou subgênero do *Bildungsroman*, e que é caracterizado como um “romance de desenvolvimento” que se aplica à trajetória da heroína feminina/personagem central (desde sua infância até a sua maturidade), a qual desempenha atividades artísticas e literárias, nesta tese, optamos por considerar nossas obras como *Bildungsromans* escritos por mulheres chicanas justamente para destacar/ressaltar essa “subversão” à cultura machista e a desconstrução por essas mulheres escritoras chicanas desse gênero masculino, vivenciando e retratando por meio de suas protagonistas ou por elas próprias conflitos e papéis anteriormente somente endereçados aos homens e expressos apenas por eles nesses romances. (<https://www.scielo.br/j/ref/a/vxTX58GPCFhVPcG8xbNDtJ/?lang=pt>. Acesso em 05/10/23).

¹⁸¹ No original: “Many women writers of color, both ethnic American and postcolonial, use the Bildungsroman precisely to ‘affirm and assert’ the complex subjectivities of their characters and, by extension, themselves. Such writers have adopted and radically revised the classical Bildungsroman to suit their purposes of narrating the development of a personal identity and sense of self, and they have proven that doing so is not necessarily an impossible task even in fragmented and alienated contemporary societies”.

configurações identitárias complexas. Ambas as protagonistas, no final das narrativas, não apresentam uma identidade consolidada, expressando diversos questionamentos que serão constantes em suas vidas. Segundo Karafilis (2014), é o potencial de agenciamento político e pessoal possibilitado por essa abertura aos outros que torna possível o processo de maturidade/desenvolvimento nesses *Bildungsromans* das mulheres não brancas. Essas características trazidas pelas personagens constituem estratégias de que as autoras chicanas se utilizam para contestar o sujeito universal da escrita autobiográfica tradicional, o que vai ao encontro dos pressupostos de Smith e Watson (1998), de que as práticas autobiográficas contemporâneas têm sido oportunidades ao mesmo tempo para a reencenação das subjetividades e conseqüente encenação de resistência aos modelos consagrados.

Esperanza e Rocío, ao demonstrarem uma identidade bipartida, dividida entre suas raízes mexicanas e a cultura estadunidense dominante, reproduzem a realidade das mulheres chicanas nos Estados Unidos que as escritoras chicanas desejam que se torne (re)conhecida. Elas representam, de fato, a *new mestiza* (nova mestiça), que foi descrita no decorrer da análise, a qual deve transitar entre as culturas diferentes que a interseccionam e se adaptar às ambigüidades culturais, superando as dicotomias sexistas, opressoras e transformando-as em algo novo, na tentativa de tornar possíveis seu agenciamento e a mudança na sua comunidade (Anzaldúa, 2009).

Assim, também nas duas ficções, de modo semelhante, podemos confirmar a exposição de Cisneros e Chávez da discriminação social que os(as) chicanos(as) sofrem. Como discorrido, as autoras, por meio das vozes de suas protagonistas, denunciam nas narrativas não somente o tratamento inferior dado aos chicanos pelos brancos, mas observamos uma ênfase na segregação social existente entre os próprios chicanos. Isso pôde ser visto na guetização externada por Esperanza em “*Mango Street*”, quando descreve a segurança que os latinos só sentem dentro dos próprios *barrios*, e, em “*The Last of the Menu Girls*”, no comportamento de algumas enfermeiras mexicanas-estadunidenses em relação a Juan The Nose, um chicano acidentado no hospital, considerado por elas como mais um “*wetback*” (costas molhadas) que atravessou a fronteira de forma ilegal e que não merece ser bem tratado no hospital.

A herança linguística, nas duas narrativas, pode ser vista no uso de linguagem próxima à oralidade, mas também pelo uso do *spanglish* como forma que as escritoras lançam mão para manifestarem sua história e realidade, a subversão e a resistência em seus textos. Nas duas obras, dentre outros detalhes, nos momentos de demonstração de maior afetividade e acolhimento entre as mulheres/homens que compartilham a cultura mexicana, o espanhol

emerge expressando a necessidade dos chicanos manifestarem sua realidade, manterem essa herança linguística e de não desistirem dessa parte de sua identidade mexicana. Sobre esse trânsito entre as duas línguas, inglês e espanhol, Cisneros argumenta:

Eu sou uma anfíbia. Eu consigo viajar em ambos os mundos. O que eu estou falando é muito importante para a comunidade latina escutar, mas é também importante para a comunidade branca escutar. O que eu estou dizendo na minha escrita é que nós podemos ser latinos e ainda sermos americanos (Cisneros, 1993 *apud* Lobo, 2015, p. 251)¹⁸².

Ambas as ficções autobiográficas, de Cisneros e Chávez, fazem uma crítica ao patriarcado pela descrição das mulheres chicanas/latinas que se encontram no entorno das protagonistas Esperanza e Rocío. Apesar de cientes de que há uma ficcionalização de muitos acontecimentos paralelos das vidas das autoras, essa realidade das chicanas dos *barrios*, daquelas trancafiadas em casa sob o machismo dos maridos, sem poder trabalhar por conta dos filhos e acreditando que a única salvação é o casamento, daquelas que ainda trabalham sob condições de salários precários, nos mostra parte do contexto de muitas dessas mulheres que as escritoras testemunharam e testemunham em suas comunidades e desejam denunciar. Cisneros e Chávez trazem parte da realidade que vivenciaram e, por meio das chicanas que passam pelas vidas de Esperanza e Rocío, retratam as condições de muitas delas no território estadunidense.

Reiterando, o autoconhecimento que as personagens vão adquirindo e sua contínua (re)construção identitária ao longo do seu desenvolvimento estão intimamente ligados às experiências da coletividade da qual participam. Esse aspecto conversa com as postulações de Hall (2000) da identidade fluida e fragmentada; da não possibilidade de uma identidade pura e original na contemporaneidade. Assim, o grupo chicano de que fazem parte influencia diretamente na formação das identidades das protagonistas.

Contudo, não podemos deixar também de mencionar que nas duas narrativas as escritoras constroem mulheres que já demonstram um modo emancipatório de pensar e agir, tentando escapar das amarras sexistas e do engessamento cultural a que são submetidas. Alicia e Arlene, respectivamente nas obras de Cisneros e Chávez, são mulheres chicanas que vislumbram outras possibilidades que não a submissão ao machismo chicano nas suas vidas, configurando imagens positivas para ambas as protagonistas. Em “*Mango*”, Alicia é a chicana

¹⁸² No original: “*I’m an amphibian. I can travel in both worlds. What I’m saying is very important to the Latino community to hear, but it is also important for the white community to hear. What I’m saying in my writing is that we can be Latino and still be American*”.

que se preocupa em estudar na universidade a fim de não passar a vida inteira em um trabalho medíocre ou dentro de casa por conta das tarefas domésticas. Arlene, por sua vez, ao sair do hospital para outro emprego e aspirar aos estudos em uma universidade, encoraja Rocío a buscar outros caminhos. Essas personagens desmistificam de alguma forma também as mulheres chicanas representadas pela literatura chicana tradicional, promovendo uma certa mudança na visão sobre as chicanas que as escritoras dos anos 1980-90 desejam comunicar; dessas mulheres já tendendo à emancipação e à negociação das suas identidades, valorizando a relevância do papel intelectual em suas vidas.

Vistos esses pontos, o que gostaríamos de acentuar e que ficou muito marcado nas duas narrativas é a função das ficções autobiográficas de Cisneros e Chávez que, mais que o relato ficcional autobiográfico das suas personagens, cumprem o papel de retratar a realidade chicana, principalmente da sua coletividade, que não pode ser desvinculada das suas vidas individuais. Ou seja, as autobiografias das protagonistas trazem as histórias de vida de sua comunidade; na voz delas há uma forte e inegociável presença do coletivo (Sousa; Silveira, 2014). E assim é a forma encontrada tanto por Cisneros como Chávez, por meio, respectivamente, de Esperanza e Rocío, de desestabilizarem os estereótipos que envolvem as mulheres chicanas e conseqüentemente subverterem muitos pensamentos tradicionais de sua cultura, oferecendo novas possibilidades então de concebermos a alteridade. Essas protagonistas, de modo similar às autoras, no final do enredo constatarem que a coletividade/comunidade (chicana) é parte intrínseca de sua constituição identitária e que é por meio da escrita sobre seu grupo que têm a possibilidade de alcançarem seu agenciamento; se (re)conhecerem e se fazerem (re)conhecidas.

Inclusive, esse é um ponto que levanta discussões, o fato de Esperanza e Rocío desejarem escapar, saírem de sua comunidade, irem além dela e obterem seu próprio espaço, não só físico, mas também traduzido pela escrita para falar pela sua comunidade chicana. As duas personagens pretendem escapar da realidade que as submete como mulheres (inferiores) nas amarras de gênero, classe e etnia. Não é um anseio de se assimilarem à cultura dominante e de se verem livre do seu grupo chicano, mas um desejo de saírem para se fazerem ouvir e terem a oportunidade de falar pelos que não possuem voz também, no caso, principalmente pelas mulheres chicanas de sua comunidade. Ambas almejam partir para retornar (mesmo que metaforicamente) aos seus e pelos seus. Essa saída, muito mais que física, é propiciada preponderantemente pela escrita, que é o ponto fulcral dessas duas narrativas do século XX. Reiteramos, portanto, a visão de Cutler (2015) de que o individualismo das protagonistas, assim como das autoras chicanas, de rejeitar os papéis tradicionais femininos e de se

encontrarem na escrita não significa o desejo de assimilação e abandono de sua cultura, mas consiste na única forma de alcançarem agenciamento, dando voz às suas experiências e falando sobre a realidade do seu grupo mexicano.

Como considerações finais sobre a convergência dessas duas ficções autobiográficas em suas propostas, voltamos novamente às características dessas obras que foram proeminentes no século XX. Conforme exposto em relação às tendências dos textos autobiográficos contemporâneos, em que a articulação do individual e do social é tão forte que a partir dos relatos de vida dos indivíduos há a revelação das características da comunidade da qual fazem parte, observamos essas mudanças nas referidas obras analisadas, as quais, por mais que sejam textos que dissertam sobre temas íntimos, reverberam principalmente nas comunidades em que as personagens estão inseridas, constituindo narrativas que delineiam características peculiares, como um ponto de vista em primeira pessoa que parte de uma posição periférica, histórias que apresentam uma natureza de contestação (que se tornou crescente a partir dos anos 1980), e que possibilitam caminhos alternativos para pensarmos sobre as (re)construções identitárias, traçando novas representações literárias que não homogenizam as mulheres em categorias generalizadoras (Klahn, 2003). Essas narrativas, em que o eu lírico parte do coletivo e fala em nome dele (Felski, 1989), expõem as experiências e posicionamentos múltiplos marcados por um contexto de colonização, deslocamentos diaspóricos, além de, como visto, trazerem questões que envolvem raça/etnia, classe e gênero.

Mais uma vez, o papel essencial da escrita emerge: é nesse processo de criação das escritoras chicanas que elas ganham autoridade para conseguirem incluir, por meio de suas personagens, a história de sua cultura e língua, ou seja, do contexto histórico-cultural do seu povo de origem mexicana, a fim de obterem e firmarem seu reconhecimento no arranjo global do mundo. Isso se alinha de forma muito importante com a visão de abertura que trouxemos aqui, e que não pode mais retroceder, sobre as perspectivas em relação aos estudos teóricos das autobiografias das mulheres para o futuro, que têm expressado cada vez mais novas práticas que refletem as fronteiras fluidas, a fragmentação das subjetividades autobiográficas representadas pelas mulheres e a relacionalidade dos fatores envolvidos, tais como os de classe, raça/etnia, espaço, além do questionamento constante ao essencialismo de gênero e às construções culturais em torno das mulheres de outras etnias (não brancas).

5 AS AUTOBIOGRAFIAS DAS MULHERES CHICANAS DO SÉCULO XXI: “*Confessions of a Book Burner*” e “*A Dream Called Home*”

No capítulo anterior, examinamos as duas ficções autobiográficas do século XX, “*The House on Mango Street*” (1984) e “*The Last of the Menu Girls*” (1986), e seus pontos de convergência em relação à importância da escrita na vida das protagonistas e como ferramenta de audibilidade das mulheres chicanas, a qual cumpre o papel de retratar os fatores de gênero, de raça/etnia e de classe que as perpassam. A escrita utilizada, portanto, como estratégia das autoras chicanas contemporâneas Cisneros e Chávez para alcançar reconhecimento e valorização principalmente das chicanas/mexicanas-estadunidenses na sociedade global atual.

No presente capítulo, analisaremos as obras “*Confessions of a Book Burner*” (2014) e “*A Dream Called Home*” (2018), publicadas recentemente em nosso século XXI, e suas características que as possibilitam serem apontadas como autobiografias tecidas por mulheres não brancas (autoetnografias contemporâneas), com o intuito principal de verificar se, nesses textos autobiográficos representativos das mulheres chicanas, Corpi e Grande continuam dando enfoque ao papel da escrita de expressar os mesmos temas levantados pelas ficções autobiográficas do século XX, como a voz do coletivo por meio do eu autobiográfico, o machismo/patriarcalismo existentes na vida das mulheres chicanas, a denúncia da discriminação racial/étnica sofrida pelos chicanos e a herança linguística como meio de resistência e valorização desse grupo, entre outros.

Posteriormente à análise das referidas autobiografias, tocaremos também nos pontos em comum entre elas para tecermos, então, as considerações em torno do nosso objetivo nesta tese, que é examinar, como já mencionado, a existência ou não de correlações, enfoques e/ou mudanças nas proposições das escritas das autoras do século XXI em relação às do século XX, e examinar se essas autoras no século XXI continuam atribuindo relevância à escrita semelhante àquela dada pelas escritoras do século XX, sustentando a proposta levantada por essas últimas, as quais podemos ratificar que, por meio das suas estratégias narrativas de luta, foram precursoras no trabalho de (re)conhecimento e (re)afirmação das mulheres chicanas no cenário vigente.

5.1 LUCHA CORPI: A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA NAS CONFISSÕES DE UMA QUEIMADORA DE LIVROS

Em seu *memoir*, “*Confessions of a Book Burner*” (2016), Lucha Corpi, por meio de 12 ensaios narrados de forma não cronológica, disserta sobre sua vida pessoal, fazendo um relato autobiográfico que engloba memórias íntimas e familiares, da infância, juventude e vida adulta, perpassando paralelamente as memórias de sua herança cultural mexicana/chicana, e enfatizando a relevância da escrita em sua vida desde sua mais tenra idade até o seu amadurecimento.

Podemos afirmar, em linhas gerais, que a obra se adequa à concepção tradicional de autobiografia trazida por Lejeune (2008), ou seja, da narrativa em prosa em que uma pessoa real faz uma retrospectiva de sua história individual/personalidade. Ao longo da narrativa, Corpi evidencia, por meio de seus relatos, os acontecimentos pessoais que a marcaram diversas fases de sua vida. Ela expõe de forma muito forte, por exemplo, os pesadelos recorrentes que a acompanharam desde nova durante uma grande parte de sua jornada e o desenrolar em seu comportamento e perspectivas ao lidar com eles. Além disso, descreve seu relacionamento com sua família e seus parentes durante sua juventude no México, na cidade de Jaltipán, Vera Cruz, onde nasceu e passou um tempo de sua infância, e em San Luis Potosí, outra cidade mexicana para onde a família teve que se mudar em prol de uma melhor condição de vida. A autora destaca seu apreço pela avó paterna, *Abuelita* Nico, e o dom quase instintivo da anciã de contar histórias oralmente, o que, para nós leitores, fica evidenciado como um dos fatores que marcou a paixão de Corpi pela leitura/escrita de modo fundamental.

A escritora também expressa seu relacionamento amoroso com o pai e a relação mais distante com a figura materna. Segundo Corpi, apesar de os pais incentivarem sua educação formal, sua mãe preferia que a filha brincasse com bonecas ao invés de ler livros, repreendendo-a mais que o pai, o qual se mostrava menos rígido quanto à preferência da garota pela leitura. Ela revela o medo que sua mãe tinha de a filha não ser uma boa mãe no futuro, para os próprios filhos, devido ao fato de não gostar de brincar com bonecas.

No decorrer dos ensaios/capítulos, Corpi relata várias passagens e, de maneira não temporal, como já referido, os detalhes autobiográficos que marcaram sua trajetória. Fatos importantes como sua afeição pela escola desde o primeiro momento, aos quatro anos de idade, como acompanhante do irmão Víctor (que se recusava a ir sem ela), os eventos no ambiente escolar e seu interesse precoce pela poesia são salientados:

Durante a celebração da escola dos dias das mães daquele ano, eu recitei um poema sobre um jovem garoto cuja mãe havia morrido. [...] Em algum momento, eu estava ciente do silêncio não usual da plateia. Talvez ela não estivesse curtindo o poema porque eu não estava usando gestos manuais para manter o poema "vivo" para eles. Ainda assim, eu mantive minhas mãos cruzadas no peito até que eu terminasse a última linha. Então, eu realmente olhei para as pessoas. Elas estavam com os olhares fixados em mim com olhos lacrimejantes. De repente, elas começaram a bater palmas forte e cada vez mais forte. Impressionada pela resposta entusiasmada da plateia e pelos sentimentos intensos no poema, eu corri para o meu pai e me refugiei nos seus braços. Vinte e cinco anos mais tarde, já vivendo na Califórnia, e escrevendo meus próprios poemas, eu revivia aquela memória da infância em uma leitura de poesia a três mil milhas longe do meu país de origem (Corpi, 2014, pos. 473)¹⁸³.

A escritora pontua que é na escola, também, que se inicia a formação da sua personalidade, seu processo de observação do próximo e do sofrimento do outro, sentada no cantinho final da sala de aula, onde ela aprendeu, entre outras coisas, a ler e a escrever muito cedo. Em suas primeiras poesias recitadas nos eventos da escola, ela menciona a tendência de memorizar poemas patrióticos em espanhol, de poetas mexicanos e latino-americanos, além da intensidade de sentimentos com que já absorvia as palavras de cada linha.

Em “*The ASPCA’s most wanted: all creatures great, small and peewee*” (“Os animais mais desejados da Sociedade Americana para a Prevenção da Crueldade a Animais: todas as criaturas grandes, pequenas e pequeninas”), Corpi delinea o contraste tanto climático como cultural que enfrentou junto com a família durante sua infância/juventude, em suas respectivas moradas nas cidades de Jaltipán e San Luís, no México, além da apreciação crescente por animais domésticos, que se tornou um hábito cultivado com amor e passado mais tarde para seu filho Arturo. A autora também menciona em várias passagens como foi sua jornada em busca de sua carreira; a preferência desde cedo por ganhar livros ao invés de bonecas, sua escolha pela odontologia e o abandono desses estudos, por não se identificar com a área da saúde. Ela conta sobre seu encontro com a escrita por meio do casamento com Guillermo Hernández, sua mudança para os Estados Unidos ao se casar, a crescente identificação com a prática da escritura na Califórnia e sobre sua vida sofrida nesse território após o divórcio,

¹⁸³ No original: “*During the school’s celebration of Mother’s Day that year, I recited a poem about a young boy whose mother had died. [...] At some point, I was aware of the unusual silence in the audience. Perhaps they were not enjoying the poem because I wasn’t using hand gestures to keep the poem “alive” for them. Still, I kept my hands laced over my chest until I delivered the last line. Then, I really looked at people. They were staring at me with teary eyes. Suddenly, they began to clap hard then harder. Overwhelmed by the audience’s enthusiastic response and the intense feelings in the poem, I ran to my father and took refuge in his arms. Twenty-five years later, already living in California, and writing poems of my own, I would revisit that childhood memory at a poetry reading three thousand miles away from my hometown.*”

como imigrante, secretária e professora, ficando com a responsabilidade de criar seu filho sozinha.

Um aspecto muito marcante já apontado e que merece ser enfatizado, sobre o qual a autora discorre constantemente nos referidos ensaios de sua autobiografia é a recorrência dos pesadelos em sua vida. São muitas as reflexões sobre o significado deles, além da associação com seus sentimentos, memória e escrita:

[...] eu nunca tive nenhum pesadelo envolvendo o diabo, talvez porque eu tenha constatado que o diabo sussurrador realmente só existia no mundo das histórias da minha avó. Mas não as criaturas que me perseguiam nos meus pesadelos. Eu sentia mais do que sabia que eles poderiam me fazer mais mal do que qualquer pessoa má ou o diabo poderia fazer, porque eles viviam dentro da minha cabeça. Tentar esquecê-los era inútil. Isso me fez lembrar e ter mais medo do que nunca. Eu não queria saber meus pesadelos de cor, como os poemas que eu havia memorizado no terceiro ano ou os detalhes de um crime que eu havia lido no jornal de forma furtiva, os quais nunca me levaram a ter um sonho ruim (Corpi, 2014, pos. 1661)¹⁸⁴.

E em relação ao processo de rememoração, ao longo das suas linhas, Lucha Corpi tece observações sobre o que significa recontar, rememorar sua história, indo ao encontro da concepção de que o eu que narra não é mais o mesmo do que viveu os fatos; ele ressignifica (Santos; Torga, 2020), se reinventa e “seleciona”, mesmo que por um processo inconsciente, o que deseja contar:

Meu filho, Arturo, que é um neurocientista na Universidade de Houston, e eu geralmente conversamos sobre os processos da memória na aquisição e retenção das línguas, e o papel da lembrança na poesia e na contação de histórias também. Essas conversas e minhas próprias observações têm me ajudado a constatar que, contrariamente ao que eu havia pensado desde que eu era criança, a memória reside em todo lugar e em nenhum lugar na minha mente. Ligações são estabelecidas. Associações com outros eventos, pensamentos e experiências sensoriais estão constantemente sendo provocadas e reinterpretadas pela minha memória inconsciente. Algumas vezes o que eu sinto são somente os sentimentos ou as fortes emoções que as experiências negativas têm deixado em mim, e eu estou ciente de quanto mais facilmente e prontamente eu me lembro mais da dor do que da alegria na minha vida (Corpi, 2014, pos. 304)¹⁸⁵.

¹⁸⁴ No original: “[...] I never had any nightmares involving the devil, perhaps because I realized that the evil whisperer really existed only in the world of my grandmother’s stories. But not the creatures that pursued me in my nightmares. I sensed more than knew that they could do me more harm than any bad person or devil ever could, because they lived inside my head. Trying to forget them was useless. It made me remember and fear them even more. I didn’t want to learn my nightmares by heart, like the poems I’d memorized in the third grade or the details of a crime I’d furtively read in the newspaper, which never caused me to have a bad dream”.

¹⁸⁵ No original: “My son, Arturo, who is a neuroscientist at the University of Houston, and I have often talked about the processes of memory in acquisition and retention of languages, and the role of

Em outra passagem, quando Corpi menciona que

As histórias familiares que eu tenho contado aqui têm se tornado parte da consciência coletiva e da memória que eu compartilho com muitos outros. Eu também tenho aprendido que a memória não é um depósito onde memórias diferentes e distintas são ordenadamente empilhadas, codificadas por cor e etiquetadas por categoria, importância ou data. Elas não estão prontas para total relembração, para recuperação pela razão ou pela intuição em um dado momento. Com ainda mais certeza, eu agora sei que minhas memórias não constituem um filme quadro por quadro da minha vida na ordem sequencial (Corpi, 2014, pos. 313).¹⁸⁶

observamos também que a autora demonstra um pensamento que conversa com os pontos de vista dos autores expostos anteriormente no capítulo três, como Gusdorf (1990, 1991) e Arfuch (2010), de que as lembranças, as quais obedecem a uma ordem interior, surgem na memória dos indivíduos de modo desordenado, além de que as lacunas deixadas pela memória no processo de rememoração são preenchidas pela imaginação; ou seja, as lembranças são reinterpretadas e influenciadas pelo eu do presente, que não é mais o mesmo da vida que é retomada nas autobiografias/memórias. É de suma importância destacarmos a ênfase dada por Corpi ao papel da escrita em sua vida ao longo de suas linhas, inclusive detalhando e refletindo sobre o processo de leitura/escrita e como esse dom salvou sua jornada.

Quanto ao fato de “*Confessions of a Book Burner*” ser considerada um *memoir*, conforme já comentado, ratificamos aqui que essa autobiografia pode ser vista como um livro de memórias, uma vez que, apesar das motivações do eu íntimo de Corpi serem predominantes, não deixa de haver constantemente, ao longo da narrativa, uma ênfase contextualizada na comunidade e nos eventos dos quais essa subjetividade participa (Hervot, 2013).

remembrance in poetry and storytelling as well. These conversations and my own observations have helped me realize that, contrary to what I've thought since I was a child, memory resides everywhere and nowhere in my mind. Links are established. Associations with other events, thoughts and sensory experiences are constantly being triggered and reinterpreted by my unconscious memory. Sometimes what I sense are only the feelings or the strong emotions negative experiences have left in me, and I am aware of how much more easily and readily I remember the pain rather than the joy in my life”.

¹⁸⁶ No original: “*The familial stories I have told here have become part of the collective consciousness and memory I share with many others. I have also learned that memory is not a warehouse where different and distinct memories are neatly stacked, color-coded and tagged by category, importance or date. They are not ready for total recall, for retrieval by reason or by intuition at any given time. Most certainly, I now know that my memories do not constitute a frame-by-frame film of my life in sequential order”.*

Desse modo, chegamos então a um ponto que temos discutido e que é parte preponderante da nossa investigação, que é a relacionalidade presente na escrita autobiográfica das mulheres (não brancas) na contemporaneidade. Como referido por muitos autores e conforme expusemos sobre os estudos teóricos acerca das autobiografias dessas mulheres, a história delas carrega a história da sua comunidade/coletividade, ou seja, o eu autobiográfico dessas obras não pode ser desvincilhado do eu coletivo. Isso não é diferente na obra de Lucha Corpi; seu eu autobiográfico é mediador da voz do coletivo, sendo que, ao narrar sua história, é possível para nós leitores percebermos nela uma interdependência com seu grupo e a ênfase no *background* dos acontecimentos que vinham ocorrendo com os chicanos/mexicanos-estadunidenses. Podemos verificar, então, na escrita de Corpi, do mesmo modo que em outras autoras chicanas do século XX e XXI, a expressão dos fatores que perpassam seu grupo, ou seja, das questões étnicas/raciais, sexuais e de classe que envolvem tanto a protagonista como sua comunidade na sociedade dominante (Friedman, 1988).

Nas passagens em que narra seu papel de estudante e ativista, alguns recortes do Movimento Chicano pelos direitos civis e os acontecimentos com esse grupo no pano de fundo dos seus encontros e lutas pela afirmação de sua cultura chicana nos Estados Unidos vêm à tona pela voz de Corpi:

Durante e após o Movimento chicano nos anos setenta, eu fui solicitada muitas vezes a compartilhar meus poemas com um público nos festivais - flor-poema, canto-canto- onde muitos poetas chicanos/as e músicos performavam seus trabalhos [...]. O Clube Reno era um lugar onde as pessoas juntavam-se para celebrar a cultura chicana, ouvirem música, cantarem e dançarem, e a poesia se encaixava perfeitamente entre as outras artes culturais representantes (Corpi, 2014, pos. 477)¹⁸⁷.

Ao longo de muitos fragmentos, a escritora vai pincelando nomes importantes de sua cultura chicana e as circunstâncias que os envolviam, dando voz às tribulações e ao desenrolar do Movimento que os chicanos organizavam no território dominante:

Aquela noite, Ricardo Sánchez, um poeta chicano bem conhecido do Texas, havia se juntado ao grupo de artistas não convidados e não anunciados. Se ele somente desejasse ler sua poesia, não teria havido nenhum problema, mas quando eu perguntei, alguém me disse que Ricardo queria mostrar um filme, e José Montoya tentava apontar que o programa havia sido finalizado e havia

¹⁸⁷ No original: “*During and after the Chicano Movement in the 1970s, I was asked many times to share my poems with an audience at Floricanto Festivals—flor-poem, canto-song—where many Chicano/a poets and musicians performed their work [...]. The Reno Club was a place where people gathered to celebrate Chicano culture, listen to music, sing and dance, and poetry fit perfectly among the other performing cultural arts.*”

muitos poetas lendo aquela noite. Ricardo não havia feito nenhuma preparação prévia, mas ele insistiu, e discussões afloraram a alguns decibéis e num vai e vem quando outros se juntaram no cabo-de-guerra (Corpi, 2014, pos. 490)¹⁸⁸.

Em várias partes dos ensaios, a autobiógrafa conta sobre seus encontros com outros(as) chicanos(as) escritores(as) e sua trajetória junto com os mesmos para se autodefinirem nos Estados Unidos, especialmente em relação à escrita de suas histórias. Em um de seus encontros com Ricardo Sánchez, ela relata: "[...] nós passamos três horas juntos e trocamos histórias sobre o movimento, poesia, Santo Antônio frente a frente com a baía de São Francisco, Califórnia e Texas, música clássica e mexicana e minha história como uma imigrante" (Corpi, 2014, pos. 520).¹⁸⁹ Na passagem em que reflete sobre as razões pelas quais as chicanas não escrevem ficção detetivesca, Corpi expõe a visão dessa coletividade chicana (mulheres) que faz parte de sua época, iniciando com uma das conversas que trava com Cisneros, a qual comenta sobre os romances misteriosos: "Eu não li nenhum de seus romances, porque eu não gosto de ler esse tipo de romance" (Corpi, 2014, pos.796).¹⁹⁰ Corpi vai pontuando dessa forma os vários motivos alegados por essa coletividade de não produzirem muitos romances envolvendo esse gênero criminal, o que a leva a constatar que as mulheres chicanas não escrevem esse tipo de ficção justamente porque não o leem. Esta é uma forma que a autora também demonstra de mediar a voz do seu grupo/coletivo chicano, ao expressar o que ocorria no meio literário deles.

Testemunhamos, dessa maneira, uma escrita autobiográfica com características comuns, o que podemos associar aos apontamentos de Arfuch (2010) sobre o papel dessas novas narrativas étnicas, culturais e religiosas de revalorizarem as concepções das minorias. Conforme já explicado, por meio das vidas narradas das autoras, o que evidenciamos é a representação e a compreensão dessas protagonistas chicanas como um "nós", demonstrando um ideal de comunidade étnica e uma diversidade de perspectivas que caracterizam essas escritas e que dão audibilidade às mulheres chicanas.

¹⁸⁸ No original: "*That night, Ricardo Sánchez, a well-known Chicano poet from Texas, had joined the group of performers uninvited and unannounced. Had he simply wanted to read his poetry, there would have been no problem, but when I asked, someone told me Ricardo wanted to show a film, and José Montoya tried to point out that the program had been finalized and there were many poets reading that night. Ricardo had made no previous arrangements, but he insisted, and arguments went up a few decibels and back and forth when others joined in the tug-of-war*".

¹⁸⁹ No original: "[...] *we spent three hours together and exchanged stories about the movement, poetry, San Antonio vis-a-vis San Francisco Bay Area, California and Texas, classical and Mexican music and my story as an immigrant*".

¹⁹⁰ No original: "*I haven't read any of your novels, because I don't like reading that kind of novel*".

“*Confessions*”, portanto, pode ser caracterizada como esse tipo de autobiografia étnica (Goldman, 1995), que consiste em um testemunho autobiográfico que retrata, além de suas experiências, as de seu grupo também, revisitando suas histórias e as múltiplas variáveis que as envolvem, como gênero, raça/etnia, classe, entre outras, e diferenciando-se, assim, da concepção individual da autobiografia tradicional. Em sua reflexão sobre pertencer ao grupo de imigrantes, por exemplo, Corpi pontua os fatores envolvidos:

Migração e assimilação em uma outra cultura é um processo fluido, como as águas de um delta ou estuário alimentado por duas correntes que apesar de distintas, senão opostas, poderosas. Não importa o país de origem ou adoção, todos nós imigrantes pelo resto de nossas vidas temos que lidar com duas culturas e aprender a sentir e pensar em seus respectivos sistemas linguísticos. Alguns princípios biculturais compartilhados comumente florescem. Rituais diários, costumes sociais, práticas familiares e papéis de gênero requerem revisão constante e renegociação. Crenças políticas e religiosas, mesmo quando compartilhadas por ambos os sistemas socioculturais, geralmente tornam-se mais controversas que conciliatórias na prática (Corpi, 2014, pos. 2095).¹⁹¹

O texto de Lucha Corpi também constitui um instrumento de denúncia da segregação racial que circunda a coletividade chicana, além de ser porta voz da herança linguística e das tradições mexicanas vivenciadas por esse povo nos Estados Unidos. No ensaio “*Colorlines: the kiss Ed Olmos owes me*” (“Linhas de cor”: o beijo que Ed Olmos me deve”), ao narrar o comportamento do seu ídolo, o ator de ascendência mexicana Edward James Olmos, em relação a ela num encontro de fãs, no qual Olmos recusa a cumprimentá-la com um beijo, como o faz com outras mulheres lá presentes, Corpi expõe sua indagação de muito tempo acerca do motivo pelo qual Olmos não a havia beijado. Posteriormente, em outra parte da história, a escritora trava uma discussão interna sobre a questão de raça/etnia e de cor, constatando que sua cor mais clara foi a razão pela qual Olmos recusara o beijo; por não a considerar uma chicana como eles. Sendo assim, ela retrata a discriminação muitas vezes vinda dos próprios chicanos(as), lamentando essa condição.

Corpi então demonstra seu aborrecimento e decepção pelo fato de a cor de sua pele mais clara (que não atestava para eles, no caso, que ela apresentava origem mexicana), ou

¹⁹¹ No original: “*Migration to and assimilation into another culture is a fluid process, like the waters of a delta or estuary fed by two powerful yet distinct, if not opposite, currents. No matter the country of origin or adoption, all of us immigrants for the rest of our lives have to straddle two cultures and learn to feel and think in their respective linguistic systems. Some commonly shared bicultural principles and values thrive. Daily rituals, social customs, family practices and gender roles require constant revision and re-negotiating. Religious and political beliefs, even when shared by both sociocultural systems, often become adversarial more than conciliatory in practice*”.

seja, sua aparência não chicana, ser motivo de não ser vista como tal, e assim ser julgada pelos outros como diferente, principalmente pelo seu grupo, vindo esse detalhe até mesmo a superar o trabalho que realizava como escritora e poeta; além de que também não levavam em conta sua bagagem bilíngue e bicultural. Essa experiência da escritora demonstra, conforme já comentado, que os próprios chicanos apresentavam preconceito entre eles, o que pode ser examinado em mais de uma passagem em que a autora escreve sobre encontros com outros chicanos(as) nos eventos:

Por outro lado, alguns dos poetas mexicanos e escritores naquela mesma Conferência na Cidade Juárez questionaram minhas razões por me identificar como uma escritora e poeta chicana. “Você não é um deles. Você não se parece com eles, escreve como eles ou fala como eles” [...] Meus romances de mistério têm como pano de fundo o Movimento Chicano pelos direitos civis e a presença sociopolítica e cultural indelével dos Mexicanos na Califórnia e no Sudoeste. Nas entrelinhas dos comentários deles havia a presunção não mencionada de que, pela escrita sobre nossa história e cultura, eu estava usurpando um direito ou privilégio conferido somente àqueles Mexicanos nascidos e criados nos bairros do sudoeste dos Estados Unidos. No sul da fronteira, era uma história diferente. Apesar de muitos Mexicanos de classe média e classe profissional aceitarem sua mestiçagem, eles ansiavam por serem aceitos pelos europeus e desprezavam sua herança mexicana nativa. “O México é uma nação moderna. Por que os chicanos insistem em escrever sobre os Astecas e Maias e uma revolução de camponeses? Isso é passado” (Corpi, 2014, pos. 1451).¹⁹²

Nesse excerto, temos mais uma vez a voz do coletivo vinda por meio de Lucha Corpi. No caso, além de na própria autobiografia relatar as atitudes e condições de muitos chicanos(as) no território estadunidense, Corpi reafirma a importância da presença do contexto histórico mexicano/chicano na tessitura das outras obras de sua autoria, o que nos remete às características analisadas por Kaplan (1992) sobre os textos autobiográficos das autoras contemporâneas, que constituem discursos nos quais a localização política muitas vezes é mais salientada que a autoria individual das mulheres.

¹⁹² No original: “*On the other hand, some of the Mexican poets and writers at that same Conference in Ciudad Juárez questioned my reasons for identifying as a Chicana poet and writer. ‘You’re not one of them. You don’t look like them, write like them or speak like them.’ [...] My mystery novels have as historical background the Chicano Civil Rights Movement and the indelible cultural and sociopolitical presence of Mexicans in California and the Southwest. Underlining their comments was the unspoken presumption that, by writing about our history and culture, I was usurping a right or privilege conferred only to those Mexicans born and raised in the barrios of southwest USA. South of the border, it was a different story. Although many middle-class and professional-class Mexicans accepted their mestizaje, they yearned to be accepted by Europeans and disregarded their Native Mexican heritage. ‘Mexico is a modern nation. Why do you Chicanos insist on writing about the Aztecs and Mayas and a peasant revolution? That’s the past.’*”

Do mesmo modo, a autora expõe a discriminação dos estadunidenses em relação aos mexicanos-estadunidenses nos momentos em que menciona um pouco do que viveu durante o movimento civil dos chicanos:

Eu havia me juntado ao Movimento Chicano, convencida de que os mexicanos-americanos eram discriminados quase inteiramente por causa da sua cor escura, mesmo que nós sejamos considerados "Caucasianos". A cultura e língua mexicana estavam constantemente sob vigília nos Estados Unidos. Acesso às instituições que tornaria possível aos chicanos serem bem-sucedidos de forma igual aos Americanos descendentes de Europeus era constantemente negado. O racismo trouxe com ele mesmo uma horda de doenças sociais, com a injustiça e a conseqüente violência no topo da lista, e com mulheres e suas crianças pagando o preço. Alguns homens anglo-americanos não viam problema em se casarem com mulheres Mexicanas de pele escura. Mas a atitude deles em relação aos mexicanos nos bairros nos EUA não mudou suficientemente para tolerar, muito menos, abraçar a família de suas esposas, sua cultura ou música. Eles não se preocupavam em aprender sua língua ou lutar pelos direitos iguais para os mexicanos-americanos em geral (Corpi, 2014, pos. 1474)¹⁹³.

No tocante à herança linguística, Corpi, em muitos momentos, disserta tanto sobre a realidade envolvendo a língua espanhola e suas variantes em seu território de origem, o México, como a vivência que experimenta nos Estados Unidos como imigrante e seu comportamento e adaptação em relação ao inglês. Ela relata a existência de dialetos e o caráter multilingual da sua cidade natal, Jaltipán. Além disso, há a inserção em várias partes de seu texto (em inglês) de palavras características de sua cultura, além de a autora também exprimir o valor que o espanhol (sua língua de origem) apresenta em sua escrita nos momentos cruciais de sua história:

Meu coração órfão bateu como um tambor distante dentro de mim. Os ritmos dele eram as cadências do espanhol-língua do meu pai, a língua da minha música e para sempre a língua da minha poesia. Era a reverência daquela

¹⁹³ No original: “*I had joined the Chicano Movement, convinced that Mexican Americans were discriminated against almost entirely because of their dark skin, even though we were considered “Caucasians.” Mexican culture and language were constantly under siege in the United States. Access to the institutions that would make it possible for Chicanos to succeed equally well as Americans of European descent was constantly denied. Racism brought with it a horde of social ills, with injustice and consequent violence topping the list, and with women and their children paying the price. Some Anglo-American men had no trouble marrying dark-skinned Mexican women. But their attitude toward Mexicans in the U.S. barrios did not change enough to tolerate, let alone, embrace, their spouses’ people, their culture or music. They didn’t bother to learn their language or fight for equal rights for Mexican Americans in general*”.

língua que o público no Clube Reno e eu dividimos aquela noite, trinta e alguns anos atrás (Corpi, 2014, pos. 507)¹⁹⁴.

Quanto ao inglês, a escritora aponta a dificuldade em se adaptar àquela língua desde sua chegada no território estadunidense, enfatizando principalmente como esta dificuldade se salientava ainda mais nos períodos de crise que enfrentou, sentindo um não pertencimento a tal língua e cultura:

O silêncio me proveu com a oportunidade de descobrir em mim mesma a força para enfrentar os muitos problemas que me confrontaram depois do meu divórcio, e reunir a determinação de forjar uma nova vida em um novo país, falando em uma língua que até hoje ainda deixa o gosto que restou de sal e mágoa em minha língua. Minha timidez e invisibilidade auto-imposta, associadas com minha inabilidade de ter uma conversa, pareciam afastar as pessoas (Corpi, 2014, pos. 1314)¹⁹⁵.

Foi após um ano vivendo na Califórnia que Corpi declara ter começado a pensar e a sonhar em inglês, o que significava, de alguma forma, em suas palavras, um desbloqueio com a língua e uma esperança em aprendê-la de forma melhor. A chicana acaba confirmando que daí em diante sentiu mais a internalização do inglês, que passou a ser considerado sua segunda língua, sendo que posteriormente se realizou lecionando-o como segunda língua para imigrantes que chegavam nos Estados Unidos. Em algumas partes, porém, ela deixa escapar seu estranhamento quanto ao inglês, mencionando a ligação intrínseca entre língua e cultura, as quais não podem ser analisadas de forma separada:

Eu achei esse costume de reducionismo de nome/palavra intrigante, como eu acho atualmente vendo a transformação de palavras como técnico em tec, tecnológico em tecno ou um presidente em um Pres, sem falar de usos do Google como um verbo. De volta lá em 1964-65, eu não sabia inglês bem o suficiente para pedir alguém para esclarecer minhas dúvidas. Para a maior parte dos falantes de inglês monolíngues, minhas perguntas não iriam fazer nenhum sentido e eles provavelmente teriam desconsiderado minhas indagações como de uma tola que não sabia falar inglês. Por comparação e contraste dos usos e práticas na vida diária, essas idiossincrasias linguísticas em qualquer cultura se tornam mais evidentes para aprendizes da segunda

¹⁹⁴ No original: “*My orphaned heart beat like a distant drum inside me. Its rhythms were the cadences of Spanish—my father’s language, the language of my music and forever the language of my poetry. It was the reverence for that language that the audience in the Reno Club and I shared that night, thirty-some years ago*”.

¹⁹⁵ No original: “*Silence provided me with the opportunity to find in myself the strength to face the many problems that confronted me after my divorce, and to muster up the determination to forge a new life in a new country, speaking in a language that to this day still leaves the aftertaste of salt and grief on my tongue. My timidity and self-imposed invisibility, coupled with my inability to make small talk, seemed to turn people off*”.

língua, mas a relação íntima entre cultura e língua é inegável em qualquer lugar no mundo (Corpi, 2014, pos. 2542)¹⁹⁶.

Apesar de explicar que a escrita de sua poesia em espanhol não apresentava um cunho político e de protesto, podemos inferir que mesmo não significando resistência de forma ostensiva, a escolha pelo espanhol na tessitura da linguagem poética de suas obras não deixa de demonstrar a valorização da sua cultura e de sua língua de origem no que diz respeito ao trabalho de expressão mais subjetiva, a preferência por essa língua: “Minha voz narrativa em inglês não havia interferido na minha voz lírica em espanhol, e assim então eu era capaz de escrever ambas poesia e história, cada uma em seus mundos separados” (Corpi, 2014, pos. 1890)¹⁹⁷. Esse transitar de Corpi nas duas línguas em suas diferentes escritas, poesia e prosa narrativa, conversa com a visão de Anzaldúa (2007) sobre a mistura de línguas e a experiência de viver nesse espaço fronteiriço enfrentado pelo povo chicano.

A narradora também deixa clara a importância do espanhol na formação do filho, fazendo questão que Arturo tivesse a convivência com sua família no México e que passasse uma jornada no lugar de origem dos pais para consolidar sua aprendizagem da referida língua, para que não esquecesse de suas raízes socioculturais mexicanas, mesmo sendo um cidadão estadunidense. Ela própria esclarece o significado de seu nome, Luz del Carmen (“Luz de Carmem”), escolhido de acordo com as tradições mexicanas e devoção religiosa da mãe, afirmando que após o divórcio, apesar de muita dificuldade de compreensão do seu nome pelos estadunidenses em geral, ela acabou adotando “Lucha Corpi” como seu nome público. Esse nome, o qual remete à palavra “luta” em sua língua de origem e ao sobrenome mexicano de seu pai, “Corpi” (“Corpo”), passou então a ser o escolhido para marcar sua autoria.

Pelas linhas da referida autobiografia, da mesma forma, nós leitores temos conhecimento das tradições e do patriarcalismo/machismo mexicanos. Corpi vai expondo as características e os pormenores de sua cultura ao longo do texto, como a tradicional contação de histórias orais, prática comum nas famílias mexicanas em Jaltipán, destacando em sua família a *abuelita* Nicolasa como contadora por excelência. Os hábitos católicos também são

¹⁹⁶ No original: “*I found this custom of name/word reductionism intriguing, as I do nowadays seeing the transformation of words like technician into tech, technological into techno or a president into a Prez, let alone uses like Google as a verb. Back in 1964-65, I didn't know English well-enough to ask anyone for clarification. To most monolingual English-speakers, my questions might not have made any sense and they would have probably dismissed my queries as a non-English-speaker's nonsense. By comparison and contrast of uses and practices in daily life, these linguistic idiosyncrasies in any culture become more evident to second-language learners, but the intimate relationship between culture and language is undeniable anywhere in the world.*”

¹⁹⁷ No original: “*My narrative voice in English had not interfered with the lyrical voice in Spanish, and thus far I had been able to write both poetry and story, each in their separate worlds.*”

descritos, assim como o seguimento dos mesmos pelas famílias no México. A autora declara em alguns pontos que desde cedo iniciou seus questionamentos sobre alguns preceitos daqueles que estavam envolvidos com a igreja católica, abandonando então a prática familiar de frequentar as missas assiduamente. Ao narrar uma conversa com um padre, ela revela que o sacerdote a alerta sobre a importância de reprimir sua sabedoria para que esta não a levasse à infelicidade: "Já era tarde para o alerta. Eu já havia começado a questionar algumas das práticas e crenças da Igreja Católica, e, em dois anos, eu pararia por minha própria vontade de ir à igreja" (Corpi, 2014, pos. 2056)¹⁹⁸. Em ainda outro momento, ela expõe que uma das razões para ter escolhido permanecer nos Estados Unidos e criar seu filho sozinha foi a forte influência do conservadorismo católico no México, que provavelmente iria julgá-los: "Eu lutei com os prós e contras de voltar para casa, para o México, um país noventa e nove por cento católico naquele tempo, onde uma mulher divorciada era um rasgo irreparável no tecido social [...]" (Corpi, 2014, pos. 2091)¹⁹⁹.

É também pela voz de Corpi que passamos a conhecer mais um pouco sobre a história de *La Malinche*²⁰⁰ e as perspectivas dos mexicanos(as)/chicanos(as) em relação a esse mito da sua cultura. Desde a primeira vez em que toca no nome dessa figura mítica na narrativa, a autora aponta a relevância de estudar sobre ela e como muitos mexicanos(as) desconsideravam essa parte importante de sua história:

Depois que eu disse a Juvenal, um jovem poeta da Cidade do México vivendo em Berkeley, que eu estava pesquisando sobre a vida de Malinche, a mulher que serviu de intérprete de Hernán Cortés na conquista do México e a figura dominante no meu romance de mistério, o Guarda-roupa da Viúva Negra, ele comentou, "E aí você vai outra vez com Malinche - lá vai você de novo, conversando sobre A Malinche - por que ela é tão importante para as chicanas?" Minha resposta foi todas as vezes simples: "Conhecer toda sua história é o primeiro passo para autodefinição, definição, tanto para nações dentro de nações como para os indivíduos nelas" (Corpi, 2014, pos. 1460).²⁰¹

¹⁹⁸ No original: "It was too late for the warning. I had already begun to question some of the Catholic Church's practices and beliefs, and in two years, I would, of my own volition, stop going to church".

¹⁹⁹ No original: "I wrestled with the pros and cons of going back home, to Mexico, a ninety-nine-percent Catholic country at the time, where a divorced woman was an irreparable tear in the social fabric [...]"

²⁰⁰ A simbologia de *La Malinche* para os mexicanos já foi explicada no capítulo 2 desta tese.

²⁰¹ No original: "After I told Juvenal, a young poet friend from Mexico City living in Berkeley, that I was researching the life of Malinche, the woman who served Hernán Cortés as interpreter in the conquest of Mexico and the dominant figure in my mystery novel, *Black Widow's Wardrobe*, he remarked, 'Y ahí vas otra vez con Malinche—there you go again, talking about La Malinche—why is she so important to Chicanas?' My answer was simple every time: 'Knowing all of your history is the first step to self-definition, definition, for nations within nations as for the individuals in them'."

Corpi descreve sua jornada em busca de informações sobre *Malinche*, permitindo-nos conhecer a história dessa mulher a partir da concepção feminista da autora, contribuindo para a redefinição das mulheres precursoras que foram tão estigmatizadas pelos discursos oficiais, assim como reafirmando o que a crítica literária tem observado nas estratégias da escrita das mulheres chicanas, de procederem à revisitação e releitura dos mitos de sua cultura. Como postulado por Smith e Watson (1998), por meio da apropriação de um novo espaço literário de resistência, as autobiógrafas latinas estão tendo a possibilidade de afirmar sua identidade mestiça e as contradições das suas múltiplas identidades, expondo noções alternativas de subjetividade e permitindo então a reformulação de paradigmas por meio dessa escrita política de resistência.

A voz de Corpi ecoa também os traços patriarcais/machistas da cultura mexicana em vários momentos da narrativa, especialmente por meio do comportamento de seus familiares em relação aos ditames patriarcais dessa cultura. A começar pelas histórias do avô El Chato Constantino e o quanto seu machismo afetou a criação de sua mãe, Victoria. Conforme relatado pela mãe de Corpi, o patriarca ficou viúvo cedo, deixando os filhos de lado, principalmente no que dizia respeito ao suporte emocional, e quando resolveu procurar novamente a mãe da protagonista foi para que ela o ajudasse na criação dos seus meio-irmãos do segundo casamento dele. Devido às atitudes de seu avô materno, El Chato, Corpi reafirma o sentimento que a mãe carregou pela vida inteira: “Exceto pela devoção e amor do meu pai, nada mais parecia suficiente para preencher aquele vazio emocional no coração órfão da minha mãe” (Corpi, 2014, pos. 284)²⁰². Por sua vez, apesar de tudo, a mãe de Corpi não deixou de carregar e passar o machismo para os seus filhos, revelado em alguns momentos pela personagem, quando a mãe ditava, por exemplo, que alguns lugares eram proibidos para meninas:

Minha mãe havia me alertado que mulheres - incluindo garotinhas - eram proibidas de irem a estabelecimentos como o Quatro Canas; coisas terríveis aconteceriam a qualquer mulher que fosse. Então, eu não me atrevia a entrar no bar, mas o alerta da minha mãe não fez menção nenhuma aos garotos. Era óbvio que jovens garotos eram livres para correr por aí sem camisa em dias muito quentes (Corpi, 2014, pos. 379).²⁰³

²⁰² No original: “*Except for my father’s devotion and love, nothing else seemed to be enough to fill that emotional void in my mom’s orphaned heart.*”

²⁰³ No original: “*My mother had warned that women—including little girls—were forbidden from going into establishments such as the Cuatro Cañas; terrible things would befall any female who did. So, I did not dare to go inside the bar, but my mother’s warning made no mention of boys. It was obvious that young boys were free to run around without T-shirts on very hot days.*”

O papel relegado às mulheres pelo patriarcalismo mexicano é apontado pelas palavras da escritora, que conta que a educação das mulheres geralmente era considerada uma perda de tempo, visto que as mulheres não possuíam condições de seguir e investir em uma carreira profissional pelo fato de deverem primordialmente permanecer em casa para se dedicarem à família. A escritora ressalta que seus pais fizeram questão de educá-la e de lhe ofertarem conhecimento formal, porém somente com o intuito de que ela servisse à sua família no futuro.

Em outros episódios, Corpi segue nos confirmando que os traços machistas vez ou outra estavam presentes na herança do discurso dos pais, como quando, já nos Estados Unidos, divorciada, ao visitar sua mãe no México, reflete sobre as lamentações da matriarca de que a filha poderia ter tido um melhor destino se tivesse optado por ser “uma dentista rica e mulher casada feliz no México” (Corpi, 2014, pos. 663)²⁰⁴ do que uma chicana divorciada e uma pobre professora escritora nos Estados Unidos.

De forma semelhante a outras escritoras chicanas contemporâneas, portanto, ao expressar os comportamentos e concepções machistas ao seu redor, Corpi mais uma vez aponta os fatos que refletiam o pensamento de sua cultura, fazendo também uma crítica ao modelo patriarcal mexicano em vigor e, ao mesmo tempo, por meio de suas atitudes e escolhas, demonstrando estar seguindo um modelo feminino mais emancipatório.

Quanto à investigação da obra de Lucha Corpi ter a possibilidade de ser considerada um *Bildungsroman* feminino contemporâneo, como percebido nas ficções autobiográficas de Cisneros e Chávez, podemos argumentar que a presente autobiografia aproxima-se das características de um *Bildungsroman* feminino por diversas razões, uma vez que o gênero *Bildungsroman*, principalmente após os anos 1970, tem passado por desdobramentos, além de várias problematizações teóricas e terminológicas, a fim de se adaptar e incorporar novas realidades sócio-históricas, especialmente as das mulheres (Galbianti, 2011). Primeiramente, apesar de a concepção de autobiografia estar pautada na sinceridade do(a) autor(a), sabemos que, devido ao distanciamento das lembranças em relação aos fatos ocorridos, não podemos deixar de considerar o conteúdo ficcional presente nessas obras (Rauen, 2019). Além disso, quanto ao romance de formação, o próprio Lejeune, sob a perspectiva dos moldes contemporâneos, já considerava esse tipo de romance (*Bildungsroman*) como escritas de si, ou seja, na instância do que são considerados textos autobiográficos.

No mais, podemos encontrar diversas características que também aproximam a autobiografia de Corpi de um *Bildungsroman*, como o processo de formação da protagonista,

²⁰⁴ No original: “a rich dentist and a happily married woman”.

o qual abrange seu autoconhecimento, amadurecimento e desenvolvimento pessoal, permeado pelos conflitos e pelas contínuas situações de aprendizagem que ela enfrenta. Testemunhamos esses traços ao longo dessa narrativa não linear, na qual Corpi busca conhecer a si própria por meio de muita reflexão acerca dos seus dilemas pessoais, ou seja, sua conscientização da diferença e de sua posição como sujeito no mundo.

O que podemos observar é que nessas narrativas de formação feminina contemporâneas, de acordo com Galbiati (2011), a imagem da mulher, a sexualidade e seu papel social encontram-se em constante questionamento. Mesmo ao relatar algumas superações e o alcance do seu status satisfatório de escritora no “final” da obra, Corpi deixa bem claro para os leitores que suas indagações e lutas permanecerão, resvalando tanto em sua vida individual como na sua vida junto à comunidade com a qual se identifica dentro da sociedade estadunidense. Outro ponto é que, à maneira das duas ficções autobiográficas anteriormente analisadas, conforme já explicitado neste texto, esse processo de formação da identidade e reflexão da personagem é não linear, de incessante (re)construção, não resultando no estabelecimento de uma identidade pronta no final da história.

Antes de encerrarmos esta análise de “*Confessions*”, retomemos algumas considerações sobre a escrita propriamente dita, fator fulcral dessa narrativa, visto que a autobiógrafa destaca constantemente a preponderância desse dom em sua vida, além de constituir obviamente a ferramenta que permite a nós leitores tomarmos ciência dos acontecimentos da jornada da escritora e da realidade do seu povo nos Estados Unidos. Podemos afirmar, inclusive, que essa autobiografia atribui muita ênfase à escrita, no sentido de a própria escrita autobiográfica de Lucha Corpi discorrer sobre suas obras de poesia e de prosa produzidas ao longo do seu percurso. A autora faz questão em quase todos os momentos de, pelo uso da própria escrita, apontar o sentido vital que o ato de escrever possui em sua vida.

Desde as linhas iniciais de “*Remembrance, Poetry and Storytelling*” (“Lembrança, Poesia e Contação de história”), seu primeiro ensaio, Corpi já começa traçando reflexões sobre a memória, a escrita e o poderoso papel da contação de histórias em seu caminho. Ela relata sua afeição pelo ambiente escolar, pelos poemas e textos quando ainda criança. Se observarmos bem, os momentos mais importantes de sua vida estão de alguma forma relacionados com a escrita: a descoberta do prazer que a leitura e a escrita de poesia lhe trariam (além de contribuírem mais tarde para manter a tradição literária latino-americana) e a oportunidade do casamento e ida para os Estados Unidos, os quais lhe trouxeram o encontro com o seu dom de escrever. A partir daí, foi por meio da escrita que a autora pôde se

aproximar dos chicanos e chicanas ao seu redor e participar do Movimento pelos direitos civis desse grupo.

Na parte em que menciona que as palavras podem nos ajudar a “transcender nossas vidas individuais” (Corpi, 2014, pos. 533)²⁰⁵, Corpi reafirma sua voz mediadora do seu grupo chicano, possibilitada pela escrita; sua escrita autobiográfica é necessariamente marcada e constituída pelos acontecimentos coletivos pelos quais os(as) chicanos(as) passavam, o que nos remete ao seu caráter etnográfico contemporâneo, dissertado anteriormente. Conforme temos investigado, então, reiteramos o papel da escrita em expressar não só os períodos de solidão e tristeza na vida da escritora, como os aprendizados íntimos e sentimentos maternos pelos quais passou, mas, do mesmo modo, as vicissitudes e contradições da comunidade dessa chicana: “Escrever poesia havia me possibilitado me mover além do pessoal e transcender meus dilemas e vicissitudes no processo” (Corpi, 2014, pos. 1530).²⁰⁶

Vale acrescentar mais uma vez que os pontos que percorremos, como o papel da coletividade na vida da autora, a discriminação étnica/racial proveniente de ambos os lados (estadunidenses e mexicanos), as condições da herança linguística, as características do machismo/patriarcalismo, só foram possíveis de serem analisados por meio da tessitura dessa narrativa, que teve a escrita (autobiográfica) como ferramenta de denúncia dessas questões que atravessam as vidas dos(as) chicanos(as).

Ao se referir ao episódio com o ator Olmos, por exemplo, a partir de quem foi representado o preconceito dos próprios chicanos em relação aos que não eram como eles, Corpi constata que é somente pela escrita que tem a possibilidade de sentir a completude de lutar pelos seus direitos e do seu grupo:

Meus livros acabaram sendo como um presente para o que Ed Olmos inadvertidamente fez comigo, valeu mais que um mero beijo. Seu comportamento em relação a mim me forçou a aceitar a minha realidade como uma poeta e escritora e reafirmou meu desejo de escrever sobre qualquer coisa que eu escolhesse, independentemente da cor da minha pele. Eu ganhei novamente meu senso de mim mesma como uma mexicana e uma chicana bicultural bilíngue, abraçando novamente no processo quem e tudo que eu sou - nenhum pretexto, nenhuma explicação e nenhum arrependimento (Corpi, 2014, pos. 1178).²⁰⁷

²⁰⁵ No original: “*transcend our individual lives*”.

²⁰⁶ No original: “*Writing poetry made it possible for me to move beyond the personal and to transcend my predicaments and vicissitudes in the process*”.

²⁰⁷ No original: “*My books were meant as a gift for what Ed Olmos inadvertently did for me, worth more than a mere kiss. His behavior toward me forced me to accept my reality as a poet and writer and to reaffirm my right to write about anything I chose, regardless of the color of my skin. I regained*

Em alguns fragmentos, fica ainda mais esclarecedora a importante dimensão da escrita na vida de Corpi, literalmente; nos momentos em que escreve falando das suas obras, especialmente dos seus romances detetivescos, a autobiógrafa deixa clara sua intenção de encontrar na escrita alguma forma de lutar pelas injustiças (como aprendido com a avó), como quando denuncia a situação das pessoas de outras etnias (não brancas) no sistema:

A ficção criminal das chicanas/chicanos serve em alguns casos como o melhor veículo para explorar muitos desses assuntos de uma maneira direta, apesar de algumas vezes chocante. Ela reflete a realidade das pessoas comuns, como nós, que se acham no meio do combate, violência e injustiça, para o que talvez elas tenham se tornado desatentas, ou que elas se sentem impotentes para mudar. Guiada pelo compasso ético-moral do detetive, a ficção criminosa oferece uma forma de se engajar emocionalmente e trabalhar por meio daqueles dilemas éticos-morais. No processo, nossa percepção do mundo sobre nós muda, e a possibilidade de obter justiça para nós mesmas, como para os outros, se torna um objetivo mais consistente (Corpi, 2014, pos. 757).²⁰⁸

Assim, ao aludir à famosa detetive do seu gênero criminal, Gloria Damasco (que, a propósito, “conversa” com a autora por meio de seus sonhos), Corpi afirma que sua avó paterna ficaria feliz e orgulhosa em saber sobre seu dom de escrever, relacionado à justiça, expondo uma vez mais a função mediadora da escrita. Gloria Damasco, “*the first Chicana detective in U.S. literature*” (“a primeira detetive chicana na literatura estadunidense”) (Corpi, 2014, pos. 779), é uma personagem que acompanha Corpi em vários dos seus romances criminais, e que se aproxima do seu *alter ego*²⁰⁹, uma vez que “dá as respostas” que essa escritora precisa, por meio de seus sonhos, sobre o desvendar e o desembolar dos mistérios dos seus romances detetivescos. Após os sonhos, Corpi passa essa espécie de epifania para o

my sense of self as a bilingual bicultural Mexicana and a Chicana, embracing again in the process who and all of what I am—no pretexts, no explanations and no regrets”.

²⁰⁸ No original: “*Chicana/Chicano crime fiction offers in some cases the best vehicle to explore many of these subjects in a direct, although sometimes shocking, manner. It reflects the reality of ordinary people, like us, who find themselves in the midst of strife, violence and injustice, to which they have perhaps become oblivious, or that they feel powerless to change. Guided by the detective’s moral-ethical compass, crime fiction offers a way to engage emotionally and work through those moral-ethical dilemmas. In the process, our perception of the world about us changes, and the possibility of obtaining justice for ourselves, as for others, becomes a more tenable objective”.*

²⁰⁹ Na literatura, descrevemos o *alter ego* como um “outro eu”, ou seja, uma personalidade alternativa de alguém. Trata-se, portanto, de uma identidade oculta de uma pessoa fictícia, ou, ainda, um artifício usado pelos autores para revelar sua personalidade ou características na pele de um personagem, sendo feito de uma forma indireta e bastante discreta. Em uma análise mais profunda, poderíamos descobrir neste personagem muitas características reais de seu autor. <https://www.todoestudo.com.br/literatura/eu-lirico-alterego-e-pseudonimo> da autora. Acesso em: 03 mar. 2023.

papel. Além do mais, assim como Corpi, Damasco acredita na missão de mediar a voz dos chicanos por meio do combate às injustiças sofridas e que são denunciadas nesses romances. Essa parte sobre pesadelos e sonhos de Lucha Corpi e sua busca pela compreensão deles é muito enfatizada pela autora ao longo da história. No desenrolar dessa procura, ela acaba encontrando um caminho e usando seus sonhos e pesadelos a seu favor, na tessitura de seus textos.

Corpi também relata suas muitas consultas com profissionais da área, desde psiquiatras a clarividentes, na tentativa de entender o porquê de ter o hábito de queimar muitas das coisas que escreve. O significado do fogo e sua relação com a escrita na vida da autora é tão pulsante que, no último ensaio, ela conta sobre o incêndio que afetou sua casa e consumiu parte de sua biblioteca, retomando seus sentimentos ao se debruçar, três meses após o ocorrido, sobre os livros e materiais queimados no intuito de resgatar pelo menos as primeiras páginas dos livros que fossem possíveis de ser recuperados:

Dia após dia, eu sentava lá, entre as páginas manchadas de fumaça de centenas de livros e antologias de muitos poetas, escritores, autores infantis e escritores de ficção criminal que eu havia tido o privilégio de encontrar e ter lido ao longo de quarenta anos como uma poeta e escritora. Eu não estava mais sozinha. As palavras deles eram meu conforto, o fogo quieto que mantinha meu coração batendo alegremente e meu espírito subindo por dias sem fim de mágoa adiada enquanto eu colocava minha vida e a de Carlos juntas novamente (Corpi, 2014, pos. 3156)²¹⁰.

Nessa passagem, em que Corpi enumera todos os autores com os quais se depara na verificação dos livros que havia perdido, a autora nos leva a uma lembrança, um registro também feito por meio da escrita, de todos aqueles que ajudaram a compor seu caminho e a formá-la como escritora. O episódio do incêndio foi uma constatação para Lucha Corpi de que havia possibilidade para ela de seguir firme, valorizando a si mesma, seu povo e sua cultura e que, assim como seus rascunhos escritos, amassados e queimados, ela era uma queimadora de livros capaz de se refazer das cinzas, nesta constante construção e reconstrução da vida possibilitada pelo ato de escrever para falar por si e pelos outros.

²¹⁰ No original: “*Day after day, I sat there, among the smoked-stained pages from hundreds of books and anthologies by the many poets, writers, children’s authors and crime writers I have been privileged to meet and have read through forty years as a poet and writer. I wasn’t alone any longer. Their words were my comfort, the quiet fire that kept my heart beating joyfully and my spirit soaring through endless days of grief postponed as I labored to put Carlos’ and my life back together*”.

A fim de verificarmos a proposta e os assuntos abordados pela escritora Reyna Grande, a seguir, procederemos à análise da segunda autobiografia eleita por nós, “*A Dream Called Home*” (2018), no intuito também de investigar se há similaridades entre temas discutidos nas duas autobiografias.

5.2 REYNA GRANDE: A BUSCA PELA ESCRITA COMO INSTRUMENTO DE AUTO(RE)CONHECIMENTO DE SI MESMA E MEDIADORA DAQUELES QUE NÃO POSSUEM VOZ

A última obra a ser analisada, “*A Dream Called Home*” (2018), é também a mais recente, na qual a mexicana-estadunidense Reyna Grande realiza uma jornada autobiográfica a partir da sua ida para a Universidade da Califórnia em Santa Cruz (UCSC)²¹¹, sua primeira conquista como imigrante há anos nos Estados Unidos. Na busca pelo seu sonho de se tornar alguém por meio da educação/escrita, Grande dá enfoque fundamentalmente na relação conflituosa com a família, na imigração para os EUA, no impacto da influência dos pais sobre suas aspirações íntimas, na pobreza, na sua situação e dos outros imigrantes mexicanos (e mexicanos-estadunidenses) na sociedade dominante e no significado inegociável da escrita como propulsora dos seus sonhos, em seu caminho desde muito nova. A partir da sua ida de Los Angeles para Santa Cruz, a escritora retorna aos fatos de forma cronológica, porém, não deixando de rememorar os acontecimentos que foram muito importantes para ela na sua infância e juventude nos dois países (México e EUA), como ela mesma escreve na nota do autor:

[...] eu me apoiei nas minhas memórias e nas memórias de muitas pessoas que aparecem neste livro. Eu pesquisei fatos quando eu pude, e muitas das pessoas sobre as quais eu escrevo leram, checaram os fatos, e aprovaram o conteúdo. Com exceção de alguns poucos eventos, a história é contada na ordem que aconteceu” (Grande, 2018, s.p.)²¹².

“*A Dream Called Home*” é intitulada como um *memoir* (logo na capa do livro observamos o pacto realizado com os leitores) e, de forma semelhante a que realizamos na investigação da obra autobiográfica de Lucha Corpi, ao examinarmos essa história, percebemos que a mesma também se caracteriza pelo seu cunho autobiográfico, ou seja, o de

²¹¹ Utilizaremos esta sigla a partir de agora para nos referirmos a esta Universidade.

²¹² No original: “[...] *I relied on my memories and the memories of many of the people who appear in this book. I researched facts when I could, and many of the people I write about read, fact-checked, and approved the content. With the exception of a few events, the story is told in the order it happened.*”

narrar vivências retrospectivas da vida da protagonista. Porém, assim como na obra de Corpi, muito destaque é dado ao contexto dos fatos e eventos, os quais são recortados pela autora e enfatizados sob sua perspectiva. Podemos afirmar então que o sujeito Reyna Grande se define por vários elementos, como a família, sua profissão, suas concepções ideológicas, sua condição de imigrante quer dizer, pelos vários fatores que lhe permeiam, o que é típico de um livro de memórias, não procedendo esse eu somente ao isolamento íntimo a fim de “encontrar” sua identidade, como acontece na concepção de autobiografia tradicional (Hervot, 2013).

Outro detalhe de um livro de memórias que nos é possível confirmar, do mesmo modo, em relação a essa obra, é que Grande escolhe narrar momentos tidos como críticos, que marcaram seu caminho, recriando-os e os transformando na contação de sua história autobiográfica. Ainda, é importante acrescentarmos que a narrativa nos parece oscilar entre um *memoir* confessional e um de transformação, uma vez que Grande compartilha os fatos íntimos e dolorosos que passou com a família e como eles a afetam, destacando ao mesmo tempo sua transformação para alcançar o grande sonho de ser escritora e reconhecida pela família, pelos chicanos(as)/mexicanos(as) e pela sociedade estadunidense²¹³.

Tendo migrado de Iguala, uma das cidades mais pobres do México, para os Estados Unidos aos nove anos, bem depois de ter sofrido a separação da imigração dos pais, que deixaram os filhos para trás anos antes, com o objetivo de tentarem uma vida melhor nos Estados Unidos, Reyna Grande recorda sua caminhada dolorosa com os irmãos e a relação difícil com os pais, na tentativa frustrante de restabelecer os laços rompidos com o núcleo familiar, que, mesmo se mudando todo para os Estados Unidos, não consegue se unir mais, carregando um sentimento de algo perdido pelo caminho. Ao lembrar os momentos conturbados que passou ao lado dos irmãos, a escritora comenta a conversa com a irmã Elizabeth:

"Sinto muito, Betty", eu disse. E eu queria dizer que eu sentia muito sobre tudo, como a imigração e a separação haviam impactado a todos nós, como que, apesar de nossos pais terem emigrado desta mesma cidade para ir para os EUA para construir para nós uma casa, eles acabaram destruindo nosso lar (Grande, 2018, p. 55).²¹⁴

Para nós leitores torna-se bem clara a ênfase dada à ferida aberta que fica para Grande com o abandono dos pais devido à ida deles para os Estados Unidos em busca de melhores

²¹³ <https://celadonbooks.com/what-is-a-memoir/>. Acesso em: 25 mar. 2023.

²¹⁴ No original: “*I'm sorry, Betty, ' I said. And I meant I was sorry about everything, how immigration and separation had taken a toll on all of us, how even though our parents had emigrated from this very city to go to the U.S. to build us a house, they ended up destroying our home.*”

condições de vida, à opção de se divorciarem lá (e de cada um seguir o seu caminho dentro das condições não reconhecidas de imigrantes) e às dificuldades enfrentadas por ela e seus irmãos ao conseguirem ir viver nesse país também. Apesar de irem morar com o pai e estarem perto dele fisicamente na sociedade dominante, a escritora deixa transparecer que o comportamento do pai alcoólatra e sua descrença na prosperidade dos filhos, além do descaso da mãe, que mal viam, influenciam profundamente no modo em que ela passa a enxergar e a reagir aos fatos. Na opinião do pai, que acreditava que somente pela educação os imigrantes poderiam prosperar, assim como seus irmãos, Grande infelizmente seria um fracasso. Contudo, essa relação indigesta e mal resolvida com ele acaba por fazer a escritora reagir para provar o contrário. E é a partir daí que Grande conta que passa a lutar para que sua vaga na área de literatura na UCSC garanta a ela o reconhecimento de ser alguém tanto por ela e pela família como pela sociedade em que vive.

A mãe, por sua vez, conforme descrito pela autora, é caracterizada como uma figura ausente que preferiu negligenciar a presença dos filhos, não comparecendo nos momentos em que mais precisavam do seu apoio maternal. Em diversas partes da narrativa, Grande retoma essas impressões sobre os conflitos com a família, demonstrando seu desejo predominante de vencer seus traumas por meio dos estudos e da escrita.

Uma questão muito evidenciada e que a leva a lutar pelo seu reconhecimento é a situação dela e da família no que concerne à pobreza e à imigração. São nessas passagens, em que relata sobre os imigrantes e a pobreza, que podemos visualizar também esse eu autobiográfico como mediador da voz da sua coletividade mexicana/chicana. Logo no início da sua trajetória na UCSC, sentindo-se praticamente só, com poucos(as) latinos(as) em sua volta, a narradora conta sobre o episódio em que descobre que havia sim muitos latinos nos outros *campi*, inclusive batalhando pelos seus direitos. Ela então participa de um protesto junto a centenas de estudantes imigrantes contra a medida da Prop 209, com o objetivo de lutar pelo que já haviam adquirido como pessoas de outras etnias (não brancas) em relação à ação afirmativa conquistada até então e que estava sob risco de ser extinta. Nesse fragmento, ela dá audibilidade ao coletivo por meio da sua própria voz, expressando a situação deles(as):

Eu preferia acreditar que minhas notas boas e minha dedicação haviam me dado uma vaga na universidade, mas a realidade era que como uma latina eu estava lutando não só contra a desigualdade de gênero mas também contra a desigualdade racial, e de alguma forma a ação afirmativa havia me impulsionado. De repente eu constatee que se a Prop 209 não requeresse mais que as escolas considerassem raça, etnia, e o gênero dos seus alunos, alunos minoritários - e mulheres de todos os contextos - teriam mais dificuldade

para serem admitidos nas universidades de quatro anos (Grande, 2018, p. 39).²¹⁵

Ao externar o profundo sentimento de comoção, conexão e compromisso que teve participando dessa manifestação junto à sua comunidade chicana/mexicana (latinos), que era uma entre as outras, Grande reafirma a importância de falar pelo seu grupo:

Havia uma pequena luz dentro de mim que os desafios da vida haviam tentado extinguir em mais de uma ocasião. Mas ela ainda estava lá, brilhando forte, e eu sabia que eu tinha que proteger aquela luz, seja como fosse. Para mim, para minha família, para minha comunidade. Para ambos os meus países. [...] A derrota era sentida pelo campus, e apesar de manifestações em outras universidades terem acontecido também, nada surtiu dos protestos de nossos alunos. Ainda assim foi a primeira vez que eu constatei que eu tinha uma voz e que era minha responsabilidade usá-la (Grande, 2018, p. 39).²¹⁶

Assim, remetemos uma vez mais à escrita das autoras chicanas, descrita por Klahn (2003), na qual as estratégias utilizadas por elas fazem parte de uma nova poética em que “o sujeito que fala”, na jornada de recordação de suas memórias e as de seu grupo comunitário, escreve a partir da experiência dos que não possuem voz, expressando o posicionamento dessas identidades múltiplas que são marcadas pelos processos de colonização, racismo e deslocamentos diaspóricos. Do mesmo modo, recorremos aqui aos pressupostos de Felski (1989), quando ela denomina essas obras autobiográficas contemporâneas, parte da literatura feminista, como “confissões feministas”, em que há uma interseção entre a identidade individual e a comunal, reverberando as concepções de identidade cultural que têm passado a vigorar. No caso de Reyna Grande, por exemplo, ela menciona os fatores que vão além da etnia, como o gênero e a classe, que perpassam, afetam e compõem a identidade dela como imigrante.

²¹⁵ No original: “I liked to believe that my good grades and my dedication had earned me a spot at the university, but the reality was that as a Latina I was up against not only gender inequality but also racial inequality, and in some way affirmative action had given me a boost. I suddenly realized that if Prop 209 no longer required schools to consider race, ethnicity, and the gender of their students, minority students-and females of all backgrounds- would have a harder time being admitted to four-year universities”.

²¹⁶ No original: “There was a little light inside of me that life's challenges had tried to extinguish on more than one occasion. But it was still there, shining bright, and I knew I had to protect that light no matter what. For me, for my family, for my community. For both my countries. [...] The defeat was felt across campus, and though demonstrations at other universities were also held, nothing came of our student protests. Yet it was the first time I realized I had a voice and that it was my responsibility to use it”.

No decorrer da trama, a voz autobiográfica de Grande evoca seu coletivo em muitos excertos, nos quais ela traz, especialmente, nomes relevantes da literatura mexicana/chicana, além de destacar as mulheres, professoras de origem mexicana, que muito a ajudaram na sua caminhada literária: Diana, Marta, María Amparo e outras. Nesses momentos, a autobiógrafa salienta a importância da sua coletividade no que toca à escrita literária das mulheres e como a escrita dessas chicanas/mexicanas passou a moldar sua identidade:

Nas aulas de espanhol e literatura chicana de Marta, eu fiz um tanto de amigos latinos- não somente os alunos das aulas dela, mas também os autores que Marta nos atribuiu a ler. Diana havia me apresentado os trabalhos de Helena María Viramontes, Sandra Cisneros, e Isabel Allende. Na aula de Marta, eu fui exposta a ainda mais escritoras latinas, e eu me apaixonei pelas escritoras extremamente feministas que me inspiraram a continuar lutando pelas minhas histórias: Ana Castillo, Alicia Gaspar de Alba, Cherríe Moraga, e muitas mais. Por meio das vozes delas, eu as escutaria me dizendo, Sim, suas histórias importam! [...] Eu me senti conectada à luta de Sor Juana para escrever e florescer como uma artista em uma sociedade patriarcal que a subjugava e censurava e, em muitas ocasiões, havia tentado silenciá-la (Grande, 2018, p. 97).²¹⁷

Grande destaca o valor do programa “*Emerging Voices*” (“Vozes Emergentes”), oferecido aos escritores de outros grupos étnicos (não brancos) pelas universidades nos Estados Unidos em nível nacional, que teve um impacto fundamental em seu caminho. Ela narra seu percurso para conseguir a vaga nesse programa da UCSC e os argumentos durante o processo para demonstrar o significado que teria para ela se alcançasse essa conquista:

“Como uma imigrante eu tenho uma voz e eu que quero ser ouvida. Isso é o que as Vozes Emergentes apoiam, não é? Dar aos aspirantes a escritores uma chance de serem ouvidos e abrir as portas para nós contarmos nossas próprias histórias? Os imigrantes merecem um lugar na literatura Americana porque nossas experiências nos EUA refletem a experiência Americana”, eu continuei. “Se você me aceitar no programa, é por isso que eu irei lutar - inclusão e diversidade” (Grande, 2018, p. 232).²¹⁸

²¹⁷ No original: “*In Marta's Chicano literature and Spanish classes, I made a lot of Latino friends-not just the students in her class, but also the authors Marta assigned us to read. Diana had introduced me to the works of Helena María Viramontes, Sandra Cisneros, and Isabel Allende. In Marta's class, I was exposed to even more Latina writers, and I fell in love with hard-core feminist writers who inspired me to keep fighting for my stories: Ana Castillo, Alicia Gaspar de Alba, Cherríe Moraga, and many more. Through their words, I would hear them tell me, Yes, your stories matter! [...] I felt connected to Sor Juana's struggle to write and thrive as an artist in a patriarchal society that subjugated and censored her and, on many occasions, had tried to silence her.*”

²¹⁸ No original: “*As an immigrant I have a voice and I want to be heard. This is what Emerging Voices stands for, isn't it? To give aspiring writers a chance to be heard and open the door for us to tell our own stories? Immigrants deserve a place in American literature because our experiences in the U.S. reflect the American experience,*”, I continued. *‘If you accept me in the program, this is what I will fight for-inclusion and diversity.’*”

Dessa maneira, percebemos que, ao falar de si e dos acontecimentos da comunidade ao seu redor, a protagonista toca na importância da escrita como ferramenta para mediar a voz dos que são silenciados, ou seja, seu povo chicano/mexicano. Podemos nos referir, também, aos pensamentos convergentes de Friedman (1988) e Arfuch (2010) sobre o eu autobiográfico contemporâneo, que carrega os valores coletivos das comunidades a que pertencem, com o intuito de promover a revalorização dos silenciados(as). No desenrolar da sua história de vida, podemos perceber que a escritora também revela, por meio de outras experiências vivenciadas por ela, certa representatividade que os latinos vinham ganhando nos movimentos e eventos promovidos pelos departamentos latinos da UCSC, dos quais ela fez parte e que a auxiliaram a desenvolver sua escrita. Grande demonstra, por exemplo, a força de *Los Mejicas*, um grupo folclórico mexicano de dança no *campus* da universidade, liderado por sua amiga Erica, uma chicana feminista. Através das caravanas e de suas apresentações itinerantes em outras cidades californianas, das quais Grande passou a participar, esse grupo representava e consolidava a força e a propagação da cultura mexicana/chicana em outros locais.

Contudo, ao mesmo tempo e de forma mais predominante, são muitas as passagens em que a voz do coletivo vem por meio de Grande denunciar as condições difíceis de muitos latinos (mexicanos/chicanos) nos Estados Unidos e no próprio México. Como quando comenta o episódio em que conversa com a imigrante Rosa, que expressa um sentimento comum da comunidade mexicana nos EUA, ao terem que enfrentar o medo de muitas vezes estarem não documentados nesse país:

"Faz alguma coisa com você, Reyna", ela disse. "Bagunça sua cabeça. Você pergunta a si mesmo, qual é o você real? Ou há dois lados seus, o que eles veem e o que não veem?" "Como a lua", eu disse. "Ela tem dois lados, mas nós só vemos um" (Grande, 2018, p. 241).²¹⁹

Esse fragmento se alinha com o posicionamento apontado por Keitel (1983 *apud* Felski, 1989) de que nesses textos autobiográficos comunais o eu lírico se sente articulado com o coletivo que o rodeia, falando em nome dos seus membros e das experiências vivenciadas pelo seu grupo.

Em uma das viagens de retorno a Iguala, sua cidade natal no México, com o objetivo de resgatar a irmã Betty de uma vida medíocre, Grande também expõe as circunstâncias dos

²¹⁹ No original: "‘It does something to you, Reyna’, she said. ‘It messes with your head. You ask yourself, which is the real you? Or are there two sides to you, the one they see and the one they don’t?’ ‘Like the moon,’ I said. ‘It has two sides, but we only see one’”.

mexicanos em uma das cidades mexicanas mais pobres, onde a maior parte da família morava. Ela retrata a vida dura da sua avó Chinta, vivendo em um mísero barracão e sobrevivendo às custas de uma alimentação muito precária, enfatizando que essa era a realidade da maioria dos habitantes desse lugar. Em vários momentos, a escritora manifesta a situação desprovida dos seus, as condições mínimas de moradia e de perspectiva de vida dos mexicanos em Iguala, que pareciam estar alienados do conforto e das oportunidades de outros lugares do mundo.

Quanto ao tratamento dos mexicanos(as)/chicanos(as) nos Estados Unidos, a autora verbaliza várias situações em que podemos confirmar a discriminação com que esse grupo de imigrantes eram tratados, de acordo com os princípios dominantes. Ao comparar suas experiências de segregação com as de outros povos em relação aos estadunidenses, ela sustenta o sentimento ruim compartilhado, de conhecer exatamente o que é ser marginalizado(a) e ter que lutar pelo direito de ficar nesse território, tentando provar o quão “americano(a)” alguém deve ser. Relembrando em certa parte os abusos e maltratos aos japoneses pelos estadunidenses, Grande discorre sobre as condições do seu povo:

Similarmente, durante a Grande Depressão, os Mexicanos serviram de bode expiatório e foram acusados pelas desgraças econômicas do país. Chamando a isso de "repatriação", o governo dos EUA ajuntou os mexicanos, 60 por cento dos cidadãos americanos, e os despejou em ônibus cheios para o México, para serem novamente presos na armadilha da pobreza da qual eles haviam escapado. Centenas de milhares de famílias tinham sido separadas por aquelas decisões cruéis (Grande, 2018, p. 126).²²⁰

A própria protagonista relata o processo complicado que foi para conseguir sua cidadania estadunidense, obtida com muito suor, após muito tempo e muitas tentativas repletas de constantes contratemplos burocráticos. Em outra ocasião, quando reflete sobre as consequências que sua irmã Betty iria sofrer como uma jovem mãe solteira, a autobiógrafa enfatiza que isso era ainda mais pungente para essa jovem, por ser uma mulher latina, salientando novamente que, as latinas que viviam nos EUA, além do gênero, tinham que enfrentar os fatores como a etnia e a classe.

Mais um assunto que diz respeito ao preconceito e que é exposto pelas linhas de Grande é a dificuldade enfrentada pelas escritoras chicanas para conseguirem obter a

²²⁰ No original: “*Similarly, during the Great Depression, Mexicans were scapegoated and blamed for the economic woes of the country. Calling it a “repatriation”, the U.S. government rounded up Mexicans, 60 percent of whom were American citizens, and dumped them into Mexico by the busload, to be trapped again by the poverty they had escaped. Hundreds of thousands of families had been torn apart by those heartless decisions.*”

publicação de suas obras nesse país, porque as editoras estadunidenses não queriam lhes dar uma chance de publicarem seus trabalhos. Ela toca no nome de suas heroínas literárias, dentre as quais Sandra Cisneros, Denise Chávez e Gloria Anzaldúa, que tiveram que lutar bravamente para alcançar seu espaço nesse meio.

Por seu lado, ela também experienciou essa dificuldade; após muito (re)lutar, ao receber a primeira oferta de uma editora estadunidense para publicação da sua história “*Across a Hundred Mountains*” (“Além de uma Centena de Montanhas”), Grande conta que o editor afirmava com veemência que nos EUA ninguém estava interessado em histórias de imigrantes mexicanos, tentando convencê-la (sem êxito) a mudar completamente sua narrativa, na qual, segundo a proposta da editora, a protagonista deveria ser uma latina nascida nos Estados Unidos: “Livros sobre latinas de classe média que foram assimiladas pela cultura americana. Nada muito étnico, mais comercial” (Grande, 2018, p. 278)²²¹.

A escrita de Reyna Grande também tece várias considerações em relação à língua espanhola/inglesa. No começo de sua trajetória acadêmica, a jovem recorda o estranhamento que foi para ela lidar com o inglês, ao se identificar com a experiência dolorosa do colega latino Alfredo de ter que reaprender muitas habilidades mentais e físicas após sofrer um ataque provindo de um homem mais velho. Grande argumenta que compreendia exatamente a dor do colega, pois passou por algo muito similar ao imigrar para os EUA e ter que aprender na marra a ler e a escrever em inglês, “uma língua que não era a minha” (Grande, 2018, p. 17). A escritora destaca também a resistência geral dos estadunidenses em pronunciar os nomes latinos. Na ocasião em que vai assistir à primeira aula como graduanda, Grande menciona o ocorrido e o comportamento em geral dos brancos em relação aos nomes latinos:

[...] Meu nome não foi nem mesmo chamado. Em vez disso, o professor disse "Renée Grand"? Ninguém levantou sua mão para responder a esse nome, e eu suspeitei que ele estava tentando dizer meu nome mas o pronunciando de forma errada. Isso havia acontecido comigo antes. Quando nós chegamos pela primeira vez nos EUA, os professores de Mago haviam mudado seu nome real - Magloria - para Maggie, porque eles alegavam que ele não era pronunciável. Em casa, ela era sempre Mago, mas no mundo lá fora ela era Maggie. Às vezes, eu era chamada Renée e algumas vezes meu último nome - Grande - era pronunciado como o rio no Texas, um rio que eu não havia atravessado, apesar de eu haver sido chamada de costas molhadas em inúmeras ocasiões (Grande, 2018, p. 29).²²²

²²¹ No original: “*Books about middle-class Latinas who have assimilated into American culture. Not too ethnic, more mainstream*”.

²²² No original: “[...] *My name wasn't even called. Instead the teacher said, ‘Renée Grand’? No one raised her hand to claim that name, and I suspected he was trying to say my name but mispronouncing it. It had happened to me before. When we first arrived in the U.S., Mago's teachers had changed her*

Da mesma forma, ela descreve o menosprezo de um professor branco em relação às histórias que ela escrevia como tarefas para sua disciplina de escrita, o qual alegava que os trabalhos de Grande escritos sobre seu povo e em sua língua nativa, o espanhol, eram “muito floreados e cheios de clichês” (Grande, 2018, p. 75). A partir disso, a jovem rememora um acontecimento similar de quando estudava no ensino médio e seu professor da quinta série também havia rejeitado sua história por estar escrita em espanhol.

Em contrapartida, Grande demonstra a resistência do pai e da mãe em aprender o inglês, mesmo sabendo da necessidade do conhecimento dessa língua para viverem nos EUA. Nas figuras dos pais, temos a representação de um dos traços da *homesickness* (saudades de casa) sentida por muitos(as) mexicanos(as)/chicanos(as) que resistem a falar a língua inglesa:

Quando eu havia tentado convencer minha mãe a aprender inglês, ela balançou a cabeça para mim, completamente apavorada, e disse, "O inglês não me pega." O inglês não cola para mim, ela disse, como se ela estivesse conversando sobre um pedaço de chiclete. Eventualmente, ela acabou em uma escola para adultos enquanto se preparava para o teste de cidadania. Se não tivesse sido por aquelas aulas, ela não seria uma cidadã estadunidense agora (Grande, 2018, p. 244).²²³

A autora imprime diversas palavras em espanhol ao longo da sua escrita, especialmente quando se refere às conversas mais íntimas com os seus familiares, nos diálogos que teve e que a recordam do seu povo, do México e dos acontecimentos vividos. Ao se referir ao espanhol, Grande declara sua decisão em incluir sua língua nativa em seus estudos, matriculando-se, então, nas aulas de espanhol para falantes de espanhol na universidade, uma vez que o espanhol que havia herdado dos pais, proveniente de Iguala, sob seu ponto de vista, era imperfeito e refletia a pobreza e a falta de uma boa educação desse lugar. Ao mesmo tempo, contudo, Grande expõe a concepção do *Spanglish*, língua que ela, como uma mexicana-estadunidense acabou descobrindo que falava, e que refletia a mistura das duas culturas nas quais essa jovem estava inserida e a colisão das duas identidades que a interceptavam. Por meio de uma conversa com a professora Marta, a escritora manifesta a

real name - Magloria - to Maggie because they claimed it was unpronounceable. At home, she was always Mago, but outside in the world she was Maggie. At times, I got called Renée and sometimes my last name - Grande - was pronounced like the river in Texas, a river I hadn't crossed, though I had on numerous occasions been called a wetback."

²²³ No original: “When I had tried to get my mother to learn English, she had shaken her head at me, completely terrified, and said, ‘El inglés no se me pega.’ English doesn't speak to me, she said, as if she were talking about a piece of gum. Eventually, she did end up at adult school while preparing for her citizenship test. If it hadn't been for that class, she wouldn't be a U.S. citizen now”.

realidade que os(as) mexicanos(as)/chicanos(as) deveriam cada vez mais aceitar e se orgulharem ao repensarem a língua que praticavam na sociedade dominante:

"Quando se trata de espanhol, nós todos temos diferentes formas de nos expressar," Marta disse. "Há coloquialismos únicos referentes à nossa criação e os lugares onde nós vivemos. Ficar com vergonha de como você fala é ficar com vergonha de onde você é, Reyna, e não é assim que eu desejo que meus alunos se sintam" (Grande, 2018, p. 94).²²⁴

Esses fatos nos remetem uma vez mais às afirmações de Maciel (2007) sobre o *Spanglish*, quando o autor sustenta que, de modo comum, esse código linguístico tornou-se parte constitutiva da identidade dos hispânicos nos EUA, que passam a atravessar com naturalidade a fronteira dos dois códigos, inglês/espanhol, em suas vidas diárias.

A narrativa de Grande explora também as tradições e o machismo da cultura mexicana. Ela retorna à sua infância de modo nostálgico para discorrer sobre as longas procissões e festas de celebração religiosa das quais participava com sua família, ligada ao catolicismo fervoroso que era seguido por muitos mexicanos(as). Na recordação sobre um momento em que viajou de férias para Iguala, ao entrar na paróquia de São Francisco de Assis, a pedido da avó Chinta, em busca de bênçãos para sua viagem de retorno a Califórnia, Grande faz uma revisitação aos anos de peregrinação que fez na infância junto com essa avó e seus irmãos, e relembra como rezava pedindo para que sua mãe voltasse dos Estados Unidos. Ela conta sobre os sacrifícios físicos a que se submetiam e como cada um deles orava veementemente a Deus para que Ele resolvesse os problemas relacionados aos familiares. Porém, de volta aos seus pensamentos, nessa mesma passagem, a autobiógrafa declara seu olhar descrente quanto às promessas religiosas que eram inculcadas nas mentes pela comunidade:

Agora, treze anos mais tarde, enquanto eu sentava na Paróquia de São Francisco de Assis com minha avó e abaixava a cabeça frente a Jesus, eu constatei que minhas orações não haviam nunca sido atendidas. Minha mãe não havia retornado para mim, pelo menos não da forma que eu havia pedido por todos aqueles anos atrás (Grande, 2018, p. 71).²²⁵

²²⁴ No original: "‘When it comes to Spanish, we all have different ways of expressing ourselves,’ Marta said. ‘There are colloquialisms unique to our upbringing and the places where we’ve lived. To be ashamed of how you speak is to be ashamed of where you’re from, Reyna, and that’s not how I want my students to feel’”.

²²⁵ No original: "Now, thirteen years later, as I sat in the Parroquia de San Francisco de Asís with my grandmother and bowed my head before Jesus, I realized that my prayers had never been answered. My mother hadn't returned to me, at least not in the way I had prayed for all those years ago”.

A voz de Grande, de modo semelhante, reverbera outros traços da sua cultura mexicana. A escrita dela possibilita o conhecimento de muitos comportamentos peculiares à comunidade mexicana/chicana, como o respeito às hierarquias familiares. Por exemplo, o desrespeito aos mais velhos era inaceitável, mesmo se a conduta dos mesmos não fosse justa ou correta: “Para a vovó Chinta - para a minha cultura mexicana - era inaceitável questionar os mais velhos, criticá-los por seus defeitos. Nós tínhamos que honrá-los e respeitá-los sem que suas limitações, abusos ou falhas importassem” (Grande, 2018, p. 59)²²⁶.

O “*American dream*” (“sonho americano”) alimentado por diversos mexicanos(as) também é narrado por Grande nas atitudes de alguns familiares. Ela descreve os planos do pai e sua intenção de ter imigrado para os EUA para obter a oportunidade financeira de construir sua casa dos sonhos, “feita de tijolo e concreto, bem longe da cabana em que eu havia nascido” (Grande, 2018, p. 62)²²⁷.

Pelas linhas da escritora, ela demonstra que, mesmo a duras penas e tendo que sacrificar toda a família, de alguma forma, mesmo não morando nessa casa construída no México, esse “sonho” se concretizou. Grande expõe o significado que era para os(as) mexicanos(as) terem a possibilidade de migrarem para os EUA e vislumbrarem melhores condições de vida em comparação às que muitos possuíam; ela enfatiza em sua escrita seu desejo de conseguir ajudar a família financeiramente, sonhando com o dia em que teria a possibilidade de levar seus jovens parentes para estudarem nos EUA, no intuito de serem “alguém na vida”.

Outro assunto na narrativa é o machismo mexicano, explicitado por meio das condições de algumas mulheres e homens sobre os quais Grande escolhe contar. Ao ameaçar a irmã Betty de voltar para o México, por estar se comportando mal e não se dedicando aos estudos, as palavras da mãe de Grande evidenciam como a cultura mexicana de modo geral tratava as mulheres, principalmente as das gerações mais antigas, confinadas e destinadas aos serviços domésticos:

Minha mãe disse que ela mandou Betty para o México porque se ela não queria mais uma educação do ensino médio, então ela teria um tipo diferente de educação - ela aprenderia a ser uma mulher. Minha tia ensinaria minha irmãzinha a cozinhar, limpar e obedecer aos homens na vida dela, especialmente a seu futuro marido, quem quer que ele fosse - como aquele

²²⁶ No original: “*To Abuelita Chinta - to my Mexican culture - it was unacceptable to question your elders, to criticize them for their faults. We had to honor and respect them no matter their shortcomings, abuses, or failures*”

²²⁷ No original: “*made of brick and concrete, a far cry from the shack in which I was born*”.

tipo de criação que minha avó, mãe e tias haviam tido em sua cidade natal (Grande, 2018, p. 42).²²⁸

Quando escreve sobre a triste história de amor da *abuelita* Chinta, que foi obrigada pelo pai e irmãos a abandonar o grande amor da sua vida, Eliseo, por ser um pobre camponês, e se casar sob ameaça com seu avô, sem que ninguém a defendesse, Grande comenta intrigada sobre o machismo de sua cultura: "Muitos casamentos mexicanos haviam começado daquela forma. Eu sabia que a história da minha avó era plausível, mas mesmo assim eu ainda não conseguia acreditar nela" (Grande, 2018, p. 149).²²⁹ Em outra parte, a escritora relata que acabou sabendo que a própria *abuelita* Chinta havia reproduzido o mesmo machismo sobre a mãe, quando a obrigou a casar com seu pai, após ela ter mentido e ido encontrar com o namorado às escondidas, pois, devido a esse fato, seria, a partir daquele momento, considerada uma mulher impura.

Grande também menciona várias vezes ter crescido sob o alcoolismo e abuso do pai, que, apesar de ter o lado de herói para ela, que acabou a impulsionando e a desafiando a conquistar seu lugar, o lado vilão dele também não deixou de marcá-la e representar uma incógnita em sua vida. Os relatos de Grande nos levam a crer, mesmo que em nenhum momento tenha sido afirmado por ela, que o pai acabava descontando nos filhos suas impotências e frustrações, o que nos remete ao "falso machismo" dos chicanos descrito por Anzaldúa (1999), que colocavam suas fraquezas sobre outros chicanos e principalmente sobre as mulheres chicanas.

Alguns dos próprios homens que passaram pela vida amorosa da escritora representam traços do machismo mexicano, nos mostrando, também, que Grande parecia procurar neles a figura do pai e/ou o que faltava nele, como um modo de reafirmação. Quando conta sobre seu *affair* com Gabe e a proposta despreziosa dele de Grande servir como sua amante e cuidadora de seus filhos, a jovem reflete sobre o que passou: "Gabe sabia o que ele estava pedindo de mim, e eu estava tentada. Aqui estava um homem que havia feito o que meu pai

²²⁸ No original: "My mother said that she sent Betty to Mexico because if she no longer wanted a high school education, then she would get a different kind of education- she would learn how to be a woman. My aunt would teach my little sister how to cook, clean and obey the men in her life, especially her future husband, whoever he might be- just the kind of upbringing my grandmother, mother, and aunts had had in our hometown".

²²⁹ No original: "Many Mexican marriages had begun that way. I knew my grandmother's story was plausible, and yet I couldn't believe it".

não tinha sido capaz de fazer. Construir a casa dos sonhos dele com suas próprias mãos - e realmente morar nela" (Grande, 2018, p. 106).²³⁰

Os possíveis namorados descritos por ela e que apareceram em seu caminho, na maioria, ou desejavam ter uma companheira que os servisse, ou apresentavam o padrão de homens que possuem várias mulheres ao mesmo tempo, não interessados em assumir compromisso com nenhuma, como foi o caso de Francisco, pai de seu filho. Grande esclarece que apesar de não ter conseguido vencer seu sentimento de paixão misturado com carência, mergulhando na relação com esse homem, ela decidiu ter o filho por si própria e assumi-lo sozinha.

Assim, ao expor os acontecimentos que demonstram as características de sua cultura, Grande vai ao encontro da proposta das escritoras chicanas contemporâneas, de refletir e criticar os modelos patriarcais em voga, e, da mesma maneira, suas escolhas vão revelando para nós leitores que Grande foi refutando modelos de mulheres subordinadas e optando por sua própria emancipação.

Quanto à análise de *"A Dream Called home"* como um *Bildungsroman*, podemos ponderar que, assim como *"Confessions of a Book Burner"*, esta obra também aproxima-se de um *Bildungsroman* feminino contemporâneo, visto que a compreensão desse gênero tem passado por muitas reconsiderações/reformulações, conforme exposto anteriormente. Nas concepções contemporâneas, considerando a escrita autobiográfica também sob um viés ficcional (Rauen, 2019), observamos que a história de Grande apresenta traços de uma narrativa de formação das mulheres. Como explanado por Galbiati sobre esses romances (2011, p. 1722-3):

No romance de formação feminino contemporâneo, constata-se uma maior abertura do gênero – flexibilidade estrutural, variedade temática (inclusive, assuntos tradicionalmente considerados “não-literários”), reorientação de conceitos, reconstrução de valores éticos, morais, religiosos e quebra de paradigmas sociais –, embora se saiba que tal abertura teve sua provável origem na produção literária feminina do século XIX. A caracterização da protagonista atualizou-se. Cada vez mais se observa a reflexão sobre suas ações e sobre suas experiências, e, assim, estabelece-se uma diferença crucial na representação da mulher antes e depois do século XX.

A partir do momento em que conta sobre sua ida para a USCS, percorremos junto com Grande as lembranças de seu processo de crescimento/amadurecimento ao longo de sua caminhada até alcançar seu tão desejado sonho de se tornar uma escritora, e ainda assim

²³⁰ No original: *"Gabe knew what he was asking of me, and I was tempted. Here was a man who had done what my father hadn't been able to do. To build his dream house with his own hands- and actually live in it"*.

continuar tecendo muitas reflexões e estar ciente de que sua identidade encontra-se e se encontrará continuamente em (re)construção. A narrativa está dividida em duas partes; “*Twice the girl I used to be*” (“Duas vezes a garota que eu costumava ser”) e “*The home I carry*” (“O lar que eu carrego”).

Na primeira parte, a escritora retrata sua adaptação na universidade, as reflexões e lamentos sobre a separação física e psicológica que manteve em relação à família (principalmente em relação aos pais) nos Estados Unidos, seus conflitos internos, os *flashes* da infância e seus anseios em busca da sua afirmação como estudante latina e como moradora dos alojamentos estudantis. Ela narra também sobre sua escolha e dedicação pela escrita e sobre as pequenas conquistas que foi obtendo com suas tutorias desde o começo nas aulas de literatura, além do apoio/inspiração que proveio especialmente das chicanas que teve a oportunidade de conhecer. Seu desenrolar como mulher nos demonstra que seu crescimento pessoal enfrentou muitos obstáculos e foi sendo edificado pela forte influência dos outros ao seu redor. Grande experienciou a dificuldade de assumir o mal comportamento da irmã até aprender que não conseguiria controlar as rédeas de Betty e responder pelos seus erros, vivenciou relacionamentos que foram moldando sua identidade e escolhas, teve a possibilidade de conhecer mais sobre os(as) latinos(as)/chicanos(as) que faziam parte de sua comunidade e se identificar com eles, e assim foi consolidando o pensamento da preponderância da escrita em seu caminho; de que precisava escrever sua própria história e a dos imigrantes silenciados na sociedade estadunidense.

Após sua graduação, na segunda parte, Grande relata a nova fase da procura por emprego e sua resistência em aceitar ser professora, desejando lançar-se na carreira de escritora, sem sucesso, além de uma aproximação maior com seus irmãos pelas dificuldades financeiras enfrentadas. Apesar de seus conflitos internos, a narradora declara a aceitação de se enveredar posteriormente nas salas de aula, onde teve muitas frustrações e aprendizagens, sem deixar de vislumbrar e correr atrás do sonho de se tornar uma escritora e publicar seus trabalhos. Paralelamente aos acontecimentos, Grande rememora de forma constante a relação de esfriamento que mantém com o pai e a mãe e principalmente um intrigante sentimento mal resolvido com o pai. A jovem passa por momentos de conquista e independência financeiras, contudo, o vazio emocional que suas relações lhe trazem faz com que ela opte pela maternidade. A partir daí, Grande, apesar dos complicados desafios e da sua condição de chicana e mãe solteira na sociedade dominante, apresenta um desenvolvimento ainda maior, lutando com muita garra para que sua realização pessoal, a publicação do seu primeiro livro, acontecesse, acreditando que somente pela escrita poderia proporcionar também uma boa

formação ao filho Nathan, além do reconhecimento e da valorização pela sua comunidade mexicana nos EUA.

Depois de muito lutar, testemunhamos a celebração dessa identidade por meio da publicação do primeiro livro, *“Across a Hundred Mountains”* (2006) (“Por uma centena de montanhas” e pela formação de sua família; dois pontos fundamentais nos quais Grande encontrou seu “lar”. É preciso sublinhar que no “final” (até onde a autora conta sua história), as relações com os pais e família também se demonstraram mais amenas por causa do seu reconhecimento posterior, por parte deles, da filha como alguém que venceu na vida. Ela, da mesma forma, mostra-se mais realizada por desempenhar a função que tanto desejava, que era a de escrever por si e pelos seus, provendo a possibilidade de uma vida melhor a eles. No entanto, é também importante pontuar que, longe de constituir uma história de começo, meio e fim, no qual ocorre a formação de uma identidade unificada, Grande salienta que, não obstante tantos sonhos realizados, ainda há muito a caminhar e muito a refletir: “Quantas palavras eu levaria para ter minha casa do sonho? Eu muitas vezes havia imaginado. Além de um milhão e meio de palavras, e mais para serem escritas” (Grande, 2018, p. 323).²³¹

No que diz respeito à identidade especificamente, ao longo da sua trajetória, acompanhamos as transformações da subjetividade Grande, que nos demonstra pelas suas memórias que, logo no início da sua ida para os Estados Unidos e de grande parte da sua juventude lá, já nutria o sentimento de uma identidade bipartida:

Porque eu era uma criança imigrante, minha identidade era partida; eu muitas vezes me sentia como uma exilada por não ser completamente mexicana mas não totalmente americana também. A fronteira ainda estava dentro de mim (Grande, 2018, p. 35).²³²

Essa identidade vai então passando por mudanças que vão desde quando decide assumir as rédeas de sua vida e ir em busca do sonho de estudar na universidade, seu estranhamento com a *whiteness* (brancura) das pessoas ao redor, fazendo-a se sentir mais estrangeira do que nunca, os preconceitos/obstáculos enfrentados nas aulas de literatura, até a luta para que sua escrita começasse a ser reconhecida.

À medida que suas experiências pessoais vão sofrendo a influência das duas comunidades, mexicana e estadunidense, passando pelo convívio com as chicanas professoras e pela oportunidade de conhecimento por meio dos estudos e vivências da realidade dos(as) chicanos(as)/mexicanos(as) nos Estados Unidos, percebemos que esses fatores vão

²³¹ No original: “How many words would it take to get my dream house? I had often wondered. Over half and a million words, and more to be written”.

²³² No original: “Because I was a child immigrant, my identity was split; I often felt like an outcast for not being completely Mexican but not fully American either. The border was still inside of me”.

promovendo uma constante (re)construção dessa identidade, fazendo com que Grande reflita sobre essas transformações com olhos mais apurados:

A dualidade, a luz e o escuro, as duas faces da lua. Eu pensei em como, em relação à travessia da fronteira, nós assumimos novas identidades de modos sutis, e outras vezes de modos drásticos- como usar uma identidade emprestada para trabalhar ou ter que perder um dos nossos últimos nomes para que possamos nos encaixar. Eu não havia ido de Reyna Grande Rodríguez no México para simplesmente Reyna Grande nos E.U.? [...]. Marta havia dito uma vez que eu era duas vezes a garota que eu costumava ser. E ela estava certa. Estar dividida na metade havia me forçado a criar duas versões de mim mesma. Eu fui para casa pensando sobre a dualidade de ser uma imigrante, nossas identidades partidas, a rachadura dos nossos corações e corpos- metade do nosso coração permanecia em nossa terra natal, e a outra estava aqui conosco. Um pé permanecia enraizado no nosso solo nativo enquanto nós cavávamos nosso outro pé para nos ancorarmos e resistirmos à tempestade (Grande, 2018, p. 241).²³³

Neste ponto, sobre sua afirmação “*twice the girl I was*” (“duas vezes a garota que eu era”), é possível observarmos um amadurecimento e uma concepção de identidade que nos remete novamente ao novo modo de consciência da “*new mestiza*” (“a nova mestiça”) proposto por Anzaldúa (1999) segundo o qual, como vimos, as identidades mexicanas/chicanas devem abarcar suas ambiguidades e contradições, na tentativa de demonstrarem resistência, transformando a experiência de transitarem entre duas culturas em algo novo, algo a mais; não mais a configuração de uma identidade puramente mexicana nem de uma identidade estadunidense, mas uma terceira via, diferente e resultante da presença e da mescla dessas duas partes. A própria Reyna Grande (2018) discorre sobre a influência da literatura e do pensamento de Anzaldúa no processo de configuração de sua identidade:

Um terceiro país. Nem México, nem EUA, mas o hífen entre mexicano e americano. Nem meu pai, nem minha mãe, mas a soma dos seus genes que era maior que suas partes. Nem inglês, nem espanhol, mas a língua formada pelo sangue misturado - espanglês. O terceiro país estava dentro de mim. Eu era um produto da fusão daqueles dois mundos, duas pessoas, duas línguas. Meu coração era uma ferida aberta, a ferida aberta.

²³³ No original: “*The duality, the light and dark, the two faces of the moon. I thought about how, upon our border crossing, we take on new identities in subtle ways, and other times in drastic ways-like using a borrowed identity to work or having to lose one of our last names so that we can fit in. Hadn't I gone from being Reyna Grande Rodríguez in Mexico to simply Reyna Grande in the U.S.? [...]. Marta had once said I was twice the girl I used to be. And she was right. Being split in half had forced me to create two versions of myself. I went home thinking about the duality of being an immigrant, our split identities, the cleaving of our hearts and bodies- half of our heart remained in our homeland, the other was here with us. One foot remained rooted in our native soil while with our other foot we dug into American soil to anchor ourselves and weather the storm*”.

Anzaldúa escreveu: "Eu sou uma tartaruga. Onde quer que eu vá, eu carrego minha casa nas minhas costas."

Foi então que eu compreendi o que eu preciso fazer. Se eu pudesse me tornar uma tartaruga e construir uma casa que eu pudesse carregar nas costas, eu nunca me sentiria sem casa novamente (Grande, 2018, p. 98).²³⁴

Temos, portanto, a mulher Reyna Grande, que não é mais mexicana nem estadunidense, mas um “produto” novo, que apresenta uma identidade que é construída e reconstruída num processo contínuo; a identidade multifacetada, fragmentada e fluida, da qual nos fala Hall (2002), de mexicana-estadunidense, de filha, de irmã, de mãe solteira, professora e escritora, todas incorporadas nesta subjetividade que não pode ser definida somente por uma única palavra ou por um único papel que desempenha.

Ao percorrermos essa breve análise de “*A Dream Called Home*”, constatamos que, para finalizar nossas considerações, torna-se imprescindível retornarmos e reenfatizarmos o papel da escrita; esse instrumento, uma vez mais, nesta obra, de significado fundamental, visto que por meio dela é que o conhecimento sobre a vida de Grande e sobre a comunidade mexicana-estadunidense se faz possível a nós leitores. Aliás, conforme observado, a própria trajetória de Reyna Grande gira em torno da busca constante em se tornar uma escritora, a fim de alcançar sua voz/lugar e conseqüentemente a audibilidade do seu grupo. Ao escrever, a autora enfatiza a função inegociável da escrita em sua trajetória.

Em diversos momentos, Grande expressa o lugar especial que foi reservando, de modo crescente em sua vida, à literatura e ao ato de escrever. Logo no começo da sua jornada na universidade, ela expõe seu interesse e dedicação pelos livros, além da sua facilidade em ajudar na escrita de outros estudantes como tutora. Ela vai deixando claro dessa forma que enxerga em seu dom de ler e escrever o meio para sobreviver e validar seu espaço como chicana. A propósito, em alguns dos momentos que demonstra sua alegria em ganhar livros que contam sobre seu povo e sua cultura, os quais auxiliaram a alavancar seu desejo de ir mais além, essa chicana menciona não despropositadamente sobre muitas autoras chicanas e sobre a maior de suas inspirações:

²³⁴ No original: “*A third country. Not Mexico, not the U.S., but the hyphen between Mexican and American. Not my father, not my mother, but the sum of their genes that was greater than their parts. Not English, not Spanish, but the language formed of their commingled blood-Spanglish. The third country was inside me. I was a product of the merging of those two worlds, two people, two languages. My heart was the open wound, la herida abierta. Anzaldúa wrote: ‘I am turtle. Wherever I go, I carry my home on my back.’ It was then that I understood what I need to do. If I could become a turtle and build a home that I could carry on my back, I would never feel homeless again.*”

Esperança-esperança, expectativa, possibilidade. Esperança também era o nome da heroína do meu livro favorito, *A Casa na Rua Mango* de Sandra Cisneros. Como eu, Esperança havia deixado sua família e sua comunidade para ir em busca dos seus sonhos, mas ela havia prometido que ela retornaria um dia e ajudaria aqueles que não puderam escapar. Como eu esperava um dia retornar àqueles que eu havia deixado para trás (Grande, 2018, p. 25-6).²³⁵

Nesta parte da narrativa, apesar de inicial, observamos pelas palavras de Grande, de maneira bem evidente, que as concepções expostas por Cisneros, via sua protagonista Esperanza, de *“The House on Mango Street”*, têm inspirado e se transformado em bons frutos no século XXI, representados pelas chicanas como Grande, as quais têm procurado concretizar o que a pioneira fictícia Esperanza havia sonhado e realizado: por meio da escrita, sair da sua comunidade para conquistar sua voz e escrever sobre os(as) que estão silenciados(as) como forma de retornar a eles, na tentativa também de que o espaço destes(as) seja (re)conhecido e valorizado na sociedade estadunidense.

No desenrolar de sua caminhada, a jovem demonstra que vai respondendo de modo concreto à pergunta que faz a si mesma *“Quantas palavras eu levaria para ter minha casa dos sonhos?”* (Grande, 2018, p. 86).²³⁶ Pelas experiências pelas quais vai passando, Reyna Grande mentaliza a urgência do chamado que sente para servir de mediadora da voz do seu grupo. Após um de seus retornos do México, ela expõe ter reafirmado para si própria esse papel:

Minha visita ao México, apesar de dolorosa, havia uma vez mais reforçado minha necessidade de escrever sobre o lugar do meu nascimento. Foi pela minha escrita sobre as pessoas que eu conhecia, descrevendo sua condição, que eu pude honrar suas experiências difíceis e mantê-los no meu coração e mente. Eu tinha que me lembrar de cada um deles, escrever suas histórias, compartilhar suas dores, para que eles soubessem que não estavam sozinhos. Os dez dias que eu passei em Iguala haviam me inspirado a escrever aquela coleção de histórias que eu alegava que eu estava escrevendo para conseguir a concessão de Kresge (Grande, 2018, p. 74).²³⁷

²³⁵ No original: *“Esperanza-hope, expectation, possibility. Esperanza was also the name of the heroine in my favorite book, The House on Mango Street by Sandra Cisneros. Like me, Esperanza had left her Family and her community to go in search of her dreams, but she had promised she would come back one day and help those who couldn't escape. Like I hoped one day to return for those I had left behind”*.

²³⁶ No original: *“How many words would I have to write to build my dream house?”*

²³⁷ No original: *“My visit to Mexico, though painful, had once again reinforced my need to write about the place of my birth. It was by writing about the people I knew, describing their plight, that I could honor their difficult experiences and keep them in my heart and mind. I had to remember each of them, write their stories, share their pain, so that they knew they weren't alone. The ten days I spent in Iguala had inspired me to write that story collection I claimed I was writing to get the grant from Kresge”*.

Assim, ao longo do seu processo, Grande se dedica a esse dom, colocando em prática o que almeja. Sua jornada acadêmica é marcada pela leitura de autores que despertaram nela, conforme retratado, um sentimento de resiliência e um mote que passou a levar para sua vida toda, denominado “*impervious*” (“impenetrável”), palavra inglesa nova em seu vocabulário e que, segundo aprendido por Grande após a leitura de uma autora muito admirada por ela, Ayn Rand, significa “*unaffected*” (“não afetada”), ou seja, não deixar se abalar por nada e lutar pelo que deseja. Inspirada pelo personagem da história dessa autora, da obra “*The Fountainhead*”, o qual resolve ir contra os preceitos da sociedade e lutar pela conquista de sua voz, Grande constata que deve agir da mesma forma: “Eu tinha que lutar pelo direito de criar os tipos de histórias que eu desejava escrever” (Grande, 2018, p. 76).²³⁸

É a partir desse sentimento que ela encontra forças para começar a escrever pequenas histórias sobre os imigrantes mexicanos e sobre a cultura mexicana nos Estados Unidos, no decorrer do seu aprendizado proveniente das aulas que frequenta e da realidade dos mexicanos/chicanos(as) nas cidades estadunidenses que a circundam. São muitas as passagens em que a chicana ratifica a necessidade de se escrever sobre os imigrantes mexicanos e sobre suas histórias silenciadas. Seu percurso foi marcado pelas suas produções escritas nas diversas experiências acadêmicas em que se embrenhou de forma paralela à tessitura do que viria a ser seu primeiro livro, “*Across a Hundred Mountains*”. Sua participação no programa “*Emerging Voices*” (“Vozes Emergentes”), incentivada pela tutora e escritora María Amparo, abriu portas para Grande e consolidou seu sonho de escrever sobre a experiência da imigração mexicana nos Estados Unidos. Como celebração da sua escrita, depois de um tempo árduo de peregrinação por várias editoras e firme em seu propósito de não modificar o romance que havia delineado sobre a imigrante Juana, Grande assina o primeiro contrato com a editora *Atria Books*, uma das mais reconhecidas na sociedade estadunidense, para a publicação de “*Across a Hundred Mountains*”.

Muito importante mencionar, também, que a consagração de Reyna Grande como escritora traz a consolidação dela em várias outras instâncias de sua vida. Juntamente com seu papel de poder escrever sobre si mesma e mediar as condições e a realidade do seu grupo mexicano na cultura dominante, Reyna Grande, por meio das palavras, vê o lar que tanto havia sonhado para ela e seu filho se tornar verdadeiro, além de ser reconhecida pelo pai e pela família como a primeira pessoa que consegue realizar o sonho americano deles e se

²³⁸ No original: “*I had to fight for the right to create the kinds of stories I wanted to write*”.

impulsionar na vida: “Eu finalmente construíra uma casa que poderia carregar” (Grande, 2018, p. 316)²³⁹. Podemos afirmar, então, que, a partir da escrita, os nós da sua vida vão se desatando e essa chicana passa a ter a oportunidade de um lugar ao sol, pelo qual tem ciência de que precisa permanecer lutando tanto por ela como pelos seus, como podemos testemunhar em suas considerações sobre sua jornada até o final deste *memoir*:

Eu continuo a escrever pela mesma razão por que eu coloquei a caneta no papel pela primeira vez quando eu tinha treze anos de idade - para lembrar, para compreender, para dar sentido às minhas experiências como uma mexicana imigrante e mulher de cor. Eu tenho sido abençoada por uma carreira bem-sucedida de escritora, ganhei prêmios, dividi o palco com autores que eu admiro, e publiquei meu trabalho internacionalmente. Mas o que eu mais me sinto orgulhosa é que meus livros têm pousado nas mãos de milhares de pessoas jovens, às quais eu espero proporcionar um pouco de inspiração para suas jornadas. [...] Agora, mais do que nunca, eu estou determinada a escrever, e encorajar outros a escreverem, histórias que celebram a resiliência e a tenacidade de milhões de imigrantes nos EUA, que lutam todos os dias pelos seus sonhos, pelo seu direito de permanecerem, para que suas histórias tenham importância (Grande, 2018, p. 324).²⁴⁰

Compreendemos, dessa forma, que a escrita, semelhantemente às outras obras analisadas nesta tese, foi o elemento norteador desse *memoir*, foi o “lar” que Grande tanto desejou e encontrou, e que permitiu a nós, leitores, muito mais que conhecer a vida íntima dela, mas nos tornarmos conhecedores das condições da comunidade mexicana-estadunidense/chicana na sociedade dominante e também dos fatores relacionados à cultura mexicana da qual a protagonista participa, e que foram analisados aqui, como a língua, o machismo, os preconceitos e as tradições dessa cultura em geral.

Trataremos a seguir dos pontos em comum levantados por Lucha Corpi e Reyna Grande nas duas obras autobiográficas investigadas por nós, com o intuito de seguirmos confirmando (ou não) se as estratégias dessas escritoras permanecem em concordância,

²³⁹ No original: “*I had finally built a home that I could carry*”.

²⁴⁰ No original: “*I continue to write for the same reason I first put pen to paper when I was thirteen years old- to remember, to understand, to give meaning to my experiences as a Mexican immigrant and woman of color. I have been blessed with a successful writing career, have won awards, shared the stage with authors I admire, and published my work internationally. But what I am most proud of is that my books have landed in the hands of thousands of young people, whom I hope to provide with a little inspiration for their own journeys. [...] Now more than ever, I am determined to write, and encourage others to write, stories that celebrate the resilience and tenacity of the millions of immigrants in the U.S. who fight every day for their dreams, for their right to remain, for their stories to matter.*”

reafirmando as questões levantadas pelas autoras chicanas em suas escritas do século XX, que afetam as mulheres chicanas e sua comunidade na sociedade estadunidense.

5.3 CORPI E GRANDE: A ESCRITA DO SÉCULO XXI COMO REAFIRMAÇÃO DA PROPOSTA DAS CHICANAS ESCRITORAS DO SÉCULO XX?

Feita a investigação das questões que nos propusemos a examinar sobre as escritas autobiográficas “*Confessions of a Book Burner*” (2014) e “*A Dream Called Home*” (2018), trataremos de enfatizar a partir de agora seus pontos em comum e aqueles que foram mais recorrentes nessas duas obras do século XXI, nas quais as protagonistas também elegeram a escrita como instrumento crucial de audibilidade das suas histórias e dos fatores de gênero, raça/etnia e classe que perpassam não somente elas como também a comunidade mexicana/chicana da qual fazem parte.

As duas narrativas, conforme exposto, adequam-se à concepção do gênero autobiográfico: caracterizam-se por serem prosas retrospectivas das vidas pessoais das protagonistas Corpi e Grande, que estabelecem o pacto autobiográfico com os leitores nas capas dos respectivos livros (Lejeune, 2008). As escritoras expõem seus traumas e fatos memoráveis de suas individualidades, incluindo também memórias familiares da infância, juventude e vida adulta. Conforme analisamos, elas demonstram como as relações com os familiares mexicanos foram sendo construídas ao longo do caminho e a influência deles, especialmente dos pais, nas suas escolhas e na forma de enfrentarem a vida difícil como mulheres imigrantes nos Estados Unidos. O que é bem curioso é o forte significado da figura das avós nas vidas de Corpi e Grande. Podemos observar que as avós Nico e Chinta, respectivamente, representam a fortaleza das mulheres anciãs mexicanas, relegadas à instância doméstica e que carregam as tradições do patriarcalismo/machismo, oralidade e catolicismo mexicanos.

Ambas Corpi e Grande demonstram que as avós, de formas diferentes, foram elementos inspiradores para que as autoras começassem a escrever a fim de darem audibilidade às mulheres de sua cultura. As figuras maternas, por sua vez, também são pessoas marcantes, representativas das mulheres chicanas que por suas condições e por terem as tradições da sua cultura enraizadas em suas vidas, não conseguiram desenvolver os possíveis talentos intelectuais que possuíam, refletindo traços do machismo/patriarcalismo mexicano ao longo da caminhada.

Tanto Corpi como Grande fazem um retorno aos fatos ocorridos no passado, porém, no caso de Grande esse retorno parte de um ponto da sua vida na juventude e os acontecimentos vão se desenrolando de forma cronológica, mesmo com a emergência de diversos *flashes* de eventos ocorridos anteriormente às vivências narradas. Já as histórias de Corpi, retrospectivas também, são ensaios pessoais mais independentes, não literalmente na ordem cronológica, recortes que discorrem sobre pessoas e episódios chave, escolhidos pela autora e considerados marcantes em sua vida.

Do mesmo modo, voltamos a ratificar que as duas obras podem ser também consideradas *memoirs*, visto que essas chicanas, apesar de não deixarem de focar nos acontecimentos íntimos de suas vidas, dão especial destaque ao contexto, aos eventos que as rodeiam e à participação deles na (re)construção de suas personalidades/subjetividades (Hervot, 2013). Seus eus íntimos se definem fortemente pela sua vida pública, importando-se e não se desvencilhando, assim, do seu papel social dentro da comunidade. Ao longo do percurso desses textos autobiográficos, evidenciamos a menção de vários nomes de escritoras e tutoras chicanas imprescindíveis dessa cultura, além da participação de Corpi e Grande de forma proativa em alguns movimentos e eventos promotores da cultura mexicana nos Estados Unidos.

Torna-se, então, indispensável ressaltar que, ao exporem, além das suas experiências íntimas, as experiências comuais que as perpassam e com as quais se identificam, e também relatarem, por exemplo, as diversas situações vividas pelas mulheres de sua cultura que as rodeiam, podemos uma vez mais nos remeter às assertivas de Felski (1989) quanto à concepção dessas autobiografias como “literaturas confessionais feministas” ou “confissões feministas”, que, por meio da interseção entre a individualidade e os elementos intersubjetivos/representativos das experiências das mulheres, vão de encontro ao pensamento de individualidade da autobiografia masculina burguesa, promovendo e reforçando, desse modo, a noção da identidade comunal, de uma recepção coletiva e funcional, principalmente pelas leitoras mulheres, visto que se identificam com as experiências relatadas.

Sobre isso, Felski acrescenta que o que podemos testemunhar é que essas autobiografias têm passado a refletir as mudanças nas concepções de identidade cultural. Esse pensamento também conversa com o de Kaplan (1992), que se refere às autobiografias das mulheres não brancas como “*outlaw genres*” (“gêneros fora da lei”), as quais, por meio de suas estratégias, constituem práticas políticas emancipatórias das mulheres, expondo o caráter heterogêneo de suas identidades, configuradas por novos sujeitos fragmentados, instáveis e contestadores do sujeito da autobiografia tradicional.

Novamente em relação ao *Bildungsroman*, podemos reiterar que essas duas autobiografias se aproximam desse gênero, se pensarmos no estreitamento cada vez maior das fronteiras entre os gêneros literários na atualidade, nas reformulações que suas definições têm sofrido e no fato de que as diferenças entre autobiografia e romance autobiográfico encontram-se numa linha muito tênue entre ficção e realidade (Lejeune, 2008; Rauen, 2019). Nas duas histórias, evidenciamos, pois, o processo de crescimento e maturação por que as personagens passam; seus conflitos internos, seu crescimento e desenvolvimento contínuo, porém sem o resultado no final das narrativas de uma identidade pronta e definida, não podendo deixar, dessa forma, de serem consideradas por nós leitores como narrativas de formação feminina contemporâneas (Galbiati, 2011).

Vemos, assim, que Corpi e Grande têm reafirmado as características fluidas e bipartidas das identidades chicanas no atual cenário do século XXI, entre suas raízes mexicanas e a cultura estadunidense dominante, demonstrando especialmente a realidade das mulheres chicanas nos Estados Unidos, que já havia sido reproduzida ficcionalmente pelas personagens de Cisneros e Chávez nos meados do século XX.

São mulheres que expõem a multiplicidade de suas identidades, reformulando paradigmas identitários por meio das estratégias de suas escritas, as quais evidenciam a constante fragmentação e (re)construção de suas identidades em um processo contínuo (Klahn, 2003). Ao mesmo tempo, essas autoras ratificam a visão da *new mestiza* (nova mestiça) de Anzaldúa (1999), do novo modo de consciência vislumbrado por essa escritora, caracterizado por uma nova subjetividade marcada por ambiguidades e contradições, que ao transitar entre as duas culturas (mexicana e estadunidense), tenta superar as dicotomias opressoras que a rodeiam.

Em ambos os textos autobiográficos, testemunhamos também que as protagonistas tocam de modo muito semelhante nas questões da discriminação étnica/racial, da realidade das línguas espanhola/inglesa, nos hábitos católicos seguidos pelos mexicanos, na mitologia mexicana, assim como no machismo/patriarcalismo a partir das vivências pelas quais passam. Podemos perceber que a segregação racial é evidenciada nas duas autobiografias, tanto em relação aos estadunidenses perante à comunidade mexicana como dos mexicanos também demonstrando resistência aos brancos e aos que eles não consideram semelhantes, ou seja, do seu mesmo grupo étnico.

Vimos algumas passagens que salientam esse ponto, como na que Corpi conta sobre o preconceito dos chicanos quanto aos outros chicanos, como ela, que, devido à sua cor mais clara, não era considerada pelo grupo como tal, ou, podemos acrescentar, no episódio em que

Grande relata que o tio de Iguala a questiona se não teria sido melhor ter escolhido um mexicano como companheiro do que seu namorado estadunidense Cory. Por outro lado, o relato de Corpi sobre as demandas do movimento civil dos chicanos na dura luta para adquirirem seus direitos nos Estados Unidos e as inúmeras tentativas/dificuldades denunciadas por Grande para conseguir que sua cidadania fosse aprovada enfatizam os enfrentamentos ligados ao preconceito racial que muitos mexicanos sofrem na sociedade estadunidense.

No que concerne à língua, nos dois textos foi possível notar a relação das escritoras com as línguas inglesa/espanhola e o significado delas em suas vidas. Corpi e Grande recontam o estranhamento com a imposição do inglês, o qual acontece quando elas passam a viver nos Estados Unidos. As duas, apesar de terem adotado a língua inglesa em suas vidas diárias e obras, inserem várias palavras em espanhol em suas narrativas, como forma de expressarem o sentimento de viverem nesse trânsito fronteiriço entre as culturas mexicana e estadunidense (Anzaldúa, 2007). Nas partes em que se voltam de maneira mais sentimental à sua cultura, percebemos que fazem o uso do espanhol/dialetos, especialmente quando conversam com os seus pais e parentes. Ambas, desse modo, retratam a realidade que viveram e vivem em relação às duas línguas e a própria realidade das variações do espanhol no território dominante, não deixando de enfatizar a importância do uso do espanhol e de dialetos característicos da cultura chicana na escrita, que nos passa a visão de mais uma resistência estratégica a fim de se (re)afirmarem e lutarem cada vez mais pelo (re)conhecimento de si mesmas e do seu povo de origem mexicana.

Reyna Grande ainda faz referência ao *spanGLISH*, esse novo código linguístico, que representa a mistura das duas línguas e das identidades mexicana/estadunidense que as perpassam. No tocante a esse assunto, Malvezzi (2010) faz a observação de que os textos que os(as) escritores(as) chicanos(as) produzem, divididos entre duas culturas e duas línguas, acabam selando uma cumplicidade com os leitores que faz com que essas narrativas transpareçam para eles o fenômeno da fluência da miscigenação que ocorre nessa cultura.

Como visto, algumas práticas do fervorismo católico mexicano são apontadas por meio de exemplos das crenças dos familiares e das situações de concepção da fé que as duas autobiógrafas experienciam. Quanto a essas tradições do catolicismo mexicano, podemos observar um olhar crítico e mais cético tanto de Corpi quanto de Grande com o passar do tempo, assim como uma forma diferente de enxergar os mitos de sua cultura, como *La Malinche*, mencionada por elas nas duas histórias. Ambas as autoras apresentam esse ícone da mitologia mexicana não como uma mulher que foi traidora, da maneira que a visão

patriarcal/machista da sua cultura apresenta, mas como um símbolo feminino emancipatório, analisado sob um olhar feminista, de revisão e revisitação, que considera *La Malinche* como uma mulher inspiradora e incentivadora da emancipação das mulheres, que demonstrou resistência, sendo capaz de negociar o trânsito entre as duas fronteiras culturais e de transcender os discursos sexistas impostos às mulheres. Essa convergência das referidas autoras nos leva a retomar os pensamentos de Smith e Watson (1998) sobre a oportunidade que as latinas têm tido de promover noções alternativas das subjetividades, contribuindo para a reformulação de paradigmas por meio de sua escrita política.

Mais um assunto explorado pelas duas autobiógrafas e que é possível correlacionarmos é o patriarcalismo/machismo mexicano. As palavras de Corpi e Grande, como vimos, expressam várias situações nas quais as mulheres da sua etnia são submetidas aos princípios machistas de sua cultura, dando destaque principalmente à ocorrência mais premente dessas condições nas gerações mais antigas. Por meio das pessoas dos avôs e avós, as protagonistas demonstram o enraizamento do machismo desde seus ascendentes e a reverberação do mesmo nas gerações que se seguem. Um ponto interessante de se destacar é o comportamento geral das mulheres, avós e mães das autoras, nas duas autobiografias; na maioria das vezes sem outras oportunidades de escolha, se submetem aos ditames patriarcais/machistas, mas também acabam reproduzindo-os em suas filhas e netas, posteriormente. A mãe de Corpi, por exemplo, ficava incomodada de a filha ler livros; preferia que ela brincasse de boneca a fim de que se preparasse para ser uma boa mãe. No seu caso, os pais aceitavam que ela se dedicasse aos estudos apenas para garantir um bom casamento. Por sua vez, a avó de Grande reproduziu em sua mãe a mesma repressão sofrida anos antes: teve que se casar com o namorado para que seu nome não ficasse manchado, por não ser mais considerada pura, ter “desobedecido” o que era destinado a ela.

Retornamos aqui às afirmações de Anzaldúa (1999) de que a mulher mexicana/chicana que demonstra um comportamento que resiste aos hábitos de subserviência tradicionais esperados para ela é considerada “*mujer mala*” (“mulher má”) e que isso se encontra tão arraigado na cultura que muitas mulheres chicanas, mesmo vítimas dos ditames machistas, continuam a alimentar os mesmos comportamentos em relação às suas filhas e netas, com medo de elas serem mal vistas e não aceitas na sociedade.

Para finalizar os pontos de consonância entre as duas obras autobiográficas analisadas neste texto, retomaremos a escrita (como assim o fizemos na análise da convergência das duas ficções autobiográficas) a fim de podermos destacar seu significado de forma específica nessas duas narrativas. Podemos afirmar que em ambas as histórias, conforme verificamos, a

escrita, além de constituir também o meio que propicia audibilidade das várias questões enfrentadas pelos(as) chicanos(as), como gênero, classe, raça/etnia e língua, é apresentada a nós leitores de modo bem semelhante pelas duas escritoras. Tanto Corpi como Grande denunciam, por meio dessa ferramenta, o machismo/patriarcalismo mexicano, a situação de segregação étnica/racial, as condições da língua e as dificuldades experienciadas pelos migrantes na sociedade dominante.

Reiteramos, mais uma vez, que é por meio dessas escritas autobiográficas que se caracterizam pelo seu viés comunal, que tomamos conhecimento não somente da jornada da vida íntima de Corpi e Grande, mas especialmente da realidade dos chicanos e chicanas na qual elas estão envolvidas. Ambas as escritoras, ao expressarem em suas experiências subjetivas os problemas atravessados por outras mulheres chicanas, uma vez que essas subjetividades se sentem parte de uma coletividade, proporcionam a identificação de e com outras mulheres desse grupo, ou seja, a representatividade dessa comunidade, e assim acabam se apropriando das funções políticas do discurso (Felski, 1989).

Podemos acrescentar a isso que a escrita dessas duas autoras gira em torno de como se dá o processo da própria escrita no caminho que escolhem para sobreviver, para escaparem de várias situações de subjugação impostas às mulheres chicanas e tentarem ser reconhecidas e valorizadas, na intenção também de melhorarem as condições de seu grupo/das mulheres de origem mexicana nos Estados Unidos. Corpi e Grande discorrem intensamente sobre sua escolha pelo ato de escrever, descrevem o desenrolar da escrita em suas jornadas, mencionando seus aprendizados e os períodos de tessitura de seus textos. É preciso sublinhar que essas escritas cumprem o papel de aliviar os traumas pessoais dessas protagonistas nas duas histórias; seja como uma forma de Corpi ressignificar seus pesadelos, seja uma maneira de Grande conseguir externar seus (res)sentimentos pelos seus pais.

As escritoras também relatam como suas obras foram tomando forma e como foram aceitas na sociedade dominante: Corpi dando relevo aos seus romances detetivescos e Grande, ao seu sonho de publicar um romance sobre uma protagonista que ficou órfã de seus pais mexicanos que migraram para os Estados Unidos. Elas referenciam, ao longo da narrativa, nomes de escritoras chicanas pioneiras que vieram se destacando desde o século XX, inclusive de Cisneros e Chávez, como modelos inspiradores a serem seguidos, não deixando, porém, de exprimirem as dificuldades encontradas por essas escritoras e por elas próprias, como mulheres chicanas, para obterem a publicação de suas obras e terem seus direitos reconhecidos. Os textos das duas autoras, do mesmo modo, por meio da ênfase aos acontecimentos políticos e aos eventos envolvendo os(as) chicanos(as), demonstra o

engajamento delas e a importância de sua escrita para retratar a mobilização política do seu grupo.

Assim, após essas reflexões sobre a investigação dos pontos interseccionais das nossas duas últimas obras, constatamos uma vez mais que o ato de escrever, da mesma forma como assim o foi nas ficções autobiográficas investigadas anteriormente, constitui o fio condutor dessas autobiografias, a partir do qual essas escritoras chicanas, além de lançarem mão da escrita para falar da própria vida e escrita, propiciam também a mediação da voz do seu grupo, oportunizando que assuntos de extrema relevância para a comunidade mexicana/chicana e para as mulheres chicanas venham à tona, na tentativa de que possam ser (re)conhecidas e (re)pensadas no cenário atual da sociedade global.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim do percurso que nos propusemos a traçar nesta tese, tecemos algumas considerações importantes ao nosso ver, porém, é preciso afirmar, não definitivas, provenientes do recorte que realizamos sobre as quatro obras eleitas por nós, as quais acreditamos serem de grande representatividade para as mulheres e escritoras chicanas. Retomemos, então, nossa pergunta inicial, que foi a bússola orientadora do nosso trabalho e que teve como foco a escrita das mulheres chicanas: nosso objetivo, que norteou praticamente todos os capítulos, foi, conforme constantemente mencionado, examinar a existência ou não de correlações, enfoques e/ou mudanças nas proposições das escritas das autoras chicanas do século XXI em relação às autoras do século XX. Após um maior conhecimento acerca dos assuntos abordados por essas autoras em seus textos, podemos acrescentar, ainda, a questão sobre como essas estratégias de escritura têm apresentado a possibilidade de servir como ato transformativo, ou seja, como a escrita dessas escritoras chicanas podem levar ao (re)conhecimento, à (re)valorização e, conseqüentemente, à (re)afirmação das mulheres mexicanas-estadunidenses/chicanas e do seu grupo no cenário global.

Para chegarmos a algumas respostas à nossa pergunta inicial, foi preciso traçar nesta pesquisa um breve histórico do povo mexicano/chicano e da emergência de sua literatura, a fim de conhecermos como o feminismo chicano e a literatura das mulheres chicanas se desenvolveram. Vimos que a fronteira física estabelecida pelo Tratado de Guadalupe-Hidalgo (1848) produziu fortes transformações na identidade do povo mexicano, as quais ecoam até os dias de hoje, inclusive na literatura chicana que temos investigado e na forma que ela tem se manifestado no arranjo contemporâneo de que somos participantes.

De um dia para o outro, de modo oficial, o território do norte do México (hoje correspondente ao sudoeste estadunidense) passou a não pertencer mais aos mexicanos que ali se encontravam e, junto a isso, eles passaram a se sentir estrangeiros nas terras que antes eram suas, além de a configuração da identidade deles nunca mais ter sido a mesma. A partir desse fato, podemos afirmar que a vida da maior parte dos(as) mexicanos(as) que migra para os Estados Unidos foi e é marcada de alguma forma não só por essa fronteira física, mas por uma fronteira metafórica, tendo os mesmos que lidar com as questões de raça/etnia, classe e gênero, além de uma identidade no mínimo bipartida entre as duas culturas, mexicana e estadunidense. Muitos deles(as) não se sentem mais mexicanos(as), nem tampouco estadunidenses, precisando se reinventar e se encaixar em uma nova configuração identitária, e isso, conseqüentemente, se reflete também em suas experiências no território estadunidense.

Ao longo do processo, tomamos conhecimento de como esse povo passou a ser tratado depois do acordo oficial e a forma com que tiveram que lutar para tentar se recompor e (re)construir suas identidades. Num primeiro momento, observamos que o grupo de origem mexicana se uniu na tentativa de (re)afirmar suas raízes e cultura e de ser reconhecido na sociedade dominante. Esses acontecimentos reverberaram, conforme esperado, em suas manifestações culturais, políticas e literárias. Nos meados dos anos 1960, vimos então aflorar, juntamente com outros movimentos pelos direitos civis, o *Movimiento Chicano*, em que esse grupo de origem mexicana se uniu para lutar a favor dos direitos dos quais eram desprovidos nos Estados Unidos.

Porém, devido às muitas discordâncias e disparidades, especialmente por seu lado, as mulheres chicanas, pelo machismo que vinham sofrendo, proveniente da própria cultura, foram se desvencilhando desse movimento político, e essa luta foi, ainda, perdendo forças por outras questões sociopolíticas. Apesar de tudo, não podemos deixar de pontuar que o *Movimiento* foi um marco de grande relevância para os chicanos/mexicanos-estadunidenses, uma vez que várias demandas foram conquistadas e levantadas a partir dele. As chicanas, por sua vez, não se identificando com o feminismo de viés etnocêntrico nem com outros feminismos das mulheres de outros grupos étnicos (não brancas), passaram a se reunir e a batalhar pelas questões pontuais que as identificavam como mulheres chicanas; questões essas relacionadas, em linhas gerais, não só ao gênero, mas à raça/etnia, classe e até à língua. A literatura chicana produzida por mulheres foi e é, pois, o reflexo dessas experiências que elas viveram e vivem, traduzidas em palavras, com o objetivo de mediar a voz dessas mulheres chicanas/mexicanas-estadunidenses por tanto tempo silenciadas.

Acreditamos ter sido importante retornar a esse breve histórico para ponderarmos nossas considerações baseadas nesse caminho que essas mulheres chicanas/escritoras chicanas foram construindo até haver a oportunidade de manifestarem de forma crescente suas perspectivas e estratégias nas obras que foram produzidas por elas no século XX e no atual século XXI, e das quais temos quatro representações de peso nesta tese.

Podemos afirmar que Sandra Cisneros e Denise Chávez, que tiveram o afloramento de suas ficções autobiográficas nos meados dos anos 1980, são frutos desses acontecimentos descritos e do desejo que muitas mulheres chicanas, silenciadas, possuíam de colocar no papel as várias questões que as atravessavam. Utilizando-se das suas ficções, essas autoras chicanas tiveram a oportunidade, no final do século XX, conforme vimos, de discorrer sobre os fatores que envolvem a realidade das mulheres chicanas na sociedade estadunidense. Podemos asseverar que, de modo pioneiro, as duas escritoras, representando então as tendências da

literatura das mulheres chicanas que vinham emergindo nesse período, conseguiram abordar, respectivamente, em *“The House on Mango Street”* (1984) e *“The Last of the Menu Girls”* (1986), por meio de suas protagonistas, as condições que elas próprias viveram e vivem, e que configuram a construção identitária das mulheres chicanas/mexicanas-estadunidenses, desmistificando muitos estereótipos em torno dessas mulheres e, ao mesmo tempo, demonstrando a crescente formação de identidades multifacetadas nos tempos atuais, em constante transformação, afetadas por diversos fatores que não só o gênero, influenciadas pelos mesmos e desejosas de uma subjetividade mais emancipada e reconhecida pela sociedade global.

Como apontado por Klahn (2003), a definição desses textos autobiográficos como “ficções autobiográficas testemunhais” é mais apropriada que simplesmente “romance autobiográfico”, devido ao fato de essas personagens principais não focarem apenas em seu crescimento pessoal, mas agirem de modo predominante como mediadoras das vozes (das mulheres) marginalizadas, endereçando-se às múltiplas posicionalidades e experiências do seu grupo chicano, marcado pelas vivências do racismo, língua, machismo, colonização e outras (que foram demonstradas nas análises das duas histórias). Além disso, reiteramos o fato de que esse tipo de literatura constitui uma prática feminista de intervenção, uma vez que “fala” a partir do que as mulheres marginalizadas vivenciam e que precisa ser dito. Esse arranjo da narrativa, enfatizamos mais uma vez, que se diferencia da autobiografia tradicional (em que o indivíduo busca sua autorrealização) pelo processo doloroso de retorno à história do sujeito (personagem) atrelada à sua comunidade por meio da escrita, propiciou a oportunidade de essas autoras promoverem pela literatura uma intervenção política, com o objetivo também de mudança social.

Observamos, pois, que as protagonistas Esperanza e Rocío “servem” realmente de testemunhas do que vivem, dando audibilidade, pelo ato da escrita, aos fatores de gênero, raça/etnia e classe que são enfrentados pela comunidade chicana, e, por meio desse testemunho, também subvertem muitos ditames tradicionais que oprimem as mulheres de sua cultura. Podemos constatar, portanto, que essas personagens reproduzem o que foi vivido pelas autoras, o que elas almejavam e alcançaram por meio da escrita.

Muito interessante citar, da mesma forma, que a escolha das duas autoras pela escrita, assunto fundamental nas duas obras, é reproduzida também na “escolha ciente” de suas protagonistas pelo ato de escrever para conquistar seu espaço, ganhar e mediar a voz das chicanas, como se para reafirmar a relevância desse ato para o agenciamento das mulheres chicanas (personagens/autoras) e seu (re)conhecimento/(re)valorização perante à comunidade

estadunidense/global, ou seja, a escrita “falando” da própria escrita das mulheres chicanas. Direcionamo-nos, por isso, uma vez mais, aos pressupostos de Klahn (2003), de que a autoridade ganha por essas escritoras permitiram-nas, portanto, se (re)inscreverem na história, produzindo um presente contestatório e uma participação política e social por meio desses textos autobiográficos.

Outros aspectos observados são a estruturação das tramas fragmentadas em forma de vinhetas e a apresentação de um *Bildungsroman* sob uma visão feminista e contemporânea, que expõe os conflitos e o amadurecimento/crescimento das mulheres em constante questionamento identitário e que ratificam o caráter provisório, fragmentado e inacabado das identidades culturais do tempo presente (Hall, 2000). Como também explorado por Klahn (2003), voltamos novamente à concepção dessas obras autobiográficas como um “gênero de escolha” inovador, que tem desafiado os conceitos engessados da tradição autobiográfica e vem sendo explorado de forma produtiva pelas chicanas.

Cisneros e Chávez fazem parte, assim, das autoras precursoras que ousaram denunciar pela voz de suas personagens muitas das vivências relacionadas ao machismo/patriarcalismo de sua cultura, à discriminação racial/étnica que o grupo mexicano/chicano sofre, à situação da herança linguística, e até da religião/mitologia mexicana sob uma perspectiva feminista, focando principalmente nas mulheres de sua comunidade, conforme analisamos. Diferentemente dos textos masculinos, podemos confirmar que essas narrativas redefinem de forma estratégica suas experiências, realizando uma revisitação ao passado e uma revisão dos símbolos de sua cultura mexicana/chicana e dos padrões tradicionais a que foram impostas. Dessa maneira, elas caracterizam-se como formas literárias complexas que desconstruem as identidades essencializadas e as comunidades culturais unificadas, ao misturarem a história do indivíduo com seu entorno coletivo (Klahn, 2003). Compreendemos, então, que essas autoras, via suas protagonistas, precisavam/precisam “falar” sobre os assuntos que dizem respeito de forma específica a essas mulheres de outros grupos étnicos (não brancas); o retorno às suas comunidades caracteriza-se como uma rememoração com viés político para tentarem o reagrupamento/reconhecimento de seu grupo na sociedade dominante.

Façamos aqui um parêntese e voltemos também à discussão sobre a crítica negativa a essas autoras por alguns teóricos (como Juan Rodríguez), principalmente em relação a Cisneros, de que, ao terem tido a oportunidade de focarem no seu individualismo e “saírem” da sua comunidade, obtendo voz pela escrita e uma condição de reconhecimento/melhoria de classe, acabaram se tornando “assimiladas”/“anglicanizadas” (Cutler, 2015). Ratificamos a visão de que a “saída” dessas autoras da época de Cisneros/Chávez, recusando os papéis

tradicionais impostos a elas e se dedicando à carreira profissional/literária foi fundamental para obterem o agenciamento necessário a fim de mediar a voz do seu povo e especialmente a voz das mulheres chicanas/mexicanas-estadunidenses. Elas abriram portas por meio desses textos autobiográficos de caráter coletivo, que foram, de maneira crescente, tomando espaço e se firmando no final do século XX para o XXI, com o objetivo de darem audibilidade para as vozes das mulheres chicanas e para suas demandas na era global.

É neste ponto que chegamos à conclusão de que podemos considerar, após nossos estudos, que as autobiografias do século XXI, tendo como representantes, no presente trabalho, as memórias de Lucha Corpi e Reyna Grande, têm vindo para corroborar a proposta das obras pioneiras do século XX, e têm se firmado cada vez mais no atual cenário literário, acreditamos que de forma mais ostensiva, uma vez que as protagonistas desses textos autobiográficos são as próprias escritoras que narram sobre sua própria realidade. Foi possível observar que essas escritoras reproduzem de forma muito semelhante os assuntos descritos e as propostas lançadas pelas precursoras do século passado, que o fizeram por meio de suas personagens, conforme verificamos ao longo de nossa discussão. Corpi e Grande personificam, ou seja, dão vida “real”, assim ousamos alegar, a Esperanza e Rocío (e a outras protagonistas ficcionais do século passado), que mediarão a voz da realidade que as circundava. Na atualidade, essas chicanas legitimam as experiências das protagonistas de Cisneros e Chávez, voltando a colocar em evidência e a enfatizarem os mesmos assuntos que afloraram no final do século XX, demonstrando que esses assuntos ainda precisam ser muito discutidos neste século XXI.

Apenas em tom de um retorno resumido do que foi analisado nessas autobiografias do presente século, percebemos que as estratégias e os temas discorridos são muito similares, visto que essas autoras relatam, por meio de suas histórias de vida, as questões de gênero, sexualidade, raça/etnia, língua e classe, perpassadas por elas e pelas mulheres chicanas na sociedade dominante, ratificando que esses aspectos que envolvem seu grupo não podem ser separados de suas trajetórias. Os desdobramentos desses assuntos, machismo/patriarcalismo, herança linguística, segregação racial, religião/mitos mexicanos, foram abordados em consonância com as propostas de Cisneros e Chávez. Além disso, a configuração das narrativas também se aproxima de um *Bildungsroman* contemporâneo, inovador, que as mulheres/mulheres não brancas têm construído para expor suas realidades, além da progressão da maior parte das histórias não estar necessariamente de acordo com a cronologia em que ocorreram, contribuindo, assim, para manifestarem a provisoriedade das identidades culturais contemporâneas.

Dessa forma, podemos sustentar que o caráter coletivo das autobiografias, iniciado pelas escritoras do século XX, é característica marcante e central das quatro obras. Passamos pelas diferentes definições e estudos que têm sido desenvolvidos para demonstrar a dimensão do caráter comunal desses textos nos tempos atuais, sendo consistentemente considerados, além de testemunhais, no caso das mulheres não brancas, “autobiografias étnicas” ou “autoetnografias”, por estarem comprometidas com a causa étnica e suas circunstâncias contextuais (Goldman, 1995), e também como “confissões feministas”, por delinearem os problemas específicos que unem as mulheres (chicanas) (Felski, 1989)²⁴¹. Por isso, o que é fundamental expormos em nossas ponderações é que, conforme estudado e comprovado, reconhece-se cada dia mais que os problemas e experiências das mulheres (e de seu grupo étnico específico), demonstrados nas referidas histórias, são comunitários e não privados. E consideramos

Do mesmo modo, as quatro obras carregam as características dos “*outlaw genres*” (“gêneros fora da lei”) descritos por Kaplan (1992), que, além de desconstruírem as tradições do gênero autobiográfico (que foca no individual e na parte estética das obras), apresentam esse perfil dinâmico e fluido de textos que salientam mais as diferenças, alinhados com as condições contemporâneas resultantes de diversos fatores, tais como o pós-colonialismo, as imigrações, a transnacionalidade, além de cumprirem também o papel de uma literatura de resistência, que clama pelo reconhecimento e (re)valorização das mulheres chicanas. Ao expor as relações de suas comunidades e as experiências que testemunham, essas escritoras renegociam a ligação entre o pessoal e o social e propõem um desafio de mudança do indivíduo autobiográfico para uma entidade coletiva e as problemáticas que a envolvem. Essas mulheres, por tanto tempo silenciadas, podemos também sustentar, utilizam-se do gênero autobiográfico como contratexto que desempenha o papel de “*talkback*” (“responder”), de reagir, descrevendo elas próprias suas realidades, incorporando com propriedade subjetividades que foram excluídas pelos discursos oficiais (Smith; Watson, 1998).

Nos quatro textos autobiográficos, portanto, observamos essas características de exposição/questionamento de várias questões (linguísticas, patriarcais, étnicas, de classe e outras), o desafio às tradições do gênero autobiográfico, tanto na forma como no conteúdo, e

²⁴¹ Como considerações finais acerca dos diversos termos que percorremos em relação às obras autobiográficas estudadas nesta tese, nosso posicionamento é o de que, conforme investigamos, dado o embaçamento das fronteiras entre os gêneros na contemporaneidade, consideramos muito apropriada a denominação “autobiografias/ficções autobiográficas étnicas/testemunhais” para a caracterização das obras analisadas, não negligenciando, porém, os outros termos mencionados neste trabalho que também se adequam a elas.

um engajamento político dessas autoras para promoverem a sobrevivência e o reconhecimento do seu grupo por meio de suas histórias, especialmente das mulheres chicanas/mexicanas-estadunidenses. Como proclamado por Torres (1991), o trabalho de subversão tem feito com que essas autoras estejam alçando voos pela contação de suas próprias histórias e, com isso, “destruindo” as imagens negativas que são construídas em torno das latinas em geral.

Outra percepção a ser apontada é o lugar de destaque dado à escrita nos quatro textos autobiográficos investigados, ferramenta primordial, podemos atestar, que as protagonistas/escritoras destacaram veementemente para sua sobrevivência cultural e a de seu grupo. Nas quatro narrativas, observamos a descrição sobre a escrita, o apreço e a busca das protagonistas/autoras pelo ato de escrever como oportunidade de serem reconhecidas e valorizadas na sociedade dominante, a fim de que, conseqüentemente, sua comunidade chicana também o fosse. Retornando às postulações de Goldman (1995), novamente reiteramos que essa escrita do eu mulher e de sua comunidade possibilita uma reinterpretação delas por si mesmas, na tentativa de descartar a visão/apropriação dessas mulheres pelos outros que escrevem sobre elas.

Não podemos deixar de pontuar que, ao desmistificarem e quebrarem muitos paradigmas acerca das mulheres chicanas por meio de suas histórias, as quatro autoras trazem e reafirmam por si mesmas e pelas suas personagens os “*new modes of consciousness*” (“novos modos de consciência”) da “*new mestiza*” (“nova mestiça”), como proposto por Gloria Anzaldúa (1999), esse símbolo da literatura/cultura das mulheres chicanas, que no final do século XX plantou suas raízes nessas mulheres por meio de sua icônica obra “*Borderlands/La Frontera*” (“Fronteiras/A Fronteira”), em 1987. Podemos confirmar que as mulheres das quatro narrativas apresentam personalidades plurais, marcadas por contradições e ambivalências, que transitam entre as culturas pelas quais são formadas, tentando transformar suas ambiguidades em algo novo - como previsto por Anzaldúa -, um terceiro elemento, um constructo identitário resultante da negociação das culturas mexicana e estadunidense que as atravessam, representando, pois, a “*new mestiza*” prevista por Anzaldúa.

Em relação ao fato de a escrita dessas autoras estar servindo como ato transformativo, mencionaremos aqui alguns objetivos/ganhos alcançados por elas, cientes do risco de estarmos negligenciando muitos outros apontamentos, conforme acreditamos. A nós leitores e de forma específica às mulheres chicanas (possíveis leitoras também), podemos afirmar que ao discutirem em suas narrativas autobiográficas os assuntos inerentes a elas próprias, essas autoras, vinculadas ao seu grupo, nos fazem conhecer e nos demonstram que suas questões

não estão relacionadas apenas ao gênero, mas a outras condições muito específicas que as atravessam e as unem, e que nos fazem compreender que os problemas enfrentados por essas mulheres (não brancas) são diferentes dos das mulheres brancas ou dos de outras mulheres de outras etnias, como as afro-estadunidenses, por exemplo.

Além do mais, essa leitura gera uma identificação muito relevante para as outras chicanas/mexicanas-estadunidenses, uma vez que é uma oportunidade de se sentirem verdadeiramente representadas nesses textos. Sendo assim, podemos considerar seus textos altamente engajadores, visto que essa identificação das outras mulheres chicanas/mexicanas-estadunidenses (muitas vezes silenciadas) pode levá-las a encontrar mais força e coragem para se juntarem e continuarem batalhando pelos seus direitos em suas lutas diárias na sociedade dominante. Por nosso lado, além de nos levar a um maior conhecimento desse grupo, nos possibilita uma visão política mais crítica, um engajamento e um olhar mais consciente sobre a realidade das mulheres chicanas nos Estados Unidos. Esse fato nos remete aos postulados de Torres (1991), sobre esses textos servirem como oportunidade de uma política de transformação pessoal e coletiva abrangente, pautada na força das diferenças.

Essas narrativas autobiográficas escritas por mulheres, portanto, que têm contado suas diferentes histórias de um modo diferente, como reflexo de nossos tempos, são o meio que as escritoras chicanas encontram para que essas mulheres não brancas (e sua comunidade) não sejam esquecidas e assim adquiram credibilidade e visibilidade na comunidade global. A história delas é mais uma história que deve ser reconhecida e valorizada na sociedade estadunidense, que, por sua vez, tem se caracterizado pela existência de um número exponencial de imigrantes/habitantes, principalmente latinos, grupos que vivem nessa sociedade, não podemos esquecer, cada qual com sua história e fatores que os perpassam, e que devem ser conhecidos e respeitados pelas configurações próprias que vão assumindo no contato entre as culturas, mas não relegados a um sistema de assimilação imposto a eles. Não neguemos que mudanças já aconteceram, muitos departamentos das universidades estadunidenses têm aberto as portas para os estudos latinos e reconhecido suas histórias; diversas mulheres chicanas/mexicanas-estadunidenses têm conquistado lugares de dignidade e destaque, haja vista nossas referidas escritoras.

Contudo, temos que reconhecer que há, ainda, muito a caminhar, e que a escrita constitui um instrumento primordial dessas mulheres para denunciarem a situação daquelas tantas outras que permanecem sob as artimanhas da pobreza, machismo, racismo e de outros fatores. E quanto à questão de dar ênfase nas diferenças e não nas semelhanças entre elas nos textos autobiográficos dessas mulheres não brancas, devemos destacar também, diga-se de

passagem, que é um grande desafio para elas, e que tem sido muito discutido na atualidade, a aceitação e união delas próprias entre si em prol de suas diferenças, que devem servir muito mais para reuni-las do que para apartá-las, conforme já aclamado por teóricas como Cherríe Moraga e Audre Lorde sobre a urgência da afiliação coletiva dessas mulheres. Esse processo de revisão das suas histórias, não unificadas em uma “história universal das mulheres”, ultrapassando as dicotomias e os conceitos engessados, consiste, devemos ter em mente, muito mais que um sistema teórico, uma prática de solidariedade que deve impelir a todos a reconhecê-las como sujeitos e a respeitar e incluir suas diferenças e diversidade.

No que concerne às perspectivas desses projetos autobiográficos, compartilhamos a ideia de que esses “eus” mulheres agem nessas obras, que podem ser consideradas do mesmo modo “manifestos autobiográficos” (Smith; Watson, 1998), com um olhar de esperança para um futuro libertador para esses sujeitos, oferecendo por meio de suas estratégias uma visão que chama pela continuação dessa política de intervenção, a qual demonstra as múltiplas possibilidades de diferenças e na qual o lugar comum de luta deva ser a prática da escrita.

Aproximando-nos do fim de nossas reflexões e da jornada proposta nesta tese, temos consciência de que poderíamos continuar discutindo sobre muitos outros aspectos importantes que possivelmente possam ter sido negligenciados neste trabalho. Porém, finalizamos com o que consideramos de muita relevância, que é o aprendizado e o conhecimento (não definitivo) que fica sobre a história dos chicanos, especialmente sobre a história que as mulheres chicanas/mexicanas-estadunidenses têm construído, tão viva e atual para nós. Em uma época em que os problemas enfrentados por imigrantes, as reverberações em suas identidades e a luta das mulheres pertencentes a esses grupos pela crescente valorização e reconhecimento na sociedade têm vindo muito à tona e refletido em nossa própria realidade, reiteramos, mais uma vez, a premência de, apesar de vivermos em uma era global, não deixarmos de lançar um olhar cuidadoso e acurado sobre as histórias específicas, silenciadas, e sobre os diversos fatores implicados na formação dessas subjetividades. Semelhantemente às escritoras chicanas, tão inspiradoras ao nosso ver, acreditamos que a literatura (a escrita) ainda seja o caminho mais sábio e generoso que pode viabilizar mais do que o conhecimento, mas uma visão mais inclusiva e justa sobre as configurações identitárias que têm emergido e conseqüentemente sobre a realidade das mulheres que nos circunda e que tanto nos perpassa e tem a nos inspirar como mulheres também.

REFERÊNCIAS

- ACUÑA, R. F. **Occupied America: a History of Chicanos**. New York: Harper Collins Publishers, 1988.
- ALARCÓN, N. The Theoretical Subject(s) of This Bridge Called My Back and Anglo-American Feminism. In: ANZALDÚA, G. MORAGA, C. (Eds). **Making Face, Making Soul: Creative and Critical Perspectives by Feminists of Colour**. San Francisco: Aunt Lute Books. 1990: 356-70.
- ALBERCA, M. El pacto ambiguo. **Boletín de la Unidad de Estudios Biográficos**, n.1, p.1-10, Universidad de Barcelona, 1996.
- ALDAMA, A. J. QUIÑONEZ, N. (Eds.). **Decolonial Voices, Chicana and Chicano Cultural Voices in the 21st Century**. Indianapolis: Indiana University Press. 2002.
- ANAYA, R. LOMELÍ, Francisco. **Aztlán: essays on the Chicano homeland**. Albuquerque: University of New Mexico Press.,1989.
- ANZALDÚA, G. **Borderlands/La Frontera: the new mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1999.
- ANZALDÚA, G. MORAGA, C. (Eds). **This Bridge Called my Back: writings on radical women of color**. New York: Kitchen Table –Women of Color Press. 1983.
- ANZALDÚA, G. “Como domar una lengua salvaje”. In: GARCÍA, Cristina. **Voces sin frontera: antología vintage español de literatura mexicana y chicana contemporánea**. Nueva Cork: Vintage books, 2007.
- ARFUCH, L. 2010. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- ARGÜELLES, E. L. G. Visión Feminista de las escritoras chicanas, una propuesta literaria a partir de la diferencia. In: ARGÜELLES, E. L. G. **Mujeres que cruzan fronteras: um estúdio sobre literatura chicana feminina**. Zacatecas: Universidade Autônoma de Zacatecas, 2010. p. 19-43.
- ARREDONDO, G., HURTADO, A., KLAHN, N., NÁJERA-RAMÍREZ, O; and ZAVELLA, P. (eds.). **Chicana Feminisms: a critical reader**. [E-book]. Duke University Press, 2003.
- AVTAR, B. **Cartographies of diaspora: contesting identities**. London and New York: Routledge/Taylor & Francis Group, 2005.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Trad. Miriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BIGALONDO, A.I. UNIBERTSITATEA, E.H. How To Be a Chicana Role Model, Or How To Be a 21st Century Chicana. **ES 28**, p. 97-106, 2007-8.

BLEA, I. I. **U.S. Chicanas and Latinas within a global context**: women of color at the Fourth World Women Conference. Praeger Publishers, 1997.

BONNICI, T. **Teoria e Crítica Literária Feminista**: conceitos e tendências. Maringá: EDUEM – Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2007.

BUS, H. Gender Roles and the Emergence of a Writer in Denise Chavez's *The Last of the Menu Girls*. In: BARDELEBEN, R (org.). *Gender, self, and society*: proceedings of the IV International Conference on the Hispanic Cultures of the United States. Frankfurt am Main u.a., 1993, Seite 277-286.

CALDERÓN, H. **Narratives of Greater Mexico**: essays on Chicano literary, history, genre and borders. University of Texas Press, Austin, 2004.

CAMPBELL, F. Las Sisters. In: GONZÁLEZ, A.L. et al. **Mujer y literatura mexicana y chicana**: culturas en contacto. El Colegio de Mexico, 1988: p. 213-17.

CHÁVEZ, D. Denise Chávez: 1948-: Writer cultural and literary roots. **biography.jrank.org [recurso digital]**. Disponível em: <https://biography.jrank.org/pages/3317/Ch-vez-Denise-1948-Writer-Cultural-Literary-Roots.html>. Acesso em: 10 ago. 2021.

CHÁVEZ, D. **The Last of the Menu Girls**. New York: Vintage Books, 2004.

CISNEROS, S. About my life and work. **sandracisneros.com [recurso digital]**. Disponível em: <https://www.sandracisneros.com/mylifeandwork>. Acesso em: 10 maio 2020.

CISNEROS, S. Interview with Sandra Cisneros. [entrevista concedida a] Gerald A. Padilla. **Latino Book Review [recurso digital]**. 10 jan. 2018. Disponível em: <https://www.latinobookreview.com/interview-with-sandra-cisneros--latino-book-review.html>. Acesso em: 03 ago. 2023.

CISNEROS, S. **The House on Mango Street**. New York: Vintage Books, 1991.

COHEN, R. **Global Diasporas**: an introduction. Routledge, 2008.

COLLONA, V. Tipologia da Autoficção. In: NORONHA, J. M. G. (Org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 39-66.

CORPI, L. **Confessions of a Book Burner**. [E-book]. Arte Público Press University of Houston. 2014.

CORPI, L. **poetryfoundation.org [recurso digital]**. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poets/lucha-corpi>. Acesso em: 10 abr. 2021.

COTERA, M.P. **The Chicana Feminist**. Austin, Texas, 1977.

CUTLER, J.A. **Ends of Assimilation: the formation of Chicano literature.** New York: Oxford University Press, 2015.

DAVIES, Carole Boyce. **Black women, writing and identity: migrations of the subject.** London and New York: Taylor & Francis e-Library, 2003.

DOUBROVSKY, S. O Último Eu. *In:* NORONHA, J. M. G. (Org.). **Ensaio sobre a autoficção.** Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 111-125.

ENGSTROM, S.N. **Making Space, Making Soul: renovating sites of Chicana abjection in Peel My Love Like an Onion and Caramelo.** Tese. Universidade do Estado da Califórnia. Sacramento. 167p. 2012.

FAEDRICH, A. Autoficção: um percurso teórico. **Criação & Crítica**, n.17, p.30-46, dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica>. Acesso em: 18 fev. 2022.

FELSKI, R. On Confession. *In:* SMITH S., WATSON J. **Women, Autobiography, Theory: a reader.** University of Wisconsin Press., 1998: 83-95.

FISCHER, M. Ethnicity and the Post-modern Arts of Memory. **Writing Culture: the poetics and politics of ethnography.** Eds. James Clifford y George E. Marcus. Berkeley: University of California Press, 1986, 194-233.

FORSTER, E.M. **Aspectos do romance.** Porto Alegre: Globo, 1974.

FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. *In:* **Ditos e escritos V.** Trad.: Elisa Monteiro e Inês D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FRIEDMAN, S. S. **Mappings: feminism and the cultural geographies of encounter.** New Jersey: Princeton University, 1998.

FRIEDMAN, S. S. Millennial Anxieties: borders, violence, and the struggle for Chicana and Chicano subjectivity. *In:* ALDAMA, A. J. (Ed.), QUIÑONEZ, N. (Ed.). **Decolonial Voices, Chicana and Chicano Cultural Voices in the 21st Century.** Indianapolis: Indiana University Press. 2002: 11-29.

FRIEDMAN, S. S. The “new migration”: clashes, connections, and diasporic women’s writing. **Contemporary women’s writing**, v. 3, n. 1, p. 6-27, jun. 2009.

FRIEDMAN, S. S. Women's Autobiographical Selves. *In:* SMITH S., WATSON J. **Women, Autobiography, Theory: a reader.** University of Wisconsin Press., 1998: 72-82.

FRIEDMAN, S. S. “Migrations, diasporas, and borders”. *In:* **Introduction to scholarship in modern languages and literatures.** NICHOLLS, D. (ed.). New York: MLA, 2007, p. 260-293.

GLISSANT, E. **Introdução a uma poética da diversidade.** Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora. UFJF, 2005.

- GOLDMAN, A. Autobiography, Ethnography, and History: a model for reading. *In*: SMITH S., WATSON J. **Women, Autobiography, Theory: a reader**. University of Wisconsin Press., 1998: 288-298.
- GONZALEZ, R. J. "Pachuco: the birth of a Creole language". **Perspectives in Mexican American Studies** 1, 1988, p.75-88.
- GRANDE, R. **A Dream Called Home**. New York: Atria Books, 2018.
- GRANDE, R. Biography. **reynagrande.com [recurso digital]**. Disponível em: <http://www.reynagrande.com/biography/>. Acesso em: 09 jun. 2020.
- GRIDER, S.A. "How Texans Remember the Alamo". *In*: TULEJA, T. **Usable Pasts: traditions and group expressions in North America**. University Press of Colorado, Utah State University Press, 1997: 274-290.
- GUSDORF, Georges. Condiciones y límites de la autobiografía. *In*: **Anthropos**, Barcelona, nº 29, p. 9-18, dez. 1991.
- HALEWIJN, L. V. **Análisis de The House on Mango Street de Sandra Cisneros y The Last of the Menu Girls de Denise Chávez centrado en las respectivas protagonistas en su formación de una identidad propia**. Universidad de Utrecht. 106p. 2005.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização: Liv Sovik. Tradução: Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HALL, S. Representation, meaning and language. *In*: (Ed.) **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: The Open University, 1997.
- HANCIAU, N. Entre lugar. **Conceitos de Literatura e Cultura**. Eurídice Figueiredo (Org.). Juiz de Fora: UFJF, 2005. p. 25-141.
- HERVOT, B. M. Georges Gusdorf e a autobiografia. **Lettres Françaises**, v. 14, n. 1, p. 95-110, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/126750>.
- HOOKS, b. **Feminism is for everybody: passionate politics**. Cambridge: South End, 2000.
- HOOKS, b. writing autobiography. *In*: SMITH S., WATSON J. **Women, Autobiography, Theory: A Reader**. University of Wisconsin Press., 1998: 429-432.
- JEANNELLE, J-L. A Quantas Anda a Reflexão sobre a Autoficção? *In*: NORONHA, J. M. G. (Org.). **Ensaios sobre a autoficção**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 127-162.
- KAPLAN, C. Autobiography: Out-law Genres and Transnational Feminist Subjects *In*: SMITH S., WATSON J. **Women, Autobiography, Theory: a reader**. University of Wisconsin Press., 1998, pp. 208-216.

- KARAFILIS, M. Crossing the Borders of Genre: revisions of the "*Bildungsroman*" in Sandra Cisneros's "The House on Mango Street" and Jamaica Kincaid's "Annie John". **The Journal of the Midwest Modern Language Association**, v. 31, n. 2. Winter, 1998, pp. 63-78
- KLAHN, N. "Travesias/travesuras: des/vinculando imaginarios culturales". **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, p. 63-76, maio 2000. Florianópolis, Brasil.
- KLAHN, N. Literary (Re)Mappings: autobiographical (dis)placements by Chicana writers. *In: Chicana Feminisms: a critical reader*. [E-book]. Duke University Press, 2003.
- KÖHLER, A. Back into the future: Chicana/o autobiographical voices of the 1990s. **Camino Real**, v.1, n.1, p. 65-87, 2009.
- LECARME, J. Autoficção: Um Mal Gênero? *In: NORONHA, J. M. G. (Org.). Ensaios sobre a autoficção*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 67-110.
- LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LIONNET, F. Front Matter. *Autobiographical Voices: race, gender, self-portraiture*. Cornell University Press, 1989, pp. i–vi. JSTOR. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.7591/j.ctt207g5zp.1>. Acesso em: 13 out. 2021.
- LIONNET, F. The Politics and Aesthetics of Métissage. *In: SMITH S., WATSON J. Women, Autobiography, Theory: a reader*. University of Wisconsin Press., 1998: 325-336.
- LOBO, P. A. C. **Chicanas em busca de território**: a herança de Gloria Anzaldúa. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura e Cultura). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Estudos Anglisticos. 442p. Lisboa: 2015.
- MACIEL, A.M.N. **Spice in the melting pot**: The House on Mango Street, de Sandra Cisneros and How the García Girls lost their accents, de Julia Alvarez. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-graduação em Letras. 108p. Santa Maria, 2007.
- MALVEZZI, M.J.T. **O eco da voz chicana expressa em singulares (des)caminhos (des)contextualizados na rede pós-moderna**. Tese (Doutorado na Teoria da Literatura). UNESP. 358p. São José do Rio Preto: 2010.
- MARTÍN-JUNQUERA, I. **Landscapes of Writing in Chicano Literature**. Palgrave Macmillan, 2013.
- McDOWELL, L. **Gender, identity & place**: understanding feminist geographies. Minneapolis: University of Minnesota, 2003.
- MENDOZA, L.G. **Historia**. The Literary Making of Chicana & Chicano History. Texas A & M University Press College Station, 2001.

MILLER, N. Teaching Autobiography. *In*: SMITH S., WATSON J. **Women, Autobiography, Theory: a reader**. University of Wisconsin Press., 1998: 461-470.

MIRAMONTES, R. C. Los tratados de límites con los Estados Unidos y los problemas más relevantes derivados de su aplicación. *In*: SALAZAR, R.G. **La frontera del norte: integración y desarrollo**. El Colegio de Mexico, 1981: 278-312.

MOLINA, P. Recognizing, Accepting and Celebrating our Differences. *In*: ANZALDÚA, G. (Ed). MORAGA, C. (Ed). **Making Face, Making Soul: creative and critical perspectives by feminists of colour**. San Francisco: Aunt Lute Books. 1990: 326-335.

MOREIRA, L.C.C. Sobrevivendo à fronteira: transculturação e hibridismo em *The Moths and Other Stories*, de Helena María Viramontes. **Anais do SILEL**. v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

MUÑOZ JR., C. **The Chicano Movement: Mexican American history and the struggle for equality**. New York: Rosa Luxemburg Stiftung, New York Office, April 2013.

MUÑOZ JR., C. **Youth, Identity and Power: the Chicano Movement**. United States: Verso, 2007.

NADDI, B.W.M. BELUCI, V.P. Fronteira México-Estados Unidos: um panorama geral. **InterAção**, v. 7, n. 7, p. 94-126, jul./dez. 2014.

NEVES, R.C. **Virginia Woolf e o espaço autobiográfico em "Os anos"**. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

NORONHA, J. M. G. (Org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. **Frontera de Estados Unidos y México. Salud en las Américas**, Edición de 2012, Volumen de países. 2012. pp.747-772. Disponível em:

http://www.paho.org/saludenlasamericas/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=178&Itemid=. Acesso em: 23 jan. 2020.

PACE, A. A. B. Aspectos do pacto autobiográfico em “L'autobiographie en France”. **Darandina Revisteletrônica**, v. 6, n. 1, p. 1-17, jun. 2013.

PAZ, O. **O labirinto da solidão e post-scriptum**. 2. ed. Tradução: Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PERDONO, C. A. SOUZA, T. A. F. Teoria feminista e as estadunidenses na Segunda Guerra Mundial. **Tensões Mundiais**, p. 63-84, 2021.

PETRONI, M. da C. A. (2004). Pensando as sociedades pré-hispânicas. Um estudo sobre a sociedade mexicana e a conquista espanhola. **Revista Do Museu De Arqueologia E Etnologia**, (14), 259-276. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2004.89671>. Acesso em: 16 dez. 2020.

PULIDO, E.M.C Feminismo chicano: raíces, pensamiento político e identidad de las mujeres. **Reencuentro**, n. 37, ago. 2003, pp. 43-53.

QUIÑONEZ, N.H. Re (Riting) the Chicana Postcolonial: from traitor to 21st Century Interpreter. *In*: ALDAMA, A. J. (Ed.), QUIÑONEZ, N. (Ed.). **Decolonial Voices, Chicana and Chicano Cultural Voices in the 21st Century**. Indianapolis: Indiana University Press. 2002: 129-152.

RAMPINELLI, W. J. A Revolução Mexicana: seu alcance regional, precursores, a luta de classes e a relação com os povos originários. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 126, p. 90-107, novembro de 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/14401>. Acesso em: 10 dez. 2020.

REBOLLEDO, T.D. The Politics of Poetics: or, what am I, a critic, doing in this text anyhow? *In*: ANZALDÚA, G. (Ed). MORAGA, C. (Ed). **Making Face, Making Soul: creative and critical perspectives by feminists of colour**. San Francisco: Aunt Lute Books. 1990: 346-356.

REEVES, Jesse S. The Treaty of Guadalupe. **The American Historical Review**, v. 10, n. 2, p. 309-324, Jan de 1905.

RENDÓN, A.B. **Chicano Manifesto: the history and aspirations of the second largest minority in America**. [E-book]. Smashwords. 2013.

RINCONES, R. La frontera México-Estados Unidos: elementos básicos para su comprensión. **Araucaria**, vol. 5, n. 11, primer semestre, 2004, p. 62-70.

RODRIGUEZ, Elvia. Covering the Chicano Movement: examining Chicano activism through Chicano, American, African American, and Spanish-language periodicals, 1965-1973. **UC Riverside**. 2013. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/3gm7d1cx>. Acesso em: 20 dez. 2020.

RODRIGUEZ, R. The Origins and History of the Chicano Movement. **JSRI Occasional Paper #7**. The Julian Samora Research Institute, Michigan State University, East Lansing, Michigan, 1996.

RUBIO, A.; CONESA, I. . La Literatura Chicana Actual em Los Estados Unidos. **Revista de Estudios Filológicos**. n. 28. jan. 2015. Disponível em: https://www.um.es/tonosdigital/znum28/secciones/tintero-5--literatura_chicana.htm. Acesso em: 08 jul. 2021.

SANDOVAL, C. Feminism and Racism: Latino-am the 1981 National Women's Studies Association Conference. *In*: ANZALDÚA, G. (Ed). MORAGA, C. (Ed). **Making Face, Making Soul: creative and critical perspectives by feminists of colour**. San Francisco: Aunt Lute Books. 1990: 55-75.

SANTOS, Y.A.B., TORGA, V.L.M. Autobiografia e (res)significação. **Bakhtiniana**, v. 15, n. 2, p. 119-144, abril/jun. 2020.

SCOTT J., MARSHALL G. *A Dictionary of Sociology*. Oxford: Oxford University Press. 2009.

SILVA, E.R. O que é autoficção? *Scripta Uniandrade*, v. 17, n. 3, p. 301-313, dez. 2019.

SMITH, S., WATSON, J. **Women, Autobiography, Theory: A Reader**. University of Wisconsin Press., 1998. 538p.

SMITH, S. Autobiographical Manifestos. In: SMITH S., WATSON J. **Women, Autobiography, Theory: a reader**. University of Wisconsin Press., 1998: 433-440.

SOUSA, R.E.S., SILVEIRA, E.L. Entre diásporas e estranhamentos: tecendo olhares sobre a obra de Sandra Cisneros. *Diálogos* (Maringá. Online). v. 18, supl. Espec., p. 103-129, dez 2014.

SPIVAK, G. C. Diasporas old and new: women in the transnational world. **Textual Practices** v. 10, n. 2, 1996. London: Routledge, 1996. p. 245-269.

TINKER, S. M. VALLE, M. E. Cultura, poder latino-ame; la dinámica y trayectoria de los intelectuales chicanos en los Estados Unidos. In: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. **Estudios y otras prácticas intelectuales latino-americanas en cultura y poder**. Buenos Aires, 2002: 2-16.

TORRES, L. The Construction of The Self in USA Latina Autobiographies. In: SMITH S., WATSON J. **Women, Autobiography, Theory: a reader**. University of Wisconsin Press., 1998: 276-287.

TORRES, S. La conciencia de la mestiza/Towards a new consciousness - uma conversação inter-americana com Gloria Anzaldúa. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3: 720-737, setembro-dezembro/2005.

TORRES, S. **Nosotros in USA**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

TOTA, A. P. **Os Americanos**. São Paulo: Contexto. 2013

TREJO, Arnulfo. D. As we see ourselves in Chicano Literature. In: AVENDAÑO, F., *et al.* **The Chicanos: as we see ourselves**. University of Arizona Press, 1979: 187-212.

TURNER, F.J. **The Frontier in American History**. New York: Henry Holt and Company, 1921.

VALDEZ, L. STEINER, S. **Aztlán: an anthology of Mexican American literature**. New York: Vintage Books, 1972. 410p.

WONG, C.S.L. Immigrant Autobiography: Some Questions of Definition and Approach. In: SMITH S., WATSON J. **Women, Autobiography, Theory: A Reader**. University of Wisconsin Press., 1998: 299-320.

ZANFORLIN, S. Migração e Escola de Chicago: caminhos para uma comunicação intercultural. **esferas**, v. 3, n. 2, p. 161-168, jul.-dez. 2013.